

ALICE PESTANA (Caiel)

# A Filha do João do Outeiro



PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA  
RUA AUGUSTA, 44 A 54 — LISBOA

B  
2

ANTHONY J. ...  
...

26132

# A Filha do João do Outeiro



DEP. LEG.

ALICE PESTANA

(CAIEL)

*26132*



*R. 120:342.*

A Filha  
do João  
do Outeiro

1933

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

\* \* \* LIVRARIA EDITORA \* \* \*

RUA AUGUSTA, 44 A 54 \* L SBOA

---

COMPOSTO E IMPRESSO NA SOCIEDADE INDUSTRIAL  
DE TIPOGRAFIA, L.<sup>da</sup> — RUA ALMIRANTE PESSANHA,

---

\* \* 3 E 5 (AO CARMO) — LISBOA — 1933 \* \*

---

# ALICE PESTANA (CAÏEL)

A escritora que se chamou Alice Pestana e que literariamente usava o pseudónimo de Caiel (anagrama de «Alice»), nasceu em Santarém em 7 de Abril de 1860.

Estreou a sua carreira literária em artigos sobre Shakespeare escritos em inglês (língua que ela conhecia a fundo) publicados em 1878 na revista inglesa *Financial and Mercantile Gazette*. Pouco a pouco o seu nome foi-se tornando notável não só pela sua brilhante colaboração em jornais do maior renome literário, como pela publicação dos seus primeiros livros.

Não se limitou a escritora ao prazer espiritual de brilhar nas letras. O seu espírito, extremamente carinhoso e humanitário, fê-la aspirar a mais nobres missões; por isso se dedicou com afeição à pedagogia infantil e a uma meritória campanha a favor da paz. E, sob estes pontos de vista, teve papel preponderante numa acção persistente a favor do ensino das crianças, salientando-se no das delinquentes, e fundou em 1899 a Liga Portuguesa da Paz.

O seu casamento (que se realizou em Lisboa, em Janeiro de 1901) com o professor e escritor espanhol D. Pedro Blanco Suarez, longe de provocar o abandono da sua actividade literária, pedagógica e humanitária, pelo contrário, mais lhe requintou ainda, pela comunhão de inteligências, os seus grandes dotes e, a-pesar-de ela se ter ausentado da sua Pátria para fixar residência na de seu marido, não cessou o seu labor, agora através duma afectiva campanha de inter-câmbio luso-espanhol. E durante a sua permanência em Espanha, Alice Pestana notabilizou-se tendo desempenhado honrosas missões justamente apreciadas nos meios cultos desse País. A seu marido se ficou devendo a tradução para espanhol de muitas obras portuguesas, não só de sua Espôsa, como de Camilo, Eça, Fialho, etc.

Em 1929, padecendo já duma pertinaz doença nervosa, teve a infelicidade de, numa queda, fracturar uma perna; na convalescença surgiram complicações graves entre as quais uma septicémia que lhe produziu a morte no dia 24 de Dezembro do mesmo ano.

# OBRAS DE CAÏEL

## I — Literatura

- 1 — *A's mães e às filhas*. Contos.  
Publicaram-se primeiramente na revista *República*, de Lisboa, ano 1885.

Em volume :

*A's mães e às filhas*. Contos, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, ano 1886, in-8.º. — Segunda edição : Lisboa, Livraria António Maria Pereira, s. d (1888) in-8.º. — 3.ª edição, acrescentada com o conto *Superstição ou remorso*. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1900, in-8.º

- 2 — *Primeiras leituras*. Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1890. — Segunda edição ; Lisboa, Parceria António Maria Pereira, Livraria editora, 1899, in-8.º.  
3 — *A Filha do João do Outeiro*. Romance.

Apareceu primeiro na *Revista Ilustrada*, de Lisboa (publicação do editor António Maria Pereira), 1891-1892.

Em volume :

*A Filha do João do Outeiro*. Romance. Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, editor, 1894, in-8.º grande.

- 4 — *Amor à antiga*. Romance. Coleção António Maria Pereira, n.º 30 e 31. Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1894. 2 tomos, in-8.º.  
5 — *Madame Renan*. Romance. Lisboa, Imprensa Nacional, 1896. in-8.º.  
6 — *Genoveva Montanha*. Romance. Lisboa, Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, 1897, in-8.º.  
7 — *O Tio Vitorino*. Novela dedicada às crianças portuguesas em comemoração da festa nacional do Quarto centenário da Índia. S. I. (Lisboa), 1898, in-8.º.  
8 — *Revista Branca*. Publicação quinzenal, Dedicada aos novos. Lisboa, 1899-1900, in-8.º.

- 9 — *Testamento de mãe*. Novela. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, Livraria Editora, 1900, in-8.º.
- 10 — *Desgarrada*. Romance. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, Livraria Editora, 1902, in-8.º.
- 11 — *De Longe*. Contos. Publicaram-se primeiramente na revista *Brasil-Portugal*, de Lisboa, 1901-1904.

Em volume:

*De Longe*. Contos. Ilustrados com 110 gravuras. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1904, in-8.º.

- 12 — *Retalhos de verdade*. Colecção António Maria Pereira, 65.º volume. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1908, in-8.º.

## II — Pedagogia é Sociologia

- 13 — *Relatório da viagem de estudo a estabelecimentos de instrução secundária do sexo feminino na Inglaterra, Suíça e França*, para que foi nomeada, por portaria de 2 de Novembro de 1888.

Publicou-se no *Diário do Governo*. Apêndice ao n.º 17, 25 de Janeiro de 1889.

- 14 — *O que deve ser a instrução secundária da mulher?* (Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano. Secção Portuguesa). Lisboa, 1892. Brochura, in-8.º.
- 15 — *Relatório de uma visita de estudo a estabelecimentos de ensino profissional do sexo feminino no estrangeiro*, para que foi nomeada por portaria de 5 de Maio de 1893. Lisboa, Imprensa Nacional, 1893. Brochura, in-8.º grande.
- 16 — *La Femme et la Paix*. Appel aux Mères portugaises. — (Quarto Centenário do Descobrimento da Índia. Contribuições da Sociedade de Geografia de Lisboa). Lisboa, Imprensa Nacional, 1898, brochura, in-8.º grande.
- 17 — *Comentários à vida*. Colecção de artigos sobre questões sociais publicados em jornais portugueses. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1900, in-8.º.
- 18 — *Algunas observaciones sobre la enseñanza del inglés*. Madrid, R. Rojas, 1912. Folheto, in-8.º.
- 19 — *La Educación en Portugal*. (Junta para ampliação de estudos e investigaciones científicas. — Patronato de estudantes). Madrid, 1915, in-8.º.
- 20 — *Tendencias actuales en la Tutela correccional de los me-*

- nores. (Biblioteca «Pró-Infantia»). Madrid, s. a. (1917). in-8.º.
- 21 *Protectorado del niño delincente*. Memórias, 1916-1919-1921-1922-1925, Madrid, 5 folhetos, in-8.º.

### III — Traduções

- 22 — *Dolorosa*. Romance, por Francisco Acebal. (Colecção António Maria Pereira, n.º 55.º) Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1905, in-8.º.
- 23 — *La enseñanza de la Gramática*, por Laura Brackenbury. (Traduções do inglês). Ciência e Educação. Madrid, La Lectura, s. a. 1914, in-8.º.
- 24 — *Introducción al estudio de la educación de la adolescencia*, por Ciril Bruyn Andrews. (Tradução do inglês). Ciência e Educação. Madrid, La Lectura, 1922, in-8.º.
- 25 — *La enseñanza de las lenguas extranjeras*. (How to teach a foreign language<sup>1</sup>), por Otto Jespersen. (Tradução do inglês). Ciência e Educação. Madrid, La Lectura, s. a. 1925, in-8.º.
- 26 — *Educación y Sociología*, por Emilio Durkheim. (Tradução do francês). Ciência e Educação. Edições de Leitura. Madrid, Espasa-Calpe, 1932, in-8.º.

### IV — Na Imprensa

Un ensayo de educación correccional: El Protectorado del Niño delincente.

### V — Em preparação

Relatórios, estudos e artigos pedagógicos.

Teatro.

Artigos e Crónicas de Madrid.

Estava-se em fins de Agosto.

Para todos os lados era ali desafrontada a linha do horizonte.

Ia prestes começar a vindima. Já por uma extensão de muitos quilómetros azulejavam maduros cachos através da folhagem amarelecida.

Ao contrário, do lado do poente era tudo aridez chata. Em enredada cama o mato cobria o solo. Tojo, carqueja, silvas de pequenina amora cinzenta de pó, patenteavam exqu岸ito contraste às opulências de além. Só largo em largo alguma azinheira esgalhada cobria poucos metros da terra maninha.

Longe, bem ao fundo, onde figurava ser o céu a continuação e prolongamento da terra, um renque de esguios choupos, enfezados, denunciava — mesquinho refrigério a tanta secura — que algum fio de água passava por lá.

Mas é precisamente no mais bravio da sarça que se encontra o maior interêsse desta cena no momento de a querermos representar aos olhos da leitora.

É verdade que acolá os cachos rijos e polpudos atestam tesouros de uma das mais pujantes regiões vinhateiras de Portugal. Mas falta o movimento, essa alegria universal. Por agosto fora, abafado e ardente, nem há brisa ligeira que faça adejar os pãmpãos graciosos.

Do lado de cá o cenário é inteiramente outro. Os saltos e folgares de um numeroso rebanho de cabras, de diferentes côres e tamanhos, iguais porém em viveza e graça, constituem por si um espectáculo encantador.

E não menor é o feitiço que, ao primeiro volver de olhos, exerce sôbre nós a cabreira.

Há-de andar por treze anos, quadra indecisa, particularmente suave, na vida da mulher.

Assim, como está agora, com a meia esquecida sôbre o

regaço, meditativa sem o cuidar, anediando, como por hábito ou por acaso, o dorso roliço do valente rafeiro que lhe sopita aos pés, mal sabe ela, a galante pequena, que encanto se evola de todo o seu ser.

Há nesta figurinha a doce poesia das coisas simples. A saia que ela tem vestida e o corpinho justo de chita clara, estão como a evidenciar o pouco valor das guarnições complicadas. O lenço vermelho, caído da cabeça sôbre os ombros, deixando em liberdade e a descoberto uma forte trança de cabelo alourado, finíssimo, levemente crespo, não se mostra menos digno caixilho que êsses chapéus custosamente elaborados, com que a moda, a sabor de requintado capricho, emoldura, às vezes sem nenhuma vantagem, mimosos rostinhos cortesãos.

Nela agrada-me tudo. Tudo... menos o pé.

Não que seja por demais longo, ou disforme — pé inglês, enfim. Nada tem disso.

É que anda descalço o pobresito.

E o pé da nossa pastora por tôdas as razões merecia melhor trato. Tanto mais que não era a estreiteza de condições financeiras que lho recusava.

Cisma do João do Outeiro, paí dela! Contas com o sapaiteiro, Deus o livrasse de tal! Só para a mulher, criada noutros hábitos, quebrara o protesto.

É que o homem não olhava senão ao futuro dos filhos: aquela, a Matilde, meninas dos seus olhos; o Joanito, diabrete de três anos, já forte no jôgo do pião e na arte de dar gritos estrugidores em todos os tons imagináveis; e a pequerrucha Maria, enlêvo de todos, favorita da mãe, e que ainda havia de ser desmamada passado o Natal.

O João do Outeiro era o que em frase popular se pode chamar — bom como bom.

De génio é que o homem era violento a mais não. Em princípios de casados, tivera até a Purificação, segundo era fama, o seu mau bocado que passar.

Por causa dos filhos, então, lavrava entre os dois discórdância crónica. Fôra ela criada em casa da madrinha, que principalmente a adestrara nos trabalhos de costura em que a fizera exímia e que tanto lhe levava a mal o casamento com *semelhante rústico* que lhe retirara no próprio dia das bodas tôda a sua amizade e protecção. Doeuse acerbamente a afilhada, mas seguiu firme o seu destino. Aquilo decididamente era mais forte.

Com bom trabalho e no correr dos anos conseguiu o João do Outeiro passar de simples *trabalhador* a pequeno proprietário.

Nas exterioridades da vida, porém, mantinha a todo o

franse, dir-se-ia até que com orgulho, o molde rústico em que se formara.

Daqui, desgostos e lágrimas para a Purificação. A' medida que a Matilde fôra crescendo, agravara-se de certo modo a situação. A mãe não tinha mais que um pensamento: trazer a pequena para casa; poupá-la ao sol e à chuva; afeiçoá-la aos íntimos prazeres domésticos, no seu entender mais compensadores ainda na vida dos pobres que na dos ricos.

Mas o João é que se não convencia. Pôsto que já muito amaciado do que antes fôra, ainda aos doze anos da filha replicava às justas, sempre tímidas, reflexões da mulher: «Cantigas! Rapariga do campo havia de ser camponesa, sem medo a sol que a crestasse nem a chuva que lhe quebrasse ôsso... O ar livre dava saúde — acrescentava, — e boas côres e alegria. Em casa, às duas por três, punha-se uma pessoa amarela como cidra... Nada!... A Matilde não estava senão para mulher de camponês... Fidalguias! Isso era para outra classe de gente».

A Purificação ralava-se. Com tenacidade de mãe, não desistia.

Quando a Matilde chegara à idade de ir para a mestra, armara-se bulha fusca entre os dois. Mas daí safra vitoriosa a Purificação, auxiliada por manejos carinhosos da filha. Era argumento êste a que o bom do João não sabia muito resistir. E' de ver êsses rijos temperamentos vergarem tanta vez ao suave gesto de uma criança!

Foi a Matilde para a mestra, porém sob condição de lá se demorar poucas horas. Perder todo o santíssimo dia com os livros de volta, isso é que não. E, apenas a criança completara treze anos, dera-lhe por finda a educação.

— «A mãe já estava pesadota» — era o grande argumento do João diante da professora que a todo o custo procurava conservar a discípula predilecta. — «Com o nascimento da Maria havia em casa maior labuta. E as filhas afinal eram para ajudar as mãis.»

Nem as lágrimas de D. Cristina, lágrimas serenas e sinceras que lhe acudiram aos olhos sem que ela pensasse em fazer gala de sensibilidade, lograram convencer o teimoso camponês

Mas alguém mais chorou às escondidas.

E diante desses prantos, que não podiam passar ignorados do pai extremoso até à devoção, o caso era mais sério para êle.

Por isso acabou conformando-se com a fôrça das coisas. E fazia vista grossa à *tramoia dos domingos*.

Vinha a ser o caso que a Matilde, ao fim da missa, se encontrava sempre com D. Cristina acompanhando-a a casa

Entravam ambas e o resto da manhã passava-se em leitura, de versos sobretudo, que era o género de literatura que mais cativava a filha do João do Outeiro. Aquele entretenimento dominical era a uma e a outra agradabilíssimo; a mestra, esquecendo tristezas duma vida contrariada acerbamente pelo destino, a discípula, cedendo talvez mais que tudo à fascinação da convivência com uma pessoa de maneiras e princípios aristocráticos, que só por dura necessidade, e transitòriamente, aceitara a modesta posição que estava ocupando.

Quando a pequena tardava mais em casa, o João franzia o sobrolho e, porque era teimoso devéras, ia sempre dizendo para a mulher: «É a maluqueira dos livros, não tem que ver!» — e fungava de mau humor.

Mas lá para si reflectia às vezes: «Deixá-la, coitada! Também, não tem outro regalo... Em a gente agarrando um vício... E a mim, se me tirassem o tabaco!» — E acabava por encolher os ombros.

É agosto quando pela primeira vez encontramos a Matilde do Outeiro. E encontramos-la evidentemente inquieta.

A meia, que faz de ordinário diligente, para que o pai lha leve ao mercado da cidade aos domingos, descança-lhe esquecida no regaço.

E não é o rebanho que lhe tem presa a atenção. Para êsse cuidado basta o amigo *Pé-leve*.

De espaço a espaço a cabreira coloca a mão em pala sôbre os olhos e estende o olhar pela esguia vereda que conduz à povoação.

Ninguém! E há já tanto que o sol desce!

Se o cantar afugenta mágoas que consomem, que refrigerios não dá às impaciências de quem espera? Assim pensou talvez a pequena, que, com uma voz notavelmente bela, pôsto que ainda infantil, se poz a cantar, numa toada suavíssima, quadras que sabia de cor.

Impressionava o ritmo doce e dolente com que ela dizia:

«Murcha a flor que ao sol se esquiva  
No curvo tronco a pender;  
E, sem saber que foi viva,  
Sente-se em vida morrer.

N'alma um sol também fulgura  
Como o que brilha no céu:  
Apagar fôra loucura  
O que Deus mesmo acendeu.

.....  
Apagar fôra loucura  
O que Deus mesmo acendeu».

Ainda mal terminara e já retinia no ar um grande frémito de palmas.

Rosnou o *Pé-leve*, erguendo a cabeça, ao passo que se voltava a cantora com um pequeno grito de surpresa. Ambos, porém, se tranquilizaram prestes, descobrindo donde haviam partido os aplausos.

Poucos passos atrás de Matilde, ria perdidamente da peça que lhe pregara uma creaturinha exótica que pouco mais idade que ela revelava ter.

A fisionomia era um estranho mixto em que predominava ora a suavidade ora a inteligência; olhar, um destes raros olhares, tão penetrantes que nos atravessam como lâmina afiada, impondo-nos tácitamente a desistência de todo o pretendido artifício, quando as vantagens de uma cultura equilibrada completaram o ser privilegiado a quem a natureza concedeu, em embrião, o dom de uma superioridade nata.

Mas a criança que estamos contemplando pode dizer-se semi-selvagem. Nada ainda fez por ela a educação. Se nasceu diamante, é por agora diamante bruto, sem rutilações e sem facetas.

É acanhado de altura o pequeno. Adivinha-se, ao ve-lo, a completa ausência daquele regimen salutar, que, pôsto ao serviço de compleições delicadas, refaz as criaturas como segunda natureza reformadora.

E o que mais digno se tornava de reparo era que o rapaz, quasi vestido de andrajos, conservava *o ar fino*, êsse não sei quê, sêlo de essência requintada, único protesto, muita vez, daqueles a quem por cruel destino a vida passa num meio incompatível com os dons da sua natureza.

— «Credo!» — exclamára a Matilde ainda mal refeita do susto. — «Estava a olhar para o outro lado. Cuidei que vi-nhas dali.»

— «Nada. Hoje tive que tomar por outro caminho.»

O tom decidido da resposta revelava energia, como dizia o modo por que, sem preâmbulos, o rapazito se deitou lado a lado com o *Pé-leve*, cofiando-lhe o pêlo da cabeça, que a situação lhe era a um tempo agradável e habitual.

— «Muito tarde vieste hoje!» — disse a cabreira, a interrogá-lo com o olhar, de uma extraordinária limpidez.

— «Pois vim. . . E para isso corri que estou a suar. . . Foi lá recado do tio Vicente» — e mostrava um sacco vasio que trouxera na mão.

A Matilde retomou a meia entre os dedos e, socegradamente, voltou à tarefa interrompida.

De golpe, levantando inquisitivamente os olhos para o pequeno, disse-lhe em tom de muita penetração: «Tu és muito, muito amigo do tio Vicente, Quim?»

*Quim* era abreviatura de Joaquim, adoptada pela sr.<sup>a</sup> Antónia, mulher do tio Vicente — dissera o pequeno um dia. E a Matilde perfilhara o tratamento, captada de improviso pelo sentido acariciador que lhe atribuiu.

Com a pergunta, o rapaz olhara para ella pasmado, muito sério. Pareceu consultar-se. Depois, com hesitação mal dissimulada: «Está de ver que sou... Porque?»

A Matilde também vacilou na resposta. Depois, afirmando-se no trabalho para levantar uma malha que lhe caíra, disse de modo concludente: — «Nada... Era cá para saber...»

— «Sou, sim» — insistiu elle. E, como se logo sentisse necessidade de se desculpar: «Eu não tenho mais ninguém que se importe comigo; tu bem sabes... Era petiz quando elles tomaram conta de mim... O tio Vicente é quasi como meu pai...»

— «Teu pai!»

— «Pois!... Não é elle que me dá de comer... quando tem?»

O argumento não logrou convencer Matilde.

— «Pois sim... Mas dar de comer não é tudo... O que é que tu aprendes? Elles não te mandam ensinar a cousa nenhuma.»

O *Quim* ficou pensativo; talvez envergonhado. No fim de alguns instantes: «Isso, não... Ensinar, não mandam...»

— «Pois se fôsse pai verdadeiro, mandava; cuidas que não?... Sempre é diferente...»

Ficaram ambos calados. Depois, a Matilde voltou ainda ao assunto.

— «Quando fores homem, não sabes ganhar. . Sem aprenderes a ler... nem a amanho as terras... nem a nada... O que é que tu hás-de fazer para ter dinheiro?»

O *Quim* viu-se embaraçado para a resposta. A verdade era que nunca pensara muito em ganhar dinheiro. Foi até com certa impaciência que disse, sacudindo os ombros: «Não sei... Hei de vir a fazer como o tio Vicente.»

— «Mas afinal que faz elle, o tio Vicente?» — insistiu a Matilde, como se não tivesse notado, ou lhe não importasse, a impaciência do seu interlocutor.

— «Sei lá! Ganha dinheiro... Faz recados por uma banda e por outra.»

As faces do *Quim* estavam retintas de um colorido vermelho que lhes não era habitual.

Era implacável a insistência da Matilde, que lhe retorquiu com tanta simplicidade como firmeza: «Mas isso não é modo de vida.»

Depois, reparando em que o pequeno se curvara a puxar

as orelhas ao *Pé-leve* talvez para dissimular a turbação que lhe causava o assunto, resolveu abandoná-lo, não porém, sem que um oprimido suspiro lhe escapasse.

— «E a mulher do tio Vicente?» — indagou ela já noutro tom — «essa trata-te bem?»

Aqui não foi laborada a resposta; saiu espontânea, obedecendo, de um jacto, ao convite:

— «Ora se trata!.. Essa então é muito minha amiga.»

— «Coitada!» — exclamou a Matilde, numa expansão de ternura para com a sr.<sup>a</sup> Antónia, que não conhecia, mas a quem atribua uma grande solicitude maternal pelo seu amigo órfão, alguma coisa parecida com o que ela e os irmãos haviam sempre tido da bôa Purificação, modelo das mãis. Pairava-lhe ainda nos lábios um longo sorriso benévolo, quando disse naturalmente: «Foi ela que te ensinou a rezar, aposto.»

Decididamente o Quim estava em maré de azares.

— «Rezar!» — O espanto foi tão sincero que o pequeno não chegou a reflectir. — «Ela nunca me ensinou coisa nenhuma, ..»

A Matilde deixou inconscientemente cair a meia no regaço. Depois, juntando as mãos num gesto lastimoso: «O quê! Pois tu nunca rezaste!... Nem sequer o Padre Nosso?!»

— «Eu não.»

— «Nem a Avé Maria?»

— «Não!» — E o monossílabo era acompanhado de um fraco meneio de cabeça e ansioso olhar para Matilde, que quasi ao mesmo tempo e como para si, soltara a meia voz esta exclamação: — «Oh! meu Deus!»

Ao rosto da pastora, primeiro empalidecido, subira agora um vermelho intenso. Realmente! Haver alguém que tivesse chegado àquella idade sem ainda ter tido um pensamento para Deus! Absorta em tristes pensamentos, demorou-se a olhar para o pequeno com mistura de dó e de despeito.

— «Então a sr.<sup>a</sup> Antónia nunca, nunca reza?» — perguntou em tom severo e incrédulo.

O Quim, com os supercílios muito franzidos, pareceu consultar conscienciosamente a memória. Em conclusão, abanando a cabeça e movendo expressivamente o lábio inferior: — «Acho que não... Eu cá pelo menos nunca vi isso.»

A Matilde desviou o olhar até às nuvens algodoadas que ao longe orlavam o horizonte. No campo olha-se muito para o céu e a filha do João do Outeiro tinha êsse hábito. Para ela não havia mais encantador espectáculo que os mágicos efeitos de luz e forma de um quieto pôr de sol.

De repente teve um leve estremecimento como de quem se arrancava com esforço àquella contemplação, onde o senti-

mento de religiosidade se aliava a um sentimento estético, doce e inebriante».

— «Quim» — disse ela pausadamente ao companheiro, com a voz impregnada de melancolia — «Deus há-de estar deveras ofendido contigo!»

— «Deus!» — repetiu êle como num eco.

— «Sim, Deus... Aquele que fez o céu... e a terra... e o mar... que é o autor de tôdas as coisas e o pai de todos nós, principalmente dos enfeitados;... que nos dá a saúde e o sustento... e depois, quando morremos a glória eterna no céu... Bem vêes, Quim, todos precisam de rezar. Todos devem aprender ao menos as principais orações... Então, tu nunca foste à missa?»

O Quim estava vexadíssimo. Ficou contente de poder sanar um pouco os efeitos da sua confessada ignorância em pontos julgados capitais pela sua amiga. Foi com certo entono decidido que explicou:

— «Isso, já... Tenho ido àquela da vila... esquece-me agora o nome... uma muito bonita... que tem muitos altares e um santo do tamanho de um homem, todo vestido de roxo, com os cabelos caídos e com uma cruz às costas...»

O Quim pensava que tão grande cópia de informações lhe valeria uma completa reabilitação. Julgava ter desta vez metido uma lança em Africa.

A Matilde continuava a olhar para êle com tristeza e assombro.

— «Valha-me Deus, Quim! Que coisas tu estás a dizer!... Essa imagem que dizes é o Senhor dos Passos; não é santo nenhum.»

O Pequeno abaixou a cabeça sucumbido, como quem desistia de toda a luta.

— «Eu bem sabia» — tornou a Matilde — «que tu já havias de ter entrado em alguma igreja, aqui ou lá em baixo na vila. Mas o que eu queria saber era se lá costumavas ir à hora da missa, quando o padre está no altar a ler um grande livro em latim, e a igreja está cheia de gente a rezar. Isso é que eu perguntava.»

— «Agora já entendo» — replicou o Quim muito sincero, claramente com tenção de dizer a nu a verdade. — «Dantes o tio Vicente até queria que eu me puzesse à porta quando aquela gente saía toda, para ver se apanhava alguma esmola... E batia-me, se eu não arranjava nada.»

Os olhos de Matilde faiscaram: — «E tu pedias?»

O Quim sacudiu a cabeça com orgulho e, sorrindo de um modo particular: «Isso pedia êle!... Não pedia, que tinha vergonha... Mas ia levando.»

A Matilde sentiu que lhe chegavam as lágrimas.

— «E tu então dizes que o tio Vicente é como teu pai !... Não está mau pai !»

O pequeno não respondeu, mergulhado em pensamentos que, pela expressão da fisionomia, não deviam de ser risinhos.

Veiu a tempo, como diversão, o oferecimento de Matilde para ensinar-lhe a rezar, oferecimento que êle aceitou com entusiasmo.

Repetiram muitas vezes ambos o Padre-nosso, até que já o discípulo, com sábia independência, levava, por si, a oração de princípio a fim.

Então a Matilde, notando como o sol descia apressado, deu por finda a lição.

— «E tu não hás-de comer hoje ?» — disse ela, deitando a mão ao cesto das provisões.

— «Nem me lembrava. E tu ?»

— «Eu agora não como... senão perco a vontade à ceia e o pai consome-se a julgar logo que estou doente... Mas come tu... Olha, aqui dêste lado há queijinho fresco, broa cozida de ontem à tarde... E também cá te guardei metade do meu vinho.»

— «Pois sim... não tires mais nada... Quero só isto... E tu hoje não me has de cantar nada ?»

— «Canto, se queres... O que ha de ser ?»

— «Canta aquela da primavera.»

— «Essa !... Deixa ver... É preciso que me lembre» — e, com aquela voz dulcíssima que já conhecemos, principiou :

«A primavera risonha  
Tudo faz reflorescer ;  
A madre-silva nos bosques,  
Nos corações o prazer.

.....  
A madre-silva nos bosques,  
Nos corações o prazer.

Acorda tudo ao seu brado ;  
As aves para cantarem ;  
Para sorrirem os homens ;  
E todos para se amarem.

.....  
Para sorrirem os homens ;  
E todos para se amarem.»

Era sugestiva a letra da canção mas o encanto provinha todo das qualidades da cantora.

— «Muito gosto dessa moda! —» aplaudiu o Quim, ao passo que alastrava com geito o queijo sôbre uma fatia muito lisa de broa.

— «Pois sim... mas come» — dizia a Matilde, a rir por entre os dentes alvíssimos. — «Come, que eu vou ver se me lembra outra que aprendi no domingo.» E, após curta meditação, começava :

«Minha lira, eu quero um hino,  
Um hino todo de amor,  
Um hino do coração,  
Um hino para o Senhor.

Quero cantar o meu Deus  
Aquele por quem respiro;  
Quero nas asas do canto  
Mandar ao céu um suspiro.

Foi êle quem me creou,  
Abrindo o seio do nada,  
E' êle quem me sustenta,  
Na terra fertilizada.

Minha lira, eu quero um hino,  
Um hino todo de amor,  
Um hino do coração  
Um hino para o Senhor.»

— «E então esta?» — perguntou logo em seguida a cantora.

— «Gosto imenso» — respondeu com vivacidade o ouvinte, que deixara de comer, de embebido que estava.

— «E eu!» — tornou-lhe, animada, Matilde. — «Cantar êstes versos é mesmo estar a rezar.»

Daí a um instante a pequena disse olhando ao poente : — Olha, vês o sol onde vai? Tenho de me ir já embora... Tu hoje vieste tão tarde!...

— «Eu ainda queria que tu cantasses outra» — apressou-se a dizer o Quim sem lhe dar resposta.

— «Pois sim! Mas é que se faz noite e a mãe lá em cuidados.»

— «Só mais uma... Aquela da Caridade...»

— «Pois vá lá essa e mais nada... Entretanto vou arrumando o cesto...»

— «Não senhor... Assim não vale...»

— «Então que tem?!»

— «Tem que estás a pensar noutra cousa e não cantas como deve ser.»

— «Ora!... Sei-a na ponta da língua! Foi a que me ensinou o Nini!» E cantou:

«Em tórno do humilde lar  
Que um grato dom fortalece,  
É cada boca uma prece,  
E cada peito um altar,

Qual festa jámais valeu  
Aplausos tais e tais palmas?  
E' bastante para as almas  
E dá sobras para o céu!

Honra, pois, honra e louvor  
A quem sabe docemente  
O leito nu do indigente  
Doirar de um raio de amor.»

— «Esta, cá para mim, é que é a mais bonita» — exclamou com entusiasmo o Quim... «Como tu aprendes tanta cousa!» — e logo, mudando repentinamente de tom: «Ó Matilde, quem é êsse tal Nini?»

— «E' o filho da sr.<sup>a</sup> D. Cristina, da minha professora» — e, à pressa, atava o lenço.

— «Ele é pequeno?»

— «Agora pequeno!» — e a Matilde dava uma cristalina gargalhada — «Não... Tem dezoito anos... está já mais alto que a mãe.»

— «Nunca me falaste nele!»

— «E' que o Nini está em Coimbra quási todo o tempo... Só cá vem nas férias... Anda, vamos a juntar as cabras de pressa...»

— «Pois sim» — Na voz e nos gestos do pequeno havia agora um abatimento que não passou despercebido à companheira.

— «Ficas triste» — disse-lhe ela com bondade — «porque não conversámos hoje quási nada... Vê se vens mais cedo amanhã... Agora já é muito tarde...»

— «Eu também tinha que ir» — obtemperou êle melancólico. E separaram-se, êle dirigindo-se para a povoação, ela, seguindo o rebanho e o *Pé-leve* para o lado do Outeiro.

A cortar para a azinhaga a Matilde voltou-se e acenou-lhe com o braço. Ele, já parado à espera, respondeu agitando no ar o barrete.

Depois o pequeno começou a andar, sem pressa, ao longo do vinhedo, movendo as pernas ao acaso como quem tivesse perdido a consciência do ponto aonde se dirigia. Ao entrar

no povoado, tropeçou numa pedra e ia caindo. Sentindo um enorme desejo de desfôrço, deu-lhe tão forte pontapé que a pedra rolou a muitos metros. Por pouco não apanhou uma creancinha que andava brincando na rua

O Quim como que acordou, caindo em si, a voz enfurecida do pai da criança. Achou que o homem tinha razão atirando-lhe algumas palavras feias, e apenas disse humildemente: «Então! Tenha paciência... Todos tem os seus dias... Eu cá estou hoje de mau humor...»

E seguiu para casa, de aspecto ainda mais carregado.

Todos sabemos quando estamos de mau humor. O difficil muitas vezes é saber o porquê.

E que elementos tinha o pobre Quim para dar conta de uma delicada análise psicológica? Sabia, quando muito, que estava zangado. E não lhe saía da cabeça aquele Nini que andava nos estudos e decorava versos que ensinava à Matilde.

## II

A vila de Z., cujo núcleo o Quim agora vai atravessando a passo rápido, é suja, tortuosa e mal caiada, como tantas que há em Portugal.

Como eu não pretendo levantar o incógnito escondido atraz daquela inicial, sinto-me aliviar da obrigação de fazer à leitora uma descrição minuciosa e erudita do logar, bem provida de dados geológicos, geográficos e etnológicos. Perco, sem dúvida, uma excelente ocasião de patentear o acume e excelência das minhas informações científicas, mas resta-me em compensação a benevolência da maior parte das leitoras, cujo bom gôsto difficilmente me perdoaria aqui a impertinência de uma descrição enfatuada.

A rua é estreita, mal calçada, cheia de protuberâncias que são outros tantos precipícios, carregada de imundícies que esquálidos gatos saqueiam vorazmente.

Nos intervalos das portas adejam, em suspensões de guita, renques de fraldas, meiotes e mais artigos de enxoval infantil, recentemente estendidos a evidenciarem escassês de água ou pouco escrúpulo das lavadeiras.

Não sobressai das demais a casa do tio Vicente. Reveste a o mesmo aspecto dismantelado e sombrio: janela esguia protegida por um caixilho órfão de vidraças; porta baixa com postigo de madeira. Dentro, o mesmo estilo: o interior correndo parelhas com o de fora. Um só compartimento tem

a tríplex significação de quarto, cozinha e refeitório. Ao centro campeia uma arca centenária que, demitida das suas funções privativas por falta de material competente, se acha elevada à dignidade de mesa de jantar. Um mocho e duas cadeiras gotosas, a estalarem por tôdas as juntas, vacilantes em pés mal firmes, dir-se-iam perturbados por íntima comoção, recordando a história daquela mesa, espécie de *parvenu*, a quem os acasos da vida tinham dado posição conspícua.

O recanto do aposento destinado a dormida dos seus habitantes era de todo em todo desprovido de confortos. Duas enxergas de idade proecta, onde cada noite repousavam—se repousavam—os proprietários do casal, e um colchão esfrangalhado, pela solicitude da sr.<sup>a</sup> Antónia reservado ao pequeno, eram a única mobília ali existente.

Além, no ângulo oposto, é a cozinha. Diz-no-lo um mesquinho fogareiro cambado, uma pequena panela enfumarada, e poucos mais artigos que documentam eficazmente a miséria, o desmazêlo, a sordidez de quem ali mora.

A pobreza, vista por êste lado, oferece a quem olha um aspecto repugnante, dizem até que desprezível.

Os que têm saboreado em tôda a plenitude a suprema delícia do aceso, sentem por esta representação da miséria a mais decidida repulsão.

Mas a caridade, penetrando nesses antros onde tem de recolher a fimbria do seu manto para que lho não manche a tábida esqualidez que os infecta, precisa de lembrar, por escrúpulo justiceiro, que a fome e as mil torturas que lhe fazem cortejo, desnaturalizam os seres cruamente, despojando-os, passo a passo, dos mais rudimentares instintos da nobreza e dignidade humana.

A sr.<sup>a</sup> Antónia, com a saia rasgada, gordurosa como enchido alemtejano, com o cabelo esfarripado e seboso a sair-lhe hirsuto das dobras do lenço encardido, era a mais fiel personalisação do tipo *bruxa*, tão bem descrito pelas boas velhinhas de algum tempo, crentes em feitiços e sabedoras de uma infinidade de narrações maravilhosas. Mas o que seria a sr.<sup>a</sup> Antónia, fora do meio hediondo onde a lançara o capricho das cousas, é o que ninguém poderia rigorosamente calcular.

E' já passante da meia idade o tio Vicente. De aparência menos sórdida que a companheira, a fisionomia, por extremo dura, torna-o bastante mais antipático.

E' meião de altura; no corpo e nas feições lêem-se sintomas claros de raquitismo nato. Só a cabeça, sensivelmente angulosa, tem proporções que excedem o normal. Nenhum criminalista convicto, deparando com o tio Vicente, deixaria de olhá-lo com o interêsse com que a ciência estuda e pres-

cruta os mais curiosos modelos que lhe estimulam a atenção.

Usa calça, casaco e chapéu de abas largas; tudo esfrangalhado, sem mais distintivo saliente.

A distância, é fácil conhecê-lo pela posição favorita: mãos como que medindo a amplitude do peito, os polegares presos ás cavas do colete de ordinário desabotoado. O chapéu, sempre jogado para o alto da cabeça, parece ser ali antes um hábito que uma necessidade.

E' lusco e fusco quando penetramos na lóbrega mansão.

A sr.<sup>a</sup> Antónia prepara a ceia.

No peitoril da janela, *Jójó*, um gato sem dono, que ficára da família à força de invasões nos seus domínios, fazendo quartel general do colchão do Quim, parece, nas voltas que dá, não estar precisamente num daqueles momentos de lânguida preguiça que os da raça felina tanto conhecem.

Estiraçado na menos vetusta das enxergas o tio Vicente envia para o ar repetidas fumaradas de um cigarro nauseabundo.

Entretanto, resmunga no mais áspero da sua voz roufenha: «Dianho!... Bem bom para ir buscar a morte, o rapaz!»

— «Iria a algum mandado longe» — reflectiu a mulher, em parte por espírito conciliador, em parte para ver se descobria a índole da comissão desempenhada pelo pequeno.

— «Onde vai, lá fica!... Estafermo!» — E o homem, sem cuidar de satisfazer a curiosidade da companheira, pôs-se a assobiar o fado.

A sr.<sup>a</sup> Antónia machucando os alhos que lhe haviam de temperar a açorda, relanceava os olhos à janela, onde esperava ver a cada momento assomar a cabeça do pequeno.

De repente *Jójó* saltou à rua. Foi bastante sinal para que a sr.<sup>a</sup> Antónia retirasse o tacho do lume.

O Quim abriu a porta sem ruido. Ao dar de cara com o tio Vicente, já de pé, a espreguiçar-se brutalmente, estacou. Em seguida, voltando-se com certo constrangimento, atirou para o lado o sacco vasio que trazia ao ombro.

— «Afinal, nada!» — exclamou o tio Vicente em tom que importava a um tempo interrogação, surpresa e ameaça. E houve por bem introduzir logo no discurso uma apóstrofe veemente, rematada por um significativo estalo da língua: «Malandro!»

— «Não pude» — retorquiu o Quim, cabisbaixo mas decidido.

— «Ah! não pudeste?!... Biltre!... E nao pudeste, porquê?»

O rapaz hesitou; depois, um tanto confuso: «Não pude, por causa do cão... Vocemecê ainda o não viu?... Em pé dá-me por aqui» — e fazia menção da medida.

— «E bravo! .. Ainda me chegou...» — e molhava de saliva as costas da mão.

O tio Vicente bateu impetuosamente com o pé no chão e berrou, arreganhando um sorriso de supino desdem: «Sempre me saíste uma azêfola!... Vejam lá a criancinha com medo dos cães!... O que tu querias bem o sei eu!»

O Quim encolheu os ombros, e, puxando o mocho para junto da arca, foi sentar-se sorumbático, com os olhos no prato. Quando lhe pareceu, pôs-se a comer, talvez sem dar por isso, o quinhão, que a sr.<sup>a</sup> Antónia lhe tinha feito, avançado.

O tio Vicente não era atreito a fastios e votava às bebidas alcoólicas uma adoração que nunca poderia ser maior quando mesmo elas fóssem o genuíno e puro sangue de Cristo e êle o devoto que não era. Naquela tarde, porém, as delicias da refeição estavam-lhe aguadas pelos ímpetos de uma grande cólera insaciada.

Depois de pousar o caneco de onde acabava de tirar um fundo sorvo de mau vinho da Bairrada, disse com ar escarzyninho para a mulher: «Estivemos para ter amanhã um bró-dio de truz... mas cá a flor, com medo do canicho, deitou tudo a perder... Forte lesma!»

E, como a sr.<sup>a</sup> Antónia olhasse para êle arregalada, o tio Vicente explicou:

— «Anda aí a cachopa do João do Outeiro, logo ao de cima das vinhas, a pastar um rebanho que é mesmo um regalo ver-se... Trás cada cabeça que é uma beleza!... O lugar é de pouca passagem... Disse a êste asno que fósse lá com aquele saco e palmasse um cabrito quando apanhasse a rapariga a geito de o não bispar... E vai êle, anda por lá todo o santíssimo dia e ainda tem cara de voltar a casa com as mãos a abanar.»

E pôs-se a olhar para o pequeno como que indeciso sobre se havia ou não bater-lhe. Depois, com brutalidade, de punho cerrado: «Maldito! Nem sequer vales o que comes.»

O pequeno teve um estremecimento e, de modo estranho, olhou firme para o tio Vicente. Depois, largando a colher de estanho que apenas metera duas vezes na bôca, arredou o prato, dizendo: «Também, não tenho vontade.»

A sr.<sup>a</sup> Antónia, com parcialidade que muito desagradava ao marido, distribuía sempre ao Quim o melhor quinhão de tudo. Quando o viu agora largar a ceia, quási sem a ter provado, não pôde soffrear a impaciência:

— «Sempre a dizer a verdade!... Nem sequer ao menos a criança pode comer socegada!»

A esta exclamação, o Quim percebeu que tinha lágrimas a ponto de acudir-lhe aos olhos. E' vulgar invadir-nos a co-

moção se após um vexame de requintada injustiça, que como que abateu e estagnou todos os nossos poderes sensitivos, alguém aparece de improviso a simpatisar com a nossa aflicção.

Mas o Quim era orgulhoso. Conseguiu divertindo o pensamento para a suave imagem da sua amiga, a gentil cabreira que era lenitivo de todos os seus males, vaporizar essas lágrimas, que por tudo quanto havia não queria chorar.

— «Deixa, que não morre» — ponderou o tio Vicente. E, em seguida, para o pequeno: «Mas por onde demónio te perdeste até agora, demónio?»

O pequeno vacilou; depois constrangido: «Como não pude apanhar o cabrito ali, fui ver se o arranjava por outra parte... Fui ao Casalinho...»

— «Com a breca!»

— «Por isso êle veio tão tarde!» — reflectiu a sr.<sup>a</sup> Antónia. — «T'arrenego!... Sempre um estirão assim!»

Dirigia-se principalmente ao tio Vicente que a não atendia, falando sempre com arrenêgo para o pequeno: «E então? . . Três vezes nada coisa nenhuma!»

— «Qual história!... Os cabreiros estavam todos com os olhos em mim.»

— «Os diabos te sumam!»

O pequeno levantou-se e atirou consigo para cima do colchão, onde o *Jójo* se lhe foi em pouco reunir. Como se a criança estivesse realmente exausta de fadiga, daí a pouco ouvia-se-lhe a respiração, regular e serena como de quem dorme sem ainda ter na consciência o mais leve frémito inquietador.

Pobre Quim! Junto da boçal Antónia e d'êsse ratoneiro de profissão que, sem escrúpulo nem remorso, o encaminhava pela senda do vício, o seu dormir era ainda assim bem diferente do que é velado por pais extremosos que baseiam os seus planos de educação nos mais sólidos princípios de verdade e de justiça.

A sr.<sup>a</sup> Antónia engulia agora com avidez a açorda desprezada pelo Quim, não porém, sem, a curtos intervalos, relançar ao pequeno olhares de compadecido interesse.

— «Ferrou-se no sono» — disse para o marido. — «Está mesmo mortinho de cansado... Pois com a calma que esteve!»

Dir-se-ia que o tio Vicente a não ouvira, preocupado como agora parecia estar.

Passados, porém, alguns segundos, replicou rudemente: «Pois que durma!... Enquanto dorme não faz dano... A grande asneira foi a gente tomar conta dêle... Tenho-me arrependido mais bastas vezes!... Deixa que o pago há-de ser bom!...»

A falar verdade a senhora Antónia, de si para consigo, não valorizava em muito a protecção dispensada pelo tio Vicente ao pequeno. Mas Deus a livrasse de tal dizer!

— «Bem me fio eu em patranhas!» — continuou o homem, esvasiando enfim o caneco do vinho. — «Aldrabices! que é para o que tem esperteza... Noutro dia que me queira intrujar apanha-me tamanha tunda!...»

Sentiu-se ligeiro rumor ao fundo da quadra sombria. A sr.<sup>a</sup> Antónia voltando a cabeça, apenas viu o *Jójo* a enroscar-se mais de seu geito. O Quim resonava tranquilamente.

O tio Vicente olhou também de revez e, aproximando da mulher a cadeira em que estava sentado, começou a falar-lhe baixo, com precaução.

— «A respeito disto, hein?» — e fazia o conhecido gesto do polegar com o indicador da mão direita.

— «Nem *chêta*» — replicou a sr.<sup>a</sup> Antónia em calão. «O último foi para de seu fio de azeite... O mafarrico do homem já mo não quer dar fiado.»

— «Deixa lá!» — e o tio Vicente piscava o olho significativamente. — «Tenho fígada uma pechincha gorda.» Dizia isto apertando os lábios e meneando a cabeça para mostrar que tinha em grande conta a empreza. — «E' para esta noite... O João do Outeiro, ali por nove horas, marcha para a cidade, por via da feira amanhã... Pros modos vai só, desta vez... O homem vai em negócio e de sorte levará as mãos a abanar... Já está tudo combinado... Eu e uns tipos saímos. Lhe à frente e o pobre diabo não tem mais remédio que é largar para ali tudo o que trouxe consigo...»

A sr.<sup>a</sup> Antónia não sentia evidentemente grande entusiasmo pela façanha. «Nem sei bem o que isso me parece» — atalhou ela, escutando escrúpulos que a ignóbil convivência do companheiro não pudera ainda sufocar de todo. — «Deixa lá o homensinho que tem família... E depois... mesmo por a gente... Vê lá no que te vais meter...»

— «Ah! não tem dúvida... Em se fazendo o *trabalho* de cara tapada, já ninguém conhece uma pessoa... Quem é que é tolo?!... E, demais, ali ao casal do Furão o caminho parece talhado até de propósito...»

— «Mas o pobresinho do homem?» — tornou a sr.<sup>a</sup> Antónia, como que entre a tentação e o dó.

— «O homem... a não ser que se faça fino, não lhe sucede mal... O que nós queremos é apanhar-lhe o *bagó*. Depois, que se vá em paz.»

— «E se êle, que é testo, segundo dizem, não estiver pelos ajustes?»

— «Se se mostrar finório, dá-se-lhe uma picada só para o fazer estar quieto.»

— «Vê lá, homem... vê lá» — exclamou a sr.<sup>a</sup> Antónia assustada. — «Olha que por pouco mais, alguns têm ido parar à costa de Africa.»

O tio Vicente encolheu os ombros com desdem.

— «Deixa o caso por minha conta... Somos tres... Estou que o homem não se mete em danças... E, se se fizer fino, tanto pior para êle...»

— «É para nós?» — lembrou timidamente a sr.<sup>a</sup> Antónia.»

— «Ora!» — foi a resposta cínica. — «Na costa de Africa também se come.»

A mulher não replicou, olhando simplesmente para o lado onde estava dormindo o Quim.

O tio Vicente, baixando mais a voz, disse então com impetuosa intimativa: «O que não quero nem por sombras é meter o pequeno na história, percebes?»

— «Já se deixa vêr» — obtemperou espontâneamente a mulher.

— «Então, vê se mo entretens cá por casa... O melhor de tudo é deixá-lo dormir... Eu vou daqui direito à venda do Sério para me encontrar com os tais.»

O tio Vicente estava satisfeito, expansivo. Levantando-se, bateu uma rija palmada no ossudo ombro da consorte e disse-lhe por despedida: «Adeusinho! Palpita-me que temos amanhã bom almoço, minha velha!» Em seguida, metendo na algibeira uma comprida navalha de ponta que lhe servira à ceia, o homem deitou o casaco ao ombro, atirou para a cabeça o chapéu lustroso de sêbo, e saiu.

A sr.<sup>a</sup> Antónia conservou-se algum tempo de braços cruzados, a olhar como idiota para a porta.

Depois, erguendo-se com arremesso: «Os demónios me melem se eu não arrelio disto!» — e, para lavar a mesquinha louça, foi prover-se de água a uma bilha desazada que estava a um canto.

— «Bonita!. . Nem uma sêde de água!... Esta só pelo diabo!» Teve um momento de indecisão. Afinal resolveu-se:

— «Não se pode estar sem água em casa... Aquilo agora dorme até pela manhã, como um porquinho.»

Contribuiu para esta resolução da velha o muito que lhe agradava a bisbilhoteira conversa da fonte em que de ordinário consumia horas.

Tomou, pois, a bilha à ilharga e fechando sôbre si a porta, cuja chave para mais segurança arrecadou no bolso, lá foi, de passo pesado, rua acima.

De um jacto o Quim puzera-se de pé. Sem mais consulta, enfiou pela janela, saltou à rua, e deitou a correr em direcção oposta à que levava a sr.<sup>a</sup> Antónia.

A êste tempo a noite caíra de todo.

## III

Por gôsto se podia entrar na casa do Outeiro. Num lidar incessante, a Purificação sabia, como nenhuma, espalhar por tôda a parte aquela côr de limpeza que trás saúde e propicia o mais regalado bem estar.

Ao cerrar da noite, vamos encontrar tôda a família em tórno da mêsa, onde sobressai a alvura apetitosa da toalha.

E há também na ceia variedade convidativa. O João do Outeiro, por sua parte, faz honra à vermelha linguíça caseira, às azeitonas das suas oliveiras, ao vinho e à brôa da sua própria lavra.

O Joanito vai em meio de uma grande tijela de sopas de leite temperadas com um viçoso e forte ramo de hortelã.

Ao fundo da espaçosa quadra, à lareira, a Purificação ventila o lume, apressando a fervura do oloroso café.

Defronte do pai, a Matilde, que parece ter dado por terminada a refeição, embala nos braços a irmãsita de peito, cantarolando-lhe no tom mais acariciador da sua voz dulcíssima :

«Quem tem meninos pequenos  
Por fôrça lhe há-de cantar;  
Quantas vezes canta a mãe  
Com vontade de chorar!»

Adormeceu a Maria finalmente e, de mansinho, movendo-se com precaução, a irmã foi deitá-la, dentro, no quarto da mãe.

Depois, subtilmente, voltou, cerrando a porta.

Preparar ao pai o farnel das pequenas jornadas de negócio era um dos seus grandes prazeres e objecto do maior cuidado.

Por isso agora foi buscar uma condêssa, e começou com muito geito a provê-la do melhor que havia na mêsa.

— «Eh! pequena!» — gritou-lhe o João do Outeiro. — «Então isso é só meter, meter?... Bôa vai ela!... Nada de cargas... Pouca coisa... Duas postitas de peixe, dois queijitos, um naco de brôa, a pinga de vinho... e que mais é preciso?»

— «Pois! Há-de mesmo ir só com isso!» — desaprovou a Matilde. — «Olha que belo arranjo para passar uma noite e um dia todo!»

— «Qual dia todo!... Por volta das duas, mais bocado menos bocado, estou de volta... A demora, em me aviando do mercado, é só, a bem dizer, ir lá acima ao João Môcho

entregar-lhe quarenta mil réis de um negociosito que fizemos a semana passada »

A Purificação, que se havia já sentado à mēsa, levantou-se e foi cerrar a porta que o calor excessivo de Agosto convidava a ter aberta.

— «Cruzes, mulher !» — exclamou o João, desabotoando a gola da camisa. — «Que mania te deu agora ?!... Abrenúncio ! A gente a morrer de calma e ela a fechar tudo !»

A Purificação, como quem estava segura nas suas razões, voltou plácidamente para o seu lugar ao lado do marido e disse-lhe a meia voz :

— «Pois uma coisa assim, homem !... A falares de dinheiro como quem vai de caminho e para quem o quizer ouvir !... Valha-te Nossa Senhora !... Hoje então que vais sósinho !»

O João, quando estava de bom humor, o que sucedia muito mais vezes do que o cuidavam os de fora, tinha umas gargalhadas estrugidoras. Foi ocasião de fazer estoirar uma dessas. Era ainda em frouxos de riso que êle dizia :

— «Oh ! mulher ! ora para onde te havia de dar hoje !»

Ela, encolhendo os ombros, um tanto agastada :

— «Olha que acordas a criança» — e apontava para a porta interior da casa.

O João acomodou-se um pouco, mas continuou zombeteiro :

— «Não há pior raça de gente para fazer um homem maricas do que são vocês, as mulheres.»

— «Pois sim, vai-te rindo... Há muita maldade no mundo... Eu cá sempre arreliei de caminhos feitos de noite...»

— «Está bem de vêr !... — tornou-lhe o marido, muito grave. — «E' pôr uma pessoa a vida em risco» — e depois, para a Matilde : «Aquela então deu-lhe para me encher a condêssa !... Tira lá isso, pequena... Quero cá figos !... Com a azafama nem sequer bebeste o café.»

— «Café !... Eu posso lá tomar café com êste calor !» — e a Matilde passou a mão pela testa afoqueada. — «O que me regalava agora era um púcaro de água bem fria.»

Decorridos poucos segundos, a Matilde, que ficara pensativa, disse para o pai :

— «Também, porque não irá hoje o José Valente ! Esse, que me lembre, nunca deixou de ir... E sempre era um descanso !»

O João do Outeiro já estava impaciente :

— «Um descanso, porquê ?... Bôa vai ela !... Também te dá hoje a asneira ?»

— «Vocemecê podia ir antes de madrugada, visto ir só» — reflectiu timidamente a Matilde.

— «Mas porquê ? com os demónios ; porquê ? !... é que eu queria que me dissessem.»

A Matilde, a-pesar da sua aparente timidez, era quem mais se atrevia a contradizer o pai. Foi assim que replicou resolutamente :

— «Porque a mãe tem razão... Tem-se por aí feito muito roubo, e a gente assim, indo vocemecê só, e de noite, não pode ficar descansada...»

— «A mim ninguém me faz mal!» — atalhou o João de modo concludente. E, para mostrar claramente que o não comoviam os receios da família, disse à filha que fôsse medir a ração para o macho, que o queria ter aparelhado a tempo e a horas.

A Purificação acendera um antigo candieiro de três bicos que viera colocar sôbre a mêsá, enquanto de má vontade a Matilde se dispunha a cumprir a ordem do pai.

Improvissamente, a porta abriu-se de par em par. E vermelho, ofegante, querendo falar, mas vencido pelo cansaço que lhe impedia a palavra, o Quim apareceu de súbito junto da mêsá, como visão fantástica.

Encolheram-se todos com espanto.

De sobressaltada, a Matilde tornara-se lívida.

A Purificação, a adivinhar desgraça, mal se tinha em pé. Até o Joanito, que da ceia deslizara para o favorito jôgo do pião, se agarrou instintivamente à saia da mãe. Só o João do Outeiro olhava pacífico para o pequeno, esperando serenamente uma explicação, sem mesmo se apressar a pedi-la.

O Quim, semelhante a moribundo que à pressa aproveita o primeiro fôlego para, de tropel, proferir palavras revelativas que a morte virá talvez cortar, começou logo que percebeu ter voz :

— «Vocemecê é que é o senhor João do Outeiro, não é?... E está para ir esta noite para a cidade?... Pois não vá, que há uns homens que lhe querem fazer mal para o roubar.»

O João do Outeiro não se mostrou alvoroçado com a notícia. Enquanto lhe perpassava nos lábios um sorriso incrédulo, encheu de vinho o pequeno copo do Joanito e apresentou-o ao recém-chegado, dizendo :

— «Pros modos, vens de longe... Deita abaixo essa pinga e depois me contas isso por miudos.»

Mas a Purificação já não podia ser senhora de si :

— «Jesus, homem! não interrompas... Deixa falar a criança... Não que uma destas! .. Parece que me adivinhava o coração coisa ruim... Até se me enrodilhava o comer na bôca sem o poder levar!... Anda, menino, diz já o que é que sabes... E' bem certo que nunca uma pessoa pode estar na sua casa descansada... Malvados!... E logo então um homem dêstes... que não é capaz de fazer mal a uma môsca... um pai de família que não quer saber mais que é

do trabalho !...» — e assim, numa exaltação palavrosa, a bôa mulher retardava inconscientemente a revelação por que estava ansiosa.

Foi então que a Matilde como se sentiu acordar de um mau sonho. Levantando-se, foi direita à Purificação, que já a êsse tempo carecia de tomar a ponta do avental para enxugar os olhos, e, passando-lhe o braço em volta do pescoço, obrigou-a a sentar-se, dizendo-lhe em tom de súplica :

— «Sossegue, mãe... Para ouvir o que *ê*le quer dizer, há-de estar calada e escutar» — e, fitando no recém-chegado os seus grandes olhos maviosos e profundos, como que pareceu dizer-lhe : — «Fala agora.»

O Quim já então bebera o vinho que lhe tinha oferecido o João do Outeiro. A êsse olhar de Matilde sentiu-se reanimar de todo e pôde dizer com segurança :

— «Há uns homens que estão combinados para lhe saírem ao caminho, ao sr. João do Outeiro, ali por perto do casal do Furão... Vão de cara tapada...» — E, como visse o João continuar a sorrir, incrédulo, acrescentou : «Um deles até leva uma navalha dêste tamanho» — e mostrava a extensão desde o extremo do indicador até meio braço.

— «Anjo bento ! Senhora do Carmo !» — exclamou tremendo, quando tal viu, a Purificação.

O João do Outeiro achava o caso tão estranho que não podia dar-lhe crédito. Nunca fizera mal a ninguém, não julgava ter inimigos e cria até ter fama de mais pobre do que realmente era.

Contudo, o pequeno parecia-lhe sincero.

Tornou a olhar para êle fixamente, medindo-o dos pés à cabeça. Esta análise foi favorável ao rapaz porque, ao terminá-la o João murmurou por entre dentes :

— «Afinal, duma cilada... duma patifaria ninguém se livra».

E logo, voltando-se para o Quim :

— «Dize lá quem são os malandros... Vamos daqui no mesmo instante levar a queixa ao regedor.» E pôs-se arrebatadamente de pé.

O Quim abaixou os olhos e não se mexeu. A' palavra *regedor*, caíra-lhe a alma aos pés.

— «Então, rapaz, dizes por uma vez quem são os patifes?»

— Aqui era já o tom colérico tão conhecido no Outeiro, que punha um Padre-nosso na bôca da Purificação e lágrimas nos olhos dos pequenos.

O Quim tinha agora um único pensamento : fugir. Com os olhos na porta, puzera-se de pé. Mas as pernas tremiam-lhe e não se atrevia a dar o primeiro passo.

O João perdeu de todo a paciência.

Tomando-lhe bruscamente um dos pulsos, que apertou o

mais que pôde, sacudindo-o de modo que se fizesse bem sentir, berrou :

— «Que demónio de intrujice é esta?... Tu vieste mangar comigo?... Pois olha que com o João do Outeiro ninguém brinca... Livre-te Deus !»

O pequeno empalidecera com a dôr, mas nem pestanejava quando replicou no tom da mais inabalável decisão :

— «Pode-me bater; mate-me até, se quizer; mas não lhe digo mais nada.»

O João do Outeiro olhou em roda assombrado.

Havia muito que uma suspeita atravessara o espírito de Matilde.

Confirmaram-na as últimas palavras do Quim, de cuja fisionomia ela não despregara ainda os olhos.

Nervosamente retirou o braço que ainda conservava enlacadado ao pescoço da mãe. E sem a menor timidez, aproximando-se do pai, fez um esforço para alargar a algema que apertava o pulso do seu amigo, ao passo que dizia naquela voz indefinível que é só das crianças e das mulheres quando estão a ponto de chorar :

— «Pai... abra a mão... Olhe que está a fazer-lhe doer muito... Ele não diz... sabe porque é que não diz?... Eu cuido que é isto... E' porque um dos tais homens... é o pai que o criou...» — e olhava para o amigo, humilde e ansiosa como a pedir-lhe perdão.

O Quim, batendo com o pé no chão, olhara espavorido para a Matilde. Lendo, porém, naquele olhar límpido e expressivo a comoção dolorosa que a agitava, sentiu que lhe vacilava a coragem para qualquer plano evasivo.

Era muito violenta a luta no seu espírito. Foi vencido.

Deixando-se cafr sôbre a cadeira que ocupara pouco antes, inclinou a cabeça para a mēsa e escondeu a cara contra os braços que cruzara num jacto de impetuosa revolta. Pouco depois rompia em affitivos soluços.

A Matilde agora, muito conchegada ao braço do pai, explicava-lhe tudo :

— «Nós já nos conhecemos... do campo... Ele é engeitado... Quem o criou em casa foi êsse homem que anda af... a quem chamam o tio Vicente.»

— «O tio Vicente!» — exclamou o João do Outeiro, franzindo o sôbre-ôlho. — «Oh, que firma !»

Entretanto a Purificação passava meigamente os seus dedos de mãe, tão adestrados em carinhos, pela cabeça do Quim, tão pouco usada a êles, e dizia-lhe, ao passo que escutava as palavras da filha: — «Rico anjo do céu! Bendita jóia!... Não chores, rico filho da minha alma... O Senhor te crie e te dê tanta fortuna como lha peço para os meus...»

O João do Outeiro, enxugando rapidamente o suor que lhe aljofrava a fronte, bem poderia valer-se dêsse movimento para disfarçar certa comoção a revelar-se-lhe no olhar húmido.

— «Não chores, pequeno» — disse também por seu turno, batendo conciliadoramente no ombro do Quim. — Levanta a cabeça e conta lá à vontade tôda essa tramoia.»

O Quim levantou os olhos para o pai da Matilde e, por um súbito movimento de plena confiança, resolveu-se a falar. Deitando porém à porta um olhar desconfiado, deu logar a que a Purificação fôsse correr o ferrôlho e a que o marido dissesse um tanto impaciente: «Anda lá, pequeno... Não sejas palerma!... Dize o que sabes, que se hão-de arranjar as coisas de modo a que o *homem* não passe trabalhos.»

Iluminou-se com esta promessa o semblante do Quim.

— «Veja o que diz. . .» — murmurou.

— «Está dito. Desembucha.»

Então o Quim explicou como, fingindo-se adormecido para escapar aos ralhos do tio Vicente, viera a saber do que se tramava para aquela noite. E desculpava, como podia, o tio Vicente, dizendo que era pobre, que tinha fome e não tinha trabalho. Depois pediu que o deixassem voltar para casa sem demora, para ter tempo de se ir novamente *deitar a dormir* antes que a sr.<sup>a</sup> Antónia voltasse da fonte.

O João do Outeiro foi dar a ração ao macho, mas não o arrelou.

A Matilde, enquanto desfazia o farnel, ia satisfazendo a curiosidade dos pais, contando-lhes tudo o que sabia do pequeno.

Alta noite ainda a Purificação resava sentada na cama.

O João do Outeiro cumpriu religiosamente a promessa feita ao Quim. Calou a sua bôca. Só, de si para consigo, resolveu tomar de ôlho o tio Vicente.

#### IV

Em fins de outubro já a natureza tem vestido o seu velho manto desbotado. Desapareceram de todo as côres vivas. O trajo das campinas é pardo ou amarelo fusco.

Como no verão, vamos encontrar pastando alegremente à solta o rebanho de Matilde. Mas impressiona mais agora o ar cismador e melancólico da cabreira.

Também o bom Pé-leve não dorme, colhido por essa es-

pertina que assalta os cães quando adivinharam a tristeza dos donos.

A curta distância, sentado numa pedra, o Quim olhava fixamente para os joelhos, como se estivesse ponderando, para si, a vantagem dos remendos que a sr.<sup>a</sup> Antónia lá poderia ter pregado. Longe, porém, lhe andava o sentido.

A Matilde, tirando um fundo suspiro, pôs-se a cantar a meia voz :

«Brilhai, brilhai, ó flôres  
Que rides, entre os ais ;  
Brilhai ; passado um dia  
Não brilhareis jámais.

«Quando outra vez a noite  
Volver a visitar-nos,  
Quando outra vez o sol  
Vier para afagar-nos,

Achar-vos-ão já sêcas,  
O' flôres sem abrigo,  
Achar-vos-ão sem vida,  
Ao pé do tronco amigo.

.....  
Achar-vos-ão sem vida  
Ao pé do tronco amigo.»

O Quim não dizia nada, mas a Matilde bem lhe via os olhos.

Também ela tinha de empregar enorme esforço para não ceder à comoção.

E por isso cantava, que era o único modo de não falar nas suas penas.

«No passado uma saudade  
No presente uma amargura,  
E no futuro uma esp'rança  
De imaginária ventura.

«Eis no que consiste a vida  
Imposta por Deus ao homem.  
Nisto se consomem dias,  
Nisto anos se consomem !

Bemdito sejas, meu Deus !  
Que nos dás na vida inteira  
A filha dos céos, a esperança,  
Por suave companheira.

.....  
A filha dos céos, a esperança,  
Por suave companheira.»

Bom remédio para desvanecer tristezas cantar versos destes ! E a Matilde era mulher em botão ; tinha a alma penetrada de poesia. Inundava-lhe as faces copioso pranto quando disse o último verso.

O Quim veio sentar-se-lhe perto, no chão.

— «Olha, Matilde... não chores... Custa-me tanto ver-te chorar !... Eu volto...»

— «Has de voltar boas coisas !» — tornou-lhe a cabreira em tom do mais completo desânimo.

— «Volto, sim... Em sendo homem logo volto.»

— «Talvez... Quando ambos formos velhos... ou eu tiver morrido.»

— «Agora velhos !» — e o Quim, sorrindo contrafeito, deixava sem resposta a hipótese da morte de Matilde.

— «Velhos, sim» — insistiu ela. — «Cuidas que se não faz velho depressa quem anda lá por essas terras ?... Já me tem contado muitas coisas dessas a sr.<sup>a</sup> D. Cristina... Que eu nem sei bem para onde é que vocês vão...»

— «Nem eu... E' lá para umas ilhas que ficam no meio do mar... O tio Vicente acha que aquilo é uma pechincha... O homem que lhe falou diz que lhe dão casa para viver, e terras para amanhar, e pagam a passagem, e adiantam dinheiro para o que fôr preciso...»

— «Tanta coisa !» — reflectiu incrédula a Matilde. — «Isso hão de ser petas do tio Vicente.»

— «Olha que não são... Daqui da vila vão uns poucos...»

— «Pois deixá-los ir... Mas tu !...»

— «Eu... Em chegando cá uma ocasião... venho-me embora...»

— «Pois sim !... Agora é que tu cá devias ficar... O pai bem te tem oferecido trabalho lá em cima na fazenda e diz que te ia metendo ao negócio... Mas veio esta maldita idéa da viagem !... Até era bom para nós que tu ficasses... Ias ajudando o pai enquanto o Joanito fôsse pequeno... E, depois, também havias de ir à escola aprender... Eu não sei, Quim... não sei mesmo porque é que tu não queres ficar...»

O pequeno abanou a cabeça : — «E êles então haviam de ir sós ?»

— «E isso que tinha ?» — atalhou vivamente a Matilde. —

— «Eles não são a tua família... Talvez até que — já me tem lembrado — ficando cá, tu viesses algum dia a encontrar os teus pais verdadeiros... Não gostavas ?»

Uma vermelhidão intensa tingiu subitamente as faces do Quim, ao passo que dizia resolutamente : «Eu não... Já que me deitaram fóra, também não quero saber dêles...»

A Matilde ia a fazer uma pergunta. Atentando, porém, nas

pregas que avincavãem á testa do seu amigo, procurou desviar-lhe a atenção para outro ponto.

Foi assim que disse sorrindo com melancolia: «E nós, Quim?... Nós, que sômos tão teus amigos?!»

Nêste nós havia uma intenção que não errou o alvo. Pareceu efectivamente ao pequeno que tinha parentes queridos, uma família sua, e que o separar-se dela ia ser a maior dôr da sua vida.

— A sr.<sup>a</sup> Antónia também é minha amiga de dentro — foi contudo a única resposta que deu.

A Matilde, como se o não tivera ouvido: — «E ainda outra cousa, Quim... E' também preciso pensar em Deus... Ficando, vens a ser homem de bem, como o pai... Se fôres... quem sabe!...» — e outra vez os olhos se lhe arrasaram de lágrimas.

O Quim, pensativo, guardou silêncio. O Pé-leve lambia-lhe as mãos inquieto.

Afinal, com voz levemente trémula, o pequeno disse:

— «Tu falas em Deus... Mas então não era mais peccado eu deixá-los sós, agora que me criaram e que são velhos?!»

E num ímpeto expansivo que não pode conter, ao passo que o olhar se lhe iluminava de estranho fulgor:

— «Tu cuidarás que eu gosto de ir?... Pois olha... até me parece que vou morrer». E largou a soluçar convulsamente, cobrindo o rosto com o braço.

Apareceu casualmente o João do Outeiro, de volta do povoado. De novo procurou o rude camponês, que sinceramente se afeiçoara ao pequeno, dissuadi lo de acompanhar o tio Vicente. E era agora mais veemente, com os últimos conselhos. O embarque estava ajustado para a manhã seguinte, na próxima cidade, que era bom porto.

Vendo que nada conseguia, o João do Outeiro, impaciente, falava português claro:

— «E's asno chapado... Cá, olhavamos por ti e fazias-te homem, que tens boa fôrma para isso... Lá, são capazes de dar contigo num patife de marca.»

O Quim chorava mais, sem mudar de resolução.

Foi o João do Outeiro que naquela tarde teve de reunir e contar as cabras.

No caminho para casa não foi trocada uma única palavra entre o pai e a filha. Cortavam monotonamente o silêncio o sussurro que o rebanho fazia, andando, e o som metálico da coleira do Pé-leve quando o animal, sacudindo freneticamente o pescoço, voltava o olhar lânguido para a dona.

A Purificação, quando os viu entrar no Outeiro, sem perguntar, adivinhou tudo.

A Matilde, lendo-lhe uma interrogação no olhar, disse com voz sumida :

— «Vai.»

A Purificação cruzou as mãos lastimosamente e ergueu os olhos para o céu.

Depois, enxugando à ponta do avental duas lágrimas de mãe, disse para si :

— «Era mesmo um anjo do céu aquela criança !»

## V

Pela madrugada a senhora Antónia e o Quim atravessavam sorumbáticos as ruas tortuosas da vila. Sempre calados, meteram pela estrada que ia direita à cidade.

Pela frente de uma azinhaga que conduzia ao Outeiro avultava um murinho de pedra escura, protector de um talhão cultivado.

— «Sente-se ali» — disse baixo o pequeno. — «Vocemecê já há-de ir cansada.»

A senhora Antónia sentou-se como maquinalmente.

Continuaram em persistente silêncio os dois. Dir-se-ia que a voz, após longo exercício daquela noite, se exaurira em ambos.

A brisa da alvorada correndo mansa de nordeste adejavava-lhes em tórno o aroma sadio das hortaliças frescas. De entre alfaces repolhudas uma cigarra palreira protestava contra êsse mutismo indiferente e desanimado.

Notável contraste da natureza em festa, tôda exuberância e vida, com aqueles dois entes maltrapilhos, inteiramente absortos em si, crestados e ressequidos pelo suor das misérias!

Do lado da povoação ressoaram, merencórias, cinco badaladas.

— «Cinco» — contou a sr.<sup>a</sup> Antónia. O pequeno, distraído, pareceu que não a ouvira.

A mulher pôs-se arrebatadamente de pé : — «Bom... Adeus, rapaz... Agora o que hás-de fazer é ir aqui pela azinhaga... Vais direito... Ainda te acolhes lá antes de eu ir ali arriba... Adeus !»

O Quim levantou os olhos. Tinha-os esgazeados, olhos de ter passado a noite em claro.

— «Estava ainda capaz de ir consigo !» — disse, num tom que a um tempo envolvia protesto e consulta.

A sr.<sup>a</sup> Antónia saltou logo. Era voltarem ao assunto em que tinham labutado a noite tôda»

— «Adeus minhas encomendas!... Estás tonto... Já te disse o que te havia de dizer... Sabe-se lá ao que nós vamos!... Eles cá estimam-te bem... não te hão-de dar fome... Para miérias bem bondam as que já agarraste...»

— «E o tio Vicente?... Olhe que sempre gostava de o vêr ainda outra vez.»—Havia na voz do pequeno uma imensa melancolia, vinda de dentro, sem o menor esforço artificial.

— «Deixa lá!... não sejas asno... Bem sabemos nós se êle havia de estar pelos autos!... Apresento-me só eu à hora própria e não lhe dou tempo a nada... De tu não appareceres no cais armo-lhe a primeira cantiga que me vier à idéa... E por êsses mares fora lá me arranjo com êle. . Então adeus, rapaz!... Fortuna!»

— «Espere... Eu levo-lhe o sacco até ali.»

— «Larga... larga, rapaz... Bom é que eu me acostume a tudo...»

— «Levo, sim... Dê cá... Só aqui na subida.»

Tendo conseguido haver às mãos a módica bagagem, o Quim pôs-se a caminhar a passo lento diante da sr.<sup>a</sup> Antónia.

Por trás, ela via-lhe a cabeça a arquejar sôbre o pescoço muito magro, esgrouviado. E bem adivinhou o que era aquilo.

Também, quando chegaram lá acima, as pontas do lenço que lhe segurava a grenha e atavam por baixo do queixo agudo e engelhado iam que podiam torcer-se.

O Quim pousara o sacco no chão e voltara-se, depois de passar a mão duas vezes pela cara.

— «E vocemecê?» — disse êle, a engulir em sêco — «quando voltará cá?»

— «Voltar, pequeno!» — e a desgraçada, que não tinha a menor idéa sôbre a paragem das ilhas Sandwich, erguia muito as sobranceiras num gesto indicativo da maior desesperança. — «Bem me fio eu nessa!... A gente sabe que vai... mas voltar!... De sorte nos poupará o dianho nessas terras lá dos infernos!...»

— «Há de voltar, sim... Basta Deus querer.» — E a criança carregava como que intencionalmente na palavra *Deus*.

A sr.<sup>a</sup> Antónia olhou para êle pasmada: — «Bem me capito eu disso!»

Em seguida, bruscamente, dando dois passos para êle, tomou-lhe entre as mãos a cabeça. E foi talvez inconsciente que ela lhe fez a carícia que o pequeno estava longe de esperar, e que o sobressaltou afitivamente — um beijo: primeiro beijo que dera no engeitado. Foi quási uma cabeçada, mais um repêlão que outra coisa. Mas o Quim sentiu abalar até ao íntimo a sua oprimida alma, virgem de carinhos.

Teve medo. Pareceu-lhe que ia ficar prêso à sr.<sup>a</sup> Antónia. Com esforço desembaraçou-se daquele abraço que ainda o estreitava. Depois, com um grito que denunciava um soluço — «Adeus» — deitou a correr levando tôda a ladeira de um fôlego, torneando para a azinhaga sem sequer olhar para trás.

A mulher seguiu dali meio tonta. Não sabia por onde ia nem onde punha os pés. Valeu-lhe que o caminho era a direito. Numa volta da estrada lembrou-lhe olhar ainda para o lado do Outeiro.

E lá enxergava ao longe a casita bem caiada, alegre entre a verdura, com o seu ar cativante de modesto confôrto rural.

A' claridade incerta da manhã a sr.<sup>a</sup> Antónia mal distinguia os objectos distantes. Percebia que a casa do Outeiro estava ainda em completo sossêgo àquela hora.

— «Mas . . .» — reflectia consigo, depois de muito pesquisar com a vista — «por onde se teria metido o Quim?»

Acossada pela idéa de que se lhe fazia tarde, ia já de novo pôr-se a caminho quando lhe pareceu lobrigar o pequeno. Enconchando as mãos sôbre os olhos, procurou afirmar se bem.

Efectivamente, era êle; lá estava com as calças azuis esfrangalhadas e o casaco esburacado a atestarem o desmazêlo dela.

Mas disto não podia curar a mulher do tio Vicente. O que de todo em todo a deixava maravilhada era a attitude do pequeno.

No terrado, diante da casa, o Quim esperava que alguém de dentro abrisse a porta.

No entretanto ajoelhara. Com as mãos postas voltadas ao nascente, de onde emergia a cada momento uma claridade mais viva, o órfão, criado ao acaso, sem fé e sem amôr, rezava.

Por intenção de êsses com quem até então vivera e de quem, talvez para sempre, acabava de separar-se, diria naquele momento, com fervorosa confiança, as orações que lhe ensinara a Matilde?

A sr.<sup>a</sup> Antónia teve mais ou menos a noção disto. E também ela, pela primeira vez na sua vida, pensou reverentemente em Deus.

.....

## VI

Os anos trazem quasi sempre alteração profunda à vida das populações. Assim geralmente no viver íntimo de cada família.

No Outeiro, dez anos volvidos sôbre os acontecimentos que singelamente acabo de descrever, a transformação era das mais notáveis.

Não que muito se differençasse a casa, pròximamente igual ao que a vimos; mas differença nos habitantes, differença nas manifestações de civilisado gosto que os cercam.

«Nada há que a mulher não consiga a poder de lágrimas» — dizia algures um escritor português de alma sensível. Quantas lágrimas não custaria à boa Purificação rodear as filhas daquele conforto com que as creara, não arremedo de luxo, mas sintoma de apurada sensibilidade para as delicadezas da vida.

Voltamos ao Outeiro no dia em que Matilde festeja os seus vinte e dois anos. Quanto tempo decorrido! E transformação mais bela que tôdas é a dessa criança feita mulher. Prodigalisara-lhe a natureza, além das seduções da feminilidade mais gentil, o dom raríssimo de uma voz que era instrumento privilegiado, sôbretudo quando em escala variadíssima, feria a nota acariciadora e meiga. Junte aqui a leitora a idéa da extrema honestidade, iluminada por clarões de uma inteligência muito fina e muito investigadora, uma grande reserva que esconde pùdicamente as impressões mais íntimas e mais sentidas, e tem, a traços largos, o retrato da minha Matilde. E porque hei de fazer-lhe outro das feições, se a belesá da mulher está quási sempre no reflexo das suas qualidades psíquicas?

Se a boca, sorrindo, enfeitiçava, é que lhe vinha êsse segredo da tina malícia discreta que era feição predominante do seu espirito quando desanuviado. Se os olhos entre verdes e castanhos, entre melancólicos e travessos, falavam uma linguagem magnética e encantadora, é que os ajudavam prodigiosamente penetração e sensibilidade.

O João do Outeiro, pouco dobrado ao pêso dos 57 anos, traz hoje o seu melhor fato, de pano preto lustroso. A barba, penteada com cuidado, dá-lhe certo ar grave que se harmonisa bem com o tom acentuadamente honrado e chão da sua fisionomia de simples camponês sem mistura. Também a Purificação envergou hoje o seu vestido bom, o dos dias solemes, sem arrebiques de moda e farto de fazenda.

O Joanito, em honra ao dia, está no gôso de férias às lições que diariamente lhe dá a irmã e aproveita a folga, com sincero gáudio dos seus treze anos travessos, correndo pelo terrado ou na horta, tendo à cinta um par de rédeas improvisadas, cuja extremidade confiou às mãos da loira Maria, tão possuída do seu papel de bolieiro quanto o podia estar uma criaturinha de dez anos, cheia de mimo, guiando, não um cavalo verdadeiro, mas um irmão que, em condescenden-

cias, levava ao extremo a deferência devida ao sexo e à idade infantil.

Não há mais ousado reformador que o tempo. Como tôda esta gente anda bem calçada!

Se nem a Custódia, desempenada moçoila que serve a casa, sofreria já de boamente que a vissem descalça!

Não se podia dizer que a Matilde desdenhasse de todo em todo a moda, nem tão pouco se ocupasse dela servilmente. Sabia com delicado tacto manter-se na linha conveniente. Dir-se ia que era nela quasi instinto o não perder nunca aquela feição de elegância natural que se não deixa subjugar por nenhuma lei despótica, tantas vezes contrária à pura estética. A íntima convivência que durante anos cultivara com D. Cristina, senhora de princípios e maneiras distintas, tinha completado nela aquele ar senhoril que era agora o maior orgulho da mãe e... quem sabe se o não seria também do pai.

O João do Outeiro revia-se nos filhos. Era porém necessário que algum tivesse adoecido para que, do coração do forte camponês, brotasse manifestação, de especializada ternura.

Pregunta-se muito a pais e mãis qual filho lhes merece maior ternura. Como se tal dosagem fôsse fácil de fazer-se, e adequada a publicar-se!

A' pergunta indiscreta o João respondia sempre pelo mesmo: — Igual para todos... Não fazia diferenças... Todos eram filhos.» — Mas, de si para consigo, consultando-se chegava a sentir uma espécie de remordimento.

Então se os pequenos faziam alguma tolice, era à Matilde que lançava tôda a culpa. Parecia-lhe dar assim satisfação à consciência.

## VII

Gostaria de poder expôr à leitora a serie de circunstâncias que contribuíram para que no viver da família do Outeiro viessem a predominar o gosto e vontade da dona do casal.

Amaciado ou pela convivência das duas filhas, flores mimosas que se revelavam por natureza incompatíveis com as grandes lidas do campo, o João do Outeiro tinha abdicado de todo a sua autoridade e deixara por completo á Purificação as responsabilidades da política interna daquela pequena república. Já se não confrangia tampouco de ouvir as lições que a Matilde dava aos irmãos. Quando lhe constou que o Joanito se andava preparando para o exame de admissão,

com idéa de lhe fazer uma boa surpresa, tratou mesmo de ver como havia de arranjar um poldrosinho que, bem arreado, fôsse a seu tempo recompensa muito apreciada do novel estudante.

Tudo isto são porém méros efeitos, e em maior embarço me veria eu se procurasse descobrir passo a passo o modo como êles se fôram produzindo.

Multiplas deviam ser as causas, predominando talvez duas.

Em primeiro logar a situação desafogada em que se encontravam as finanças do casal. Dir-se-ia que uma bôa estrêla pairava sôbre o Outeiro, fertilizando com os seus raios os campos circunjacentes.

Consistia em terras de sementeira, azeite e algum vinho o principal dos haveres do João do Outeiro. A lisura dos seus negócios convidava. A mercearia que abria seis anos antes era agora a mais afreguezada e melhor fornecida da terra. Dirigia, de mão própria, animadas transacções em várias feiras daquela redondeza. A essa actividade dizia êle dever dois benefícios: medrarem-lhe a bolsa e a saúde.

Sabido como a abastança predispõe para o apuro civilizado, quando cessa a necessidade do trabalho fragoso e esterilizador de faculdades psíquicas, não é sem fundamento supôr que o rude João do Outeiro fôra captado por semelhante influencia logo que pôde depôr a enxada e deixar de ser êle mesmo quem fadigosamente cavasse a sua terra.

Outra influença não menos forte, a que não podia deixar de render-se a família do Outeiro, era o trabalho lento, profundo, persistente, do trato com D. Cristina Sampaio, a professora de Matilde, hoje a sua maior amiga.

Delicadíssimas circunstâncias tinham conduzido à modesta cadeira do magistério primário essa senhora distinta de nascimento, cuja mocidade deslizara despreocupada e feliz entre a fina sociedade lisbonense.

Morto o espôso, engenheiro militar, moço talentoso e de larga esperança, em várias legislaturas eleito deputado por um dos círculos do norte, D. Cristina, que amara estremecidamente o marido, e sonhara preparar auxiliada por êle, uma carreira brilhante ao filhinho de dez anos que tão cedo lhe ficava órfão, teve um momento de cruciante desânimo.

Foi uma crise agudíssima de que se recobrou despertada por soluços da criança a quem, no egoismo da sua grande dôr, retirara os carinhos que lhe devia agora em dôbro. «Não chores, amôr da minha alma» — dizia-lhe, cobrindo-o de afagos. — «Eu serei pai e mãe para ti.» E na prática foi além da promessa.

Do marido ficava-lhe um mesquinho montepio. Calculou que esta pensão, junta ao rendimento de algumas inscrições

que herdara dos pais, bastaria, bem administrada, para a educação de Ernesto, essa criança que viria a ser um dia o orgulho e suprêma ventura da sua velhice. Todos os seus haveres chegariam escassamente para a realização do grandioso programa. Para sua própria sustentação carecia de trabalhar ou de recorrer ao auxílio de parentes afastados cujo benefício teria o travor da esmola sem as compensações do enternecido carinho.

Sem oscilações, tomou pelo caminho mais áspero.

Heróica resolução num país em que o trabalho, mórmente o da mulher, é considerado depreciador da dignidade! D. Cristina, por devoção materna, pôs de parte escrúpulos de uma sociedade ociosa e fútil, cuja insignificância só agora antevia, e habilitou-se para requerer uma cadeira de ensino em qualquer terra da província onde passasse tranqüila e economicamente até que Ernesto, formado, viesse estabelecer-se em Lisboa. Com que orgulho recolheria então os juros dêsse capital amontoado por sua mão com tanto sacrifício!

Viúva aos trinta anos, era aos trinta e cinco nomeada professora de Z., para onde a atraía principalmente a figura venerável do padre Lima, pároco da povoação, havia anos, antigo condiscípulo e provado amigo de seu pai. Demais, o padre Lima era a única pessoa que apoiava incondicionalmente a sua resolução. Se, em alguma carta, introduzia passagens como esta: «Vai encontrar muito espinhosa a sua missão, minha senhora. Nem sempre o povo dos campos é simples, confiante e bom como o têm pintado romancistas. Também entre os trigais se oculta a malícia que sabe rastejar. Em frente dêstes ignorantes de tudo, nós, que de tudo sabemos, somos quasi sempre os ludibriados»—também insinuava logo o correctivo: «Mas Deus concedeu-lhe uma grande energia, e bem é que V. Ex.<sup>a</sup> se disponha a usá-la, trazendo luz a estes espíritos tão obscurantados ainda. Esta é muito mais valiosa esmola que a do dinheiro que tantas vezes anima ao vício.»

D. Cristina lia e relia estas cartas com o fervor com que sinceros devotos repetem a mesma oração, avigorando cada vez mais as suas crenças. E lá foi para Z., cheia de esperanças, disposta a heroísmos, acompanhada pela dedicadíssima Maria Inês, velha criada que a servia desde solteira. Ernesto ficava em Coimbra, entregue a uma família de confiança, para cursar preparatórios e entrar depois na Universidade.

De todo êste programa, o grande espinho que a tudo sobrelevava era a separação de Ernesto. Submeteu-se-lhe por inevitável. Mas a ambicionada ventura de o ter consigo durante as férias era insufficiente lenitivo à enorme saúde de muitos mêses.

Fôra nestas condições que a intimidade da família do Outeiro se tornara para a alanceada senhora uma compensação dulcificante e bôa.

As atenções respeitosas do João e da mulher, as graças angélicas da pequenina Maria, a comunicativa alegria do Joaquito, sobretudo a delicada ternura de Matilde, como que lhe criaram uma nova família. Cobrava ânimo no trato daquela bôa gente. Interessava-se por êsse espectáculo, novo para ela, da felicidade serena e humilde sem ambições torturantes. E, à medida que os anos deslizavam e com êles tinham nascido e crescido tristes apreensões àcerca de Ernesto, primeiro vagas, logo após definidas, mas precioso fôra para a inquietação crescente daquele espirito êsse convívio de onde só podiam derivar idéas de paz e de amôr.

Ernesto era no moral e no físico um mixto muito complexo, incarnando o mais característico tipo peninsular.

Gentil, acentuadamente moreno, de olhos escuros, bigode fino e geitoso, cabelo preto ondeado, certo ar de graça comum aos que se sabem dotados pela natureza, o filho de D. Cristina era um galã modêlo, em estilo de alta comédia. A fala pronta, fluente, o riso aberto e espontâneo, jocosidade natural inspirada numa malícia muito acerada, nunca malevolente, tornavam-no de pronto em qualquer sociedade um companheiro bemvindo e festejado.

Pouco aplicado ao estudo, tinha inteligência que lhe permitia quási sempre passar os exames com pequeno conhecimento da matéria. Fizera assim rapidamente os preparatórios.

Ao entrar, porém, na Universidade, perdera um ano, e, após êste, outro ano.

Era a crise tão temida, que alfim se declarava em tôda a sua fôrça. Começou para D. Cristina um período de íntima tortura apenas suavizada por Matilde, a quem se habituou cêdo a comunicar as suas pesadas apreensões. Desoprime-se o coração que pôde expandir-se, confiante, encontrando simpatia e conhecida benevolência em quem o escuta.

Pouco sabia em verdade a ingénua Matilde como desculpar aos olhos experientes da mãe as verduras do nóvel estudante. Mas fazia-o, de instinto, chegando a inventar pretextos tão naturais, que D. Cristina se rendia a êles sem mesmo dar por isso. E, posto que muitas vezes manifestasse impaciência de se vêr contrariada, sentia-se cada dia mais prêsa à gentil rapariga.

Houve um período da vida de Ernesto em que D. Cristina o julgou completamente perdido. Era a grande crise de um temperamento inflamável, deslumbrado por exageros de liberdade, num meio inteiramente apropriado à floração de

tantos elementos deletérios, contra os quais não tinha força nem resolução para lutar.

Foi então que as mezadas deixaram de bastar; que se succederam sem tréguas os pedidos de dinheiro e logo a venda das últimas jóias que D. Cristina ainda conservava de sua mãe. O irrequieto estudante, a pretexto de estudos extraordinários que tinha de fazer para recuperar tempo perdido, demonstrava a inconveniência de passar as férias em Z., onde lhe faltava sempre — dizia — um ou outro explicador de cujo auxilio lhe adviriam beneficios certos em Coimbra.

Era então D. Cristina que passava naquela cidade o pouco tempo que tinha feriado no seu laborioso mister. Mais conflagrado lhe vinha, porém, à volta, o coração. Perto, via mais negro o abismo cuja profundidade ainda talvez exagerava.

Ernesto tinha em si elementos de grande valia. Assim a força de vontade e os bons instintos predominassêem naquele temperamento volúvel!

Serviu-lhe a intelligência para ir vencendo exames a despeito da irregular applicação. Passou-os sem favor, até que veio a formar-se aos vinte e seis anos.

Naturalmente propenso para a generosidade e para a justiça, derivou daqui o pensamento que cêdo começou a preocupá-lo de procurar com a carta de curso e as suas valedoras aptidões, um bom emprêgo que oferecesse a sua mãe compensação de tão largos sacrificios. Molestava já os seus brios vêr a bôa senhora no seu exercício da modesta e laboriosa profissão que adoptara. Comunicando-lhe estas impressões, o arrebatado moço não era senão muito sincero. Mas D. Cristina conhecia de sobra a volubilidade daquela organização ainda mal equilibrada, e por isso, no próprio plano do estabelecimento de Ernesto em Lisboa — ambição fervorosamente acalentada durante tantos anos — mais confiava nas suas instâncias junto de antigos amigos na capital do que em esforços decisivos daquele a quem o facto mais proximamente devia interessar.

Supunha D. Cristina que o filho propendia antes para fixar residência em Coimbra, onde suspeitava que lhe ficara alguma ligação inconveniente.

Advogava pois sempre com calor o primitivo programa que pautara, e que favorecia não só com a palavra senão com todos os manejos que tinha ao seu alcance.

Faltava, porém, ainda a D. Cristina a triste experiência de um novo género de provações. O que julgava facilissimo logo que Ernesto pudesse apresentar-se com a carta de curso na mão, tinha óbices que a cada passo nasciam e se multiplicavam. Ia agora iniciar uma série de anelos e decepções successivas que se protrairiam talvez por anos.

Não o julgava ela assim, quando, concluída a formatura, foi com o filho a Lisboa para apresentá-lo a diversas pessoas influentes, antigas relações de sua família, e de quem esperava segura protecção. Com os dotes naturais que afluíam em Ernesto era-lhe fácil cativar simpatias. Mas estavam na opposição os amigos políticos de seu pai. Falava-se apenas vagamente em que o govêrno apresentaria a sua demissão se não lograsse aplacar violentos tumultos populares originados na execução de uma lei de sua iniciativa, recentemente votada. Mas tudo é mirabolante nas altas regiões da política como nas comoções da plebe, ainda as mais sinceras e justificadas.

Os mais confiantes no talento do moço pretendente aconselhavam que viesse advogar para Lisboa, onde poderia rapidamente fazer fortuna, com a vantagem simultânea de engranear relações de futura utilidade. Mas contra isto tinha D. Cristina uma forte objecção. Os proventos de Ernesto como advogado seriam por muito tempo hipotéticos, e a activa senhora, a quem os desvios de Ernesto haviam levado à venda de todos os seus papeis de crédito, não podia sofrer que fôsse iniciado um período de débito e dependências, difficilmente remíveis, agora que o pior e mais custoso parecia estar passado sem nenhum facto que publicamente fizesse còrar a mãe e o filho.

Conformou-se pois e deliberou que Ernesto esperasse em Z. o seu advento ao logar apetecido. Nesta quadra de repouso retemperaria fôrças com que depois fôsse encetar a sua vida de homem público.

Um ano antes semelhante programa mereceria a maior execração de Ernesto. O meio que já era apenas suportavel para D. Cristina, devia ser para êle a mais insofrível condenação.

Agora, porém, submeteu-se sem custo. Era correspondente de dois jornais, um de Lisboa, outro de Coimbra, colaborando alternadamente na secção política e literária de cada um.

Isto dava-lhe occupação desenfastiada para a manhã. A política começava a figurar como paixão absorvente no seu espirito, herança que poderia dizer-se advinha do pai, de quem aliás mal se lembrava. Não sentia, em verdade, a menor espécie de entusiasmo por nenhum partido militante. O lema dêsses partidos figurava-se-lhe ambiguo e problemático e lastimava até de antemão que alguma vez fôsse forçado, por conveniências superiores, a prestar a alguns dêles um preito mais calculista que sincero.

Isento de compromissos de campanário, aproveitava com afan o momento de ter espirito. E realmente tratava tôdas as questões com um vigor e uma agudeza que lhe garantiam

para breve fóros de primeira ordem no jornalismo de combate. E' fugaz na vida do homem cultivado êsse período em que tudo o que êle escreve é ditado pela voz da consciência, intemeratamente. Sabia-o Ernesto e por isso, da situação transitória e excepcional em que se encontrava, procurava tirar o maior partido.

A vê-lo assim, passando socegradamente as manhãs à mesa do trabalho, D. Cristina que, de si para consigo, julgara nunca poder conter o filho em Z. mais que poucos dias, agradecia a Deus tão rápido alvorecer de uma regeneração que ia ser tôda a felicidade da sua velhice.

Desvanecida, D. Cristina tinha então expansões de grande simplicidade com a velha serviçal, a fiel Maria Inês, companheira de mais de trinta anos.

— «Algumas pessoas» — dizia, jubilosa — «foram felizes nos primeiros anos da vida. Eu fui desgraçada na mocidade, porque perdi muito cedo pais e marido que me adoravam... Mas era impossível que não fôsse compensada de tantos sofrimentos... Se a felicidade me estivesse guardada para a velhice!...

A velha criada, talvez eivada do pessimismo intolerante que ataca os que andam à volta dos setenta, não rejubilava naquelas alegrias. Limitava-se a dizer, encolhendo os ombros «Deus o permita!»

D. Cristina, sorrindo da má fé da anciã, mais e mais sentia avigorar-se a esperança da rápida e cabal execução do seu ambicionado programa, longamente concebido.

Ernesto era muito volúvel para ser disposto ao matrimónio.

Havia de sentir completa a sua existência logo que entrasse na vida pública e tivesse uma casa confortável governada pela mãe zelosa em adivinhar-lhe os pensamentos.

Seria ilusão? Mas era ilusão em que facilmente caem as mãis, mesmo inteligentes como o era D. Cristina.

Quem não comungava incondicionalmente nas mesmas idéas era a velha Maria Inês, que sempre resmungava o que quer que era quando, depois do jantar, Ernesto saía para o lado do Outeiro, de livro debaixo do braço.

Efectivamente, por lá passava as tardes. Era o filho de D. Cristina; tanto bastava para que o João do Outeiro e a mulher o recebessem de braços abertos. E não era Ernesto pessoa cuja companhia pudesse facilmente ser substituída. Percebendo o gôsto de quem o cercava, naturalmente, sem o menor esforço, sabia bem pôr-se de par com êle.

A Purificação ria a bandeiras despregadas com o que êle dizia e com as partidas que fazia para divertir os pequenos. O João do Outeiro, simples carácter de camponês honrado, dera tôda a sua simpatia à lhaneza com que o moço estu-

dante se apresentava, ao invés de D. Cristina que, na direitura da espinha, não deixava de revelar uma crónica preocupação no respeitante a hierarquias sociais. Aquelle *à vontade* de Ernesto era para o João do Outeiro uma grande qualidade. Havia uma pessoa que tácitamente o acompanhava neste sentimento: era Matilde. Também para ella a despreensão de Ernesto, a par de tantas circunstâncias de que elle poderia desvanecer-se, constituíam testemunho de superioridade verdadeira e incontestavel.

Eram alegres, sinceramente alegres e sem inquietação de nenhuma espécie, essas tardes de verão passadas no eirado em frente da casa do Outeiro, enquanto Matilde e a mãe costuravam, os pequenos riam à volta do pai, e Ernesto contava anedotas de Coimbra, pondo em constante hilariedade o auditorio, ou tocava guitarra, em que nas margens do Mondego se fizera exímio. Com tudo isto não admira que o filho de D. Cristina fôsse já indispensável no Outeiro. Tarde em que elle se demorasse choviam recriminações, sobretudo dos pequenos.

D. Cristina cada vez exultava mais com a pacatez de Ernesto. Dava intimamente graças a Deus daquela transformação.

Quem — era evidente — andava menos satisfeita era a velha Maria Inês. Um dia que Ernesto saíra logo em seguida ao jantar, tendo previamente descido ao quintal a colher uma rosa mal aberta, a descontente serviçal elevou a voz um pouco mais do que costumava falando para si. D. Cristina ouviu-lhe distintamente:

— «Sempre estou para ver onde isto irá parar!»

Agastada pela má vontade que Maria Inês, sem nenhum fundamento, agora mostrava a Ernesto que fôra em tempo o seu *menino bonito*, D. Cristina fez à criada qualquer observação indicadora do seu desgosto de mãe ofendida.

A Maria Inês, susceptível como quem tem consciência de velhos serviços prestados, respondeu altaneira:

— «Pois sim! A senhora também parece que está cega... Cuida que elle anda por bom lá metido no Outeiro?!... Era preciso que nós o não conhecessemos!»

D. Cristina caiu das nuvens: — «Que diz você, mulher? Endoideceu... Talvez queira dizer que meu filho ia pôr os olhos na... na Matilde?! — e cravava na velha olhares anciosos.

— «Pregunte-o a senhora aí no povo... verá as cousas que já correm.»

— «Mas que absurdo, mulher!... que disparate!» — e sentia-se que até a voz tremia em D. Cristina. — «O meu filho requestar uma camponesa!»

A Maria Inês já não estava em transes de meias palavras. — «Camponesa!» — diz a senhora — «E em êles sendo da casta do nosso, que bem querem saber disso!... E' mas é a mais guapa môça da vila... é o que a gente há de pensar... Cá por mim... já lhe digo... ainda nunca vi rapariga... Nem parece daqui...»

Caía em si de choque D. Cristina, surpreendida de não ter pensado mais cedo que Ernesto pudesse enamorar-se da filha do João do Outeiro. E êsse cair em si era cair no mais temeroso dos abismos.

De um relance viu tudo. Mil ideas torturantes se entrecho-cavam agora no seu espírito. Da parte dessa família rústica, que recebera Ernesto com tantas manifestações de confiança e simpatia, teria talvez havido um baixo calculo interesseiro, onde estariam em risco de sossobrar as suas ilimitadas ambições de mãe, sequiosa da glória e exaltação do filho... E se Ernesto — por capricho, que o não podia conceber de outro modo — tivesse cometido a leviandade de fazer a côrte a Matilde — seria possível que a ingénua rapariga deixasse de ceder ao influxo sedutor de um primeiro romance, tanto mais perigoso quanto o espírito dessa filha de camponeses era muito cultivado para se deixar prender pelas pessoas da sua classe? Não seria mesmo só esta circunstância que fizera com que Matilde passasse os vinte anos sem que as alviça-reiras da terra lhe houvessem descoberto um namorado?

Tudo isso avultava agora em proporções medonhas no espírito de D. Cristina. Lágrimas que se haviam estancado nos últimos mezes voltaram amargas e abundantes, entrevista a perda quiçá irreparavel do ambicionado socego.

Tão atormentada a viu a pobre Maria Inês, que era já ela a lembrar a próxima mudança para Lisboa, remediando êsse golpe de estado todo o mal que pudesse estar iminente.

Nessa tarde não havia termo ao colloquio entre a senhora e a criada. Ambas acordaram num ponto capital — necessidade de separação immediata logo que se averiguasse terem fundamento as apreensões de Maria Inês. Nesta porém predominava o sentimento de ternura por Matilde, ao passo que em D. Cristina eram impressões bem diversas que determinavam principalmente a crise angustiosa de que se sentia prêsa.

VIII

Custasse o que custasse, D. Cristina resolveu provocar uma explicação com o filho.

Foi assim que, no dia seguinte, quando Ernesto, tomando-lhe a benção depois de jantar, segundo o antigo uso português, se dispunha a saír, ella perguntou, fitando-o: «Para onde é a ida?... Tão apressado!»

Ernesto estranhou a pergunta. Tendo vacilado um instante, tirando com affectada naturalidade a cigarreira do bôlso:

— «Vou até ao Outeiro... depois de dar uma volta qualquer.»

D. Cristina còrrou levemente. Depois, com visível esforço: «Demora-te uns minutos, Ernesto... Quero falar-te... Ainda te não lembrou que a tua assiduidade no Outeiro pode ter inconvenientes?»

Ernesto perturbou-se. Não olhava para D. Cristina quando retorquiu: «Francamente... nunca pensei nisso.»

— «Pois confessa que tens sido leviano... Naquella casa há uma rapariga cuja reputação não deve servir de brinco aos que ali são recebidos com amizade e confiança.»

— «Mas quem disse à minha mãe que eu tenho abusado dessa confiança?! — Aqui não era senão muito sincera a intimativa de Ernesto.

— «Ninguém mo disse, nem eu te julgaria um momento capaz de semelhante infâmia... Mas sabes tão bem como eu o que são vozes do povo... E consta-me que já por aí se murmura da tua assiduidade no Outeiro... Sou muito amiga da Matilde, de mais a mais... E' uma excelente rapariga, bem capaz de fazer a felicidade de qualquer lavrador que a saiba apreciar... Deus me livre de pensar que lhe seria prejudicado o futuro com uma leviandade tua... São cousas muito sérias, meu filho, em que um homem de bem não pode deixar de pensar maduramente...»

— «Mas, minha mãe... se falám, dão publicidade a mentiras de cujo curso eu não sou responsável... Asseguro-lhe que nunca disse à Matilde uma única palavra que pudesse ter visos de uma declaração...»

D. Cristina encarou no filho com incredulidade:

— «Dás a tua palavra?»

— «Dou a minha palavra.»

Do tom em que foram pronunciadas estas palavras não era possível alguém duvidar. Muito menos D. Cristina.

— «Pois admitamos que da tua parte não tenha havido a

menor intenção. Nem por isso deixa de haver fortíssima razão para que te afastes... E' preciso que sem demora, tapemos a bôca aos murmuradores... E, depois... supõe também que essa rapariga se te afeiçoava... Não pensas que enorme calamidade isso seria para ela?»

Ernesto sorriu, como se inteiramente não perfilhasse aquela opinião.

— «Não rias, Ernesto» — corrigiu D. Cristina, severamente. — «São casos de consciência, que, mal olhados, preparam muitas vezes negros remorsos para o futuro... para a vida inteira... Não queiras tê-los... Olha que te aconselha quem mira principalmente ao teu bem.»

Aprazia a Ernesto não tratar o assunto com a gravidade quasi fúnebre que transparecia das palavras de D. Cristina. Por isso continuou gracejando, como quem não pudesse tomar o caso a sério: «Lá a minha mãe quer levar-me a confessar que é uma desgraça para alguém o afeiçoar-se-me, há de convir em que é querer levar muito longe o ardor das suas opiniões... Olhem o conceito em que me tem!... Já não posso estranhar que os de fóra se armem contra mim até aos dentes...»

— «Queres levar o caso de brincadeira e fazes mal...»

— «Pois se êle é tão original!... Olhe, é cousa em que lá no Outeiro ninguém decerto pensou...»

D. Cristina sorriu de um sorriso sardónico que incomodou Ernesto. Todavia, desejoso de terminar o diálogo, não pediu explicações.

— «Supões» — tornava ela daí a pouco — «que lá ninguém ainda pensou em tal. . . Gosto de imaginar que te não enganas... Mais uma razão para não abusares da ingénua confiança daquela boa gente, a quem temos tratado de igual para igual, quasi como pessoas da mesma classe...»

Era evidente que Ernesto se torcia ao entrar em semelhantes pormenores.

— «São bem mais felizes do que nós» — reflectiu, como para si — «Têm meios que vão muito além das suas modestas ambições...»

— «Isso é que tu não sabes» — tornou-lhe sentenciosa a mãe. — «Há também nesta gente do povo... ambições de muita espécie... O caso está muitas vezes em que apareça algum simples que se deixe explorar.»

Ernesto levantou a cabeça estupefacto. Mais o ficou vendo o olhar de D. Cristina incendiado por desusado fulgor.

— «Não compreendo» — disse secamente.

Mas D. Cristina resolvera já prudentemente mudar de rumo.

— «Não nos afastemos do assunto» — disse, com affectada

bonhomia. — «O que mais me importa é que não pratiques nenhum acto que envergonhe as cinzas de teu pai.»

— «Creio que minha mãe ainda me não viu encetar êsse caminho...»

— «E Deus me livre de tal!... Tens hoje vinte e sete anos feitos... Nesta idade reflecte-se e segue-se já em tudo o conselho da razão.»

— «Mas então o que quer a minha mãe que eu faça?» — Havia no tom desta pergunta uma intenção conciliadora que não escapou a D. Cristina.

Também a voz dela perdera todo o azedume quando respondeu: — «Que diminuas, tanto quanto possível, procurando não dar lugar a reparos, as tuas visitas ao Outeiro.»

— «Isso é fácil de dizer... Mas é que a vida aqui... sem aquela distracção, ao menos... torna-se de uma insipidez!...»

— «Os homens são terrivelmente egoistas» — reflectiu ao cabo de poucos momentos D. Cristina, abanando a cabeça com melancolia. — «Dás de barato a reputação de uma rapariga, por quem, se o ensejo se oferecer, és capaz de jurar que tens uma grande estima... Como vocês, os homens, entendem estas cousas!»

Ernesto abaixou a cabeça. Evidentemente, não deixavam de comovê-lo as palavras de D. Cristina. De mais, no seu temperamento era inata uma vivacidade que lhe trazia sempre a resolução pronta, aparentemente fácil. O joven advogado era dêstes caracteres que repelem orgulhosamente tôda a indecisão, e em cujo espirito a intensíssima luta de um momento produz para logo uma deliberação conducente.

— «Pois bem!» — disse com energia, preparando-se para sair. — «Serei cauteloso e reservado daqui em diante... Bem vê, minha mãe... é o mais que posso prometer-lhe.»

D. Cristina olhou para o filho com desconfiança, meneando a cabeça. Depois, segurando a mão que êle lhe estendia em guisa de despedida, perguntou como a mêdo: «E então agora para onde é o teu passeio?»

Ernesto encolheu os ombros num pequeno gesto de impaciência. — «Vou até à alameda fazer um bocado de exercício, e depois meto-me na botica do Matias a ouvir o Chico das Cruzes dizer baboseiras, que é o melhor que me espera daqui em diante nestas intermináveis tardes de verão.»

— «Tudo isto acaba logo que formos para Lisboa... E tenho fé em Deus que não tardará muito» — concluiu D. Cristina quando o filho ia já a sair.

Era notório o mau humor de Ernesto nos primeiros dias que sucederam a êste diálogo, circunstância donde D. Cristina tirava ilações favoráveis aos seus anelos. Era certo que

Ernesto não voltára ao Outeiro. Uma tarde a mãe fôra até, pouco depois de jantar, encontrá-lo deitado na cama, dormindo. Acordou-o. Inquieta rogou-lhe encarecidamente que não adquirisse o hábito perigoso de dormir durante a digestão.

Ele, espreguiçando-se enfastiadamente, respondeu com despeito: «Mas o que quer a minha mãe que eu faça?... Que volte a aceitar a corte da filha do boticário como noutra tempo?... Não posso. E' tola de mais e tem uma imensidade de erros de ortografia... Antes uma congestão aqui Demais a mais ela agora anda a ver se apanha o Chico das Cruzes... O Matias supponho que está com os olhos no morgado e não quer saber do resto... Santa gente!...»

D. Cristina encolhia os ombros não achando fácil resposta. E cada vez mais anelava pela mudança para Lisboa.

Chegou um domingo em que D. Cristina deixou de ir à missa. Ernesto assistiu ao officio divino, da porta da sacristia donde mais interessado contemplava o vulto airoso de Matilde que as práticas rituais do padre Lima. Finda a cerimónia, Ernesto saiu para o adro. Não tardou a aparecer à família do Outeiro. Ele abaixou logo a cabeça como réu que se acurva ao pêso de acusações iminentes.

Foi a Purificação a primeira a atacá-lo.

— «Então, seu fugitivo, não me dirá por onde tem andado?... Sabe que há cinco dias que nos não aparece!... Está um bom ingrato, sim senhores!... Parece que alguém lá em casa lhe faz mal!...»

— «Mal, senhora Purificação!... Pelo amor de Deus!... Não me têm feito senão favores... Eu é que não os quero maçar...»

— «Não querem ver a lembrança!... Valha-o Nossa Senhora!... Agora maçar!... Sempre tem cada uma!... Donde lhe veiu agora essa cisma?»

Ernesto estava um pouco indeciso sobre o que dissesse.

— «Deixe, mãe» — interveiu a Matilde, com certo ar molestando. — «O sr. Ernesto que lá não vai é que já está aborrecido da nossa companhia.»

— «Aborrecido, eu!» — Havia tanta sinceridade na exclamação que não era possível duvidar dela. — «Imaginam lá a falta que me fazem aquelas nossas tardes!»

— «Pois se lhe fazem falta, porque não aparece?» — indagou com bonhómia o João do Outeiro. — «Olha a exquisitece!»

— «Já expliquei... Tenho medo de ser importuno... de os maçar...»

— «Ora sr. Ernesto» — acudiu a Purificação. — «Até nem sei o que me parece estar a dizer isso... Bem sabe que nos tem feito falta... Olha a cisma!»

— «Devéras!» — E Ernesto, ao passo que fazia a pergunta olhava mais particularmente para Matilde.

— «E' ássim mesmo.» — confirmou esta com um sorriso melancólico.

Ernesto não poude conter uma expansão de alegria : «Pois está dito... Vou lá uma destas tardes.»

— «Quando?» — apressou-se a perguntar o Joanito que de perto dava o maior sentido ao que se passava.

— «Um dia destes... talvez amanhã.»

— «Hoje» — suplicou a pequena Maria, tomando-lhe uma das mãos a reforçar o pedido. — «Vá antes hoje, sr. Ernesto... Vá, que é domingo.»

Ernesto olhou para a criança com ternura. Dando-lhe um beijo na testa, disse um tanto agitado : — «Pois sim, minha flôr. Então até logo.»

E despediu-se da família do Outeiro para ir cumprimentar o padre Lima. O olhar de despedida que então trocou com Matilde pareceu ao enamorado moço muito mais significativo do que todos os precedentes em que ostensivamente nunca houvera mais que o cambiar de singelas impressões ocorridas na convivência mais fraternal.

Naquele dia Ernesto elogiou de princípio a fim o jantar preparado pela velha Maria Inês, como se, tendo em vista conquistá-la pelo seu lado vulnerável — pruridos de autoridade consumada em assuntos culinários, — tivesse julgado exactamente oportuno aquele panegírico. Mas a verdade era que nem pensava em tal.

Satisfeito consigo, estava-o também com os outros. E era sincero demais para que pensasse muito em ocultar por qualquer conveniência o estado íntimo do seu espírito.

Na mesma alegre disposição correram muitos dias.

Reacendera-se a inquietação de D. Cristina. Renovando pedidos para Lisboa procurava, agora sem prevenir Ernesto, averiguar até onde eram fundadas as suas apreensões.

Proporcionou-lhe ocasião favorável a festa dos anos de Matilde.

Era costume D. Cristina e o filho jantarem no Outeiro naquele dia.

## IX

A Matilde festejava os seus vinte e dois anos — vinte e dois que mais pareciam dezoito — com um vestido novo de chita, em chão branco, matizado de pequenos ramos muito vivos. A trança alourada, enroscada sôbre a nuca, mal se domava aos ganchos que pretendiam prendê-la. Ao lado, sôbre o pescoço, brincava com os cabelos mais curtos, anelados, um feixe de flôres brancas silvestres. E tudo ia bem àquele estranho semblante, quer em momentos de despreocupada alegria, quer nos dias de indefinível tristeza em que ela sentia o coração oprimido por vaga melancolia que nem a si própria saberia explicar.

Mas êste dia dos seus vinte e dois anos devia ser todo consagrado a festejos; lindo dia em princípios de junho, cheio de sol sem calma, temperado pela brisa tépida que soprava da serra.

A risonha vivacidade com que ela ajudava a mãe a compôr a mesa, que uma profusão de flores campestres alindava, fazia bem supôr que nenhum cuidado lhe pesava no espírito.

A's duas horas a mesa, posta com as melhores roupas e louças da Purificação na antiga casa de fora, agora sala de jantar, esperava, convidativa, os comensais.

Havia muito que da espaçosa quadra, onde pela primeira vez encontrámos reunida a família do Outeiro, desaparecera a lareira.

Um tabique sàbiamente levantado por mestre Bugalho, decano dos marceneiros da terra, encobria completamente a cozinha onde, a ocultas de todo o olhar profano, a Custódia, sob tutela da Purificação, preparava com grande mestria saborosíssimos pratos, portugueses de lei.

Nada tão levado a extremos como a modestia desta Custódia. Dia em que houvesse gente de fora a jantar, dia de tormento. Tudo lhe parecia insípido e mal temperado. Uma verdadeira ralação!

E então com o serviço da mesa! Não sabia nada daquilo — dizia — e por fôrça que havia de fazer desconchavo.

Com D. Cristina e Ernesto é que tinha o maior acanhamento. Era gente de Lisboa — ruminava — lá habituados a outras delicadezas.

Procurava socegá-la a Purificação. — Que cada um fazia o seu serviço conforme sabia, que D. Cristina até já tinha elogiado muito o seu préstimo.

Mas a Custódia era dura de convencer.

— «Deixe lá, senhora... Isso diz ela... Mas cá para mim é mesmo uma consumição! Ora prove-me a senhora êste guizado... A modo que lhe acho um gôsto...»

A Purificação provara pela sexta vez o guizado: «Não lhe acho gôsto nenhum mau, mulher... Ao que sabe mais é à noz moscada, que até lhe dá graça.»

— «E o assado?... Veja a senhora o assado... O forno também é para onde lhe dá... Está mesmo mortinho de todo...»

— «Não há tal, criatura» — contradizia a patroa, espetando com ares entendidos o cheiroso naco de lombo, que acabava de côrar, regado por bom vinho branco. «O forno está na conta... Daqui até que se jante e se chegue ao assado... com conversa e tudo...»

— «Também é o que vale.»

Estavam nisto, quando assomou à janela da cozinha, do lado de fora, a fisionomia franca e prazenteira do padre Lima.

— «Ora viva!... Então o jantar, pelo que vejo, é complicado?»

Abriu-se de todo o semblante da Purificação, indo à janela cumprimentar o pároco, conviva certo no Outeiro em dias de festa.

— «Qual complicado!... Deixe lá!... E' tudo com a maior franqueza... As atrapalhações são tôdas cá da minha rapariga...»

— «Pois não tem razão... A Inácia, que é autoridade em questões de cozinha, acha-lhe muito bom paladar... E por cá como vão todos?»

— «De saúde, graças a Nosso Senhor... Tirante a Matilde, já se sabe, que essa lá... tem sempre aquelas tristezas!... Mas ela não se queixa...»

— «Tristezas de rapariga!» exclamou, sorrindo o padre — «Tristezas! as nossas, sr.<sup>a</sup> Purificação!»

— «Mas sempre a gente se lembra que pode vir uma doença... Cá o meu João, êsse só de ouvir os filhos espirrarem já anda aflito.» — Depois a Purificação mudou de tom — «Diga-me uma cousa, senhor prior; e o senhor doutor, não lhe tem escrito?»

— «Nada. Estou zangado com êle... Nem o Joaquim...»

Interrompeu o diálogo a chegada de D. Cristina e do filho. Foram recebidos à porta prazenteiramente por tôda a família do Outeiro.

D. Cristina trazia à Matilde uma fina mantilha de renda. Quiz ela mesma mostrar-lhe a maneira de a pôr.

Contemplando depois êsses olhos aveludados a que a côr preta da mantilha dava particular realce, não pôde reprimir

uma expansão de ternura muito sincera. Comovida, beijou maternalmente a fronte da gentil rapariga.

Só então pensou em Ernesto. Apressou-se D. Cristina em desfazer o encanto, retirando prontamente a mantilha dos ombros de Matilde.

Todos, num movimento espontâneo, haviam declarado que o delicado adereço ficava a matar à heroína da festa.

Ernesto gostou de manifestar opinião independente. «Fica-lhe bem, mas gosto mais de a ver sem mantilha. A mantilha dá sempre ares espanholados que não condizem com a expressão da sua fisionomia... Fica melhor em cabelo... De mais a mais quem tem um cabelo dêsses não deve escondê-lo.»

A Matilde còrou intensamente, ao passo que D. Cristina procurava debalde fitar o filho.

Entretanto Ernesto apoderara-se da atenção patenteando o presente que trazia a Matilde. Acompanharam êste acto os gritos dos pequenos, seguidos de frenéticas palmas, aplauso espontâneo ao pensamento e à fiel execução dêle. De uma moldura de madeira clara, sobresaía, artisticamente desenhada por Ernesto, a carvão, a boa figura atraente do nosso conhecido Pé-leve, grandes orelhas pendentes, olhar amigo, ondulações de lombo elegante e felpudo. Foi uma agradável surpresa para todos, sobretudo para Matilde. E' muito de presumir que também o autor do quadro se sentiu largamente compensado com o olhar reconhecido com que elle disse muito mais do que simples palavras banais poderiam dizer.

Esgotara-se ainda mal o incidente quando a Custódia appareceu empunhando a terrina.

A Purificação apressou-se a indicar a cada um o seu lugar à mesa : D. Cristina numa das cabeceiras, defronte do prior ; de um dos lados Ernesto, o João do Outeiro e o Joanito ; do outro a Purificação, Matilde e a pequena Maria.

Correu animado o jantar ; dessa animação franca, de gente simples, que pode divertir-se sem usar malícias, nem abocanhar reputações. Só D. Cristina tinha de avocar a si tôda a sua ciência de bem viver para mostrar-se serena e bem disposta encobrando a íntima anciedade que a mortificava.

Agora não era uma suposição inquietadora ; era uma certeza torturante. Claramente, hoje, Ernesto fazia a còrte à filha do João do Outeiro e — observação que mais a sobresaltava ainda — Matilde, que fôra sempre natural com Ernesto, perturbava-se agora frequentemente baixando os olhos quando êle a fixava, o que se dava repetidas vezes.

A' sobremesa, fizeram-se os brindes que as circunstâncias pediam. D. Cristina, com certa exaltação muito notória, pediu

que se brindasse pela rápida colocação de Ernesto em Lisboa e pelo seu brilhante futuro. Todos aplaudiram francamente, menos Ernesto e Matilde, facto que não escapou à observação perspicaz de D. Cristina.

Matilde pediu que se bebesse à saúde do Quim.

Co incidência graciosa!

No mesmo momento chegava à porta o carteiro a quem João do Outeiro fez beber um copo de vinho em honra da filha. Esta havia-se levantado e apressadamente lançou mão da carta que o homem apresentava estendida.

— «E mais isto» — disse o homem. E entregou-lhe uma pequena caixa de cartão.

— «E' dêle» — exclamou a Matilde, apenas viu a letra do sobrescrito.

— «Dão licença?» — E voltando à mesa, sem esperar resposta rasgou nervosamente o sobrescrito.

— «Lê de alto» — disse com vivo interesse a Purificação.

A Matilde teve um breve momento de indecisão. Depois, vendo todos suspensos, leu:

«Pôrto, 7 de junho.

Querida Matilde.

E' amanhã o dia dos teus anos. Não preciso dizer-te quanto estimaria passá-lo no Outeiro.

Mando-te umas rosas do nosso jardim. São raras agora. Só por serem para ti o padrinho consentiu em que as colhesse. Isto é um recado que êle me pede para te mandar juntamente com os seus parabens.

Dou-te uma novidade *de sensação*. Espero que pouco falte para ver enfim realizados os meus desejos de tanto tempo.

O lugar de professor em Z. vai ser definitivamente provido. Não tenho dúvida de que êsse lugar me seja dado logo que o requeira.

O padrinho está de todo mal comigo. Não imaginas os esforços que tem continuado a empregar para me dissuadir da carreira do magistério.

Reconheço que tem razão e aflijo-me desta aparente ingratidão da minha parte. Mas não posso ser superior à grande repulsão que me inspira a vida dos grandes centros. Nasci fatalmente para ser *pequeno*.

O que me interessa é ir encontrar todos com saúde depois desta longuíssima ausência. Seis anos! Chega a parecer-me um mau sonho; mas exactamente, sonhando, acontece-me muitas vezes imaginar que estou aí.

Saudades a todos. Quando tiver regulado os meus negó-

cios apareço um dia inesperadamente. Um abraço ao nosso bom padre Lima. O padrinho escreve-lhe um dia dêstes.

Dá notícias ao

teu do coração.

Quim.»

— «Uma flôr, êste rapaz!» — reflectiu o padre, enxugando furtivamente uma lágrima.

— «E' uma joia» — obtemperou a Purificação, levando francamente o lenço aos olhos.

A Matilde soltava agora de uma camada de verdura as três rosas cujo perfume se espalhava por sôbre a mesa, em quanto a pequena Maria soletrava para si, com a testa um pouco franzida pelo esfôrço, a carta cuja leitura acabava de ouvir.

Eram diferentes na côr as três rosas: branco, amarelo e escarlate. Tôdas correndo parelhas em mimo e frescura. Separavam-nas pequenos ramos de *forget-me-not*, flôr predilecta de Matilde.

No melindre com que ela as dispoz em água antes de apresentá-las aos olhos dos convivas havia um cuidado muito terno que não deixou de parecer exagerado a Ernesto.

— «São lindas, não é verdade?» — disse Matilde com entusiasmo, procurando à sua jarra um lugar de honra sôbre a mesa.

— «São vulgaríssimas no Pôrto» — reflectiu Ernesto. — «Chega-se quasi a não fazer caso delas, tantas são.»

A Matilde olhou para êle surpreendida. Depois, carregando o sobrolho como lhe era vulgar quando apresentava opinião muito sua que pouco lhe importava ver perfilhada por outros, disse secamente: «Só quem tiver mau gôsto deixará de admirar flôres destas?... Cá por mim, digo francamente, sou doida por flôres... O Quim não podia ter melhor lembrança... Não podia haver outro presente de que eu gostasse tanto.»

Ernesto mordía o bigode ao passo que inconscientemente ia deitando fragmentos de palito no copo de água do João do Outeiro.

— «E' questão de raridade» — retorquiu com impertinencia. — «Como aqui são raras as flôres finas, alguma que aparece impressiona.»

— «Não é só isso» — apressou-se a corrigir Matilde, — «O que vale mais ainda é... a intenção de quem as mandou.»

Um copo de vinho entornado, ninguém sabe como, por D. Cristina, fez terminar a discussão pouco agradável para ambas as partes,

Naturalmente falou-se depois muito no futuro professor. Ernesto, que o conhecia apenas de tradição, mostrava-se desinteressado, introduzindo apenas frases incolores, intervaladas por longos silêncios. Mas a sua vaidade era fortemente beliscada quando o padre, passando das qualidades morais às do espírito, dava foros de privilegiado talento a êsse moço que, dotado da mais rara modestia e seguindo, ao que era notório, o conselho de uma vocação irresistível, trocava os mais auspiciosos alvitres pelo espinhoso sacerdócio do magistério.

— «Depois dos preparatórios» — repetia sempre com grande veemência o padre — «bem quiz o padrinho encaminhá-lo logo para se doutorar em Coimbra. Mas quem diz lá que o convencesse!... Que não queria ser um bacharel como tôda a gente — era com o que lhe dava sempre.»

O padre, no seu entusiasmo, nem reparou que fôra pouco delicado para Ernesto, que se ruborizou levemente, e continuou para D. Cristina :

— «E não é que não tenha grande apego às letras. Ter escrito aos 24 anos os dois livros que êle já publicou, e possuir tão vastos conhecimentos gerais, não se consegue sem ter contraído durante anos o hábito de um estudo de ferro... E é preciso também ter uma cabeça, vamos lá!...»

O assunto nas mãos do padre Lima continuaria a ser largamente debatido se os pequenos não comessem a manifestar impaciência pela forçada quietação. E tinham mais que razão os pequenos. Andava por perto de seis horas.

A Purificação lembrou um passeio à horta, na parte posterior da casa. A amenidade do tempo propiciava a diversão, que foi por todos gostosamente aceita, sobretudo por Ernesto. A horta do João do Outeiro tinha sombra de diversas árvores frutíferas e de uma parreira superior a uma fresca alameda que ia terminar num redondo, onde havia o grande tanque em que a Custódia lavava a roupa dos pequenos, e um banco de pedra onde a Matilde passava parte dos seus dias, lendo ou costurando. Aí se entreteve o resto da tarde e parte da noite, que viera esplêndida, com o luar mais límpido com que foi dotada esta terra portuguesa tão pouco favorecida de outras riquezas que hoje está em moda serem cantadas pelos poetas com desprêso dos antigos ideais.

Mas nem Ernesto nem Matilde pensaram em vestir uma couraça bastante moderna na tempera, que os preservasse contra o influxo capitoso de uma noite tão maravilhosamente bela. Matilde nem sabia fingir, nem, que o soubesse, pensaria em ocultar uma comoção tão sincera e tão íntima como a que sentia ali, diante da serena e bela magestade da natureza.

Ernesto sabia bem estar entre gente simples, ignorante de ironias e cepticismos, profundamente crente em Deus e na sua onnipotência misericordiosa. Para quê pois *fingir* êle também, em vez de entregar-se dolentemente a êsse encanto que o possuía, embriagando-o com fluídos de uma suavidade indizível!

Percorrendo com os dedos as cordas da guitarra, tocando canções já conhecidas de todos os ouvintes, que agora o escutavam como que presos de uma religiosidade mística, êle mesmo sentia que nunca tocara assim, comunicando ao instrumento uma comoção quási dolorosa, despertada pela presença dessa mulher, diferente de todas as outras que até então conhecera, e que sem consciência aparente do seu grande poder, estava exercendo sôbre êle, que se julgava consumado céptico aos 28 anos, um prestígio completo, inteiramente novo.

Também Matilde cantando, ao som dolente da guitarra dedilhada por Ernesto, trovas populares da sua província estremenha, denunciando na voz dulcíssima o tremor suave e desconhecido que a agitava intimamente, tinha modulações que enterneciam o João do Outeiro mais do que êle julgava consentâneo com a sua dignidade de homem e de pai.

A voz de partida levantada por D. Cristina, que afinal declarou perentôriamente não poder já anuir ás instâncias reiteradas dos pequenos, foi dolorosa para todos. O Joanito de um lado, a pequena Maria do outro, fizeram prometer a D. Cristina que ela e o filho não faltariam às fogueiras e fôgo de artifício da noite de Santo António. Era a maior festa para êles na roda do ano.

A' saída trocaram-se efusivas expressões. Ao despedir-se de Ernesto, Matilde ia soltando uma exclamação, a tempo reprimida. Sentira insinuar-se-lhe na mão um papel muito dobrado. E, alvoroçada, quási sem consciência do que fazia, escondeu-o convulsivamente no bolso do vestido.

## X

Como do nosso conhecido Quim, mocinho analfabeto, pária da sorte, sem orientação de vida e quási sem consciência dela, se fez o homem completo, aos 24 anos conhecido no Pôrto pelo nome de Joaquim Lima, é o que a leitora tem tôda a razão de querer saber. Vou satisfazer-lhe a curiosidade.

Há um muito pequeno número de criaturas que nascem

privilegiadas: flôr do género humano, *élite* nobilíssima, como direi para falar bem à moda. A natureza é quem — pode asseverar-se — fez tudo por elas; pouco a criação ou o meio. Chegam em geral onde devem chegar, obedecendo a uma impulsão nata, superior e invisível. Não se submetem, dominam; não curam de abusar dêsse domínio porque a consciência da própria superioridade as põe a salvo de fúteis ambições.

Era dêsse a criança que no primeiro capítulo dêste livro apresentamos à leitora com o nome de Quim.

Decorreram dez anos; pouco tempo para formar um homem. Mas nesta criança, aparentemente rústica, havia, como de herança ingénita, o germen, latente e pronto a florescer, de todas as qualidades que têm produzido no decurso dos tempos a requintada civilização intelectual. O mesquinho pupilo do Tio Vicente não sabia lêr porque para isso carecia de mestre; mas desenhava, a seu modo, todos os objectos que o impressionavam. Não sabia da existência de Linneu nem de Jussieu, mas conhecia as plantas por ter convivido com elas, analisando por intuição os fenómenos mais interessantes da sua existência. Ptolemeu e Copernico eram criaturas de cuja existência não tinha a menor idéa. Mas sabia em que parte do céu nascia e se punha o sol de verão e de inverno, distinguira por si os sete tons do arco-iris, classificara as núvens a seu modo, observando que cada espécie constituía um prognóstico atmosférico quasi nunca fallvel, e era admirador convencido de muitas constelações, a que a sua imaginação emprestava nomes curiosos, mais próprios muitas vezes que os reconhecidos pela ciência.

E em muitas outras coisas assim.

O que pensara fazer dele o João do Outeiro quando o pequeno, aos quatorze anos, lhe entrara para casa no maior abandono dêste mundo? *Instrut-lo* para cabreiro e mandá-lo substituir Matilde, que a bôa da Purificação teimava em não querer mais feita pastora de cabras como a filha de qualquer João ninguém.

E lá foi o rapaz. Mas levava papel e lápis cuidadosamente metido no cêsto do farnel. A imitar com prodigiosa habilidade as letras que a Matilde lhe traçara em guiza de traslado, nunca mais se lembrava das cabras senão quando o sol caía de todo e tinha de voltar com ellas para casa. De muito mais interesse para êle do que a ceia fumegante que o esperava preparada pela Purificação, era o ir mostrar à mestra, maravilhada do talento do discípulo, os progressos caligráficos daquele dia.

Uma manhã, o padre Lima voltando de uma visita piedosa a certo paroquiano moribundo, passou no campo a horas de sol ardente.

O pequeno ergueu-se logo, saudando respeitosamente o padre, por quem tôda a família do Outeiro tinha a maior vénéração.

— «Que descançasse um pouco, à sombra daquela azinheira, antes de se meter outra vez pela estrada fora com tanto calor. — Que esperasse só um instante, que êle ia mungir-lhe um caneco de leite fresco».

O padre ia cançado. Comovia-o também a cordial amabilidade da criança. Aceitou o convite. Bebeu o leite avidamente até ao último trago.

— «Obrigado, rapaz .. Nem tu imaginas o bem que me soube...»

— «Vinha muito quente» — explicou o Quim imaginando a situação. — «Este mês o sol anda assim... Olhe, senhor prior, também aqui temos uns figos muito frescos. Talvez gostasse ?

— «Não; obrigado... Fiquei óptimo; não quero mais nada.»

— «E' pena que não os prove. Estão frios como a neve.»

— «Falta-me a vontade, rapaz.»

— «Podia levar uns poucochinhos.»

O padre reflectiu que ia dali direito para casa. Sabia que dava uma grande alegria ao pequeno e por fim disse com vivacidade :

— «Pois está dito... Levo uns poucos.»

O Quim foi direito a um recanto de sombra onde tinha abrigado do calor o cesto do seu farnel, cuidadosamente preparado por Matilde, e de sob uma espessa camada de fôlhas verdes tirou meia dúzia de figos brancos a reverem mel, e, na palma da mão, veio apresentá-los ao padre.

— «Espera, rapaz... Deixa-me vêr como hei de levar isso... Se houvesse um papel... Olha, dá-me aquele, ali ao pé do teu barrete» — e apontava para um papel que de longe parecia ao padre não ter nada de notável a não ser uma pedra que dava idéa de protegê-lo contra os ímpetos pouco atenciosos do vento.

O Quim, como que ficou indeciso, arrastando a voz em tom de pergunta :

— «Aquele ?»

Depois, resolvendo-se depressa, acrescentou com indiferença :

— «Pois sim... Aquilo também para que presta ?»

E, largando os figos numa pedra, foi a correr buscar o papel, que entregou ao padre Lima.

Ja o velho a abaixar-se para tomar os figos quando deu com os olhos no papel. Via ali desenhado nitidamente um cesto de asa, imagem fiel daquele mesmo cesto de onde o pequeno fôra tirar a fruta.

— «Quem fez isto?» — perguntou, traduzindo no tom da voz a maior surpresa.

O pequeno estava envergonhado como ladrão noviço apanhado em flagrante.

— «Ora, sr. prior... Isso não presta. Está muito mal feito...»

— «Lá isso nego eu» — contraditou o pároco com os olhos na criança. — «Mas quem fez isto?» — e, vendo que o pequeno se não decidia: «Fôste tu?!»

— «Pois fui.»

A naturalidade da resposta não impressionou menos o padre Lima do que a própria obra em si.

— «Mas então... quem te ensinou a fazer êste desenho?»

— «Quem me ensinou?!»

Tocava agora ao Quim a ficar surpreendido. Encolhendo os ombros com desdem:

— «Para fazer desenhos dêesses, não é preciso ir a Coimbra... Desta fazenda tenho eu dúzias.»

O padre embasbacou. Sem mais pensar nos figos, dobrou o papel e meteu-o cuidadosamente na carteira. E principiou daqui uma larga conversa entre o padre e a criança. Meia hora depois, o digno sacerdote tinha de todo esquecido o desenho, embebido em surpresa cada vez maior. Não estava, como pouco antes se lhe afigurava, diante dum inspirado talento nato para o desenho; presenceava um fenómeno rarissimo que o maravilhava. Essa criança, aparentemente selvagem, possuia uma noção intelligente de todos os phenomenos que a cercavam, noção muitas vezes errada mas sempre engenhosa e fundamentada, revelando qualidades intellectuais muito além da média comum. Quando o padre se separou do Quim, levava um grande pêsso na consciência. E naquela tarde, a boa Inácia, ouvindo o falar só, enquanto jantava, sem prestar a menor atenção ao que comia — facto que muito particularmente a desesperava, — dizia com os seus botões, arrenegada:

— «O que terá êle hoje metido na cabeça?»

Finda a refeição, o padre saiu, encaminhando-se apressadamente para o Outeiro.

Enquanto enfiava a sobrecasaca, ainda a Inácia lhe ouviu dizer:

— «Nada! Não pode ser... Era uma lástima... um crime até»

A Inácia dava voltas à imaginação para decifrar aquilo.

O João do Outeiro tinha pelo padre Lima o que poderia chamar-se devoção de maometano. Casara-o e baptizara-lhe os filhos. Era seu confessor ia já em trinta anos, e nunca lhe vira desmentir com o exemplo as práticas virtuosas que fazia

no confissionário. Para o honrado camponês, palavra do padre Lima era um evangelho.

Foi longa naquela tarde a visita do venerável sacerdote, que ao cair da noite saía do Outeiro esfregando as mãos.

Na manhã seguinte as cabras do João foram para o campo capitaneadas por um afilhado do padre, estúpido como um peixe, enquanto o Quim ia mostrar todos os desenhos que tinha feito e receber a primeira lição do mestre, que espontaneamente se tinha oferecido para experimentar o que o rapaz poderia dar. Aos agradecimentos que o discípulo fazia depois de leccionado, o padre pôs logo côbro, dizendo :

— «Basta... basta... Vai aprendendo e não tens que agradecer nada... No mundo é sempre assim; cada um dá o que tem... Ontem eras tu que me matavas a sêde... Hoje invertiram-se os papeis... E olha que a tua sêde era ainda pior que a minha!...»

O pequeno entendia bem o que aquilo queria dizer e mostrava-o, meneando a cabeça em sinal de assentimento, com os olhos muito brilhantes cravados inteligentemente nos do mestre.

Correram depressa os meses, e os progressos que a criança fazia eram cada dia um novo assombro. Quando fez exame de instrução primária levava já certas luzes de latim, sem o que o padre Lima não admitia que se começasse a estudar português.

Quando o Quim completou dezasseis anos, começou o padre a precisar opôr-se à excessiva aplicação, que o fazia nutrir receios pela saúde do discípulo, cuja organização parecia originalmente delicada e crêdora de cuidados.

O Quim, sem ter crescido muito, era então franzino, muito pálido, apontando lhe apenas o buço castanho escuro. Era todo gravidade distinta, maravilha em quem passara a primeira infância num estado quasi selvagem.

Adoeceu gravemente por aquele tempo o irmão único do prior, o dr. Diogo Nogueira de Lima, juiz da Relação do Pôrto. O padre Lima voou para junto da cabeceira do enfermo, e, passado o período agudo da doença, teve a grande alegria de o conduzir em triunfo para a sua paróquia, onde, a conselho dos médicos, devia passar a convalescença, que se prolongou ainda além de dois meses.

Durante êste tempo viveu o Quim entre os dois irmãos, cativando o coração do velho magistrado, já pela serena e grave meiguice do trato e extrema delicadeza de sentimentos, já pela manifestação cada vez mais notória de vigorosos dotes intellectuais.

Quando o dr. Nogueira de Lima voltou para o Pôrto, restaurado de vigor físico pelo ar puro da montanha, ia também

moralmente reanimado, levando para a sua solitária casa de celibatário o j6vem estudante de quem se constituia protector, permitindo-lhe at6 que usasse o seu apelido. A-pesar da sua fama de bondoso e rico, qualidades que permitiam ao Quim felicidades futuras, foi um grande desg6sto para a fam6lia do Outeiro separar-se do pequeno, j6 considerado filho da casa. As b6as raz6es que havia para se consentir, dando ainda louvores a Deus, na adop66o desejada pelo dr. Nogueira Lima, eram principalmente lembradas pelo padre e por Matilde, capaz da maior abnega66o nas suas afei66es acolhidas.

Logo nesse ano o j6vem estudante se matriculou no liceu, com o nome de Joaquim Lima, nome em pouco tempo conhecido e c6ebre entre a mocidade acad6mica do P6rto. Sem o menor esfor6o conseguiu contar as distin66es pelos exames, e quando, em cinco anos, concluiu o curso secund6rio, os condiscipulos fizeram-lhe um verdadeiro triunfo. Possu6a j6, em conhecimentos gerais, um cabedal n6o s6o rar6ssimo em t6o tenra idade, mas superior ao de muitos homens ocupando posi66es de responsabilidade e import6ncia. Foi ent6o que, a expensas do padrinho, publicou um comp6ndio de geometria prefaciado pelo professor da cadeira no liceu. A esta publica66o seguiu-se outra de car6cter didatico-filos6fico intitulada *Particularidades do Estilo*. F6ra-lhe ent6o extremamente f6cil encontrar editor, e em pouco tempo viu qu6si esgotada essa primeira edi66o.

Durante os tr6s primeiros anos do liceu, Joaquim Lima foi pontualmente passar as f6rias entre os seus amigos do Outeiro e o bom padre, que, com solicitude paternal, o tinha introduzido no caminho que t6o brilhantemente ia seguindo.

Mas ao dr. Nogueira de Lima n6o escapava certa melancolia mais acentuada em que andava envolto o j6vem estudante nos primeiros tempos que seguiam o seu regresso de Z. Confirmava isto uma suspeita que tinha no seu esp6rito o efeito de apreens6o muito pesada. Joaquim Lima mostrava a maior relut6ncia em adoptar carreira de vida diferente da que sempre dissera ser a sua voca66o natural — o magist6rio p6blico prim6rio. Levar a primeira luz a esp6ritos mergulhados em trevas, era—sustentava 6le—a mais nobre e merit6ria miss6o de que algu6m podia encarregar-se. O padrinho 6 que n6o podia conformar-se com a mod6stia de semelhante programa.

Confiando em que o tempo e a eleva66o do esp6rito, resultante de uma instru66o que dia a dia se ia enriquecendo, lhe trariam afinal mais desafrontadas ambi66es, o dr. Diogo Nogueira de Lima deixou-o ir completando o curso de preparat6rios, sem que nos 6ltimos dois anos se discutisse muito o futuro, mas pondo tamb6m em pr6tica durante 6sse tempo um ardil em cujo resultado tinha a mais larga confian6a.

As férias foram aproveitadas para uma viagem a França e à Alemanha. A princípio, Joaquim Lima acompanhou o padrinho, pesaroso por ter de passar um ano sem vêr os seus amigos do Outeiro. Depois, o agrado e variedade da diversão vieram atenuar muito a amargura daquela separação.

Findo o curso liceal renovou-se naturalmente a velha questão nunca resolvida. O dr. Diogo Nogueira de Lima, entusiasmado com os louros já colhidos pelo seu protegido, queria estabelecer-lhe uma mezada em Coimbra e que viesse a formar-se na faculdade para que sentisse maior inclinação.

Mas Joaquim Lima tinha sempre a sua frase: — Não o deslumbrava a perspectiva de ser um bacharel *como toda a gente*. Limitava-se a bem pouco o seu ideal — vida tranqüila e simples, numa aldeia retirada onde podesse estudar, e acaso converter em modestas produções literárias, de auxílio aos que aprendem ou de agrado aos que se ocupam das coisas do espirito, o fruto dêsse estudo.

Foi por simples condescendência que o padrinho lhe permitiu que se propozesse aos exames do magistério ao mesmo tempo que se matriculara no primeiro ano da Academia Politécnica. No que o dr. Nogueira de Lima persistiu tenazmente foi nas viagens que — segundo êle sustentava — eram indispensáveis ao complemento de uma boa educação. E, como não havia outra ocasião em que elas se fizessem senão nas férias, e o padre Lima e até Matilde queriam que o moço estudante *visse tudo* e aproveitasse a boa vontade do padrinho, aconteceu correrem aqueles seis anos de que falava a carta de Joaquim Lima que ouvimos ler no Outeiro, sem que êle visitasse os seus saudosos amigos. De parte a parte, apenas mitigava a dor desta ausência a correspondência trocada entre Joaquim Lima e Matilde, que lia em voz alta, para todos de casa, as cartas do irmão adoptivo, ouvidas com a mesma enternecida atenção pelos pais e pelos pequenos.

Quando Joaquim Lima soube que ia ser definitivamente provido o lugar de professor em Z., havia muito tempo vago, encheu-se de ânimo e declarou ao padrinho que aquela cadeira era o ponto de mira das suas entranhadas ambições. Conciliava assim o seu ponto de vista simples com a visinhança de amigos extremosos, e até com a ventura de ver reunidos todos os que estimava, porque muita vez ouvira dizer ao padre Lima que o irmão prometera ir viver com êle logo que resolvesse aposentar-se.

Convencido o dr. Nogueira de Lima de que naquela ocasião seria do maior desgosto para o seu protegido qualquer opposição que lhe fizesse à execução do plano longamente concebido, resolveu não o contrariar, apelando para a expe-

riência que, esperava ainda, em pouco tempo poderia ser mais eloqüente do que todos os discursos suasórios.

Não houve a menor dificuldade em obter a nomeação de Joaquim Lima. O que se deu foi uma grande agitação de surpresa na boa sociedade do Porto, onde o caso foi largamente comentado. Mães, com filhas casadouras, levaram mesmo o seu despeito ao ponto de negarem ao jóvem professor os fôros de talento privilegiado. No entender daquelas damas devia ter o juízo pêco e espírito em extremo acanhado quem voltava costas a um futuro brilhante.

E não faltou até quem, esmiuçando bem as cousas, encontrasse a explicação natural do facto na baixeza do nascimento de Joaquim Lima, de que aliás no Pôrto ninguém sabia nada ao certo.

No campo da protêrvia audaz, a imaginação expande-se de ordinário livremente, ainda que não conheça o caminho.

## XI

Há um sentimento que os homens chamam *amor* e os poetas *vida*. E o que é realmente a vida senão uma constelação de factos a que só o amor dá luz, calor e movimento?

«Amar bem é ser digno da existência; sentir a floração de tôdas as faculdades boas existentes em germen do nosso ser; pôr em evidência, da maneira mais nobre e mais completa, a extrema que separa a humanidade da série infinita dos animais sem alma; é estremecer de devoto e inefável júbilo diante de alguém em quem a Providência reüniu tôdas as qualidades que constituíam para nós a mais perfeita e sublime idealização do belo. Amar bem é subordinar a um só pensamento, a um só motivo, tôdas as vibrações de uma existência; oferecer a cabeça ao jugo mais dominador, voluntuosamente, sem saúde ou anelo da liberdade; é ser bom e ser religioso, porque a ventura suprema reconhece espontaneamente a existência de um Deus munificente, e enternece-se de comiserção diante dos que só mostram conhecer da vida dores e martírios.

«Ser amante no puro sentido da palavra têm, como ser cristão, uma base construída de fé e de esperança, plantas poeticamente enlaçadas com que se entretece a única sempre viçosa e duradoura corôa de felicidade. Da fé, de haste inquebrantável, provém a estabilidade; a esperança, tôda mimo, dá o perfume.

«Nem todos, porém, sabem ou podem amar assim. E ama-se dêste modo uma só vez na vida.

«Poderá a mulher, sob influência da resignação santíssima que lhe é inata, consolar-se alguma vez do naufrágio de um sentimento semelhante. O homem não. São mais fortes e mais dominadoras as suas paixões. Desiludido aí, tôda a esperança de pacificação se lhe extinguiu. Pode perseguir a glória, os lustrosos e fictícios triunfos que a sociedade estultamente sanciona e proclama, pode embrenhar-se, como ébrio, no turbilhão de ambições mais ou menos ignobeis que convulsionam as classes, mas o que não pode é ser bom, nem crente, nem filantrópico, nem justo, porque lhe faltou o único poderoso regulador de todos os seus maus instintos...

«Matilde, tudo o que lhe descrevi, sinto-o. Acho-me no limite neutro entre dois caminhos opostos. A um aceno seu, tenderei para um dos lados; ficarei absolutamente feliz ou irremediavelmente perdido.

«Por tudo que mais grato lhe é, pela ternura que consagra a seus pais, não me repila sem auscultar bem o seu coração. Se outro mais doce e mais forte sentimento que a simples amisade a impele para mim, como tenho tido a vaidade de supor, não queira fugir-me por considerações de nenhuma espécie; entregue-se completamente ao incomparável prazer de sentir muito e de fazer alguém muito feliz. Acredite-me; não há nada mais no mundo que valha isto.

«Na incerteza dos seus sentimentos, tenho de todo desfalecida a coragem. Pense na angustiosa anciedade em que fico e, se pode, apresse-se a enviar-me, com tôda a confiança, uma palavra que venha restituir-me à vida.»

Dizia isto o papel que Ernesto dera ocultamente a Matilde e que ela leu trémula e atônita apenas sentiu todos socegados em casa. Já então a pequena Maria, que lhe era companheira de quarto, dormia a sono solto. Apesar de estar certa disso, a Matilde fazia a leitura, muitas vezes repetida, olhando furtivamente para o pequeno leito de ferro, onde a irmãsita dormia o seu imperturbável sono dos dez anos. E sentia-se estremecer, daquele receio vago que se apodera dos que pela primeira vez tiveram necessidade de esconder algum acto da sua vida. Na manhã seguinte, a Purificação afligiu-se vendolhe a fisionomia sulcada por aquelas olheiras, de um azul muito escuro, que traduzem abatimento profundo.

Era dia de ir a Purificação ao mercado com a Custódia, abastecer-se de gêneros para tôda a semana. O João do Outeiro também tinha que fazer na loja e levava o Joanito.

Foi agora agradável a Matilde poder ficar só, que o mesmo era ter a companhia da irmã que, a fazer vestidos às bonecas, sabia estar, horas e horas, entretida e calada.

Matilde sentada ao pé do tanque, na horta, com a costura arteiramente colocada no regaço a encobrir aos olhos da criança o prestigioso manuscrito que julgava ter já lido mil vezes, mas que não podia descontinuar de ler, estava como que prêsas de um deslumbramento que de todo lhe paralizava a vontade. A revelação dêsse canto de amor que comovia ternamente a sua alma há muito sequiosa de alguma coisa desconhecida, cuja própria essencia ella ignorava, rasgava — parecia-lhe — um novo e amplíssimo horisonte à sua existência.

Porque se escondera para ler êsse papel, ella, criatura ingênua a quem o occultar era tão estranho como o próprio facto que lhe inspirara a primeira idea do sigilo? Ella menos que ninguem poderia explicá-lo. Tinha apenas percepção confusa das suas impressões daquele momento.

Fora talvez um sentimento de lealdade para com Ernesto que a levava a guardar só para si a leitura do prestigioso bilhete. Na maneira por que lho entregara não havia da parte d'elle, tácitamente, um pedido de silêncio? Depois a Matilde não se iludia pela afeição que tinha aos pais. Podia acaso algum dêles comprehender aquelle escrito, que ella mesma, espirito muito mais cultivado, carecera de ler muito para de todo lhe penetrar o sentido? Indubitavelmente, não.

Deveria então expôr Ernesto a uma falsa interpretação de sentimentos íntimos, requintados, que elle concebera só para ella na esperança de ser comprehendido? A consciência obstinava-se a responder-lhe negativamente.

Só ao Quim, ao seu amigo de infância, illustrado, prudente, conhecedor do mundo, queria muito poder logo mostrar aquelle papel. Mais do que nunca até então a afligiu agora a falta do seu conselho. Como se sentiria desoptimada do mal definido receio que a perturbava, se pudesse descrever-lhe o estado da sua alma e pedir-lhe a verdadeira interpretação dêsse sentimento a cujo influxo sentia que lhe seria custoso deixar de ceder! Não eram cousas em que devesse falar escrevendo, e via-se obrigada a guardar tôdas as suas confidências para quando Joaquim Lima viesse a Z., ventura em que, pela longa ausência, mal podia já acreditar.

Decorreram dias de um grande sobresalto e inquietação para Matilde. Por várias vezes pensara em responder a Ernesto. Mas para dizer-lhe o quê? E em que termos? Só no tremor da letra, que perderia tôda a firmeza logo que abordasse o melindroso assunto, elle havia talvez de achá-la ridícula.

Depois, havia de ir dizer-lhe que sentia efectivamente por elle uma grande atracção? que no Outeiro faltava tôda a alegria quando elle faltava? que na sua existência sentia, havia

muito, um grande vácuo insondável, cuja negrura parecia esvair-se tôda à leitura daquele papel perfumado que lhe dava como que uma visão encantadora, mostrando-lhe que a vida podia ser alguma cousa mais vibrante, mais sedutora e mais bela, que a convivência serena e monotona dos pais quasi analfabetos, e dos irmãos a quem ela servia de mestra ?

Poderia dizer-lhe isto porque o sentia; mas devia também oferecer levemente a sua liberdade, a sua vida, para talvez num futuro próximo vir a arrepender-se, infeliz, sem remissão ?

Que confiança podia ter na qualidade do sentimento que inspirára a Ernesto ? A' mãe e a D. Cristina ouvira contar muitos romances verdadeiros em que a leviandade das mulheres trouxera muitas vezes a desgraça irreparável das famílias. Não queria ser ingrata com os pais molestando-os nem de leve com o seu procedimento, como também não podia calcular se não seria desagradável a D. Cristina que animasse de qualquer modo os sentimentos do seu namorado. Neste mesmo estava longe de ter aquela completa confiança que se tem por se não poder deixar de ter, sem que a maior parte das vezes a razão aí entre por muito.

A's tardes Ernesto aparecia pelo Outeiro. Então, sem mesmo saber porquê, a Matilde forcejava por se mostrar alegre e despreocupada, dando lugar a um reparo da mãe que a fazia côrar, e sorrir aquele a quem as palavras se referiam :

— «Milagres do sr. Ernesto !»

Era o que dizia a Purificação em tom de tamanha naturalidade, que não deixava à frase nenhum sentido duplicado.

Entretanto Ernesto ardia de impaciencia, attribuindo o silencio de Matilde, cujo olhar nem já se fixava no seu e que claramente evitava todas as occasiões de ficar só com êle, ora a excessos de invencível pudor, ora a uma completa falta daquela sensibilidade de que o olhar magnetizador seria então a mais enganosa promessa. Chegou a passar-lhe uma tarde no espírito, vendo Matilde brincar com os irmãos, aparentemente tão criança como êles, que ela fôsse uma astuciosa *coquette* que por gôsto se divertisse torturando-o. Mas duvidar daquela mulher seria duvidar da própria candura, e Ernesto depressa condenou por absurda esta última hipótese.

Uma circunstância inesperada veio precipitar os acontecimentos, alterando a situação, já insuportável não só para Ernesto como para Matilde, que, adivinhando o mal que estava fazendo, sofria atrozmente de não poder deliberar-se, desajudada como estava de qualquer conselho amigo.

Chegara a véspera de Santo António, dia tão desejado pelos pequenos, a cujas instâncias foi a Custódia expedida para casa de D. Cristina com o fim de lembrar que era aquela a

noite em que deviam ter lugar as fogueiras, iluminações venezianas, exhibição de fogos de artifício e ascensão de balões. Devia tudo começar às oito horas, do que eram prevenidos D. Cristina e o filho.

Mas a Custódia voltou com a triste notícia de estar enferma D. Cristina e não poder, por isso, tomar parte na festa, como prometera. Depois de uma explosão de lágrimas da pequena Maria, foi, a apazimento de todos, transferido o programma para a noite de S. João.

E a Matilde, acompanhada pelo pai, dirigiu-se apressadamente, agitada por uma inquietação vaga, para casa da sua professora e amiga, com quem, por um retraimento que aos pais causava estranheza e que ela não podia explicar-lhes, deixara ultimamente esmorecer bastante a antiga convivência, tão grata a ambas.

## XII

Seria real a doença de D. Cristina? Era verdade que desde certa época se lhe haviam agravado sintomas de uma antiga afecção hepática cujo mais notável indício era uma extrema susceptibilidade irascível, uma indomável eferescência de temperamento, com crises de cefalalgia agudíssima.

Naquela manhã, porém, D. Cristina estivera dando aula às crianças, e ninguém notara a menor alteração na sua saúde.

Preocupada andava sempre, desde o último dia em que estivera no Outeiro. Sobre o mesmo ponto pairava o seu espírito durante as horas de classe, em casa, ou por altas horas da noite em que o sono, fugidio, lhe não cerrava as pálpebras. Tinha um só pensamento — arrebatat Ernesto ao encanto que o tinha prêso. Para isto era indispensável executar um plano que, se por um lado era penoso à sua ternura maternal, por outro era o meio de cortar rente uma ligação cuja só lembrança lhe perturbava tôda a serenidade do espírito.

Não podia ser maior a sua indignação, presuondo cálculos interesseiros do João do Outeiro e da mulher. De nenhum outro modo explicava agora a si mesma o terem animado Ernesto, atraindo-o com tôda a espécie de blandicias e adulações. Era assim que ela lhes lançava a maior culpa das suas inquietações presentes, desculpando a seus olhos o procedimento de Ernesto pelo enfado que não podia deixar de causar-lhe o monótono e insípido viver da aldeia.

Estava resolvida a cortar de um só lance tôdas as vasas ao jôgo audaz dos aldeões ambiciosos. Não era ambição de dinheiro que os movia, — o João do Outeiro era mais rico do que ela — mas avidez de uma posição muito superior ao nascimento de Matilde, por aquele espirito de absorpção niveladora com que as camadas ínfimas pretendem sobrenadar em todo o corpo social, subvertendo triunfantemente o princípio salutar das antigas hierarquias.

No seu exclusivismo de mãe idólatra, nada vendo dentro da sua consciência adiante da obrigação de preparar com solícitude o futuro de Ernesto, revoltava-se contra a própria Matilde, consciã ou inconscientemente causa de tão grandes aflições. E para corrigir esta espécie de répulsão que agora sentia por ela, pouco podia a memória da intimidade com essa doce criança que em tempo soubera mitigar-lhe tão pesadas amarguras. O grande egoismo das mãis!

A disposição moral de Ernesto — frenezis que o respeito filial mal continha, impaciencias que nem sempre princípios de uma educação delicada podiam reprimir, — era impedimento a que D. Cristina se tivesse já mais claramente aberto com o filho, abordando de novo, e desta vez sem hesitações nem rodeios, o assunto melindroso.

Queria convencer Ernesto a partir immediatamente para Lisboa, onde abriria banca de advogado com o *réclame* indispensável ao bom êxito, experimentando entrar na vida pública auxiliado pelos parcos proventos de jornalista. Mas para apresentar êsse alvitre a Ernesto, frutuosamente, era necessário espiar um momento oportuno de bom humor, que por dias sucessivos persistia em não aparecer.

Entretanto a incansável mãe escrevia para Lisboa preparando o melhor possível a primeira recepção de Ernesto. Confundia-a sobremodo a péssima disposição de espirito em que o via, não achando a que muito pudesse atribui-la.

Foi portanto da maior surpresa — tão grande quanto agradável — após ter dito a Ernesto naquela manhã, findo o almoço, que *tinha resolvido* enviar uma desculpa e não ir ao Outeiro naquela noite, ouvir-lhe dizer que faria outro tanto e que se sentia tão aborrecido que *qualquer dia* fugiria para Lisboa nunca mais voltando a Z., *sucedesse o que sucedesse*.

Maravilhada, aproveitou D. Cristina a ocasião para comunicar-lhe o seu último projecto e as recomendações que já fizera para ir aplanando o caminho. Acrescentava, cheia de expansivo entusiasmo, que para as primeiras despesas podia dispensar-lhe uns poucos mil reis que tinha de reserva, e que o melhor, *por tudo*, seria partir sem demora.

Mas, enquanto a marcar praso de partida, Ernesto mos-

trava-se menos condescendente, e D. Cristina, com fino tacto não insistiu.

Ficou-lhe, porém, d'este diálogo inesperado uma influência amensadora que durou por tôda a manhã até que a velha Inês, por volta do meio-dia veio anunciar-lhe a visita de Matilde que a seguia a distância de poucos passos, habituada como estava a ser tratada familiarmente em casa da sua amiga de tantos anos.

D. Cristina, na pequena sala de jantar da sua modesta mas confortável residência, preenchia naquele momento o intervalo das aulas bordando a crivo uma toalha de linho, trabalho em que era peritíssima.

Ou pela perturbação da surpresa ou por outro motivo, não se levantou a receber a visita, aceitando com frieza o beijo que ela lhe deu na face e dizendo com ostensiva segura :

— «A menina por aqui a esta hora!... Grande novidade!»

Que diferença entre esta recepção e a dos dias passados! Foi a impressão sentida por Matilde, surpresa e magoada, e que se revelava no tom com que respondeu, tomando timidamente uma cadeira :

— «Como julguei que a sr.<sup>a</sup> D. Cristina estivesse mais incomodada, vim vê-la.»

Havia na resposta uma singeleza cativante, que mezes antes teria sido bem apreciada por D. Cristina. Agora não. Estava ao último ponto frenética, notando quanto o simples vestido preto e chapéu também todo preto com luvas escuras, faziam sobresaír a gentileza da filha do João do Outeiro, de altura um pouco mais que a vulgar, corrigida por uma suavidade de linhas adorável. Naquele momento queria-lhe mal, até por achá-la bonita. Sentiu um enorme desejo de lhe dizer qualquer cousa molesta.

— «A menina veio só?!»

— «Só?!... Não, minha senhora. Vim com meu pai... Ele não subiu porque tinha de ir à loja... Daqui a pouco, em voltando, bate para eu descer...»

As últimas palavras, sobretudo, foram ditas com uma gravidade que não pode deixar de impressionar D. Cristina. Não obstante continuou no mesmo tom sêco, fitando agora na Matilde um olhar tão inquisitivo, que chegou a ser cruel :

— «Não encontraram o Ernesto pelo caminho?»

Foi um momento em que Matilde se detestou de todo o coração, sentindo-se corar intensamente. Mas como evitá-lo? Fazendo um grande esforço para tornar firme a voz, respondeu o mais naturalmente que pode :

— «Estava na botica do Matias.»

D. Cristina nem pensou em reprimir um gesto de impaciên-

cia feito com os ombros, acompanhado de um significativo meneio de cabeça.

— «E êle viu-os?»

Matilde hesitou um segundo. Depois, com a voz já firme, pela certeza em que estava de não ter praticado nenhum acto condenável:

— «Cumprimentou-nos... Estava à porta.»

Seguiu-se um demorado silêncio em que D. Cristina não despregou os olhos do bordado. Entretanto o que pensaria Matilde? As rugas verticais que se lhe viam agora ao meio da testa, revelavam que a filha do João do Outeiro estava num momento de forte concentração de espírito, e não seria talvez muito difícil a um perspicaz observador de fisionomias descobrir naquela, a par de uma expressão muito nobre, indícios de uma tenacidade e firmeza de carácter que raro se encontram em organização feminina.

Devia ser grande a sua preocupação, porque estremeceu quando de novo ouviu a voz de D. Cristina. Mas estremeceu só porque no seu meditar se alheiará um pouco da cena presente; não porque sentisse já tibiaza ou susto. Quando ergueu a cabeça, olhando para D. Cristina, deixava-lhe claramente vêr isto.

— «Sempre lhe falei com amizade, Matilde» — dizia a mãe de Ernesto, sem levantar mão do bordado que lhe convinha agora continuar. — «Não estranhe por isso que há pouco lhe fizesse aquela pergunta... que pareceu surpreendê-la, posto que muito simples.»

Matilde fez um movimento para falar. D. Cristina impediu-a com um gesto:

— «Ouça-me... Escute-me com atenção... Tenho hoje mais do que nunca apreensões graves acerca do meu Ernesto... Sei que anda... desencaminhado... Como me disse tê-lo visto, desejei saber onde...»

— «Já o disse» — foi a resposta lacónica e serena.

— «Bem sei... Suspeitei de que estivesse mal acompanhado... e quiz informar-me.»

Era evasiva para dar ao assunto inclinação conveniente.

— «Quem tem filhos nunca está descansado!» — continuou D. Cristina enquanto meditava no melhor modo de pôr a questão em termos claros e precisos sem mostrar tenções de escandalizar ninguém. — «Quando era pequeno, tive muitos cuidados para o criar; depois foi com os estudos; agora é com as levandades daquela cabeça que não creio já que tome caminho sem ter modo de vida assente em Lisboa... Lá há teatros, rellniões, tôda a qualidade de divertimentos interessantes e úteis que entretêm os rapazes e os guardam de certas loucuras...»

Já a impacientava o silêncio de Matilde, que nem pestanejava.

— «Na insipidez d'uma terra assim, sem civilização, o que há de fazer um rapaz dêstes senão divertir-se com quem lhe dá confiança?... Se as mulheres tivessem mais juízo, já eu não tinha tanta razão de me inquietar... Mas quem se pode fiar!...

Se D. Cristina tivesse olhado para Matilde vê-la-ia agora corada não de rubor passageiro, mas daquele vermelho intenso que traduz uma forte impressão.

A Matilde abstinha-se de falar, e D. Cristina prosseguindo sem despregar os olhos do trabalho :

— «Todos os homens da nossa família ocuparam sempre posições distintas, e Deus me livre de cuidar que êste filho, por quem tenho feito tantos sacrifícios, lhes faria excepção. Quando o vejo empregar-se em leviandades que o distraem de tôda a ocupação útil e que podem influir fatalmente no seu futuro, bem deve a menina compreender que me sinto revoltada contra aqueles que o desencaminham...»

A Matilde não poudo conter-se mais tempo.

— «Mas o que é então que faz o sr. Ernesto?... E quem são as pessoas que o desencaminham?»

— «O que o Ernesto faz é pouco mais ou menos o que fazem todos os rapazes da sua idade — procura divertir-se. Entre os vinte e os trinta anos os homens inventam sempre enormes paixões com que iludem raparigas mais ou menos inexperientes... E' esta quadra de loucura que êle agora atravessa. Segundo me consta, está namorado de uma rapariga que lhe dá atenção. Com esta influência que pouco lhe há de durar, porque de longa data conheço a volubildade dêste rapaz, está prejudicando imensamente o seu futuro; abandona os seus interesses capitais, deixando de partir immediatamente para Lisboa onde lhe está preparado caminho para encetar a sua carreira... E' custoso para uma mãe — é preciso convir — vêr, por mero capricho da mocidade, comprometido talvez um futuro inteiro que se apresentava sob os melhores auspícios... Se Ernesto não partir imediatamente para Lisboa, perde a melhor ocasião de se colocar...»

— «Se o sr. Ernesto é tão pouco firme nas suas afeições, creio que será muito fácil a V. Ex.<sup>a</sup> convencê-lo a partir...»

D. Cristina vacilou um pouco antes de responder.

— «E' volúvel... mas depois de certo tempo... Ainda é cedo para lhe ter chegado o período do fastio...»

— «Razão para V. Ex.<sup>a</sup> insistir mais... A par dos inconvenientes que essa afeição do sr. Ernesto possa ter para êle, parece-me que ainda há a considerar outra cousa — o futuro de mais alguém... V. Ex.<sup>a</sup> supõe envolvida nêste caso uma mulher... que talvez não seja... uma perversa...»

— Tenho a certeza de que o não é — acudiu D. Cristina, maravilhada da linguagem e do tom de altivez com que se exprimia a filha do João do Outeiro. — E' apenas uma inexperiencede que se deixará talvez iludir... sem consciência do mal que faz.»

— «Se V. Ex.<sup>a</sup> não conhece a pessoa de quem está falando, é bom lembrar, para não exagerar o perigo, que essa rapariga pode ter a seu lado uma mãe virtuosa que, mesmo rudemente e sem illustração, lhe tenha ensinado a seguir sempre o caminho do dever...»

D. Cristina hesitou um momento. Mas breve resolveu não perder tão boa ocasião de exprimir por completo o seu pensamento. Havia um tom impertinente, irónico, no modo como atalhou Matilde :

— «As mãis às vezes — ainda as que temos por mais virtuosas — não duvidam servir-se da ingenuidade das filhas como instrumento das suas ambições... Não a surpreenda o que lhe digo... No mundo há muita cousa desprezível que a menina não conhece... A fidalguia de sentimentos... não é muito comum em certas classes...»

E parou, incerta de continuar.

A filha do João do Outeiro puzera-se em pé de repente fitando com altivez a sua velha amiga. Era um mixto de tédio e de imponente severidade essa expressão sob a qual D. Cristina baixou os olhos um tanto perturbada.

— «Dir-se-ia que V. Ex.<sup>a</sup> conhece bem êsse covil de infâmes espèculadores onde seu filho teve a desgraça de cair... Apesar de não saber de quem se trata, eu, que sou do povo e conheço melhor do que V. Ex.<sup>a</sup> os sentimentos do povo, posso até certo ponto tranquilizá-la... Talvez que V. Ex.<sup>a</sup> encontre, onde não espera, um coração de mulher capaz da maior abnegação... Enquanto a fidalguia de sentimentos, talvez menos que ninguem a tenha tido o filho de V. Ex.<sup>a</sup> para com êsses populares tão tristemente julgados aqui...»

D. Cristina, visivelmente agitada, não atinava com o que dissesse. Conhecia só a Matilde meiga e quasi tímida e a surpreza de a ver sob êste novo aspecto era tal, que lhe impediu qualquer raciocínio exacto.

Atalhou-a, em fim ; mas as palavras eram confusas, como confuso era o estado do seu espírito.

— «Mas... que exaltação !... A menina decerto entendeu mal as minhas palavras... Por força... Sente-se... Não vejo razão para estar assim exaltada...»

— «Perdão... Creio que meu pai já bateu e vou descer... Acredite que me não contraria nada ter vindo hoje aqui... Era preciso isto... No fim de tantos anos de convivência só hoje nos conhecemos bêm, minha senhora.»

E, com um leve aceno de cabeça, safu.

Matilde sabia que o pai a não esperava ainda, mas resolveu não continuar a escutar D. Cristina.

Sentia um grande tremor nervoso e uma como sensação de estrangulamento. Ninguém o adivinharia, porém, vendo-a descer a escada com firmeza, de cabeça erguida e olhar inflamado.

No pequeno pátio, onde terminava o segundo lance da escada, aguardava-a enorme sobressalto.

Ernesto passeiava ali fumando um cigarro que prontamente apagou lançando-o ao chão e correndo para Matilde, surpreso do ar estranho com que a via.

Ela apertou-lhe a mão em silêncio e pretendia seguir. Ernesto impediu-a, conservando apertada nas suas a mão delgada e fina que tremia levemente.

— «Porque quer fugir-me assim !... Repare como é cruel para quem nunca lhe desejou senão bem... Não se brinca assim com o destino de um homem... não.»

— «E o sr. Ernesto não percebe que é inconveniente estarmos a falar aqui ?»

— «Pois então, Matilde, aproveitemos estes momentos preciosos para fazermos uma combinação... E' indispensável que eu lhe fale sem testemunhas...»

— «Também eu tinha que dizer-lhe... tinha...»

— «Pois bem ; em dando onze horas desça à horta... Estarei do lado de fora junto ao muro...»

A Matilde olhou-o com ar espavorido.

— «Não se aborreça... Pense um instante e verá que é o único meio... Pode receiar de mim alguma cousa ?»

— «Não... Pelo amor de Deus !... Não é isso... Mas : o que poderão dizer ?»

— «Quem saberá de tal ! O caminho é escuso daquelle lado... Pela saúde de seu pai, Matilde... Não me negue isto... E' forçoso que falemos sem testemunhas...»

A Matilde olhou para elle fixamente durante poucos segundos. Depois, tendo tomado uma resolução :

— «Diz bem. E' forçoso que falemos sem testemunhas... A's onze... Agora deixe-me sair.»

E afastando-o, com energia de quem não admitia ser contrariada, dirigiu-se para a porta que abriu com ímpeto.

Ernesto quiz ainda retê-la :

— Mas para onde vai ?... E sósinha !»

— Não... Meu pai já aqui vem.»

Efectivamente, ao cimo da rua, apontava naquele momento a fisionomia chã e honesta do João do Outeiro.

## XIII

Por horas avançadas da noite um vulto de gabão varino e chapéu desabado, rondando o muro da horta do Outeiro, era novidade para dar que entender a curiosos. Mas os curiosos — que os havia ali como em toda a parte — deviam de estar àquela hora animando as fogueiras com que se festejava o santo folgazão, enquanto ali chegava apenas o cheiro acre das vides queimadas, ou a nota mais aguda de algum cantar feminino.

Pelo traje do noctívago passeante poderia qualquer atribuir à pacatíssima Custódia, que então dormia a sono solto, infidelidades de que ela era incapaz para com o seu noivo, caixeiro de mercearia, com quem havia muito tinha contratado o casamento. Era preciso vêr a calça bem talhada e fina que, a um movimento mais vivo, ficava a descoberto, para reintegrar a moçoila nos seus foros de criatura fidelíssima à pessoa do sr. Manoel Mendes, a cujo apelido ela aspirava, de todas as veras do seu coração.

Eram bem diversos destes os pensamentos de Ernesto, enquanto, embuçado no gabão que o calor tornava ainda mais incómodo, percorria de um extremo a outro, repetidas vezes o muro da horta. Via-se que, superior á precaução, predominava agora nele uma grande impaciencia crescente. O muro, muito mais alto do que supuzera, era obstáculo inesperado que o lançava quasi em desespero. Poderia resignar a falar com Matilde através daquela parede inflexível, sem a vêr ao menos?

Debatia-se-lhe no espirito um plano ousado quando teve um pequeno estremecimento. Da tórre da igreja partiram onze badaladas. No mesmo momento pareceu-lhe ouvir rumor. Estalavam as fôlhas sêcas denunciando um passo desigual, como que receioso. Ernesto levantou o braço a tóda a sua altura, mostrando as pontas dos dedos por cima do muro. Ao de leve, bateu três pancadas e esperou.

Com este movimento fizera cessar todo o rumor. Escutou durante alguns segundo em vão.

Assaltou-lhe de repente o espirito a idéa de que tivesse sido outra pessoa, não Matilde, quem cautelosamente se aproximara; talvez o proprio João do Outeiro, conduzido por alguma suspeita. Fôsse como fôsse, a irresolução era incompatível com o ânimo de Ernesto.

— «Está aí?» — perguntou muito baixo e retirando a mão. Apesar da grande presença de espirito, que era um dos

seus dotes mais valedores, os segundos em que esperou resposta foram-lhe de íntima angústia.

— «Estou» — ouviu enfim dizer sumidamente do outro lado. E era, sem nenhuma dúvida, a maviosa voz de Matilde.

— «Deus lhe pague!» — exclamou Ernesto num ímpeto apaixonado.

Seguiu-se completo silêncio.

Prontamente acalmado do primeiro alvoroço, Ernesto sentiu-se em breve senhor da situação.

— «Cuidei que o muro era muito mais baixo... Assim não podemos falar.»

— «Valha-me Deus... Então como ha de ser?»

Ernesto interpretou no tom de voz de Matilde uma grande contrariedade que reputou lisonjeira para si.

— Só agora notei que há uma porta para êste lado!... Se a Matilde ma abrisse, falava-lhe mesmo na horta... o que seria incomparavelmente mais seguro.»

A resposta fez-se esperar.

Quando chegou tinha alguma côr de uma evasiva.

— «Nem sequer sei se a chave estará metida... O pai às vezes tira-a.»

— «Vamos ver.» — Com estas palavras, Ernesto transpunha rapidamente o curto espaço que o separava da porta, em quanto Matilde fazia outro tanto, anciosa, como se lhe corresse a obrigação de proteger de um malévolo assalto noturno a tranqüila habitação dos pais.

— «Olhe; está a chave» — exclamou Ernesto, manifestando o júbilo que lhe causou a descoberta — «Ande Matilde; abra-me depressa esta porta... E' até prudência abri-la... Não passa agora ninguém... Desde que esteja dentro, não poderão ver-me,.. Então Matilde!... Já que fez o sacrificio, leve-o até ao fim... Assim tudo ficaria inútil... Terá por acaso receio de mim?!»

— «Eu!» — Havia tanta dignidade nesta exolamação, que Ernesto quási se arrependeu de ter aventurado a pergunta.

Houve ainda uma breve demora. Depois a chave girou com pequeno ruido na fechadura.

A um decidido movimento de Ernesto, abriu-se francamente a porta, por onde êle entrou, fechando-a logo após si.

A primeira cousa foi lançar por terra o gabão e o chapéo; depois tomou a mão de Matilde que beijou apaixonadamente, sem que ela pudesse obstar a esta expansão.

— «Obrigado, Matilde; obrigado... Não pode calcular o bem que me fez vindo aqui...» — e olhava em tórno como procurando alguma cousa.

— «Vim porque *também eu* precisava muito falar-lhe» — disse com energia Matilde, como se, primeiro que tudo, sen-

tisse necessidade de desculpar-se. Quem sabe se mesmo o sr. Ernesto não estará fazendo má idéa de mim, julgando-me leviana ! . . .

Perto da porta ficava o tanque, onde a Custódia, trauteando canções da sua terra, ensaboava tôdas as manhãs a roupa dos pequenos. Ensombrava-o uma parreira de uva formosa que se estendia até servir de tecto a uma moita florida, pelo meio da qual se entremostrava um banco de pedra, morada favorita de Matilde durante as horas mais quentes do dia.

Ernesto dirigia-se para ali naturalmente. Estavam junto do banco quando ela terminou a frase que revelava talvez a sua mais forte apreensão daquele momento.

— «Jesus ! Que heresia !» — exclamou Ernesto, tomando-lhe delicadamente a mão e fazendo-a sentar. «Eu fazer má ideia de si ! . . . Julga-me então um malvado !»

Matilde não poudo deixar de sorrir.

— «Malvado ! Que palavra ! . . . Enfim, se me faz justiça, não falemos mais nisso . . . Não podemos estar aqui muito tempo . . . E' preciso aproveitar todos os minutos. . . Deixe-me falar-lhe já abertamente . . . Com tôda a lealdade . . .

Ernesto, que se conservava de pé, sentou-se ao lado de Matilde, guardando sem affectação, mas querendo mostrar-lhe grande deferência, uma distância delicada. Queria porém ser êle a falar.

— «Por quem é, Matilde . . . ouça-me primeiro . . . Escutarei depois tudo o que quizer dizer-me . . . Mas agora deixe-me falar . . . Pelo silêncio a que me tem obrigado, calcule o valor dêste momento para mim . . . Não continue a ser cruel . . . Agora tem de ouvir-me . . .

Havia tanta resolução no tom com que Ernesto pronunciou as últimas palavras, que Matilde desistiu de interrompê-lo.

— «Matilde» — continuou êle com veemência — «deixe-me repetir-lhe o que lhe disse já escrevendo, e em que não acreditou talvez, aliás não teria prolongado assim esta agonia em que me tem tido. Juro-lhe que nunca mulher nenhuma me fez impressão comparável a esta . . .»

Um gesto de Matilde como para o impedir de falar, suspendeu Ernesto que, depois de a fitar de um modo estranho, prosseguiu num tom completamente alterado :

— «Tem razão . . . Eu sou provavelmente um desgraçado que apenas posso aspirar à sua compaixão . . . Para que hei de enfadá-la com os meus protestos, quando no desdem com que recebeu a súplica que lhe escrevi, mostrou não ter por mim a menor estima !»

Com um grande esforço, Matilde conseguia mostrar-se serena. Incriminada assim, limitou-se a dizer com um meneio de cabeça muito convincente :

— «Pois se o não estimasse muito, teria vindo aqui!»

O argumento tinha o seu valor, que no espírito de Ernesto tomou ainda proporção muito excedente à intenção de quem o apresentou. Dizem uns que se ocupam a deslindar cousas da alma, que facilmente acreditamos o que é nosso desejo ardente. Outros entendem precisamente o contrário.

Para a generalidade, talvez valha a opinião dos primeiros. E Ernesto era a mais cabal confirmação desta teoria. As palavras de Matilde soaram-lhe como uma ingénua confissão de amor, transparecendo através do pudor natural, que a impedia de ser mais expansiva.

Em temperamento como o seu, tal pensamento não podia deixar de produzir explosão.

— «Matilde... minha adorada Matilde... se soubesses o valor que tem para mim uma só palavra partida dos teus lábios... Isto é uma adoração... E tu dizes apenas que me *estimas!*... *Estima* é um termo de significação vaga, graça concedida a muitos... Como queres que me contente com isso!... *Amor* é a palavra que eu quero, pronunciada pelos teus lábios — palavra única para traduzir o sentimento onipotente que governa o mundo, fundindo duas a duas as existências... Se o teu coração é bom e meigo, como prometem os teus olhos, porque o não deixas expandir-se nestes momentos venturosos em que nenhum profano pode escutar-te, e em que numa breve frase podes dar-me tesouros de uma felicidade incalculável?»

Era visível a turbação de Matilde, mais notável quando tentou falar.

— «Senhor Ernesto...»

— «Senhor! .. Porque me não chamas simplesmente Ernesto?»

— «Tenho o hábito de tratá-lo assim; bem sabe.»

— «Mas o amor... o amor verdadeiro... vence incalculáveis distâncias num momento, vê a diferença dos nossos feitos!... Eu por mim obedeco só ao sentimento, supremo, dominador... E' já tão grande ventura poder sentir assim! Para que havemos de desaproveitá-la!... Queria só que sentisses como eu... como a tua alma delicada tem por certo de sentir um dia...»

— «Mas, senhor Ernesto... Ernesto... escute-me» — atalhou Matilde, passando a mão nervosamente pela testa. «Para que hei de eu deixar-me arrebatado por impressões dessa ordem... talvez até criminosas... no nosso caso...»

— «Criminosas!»

— «Sim... Então cuidou que eu pudesse vir aqui noutra disposição que não fôsse a de o dissuadir desta loucura... deste capricho?»

— «Matilde!»

E a mágua e irritação de Ernesto traduzia-se tôda no tom amargo da exclamação.

— «Perdão» — continuou ela numa inflexão melancólica mas firme e ao mesmo tempo suplicante: «Eu não quero magoá-lo, mas é muito preciso que lhe diga o que tenho pensado a nosso respeito... De que serviria atarmos imprudentemente uma ligação sem futuro?... Eu sou uma rapariga de nascimento humilde... sem nenhuma educação...»

— «Por quem é, não me diga essas cousas!» — atalhou Ernesto, retirando por instintiva delicadeza o tratamento muito familiar que antes dera a Matilde.

— «Porque não hei de dizer-lhas se são verdadeiras!... E' até êsse o meu dever!... O seu nascimento foi diferente do meu, bem sabe... O Ernesto deve lançar-se despreocupadamente no caminho de um futuro brilhante, dando largas às maiores ambições...»

— «Mas a que vem tudo isto agora?» exclamou Ernesto impaciente. «Em que pode tudo isso contrariar o nosso amor?! Se tenho ambições, creia que nenhuma é superior à de possuir completamente o seu coração.»

Naquele momento uma suspeita que lhe atravessou o espírito, fê-lo contraír freneticamente os sôbrolhos.

— «Julga alguém que poderei viver feliz longe daqui?! E' conhecer bem pouco a intensidade do sentimento que me domina... A Matilde mesmo não me ama, não... Se a sua alma estivesse enlevada na paixão absorvente que é o primeiro amor de uma mulher, não escutaria tanto isso que julga ser a razão... Ou mentem os olhares, e o seu coração é frio... frio...»

E Ernesto apertava convulsamente a cabeça.

Matilde lutava muito consigo para não mostrar tôda a comoção que a agitava.

— «Por grande poder que tenham para mim as suas palavras... embalando o presente com doces ilusões... bem vê... nunca poderão abafar-me a voz da consciência... Penso no seu futuro... Penso talvez no meu também...»

— «O futuro!» — exclamou Ernesto com veemência. — «E que me importa o futuro?... Que podemos hoje saber dêle?... Quem subordina o presente ao dia de amanhã que é incerto?... Bem vejo, Matilde. O seu coração dorme ainda... Amando, não reflectiria tanto. Bastar-lhe ia a enorme ventura do amor... Quando eu não vejo diante de mim senão o brilho dos seus olhos, o sorriso magnético dos seus lábios, fala-me gravemente do futuro!... Para mim o futuro agora é só o momento de ouvir-lhe dizer que corresponde incondicionalmente ao sentimento apaixonado que me inspira...»

— «Não, Ernesto» — atalhou Matilde vivamente. — «O futuro para o senhor não pode ser outra cousa senão a maior solicitude em compensar sua mãe dos sacrifícios que ela fez para a sua educação... E quando também lhe falo de mim, creia que não é muito por *egoísmo*.»

E sorria melancolicamente.

— «E' consideração por meus pais... Eu por mim... podia sacrificar-me... bem vê... Mas prefiro morrer a vê-los desgraçados na velhice.»

Na frente de Ernesto tinha-se avincado uma ruga profunda. O que êle disse era como que a expansão dela.

— «As suas palavras, Matilde, estão-me sugerindo considerações de que estava bem longe quando aqui entrei... E sabe o que principalmente avulta no meu espírito? E' a decepção de ter sido um louco, idealizando a seu respeito fantasias só existentes na minha imaginação... Deparei com um tesouro e sonhei que tôda essa fortuna podia pertencer-me... Como são crédulos e vaidosos os homens!... Na maioria dos casos, as mulheres desprezam sobranceiramente o único amor poético, levantado e veemente que inspiraram... Repellido o amante sincero... vem outro...»

Um gesto de Matilde, que era uma protestação enérgica, impediu-o de concluir.

— «Outro!» — repetira com ofendido espanto.

— «Sim, outro» — prosseguiu Ernesto com exaltação crescente. — «Um pacato, um sereno, um metódico... um marido modelo; criatura pautada para a vida estúpida e quieta, que exclue os extasis e arrebatamentos com a mira de viver muito e de comer e dormir bestialmente o máximo tempo possível... Compartilhar uma existência destas é provavelmente a sorte que a espera, Matilde... No casamento, poucos disfrutam a infavel ventura do amor sublime... E pobres mulheres! Sob o dominio tenso do senhor que as possui, vivem maquinalmente, de todo esquecidas da nobre e gentil missão que Deus lhes destinara para a vida. Trabalhos grosseiros tiram-lhes a macieza das mãos como o jugo que lhes averga o colo, destroe a graça e dignidade do busto. Isso que vulgarmente se chama a *boa dona de casa* já nem sequer tem vestígio do sopro divino que a batejou; não é a ideal consoladora do espírito do homem; é a serva humilde que tem por obscura missão vigiar-lhe o arranjo da casa... Há de talvez estranhar esta linguagem que ninguém lhe falou nunca. Mas é verdadeira, creia-me... Não julgue que armo sofismas à sua ingenuidade... A sua inteligência e a consideração em que a tenho impedir-me-iam de tal fazer... Digo-lhe exactamente o que sinto... A vida que lhe descrevo é a da grande maioria das mulheres... Mas não deveria ser

a sua, criatura ideal, digna de ser adorada como as santas nos altares... E' talvez hoje demasiadamente ingénua para me compreender bem. Daqui a alguns anos, quando eu já porventura não fôr para si mais que uma sombra que o tempo se encarregará de esvaecer de todo como rasto de fumo no ar, ha de — tenho fé — recordar-se com imensa amargura desta nossa entrevista... Ao lado de um marido prosaico, bem pode ser que já então enfasiado, encrespando o sobrolho ao mais pequeno atrito na engrenagem do maquinismo doméstico, esquecido dos encantos da esposa ou indiferente a êles, apreciando sobretudo o estagnado socego, a pontualidade das refeições, o arranjo das camisas nas gavetas da cômoda... ai, Matilde! há de então sentir-se deslizar para o fim, para a morte, por uma ladeira monótona, escalvada, sem flôres nem aromas, moralmente só, em vão desejosa de um ombro amigo a que encoste a fronte já talvez cingida de precoces cabelos brancos.»

Não era fácil de vencer a comoção que estavam produzindo em Matilde as palavras de Ernesto. Por isso ela, receosa de que o luar limpidissimo deixasse perceber as lágrimas que sentia afluirem-se-lhe aos olhos, cobria o rosto com as mãos e sustinha a voz para que esta a não atraçoasse também.

Mas corria o tempo e crescia-lhe a necessidade de não prolongar aquella entrevista, impondo por sua parte a Ernesto a linha de conduta que, a sós com a sua consciência, na longa meditação daquela tarde, se propuzera fazer-lhe adoptar.

Caindo em si, cobrou ânimo. Foi com voz já firme, impregnada daquela suavidade com que as mulheres sabem pedir os sacrifícios mais penosos, que ela tornou a falar.

— «Escute me Ernesto... O que me fez aqui vir foi o querer pedir-lhe que parta para Lisboa o mais cedo possível... Isto interessa ao seu futuro... e à ventura e tranquillidade de sua mãe... Há de fazer-se... por muito que custe... O sentimento que tem por mim — talvez mais *imaginativo* que outra cousa — desvanecer-se-á brevemente com as mil distrações da capital.»

E respondendo a um movimento de enérgica protestaçoão feita por Ernesto:

— «Ouça, ouça ainda... A respeito do meu futuro avança prognósticos que não têm o menor fundamento... Não creio que venha a casar-me, nunca... Sabe qual é o único plano de vida que hoje me atrai e que provavelmente hei de seguir? E' o de ser como segunda mãe dos meus irmãos, auxiliando-os com o pouco que sei... Se quiser... posso até... sem custo... fazer-lhe uma soléne promessa a êste respeito...»

Ernesto não a deixou continuar.

— «Sabe lá o que está dizendo!... Podem lá fazer-se promessas dessas!... faceis, afinal, para um espírito como o seu, enquanto se vir rodeada apenas por simples e rudes camponezes... Mas não ficará sempre assim... Em pouco tempo até terá aí, a tratá-lo com tôda a familiaridade, êsse protegido do prior, êsse Joaquim Lima, êsse talentaço... de quem, francamente, já nem posso ouvir falar...»

O olhar de Matilde traduzira de repente o maior assombro.

Ernesto proseguiu cada vez mais exaltado:

— «Julga plausível que êsse homem a trate agora de perto sem a amar?!»

A Matilde fez impetuosamente um gesto de repulsão:

— «O que diz?!... Um amigo de infância!... Um irmão!...»

— «A Matilde é muito inexperiente; não sabe nada da vida... Ainda que êsse rapaz tenha, como suponho, uma imaginação muito pouco propensa a idealismos, poderá, ainda assim, resistir ao encanto da sua convivência? Não o posso acreditar.»

— «Pelo amor de Deus!» — tornou Matilde no tom da maior amargura. — «Nem eu nem êle pensámos nunca em semelhante cousa!»

E, depois de breve páusa, sorrindo com melancolia:

— «Não tem ouvido falar na pouca habilidade dos santos de casa?»

Ernesto sorriu também.

— Mas nem aquele é já *de casa*, nem acredito que seja santo... Há de ser, pouco mais ou menos, tão pecador como eu... E, outra cousa... Se não fôr êste, outro virá — santo *de fora* — mais feliz do que eu, capaz de fazer o milagre?

Ela hesitou, perturbada por se sentir ruborizar. Por fim, em tom de leve zombaria:

— «Eu, geralmente, não creio em santos milagreiros... Sou nesse ponto hereje.»

— «Não é tal.»

Ernesto tomou-lhe abruptamente a mão.

— «Quere ver que não é?... Jure-me pela saúde de seu pai que me falou verdade...»

— «Jurar!... Eu nunca juro... Acho isso vulgar...»

— «De acôrdo... Mas faça agora uma excepção, que nada lhe custa.»

— «O que quere então que lhe jure?»

— «Que me não tem amor.»

O pedido fôra feito quási ao ouvido de Matilde, que estremeceu involuntariamente. Depois, conhecendo que a mão lhe tremia entre as de Ernesto, retirou-lha impaciente, e, sem

poder já reprimir a comoção, rompeu em soluços, que em vão pretendia abafar cobrindo o rosto com ambas as mãos.

O luar batia de frente no vulto airoso da filha do João do Outeiro. Ernesto, de pé, quedou-se a contemplá-la enlevado durante alguns segundos. Entretanto ela invocava intimamente tôda a sua energia para dominar-se. Tudo conspirava agora contra o nobre plano de sacrificio que se impuzera vindo ali — a hora, o lugar, o distinto perfil de Ernesto que ela via mesmo sem levantar os olhos, o indefinível encanto da sua palavra calorosa . .

Da espécie de êxtasis em que se engolfara, Ernesto arrancou-se ajoelhando aos pés de Matilde, e exclamando, extremamente agitado, e tomando-lhe uma das mãos :

— «Matilde, não seja cruel... Dê-me, por quem é, explicação dessas lágrimas.»

— «Se eu nem mesmo sei-o que sinto, como hei de explicar-lho!»

Era um grito de coração oprimido, que nem forças tem já para dissimular.

— «Criança!» — exclamou Ernesto amorosamente. — «Pois não vê que me ama!... E aconselha me que parta!... que volte costas à felicidade!... Mas era preciso que eu primeiro enlouquecesse!...»

Um movimento brusco de Matilde sobressaltou-o. Pôs-se logo de pé.

— «Pshiu!» — disse ela. — «Não ouviu nada?»

— «Pareceu-me ouvir passos.»

— «Sim; junto ao muro... Devíamos ter-nos afastado mais... Que seria?...»

Ernesto não tinha nenhum fundamento para responder a esta pergunta. Limitou-se a dizer:

— «Gente de trabalho, não é... São pés muito leves para camponês.»

— «Valha-me Deus» — exclamou Matilde. — «Olhe, Ernesto; estou com muito medo... Se fôsse alguém que nos tivesse ouvido?... Vê que imprudência foi esta?!... Peço-lhe que se não demore mais... Aproveite agora, que não passa ninguém... Sáia já.»

— «Ao contrário... parece-me mais prudente ficar... Os passos afastaram-se, mas quem era ainda não pode ir longe...»

— «Embora!... Peço-lhe que não insista em demorar-se... Cada momento mais que se demorar é uma nova tortura para mim...»

Ernesto vacilava. Depois, deliberando-se:

— «Pois vou obedecer-lhe, só para provar-lhe a consideração que me merece... Mas, Matilde, prometa-me que ha de voltar aqui...»

— «Voltar !... Para que hei de prometer-lhe o que de nenhum modo tenciono cumprir?... E pretende convencer-me de que me tem em grande consideração !.. Não vim aqui só para pedir-lhe que me esqueça?... que parta imediatamente para Lisboa?»

— «Esquecê-la !... Não, Matilde... Bem vê que é impossível... Não haveria nada... nada que me fizesse agora saír de Z... nada, senão a convicção de não ter merecido a sua estima...»

— «Valha-me Deus !... De que me serviu então vir aqui?»

— «Serviu de levantar a condenação de um desgraçado... Parece-lhe pouco !...»

— «Não sei como hei de fazer-lhe compreender... Pois que disse eu que pudesse animá-lo?...»

— «Nem é preciso que me diga mais nada... Deixe correr um pouco a vida a grado dos acontecimentos... E' preciso pensar menos e sentir mais... Confio que em pouco tempo será a Matilde que me peça nova entrevista neste mesmo lugar..»

— «Que diz !»

— «O que me ensina a experiência que tenho do coração humano... O amor torna ousadas as mulheres mais tímidas... Lembro-me até de um princípio estabelecido por um notável pensador: — Que no amor verdadeiro é a mulher que se torna homem, deixando a êste a timidez feminina...»

— «Não me sinto com autoridade para entrar nessa discussão... O que lhe peço sôbre tudo é que pense em sua mãe... Ela é que não pode ser sacrificada... quando mesmo o Ernesto se não importasse... de sacrificar outras pessoas...»

— «Agora é que não percebo...»

— «Nem me peça mais explicações... Por êste sistema, prolonga-se indefinidamente isto.» — E, sem mais o atender, Matilde dirigiu-se rapidamente para a porta.

— «Não pensa senão em pôr-me fora !» — disse Ernesto com amargura. — «Enfim, tudo isso é natural talvez... e até estimável... Não lhe devo senão gratidão...»

— «Adeus !» — disse brevemente Matilde, estendendo-lhe a mão, como quem realmente não tinha agora outra preocupação senão vê-lo partir.

— «Adeus !» — foi também a rápida despedida de Ernesto, beijando-lhe com extremo a mão que tremia.

E saíu.

Matilde deu cautelosamente volta à chave, e, oprimida, sem poder dar um passo para entrar em casa, encostou-se à ombreira, desfalecida, como presa de uma vertigem.

Extinguira-se havia muito o ruído dos passos de Ernesto quando se animou a dirigir-se para casa entrando furtivamente no quarto donde pela primeira vez saíra às escondidas.

Sôbre a cômoda ardia uma lamparina alumando a imagem terna da Sênhora das Dores. O reflexo quasi sagrado dessa chama tranqüila dava à pequena Maria, batendo-lhe no rosto, o tom de uma etéria visão celestial. Matilde quedou-se a contemplar a irmã. Sem saber porquê, sentiu-se ruborizar quando dali voltou os olhos para a imagem da sua particular devoção, aos pés da qual se prostrou durante muito tempo chorando.

Entretanto, passava Ernesto por diversas impressões. Saindo, conchegara o gabão que à pressa lançara sôbre os ombros, e carregara o chapéu sôbre os olhos, dirigindo-se com passo disfarçado para a povoação. A imaginação ia-lhe tôda cheia do romance daquela noite. Decididamente — pensava consigo — o que sentia pela filha do João do Outeiro era diferente de tudo o que até então sentira por outras mulheres.

La tão preocupado que só muito perto reparou em um homem parado junto do muro no adro da igreja. Era-lhe inevitável passar por ali.

O luar dava em cheio no desconhecido. Era homem moço, de altura mediana, trajando sobretudo côr de café com leite e chapéu de côco.

Ernesto sem ralentar ou apressar o passo, seguiu naturalmente. Passando em frente do estranho, apenas levou os dedos ao chapéu, levemente, segundo o uso dos populares da terra.

— «Boá noite» — foi a resposta cortez acompanhada de idêntico movimento. E bastou o acento com que foram pronunciadas essas duas palavras, para que Ernesto percebesse com surpresa que estava em presença de um *homem cultivado*.

Intrigado, tomou caminho diverso do natural, atravessando várias ruas antes de se resolver a dirigir-se para casa. Para iludir qualquer suspeita, não olhara nunca para traz. Só ao meter a chave à porta se não conteve sem voltar a cabeça.

— «Diabo!» — disse consigo, entrando rapidamente.

Fôra espiado de longe pelo homem do sobretudo claro.

#### XIV

Corria em meio o almoço da família do Outeiro na manhã seguinte quando gritos da Custódia: «Olha quem lá vem» puzeram em alvoroço os comensais.

Todos à porfia se lançaram para a porta. Como em festas do campo estoiram girândolas de foguetes, rebentaram aqui

exclamações de júbilo, sobretudo da parte da Purificação e dos pequenos. Ao João do Outeiro tirava-lhe tôda a expansibilidade naquela manhã o aspecto abatido, doentio da Matilde.

Também esta e Joaquim Lima — era êle que acabava de chegar acompanhado pelo padre Lima — se abraçaram. Mas, nêsse abraço retraído, até cerimonioso, que diferença agora da extremosa cordialidade de outro tempo!

Os recém-chegados já tinham almoçado matinalmente. Quando os outros se abancaram de novo para continuar a refeição que se concluiu um pouco tumultuariamente, o diálogo atou-se com vivacidade.

Embaralhavam-se os assuntos cruzando-se perguntas e respostas.

E, contudo, Joaquim Lima falava pouco. Deixava que o padre, com quem conversara já largamente durante a noite, contasse como êle fôra sem custo nomeado professor em Z., com enorme desgosto do padrinho, que não podia ter consolação vendo-o adoptar definitivamente carreira de vida tão humilde, em completo desacôrdo com os seus dotes naturais e adquiridos.

A êste ponto da narrativa intercalou-se uma observação de Joaquim Lima.

— «Definitivamente, tio, não sei.» — Era como se habituara a tratar o irmão do seu protector. — «Isto é talvez mais uma experiência que eu faço do que outra coisa.»

Surpreendeu-se o padre, mas razão teve de certo para não contestar a asserção do joven professor, porque antes fez derivar as atenções para outro objecto, perguntando ao *filho pródigo*, como às vezes gracejando lhe chamava, que diferença encontrava na família após tão longa ausência.

Joaquim Lima—já o declarara — achava o João do Outeiro bem conservado, e a Purificação como que remocada. O Joanito, êsse estava bom candidato a guapo rapagão; a Maria muito crescida e galante.

Até a Custódia como que amaciara, perdendo as maneiras selváticas que trouxera dos Poisados, freguezia da sua naturalidade.

Joaquim Lima fazia estas observações vagamente, como que absorto por meditações alheias aos assuntos que se ventilavam.

— «E a Matilde?... Como a acha, Joaquimzinho?»

Era pergunta da Purificação. Joaquim Lima levantou os olhos para Matilde como se ainda a não tivesse visto, e, esclarecido por êsse breve exame:

— «Parece-me bem... Talvez um pouco mais magra e pálida.»

Porque não declararia Joaquim Lima, francamente, como o pensava, como aqueles seis anos decorridos tinham favorecido Matilde em graça feminina, um não sei quê, misto de mimo e de castidade, a que os olhos se prendiam, a um tempo seduzidos e respeitosos ?

O João do Outeiro remexera-se com impaciência na cadeira.

— «Não querem entender que a vida da casa dá isto !... Sempre a agulha ou o livro na mão é lá vida que preste para nada !... Enquanto ela andou no campo !...»

Depois, mudando súbitamente de tom :

— «Isto de filhos é uma ralação.»

— «Valha-te Deus, homem!—acudiu a Purificação—«Agora também só por estar em casa !... Tôda a vida as mulheres foram para a casa e os homens para a rua... Pois não é assim, Joaquimzinho ?»

A Purificação sabia bem como o talentoso estudante adquirira no Outeiro foros de oráculo e queria prevalecer-se desta circunstância para confirmação das teorias preconizadas por ela, intemeratamente, durante tantos anos.

Joaquim Lima quiz mostrar-se imparcial, o que não era difícil, visto que ambos os esposos tinham razão.

— «De certo que à mulher mais compete vida recolhida, que ao homem... Mas a todos convém bom exercício e ar livre... Hábitos exageradamente sedentários também são prejudiciais.»

— «Pois aí está como a coisa é...» — concordou a Purificação. — «Até aí entendo eu, e bem me tenho cansado de ó dizer... A gente nova é que nem sempre dá ouvidos à voz da experiência... Vejo as mais raparigas que o que querem é andar de levante por festas... e esta, então, é tudo com as costuras ou com os livros !... Ainda bem não larga as lições dos irmãos, já está outra vez de volta com a leitura... Lá verá, no quarto dela, num armário de vidros que mandou fazer ao mestre Bugalho, a livreria que lá vai...»

— «Lembras-te do Bugalho ?» — indagou a Matilde, talvez desejava de fazer derivar a conversação — «do marceneiro que te fez a régua e os esquadros ?»

Com esta reminiscência do melhor tempo que passara no Outeiro, aliviou-se súbitamente aquela melancolia, agora dominante na fisionomia de Joaquim Lima.

— «Se me lembra ! — disse êle, erguendo muito os sobrolhos — «Belo tipo de homem rude !... Ainda hoje me sirvo dessa régua e dêsses esquadros... E o pequeno ?... Piroeta, parece-me que lhe chamavam ?»

— «Isso mesmo» — acudiu o padre Lima. — «E' lá sobrinho e afilhado da Inácia... que lhe quer como às meninas dos olhos...»

— «Segundo dizem» — informou o João do Outeiro — «o rapaz é levado de mil demónios...»

— «Pois tem bom fundo» — contrariou o padre, gravemente. — «Tenho notado que é carinhoso para os animais e para os velhos... Já não é pouco, em criança que se pôde dizer da rua.»

— «Era um pequeno endiabrado, mas simpático» — voltou Joaquim Lima.

Fez-se curto silêncio.

— «Mas voltando ao que eu ia a dizer» — disse de repente a Purificação. — «A nós não se nos dá que ela leia.»

E indicou Matilde com um meneio da cabeça.

— «Sempre ouvi que — *saber sem ler não há*... Mas que saísse também... que apanhasse um bocado de ar.»

— «De certo» — obtemperou quasi maquinalmente Joaquim Lima.

Matilde limitara-se a sorrir.

Coube à pequena Maria imprimir nova direcção ao diálogo, perguntando a Joaquim Lima se se recordava de D. Cristina.

Por êste caminho falou-se muito dos Sampaio. Foi naturalmente descrita a longa intimidade entretida com êles; postas em relêvo pelo padre Lima as qualidades de energia de D. Cristina, e decantados pela Purificação os excelsos dotes de Ernesto.

Ouvindo o nome de Ernesto Sampaio, recordou-se Joaquim Lima de uma lenda de célebres estroinices ligadas àquela individualidade em Coimbra, e cujo eco lhe chegára pela bôca de varios moços, igualmente estudantes da universidade, de quem tivera relações no Porto.

E reconhecia com assombro, não isento de profundíssimo pesar, o ascendente que o *afamado bacharel*, conhecido em Coimbra pela alcunha de *leão da academia*, soubera ganhar sobre os pais de Matilde. Era realmente de notar o tom paternal, indulgente, com que ambos lhe falavam de Ernesto, ainda mesmo sôbre os desmandos de Coimbra, a que Joaquim Lima só com delicada reserva aludira.

— «Do que consta, foi estroinete» — reflectiu o João do Outeiro, meneando a cabeça. — Mas isso passou com o verdor dos anos... Hoje é homem de todo o propósito... P'ros modos parece que já o querem fazer deputado... Tem conhecimentos de gente grada, lá para Lisboa...»

— «E graça que tinha!» — contava a Purificação, com o seu melhor riso de camponêsa sem manha, tipo muito menos comum do que se tem propalado, mas de que ainda a nossa terra oferece — mercê de Deus! — bom número de exemplares sem mistura. — «Era mesmo de fazer rir as pedras... Então a cantar modinhas de Coimbra!»

Era evidente que Joaquim Lima não tinha pelo assunto a menor predilecção, mas no Outeiro ninguém havia que pudesse perceber isto além de Matilde, que em vão forcejára já duas vezes por introduzir novo tema de conversação.

A Purificação, não tendo já que dizer em guisa de panegírico, julgou a propósito descrever a casa de habitação de D. Cristina.

Tinha a mulher do João do Outeiro grande desvanecimento pela convivência daquela senhora, a mais fina que havia na terra. Conhecia bem a distância que a separava de todas as outras, aldeãs mais ou menos urbanizadas, e não podia deixar de envaidecer-se com a preferência que lhe fôra dada. Era certo que D. Cristina não frequentava nenhuma outra família em Z. Diante de Joaquim Lima, hoje também colocado na classe das pessoas requintadas, era-lhe particularmente agradável pôr em relêvo as boas relações em que estava com os Sampaio. Uma vês neste trilho, era difícil á Purificação mudar.

— «E' aquele prédio de casas que chamavam da Maneta .. O Joaquimsinho há de estar lembrado...»

— «O prédio vermelho, em frente da botica?» — indagou Joaquim Lima com certo alvoroço não reprimido a tempo.

— «Isso mesmo» — confirmou a Purificação. — «Mesmo pegado com o outro para onde dizem que vai agora a escola nova dos rapazes...»

— «Você ficou... parece que admirado, Joaquim Lima!» — interveio curioso, o João do Outeiro.

— «Admirado!... Não... eu não me admirei» — replicou Joaquim Lima já serenado. — «E' que estranhei um facto... Ainda ontem à noite fiz reparo nessa casa... Como cheguei tarde não bati cá para os não incomodar... Mas dei uma volta pela terra... para matar saudades... Passava da meia noite. E, defronte dessa casa, notei que a família não estava ainda recolhida. Dantes não havia por cá o mau hábito das noitadas... *Todos se recolhiam cedo*».

Ao pronunciar a palavra *todos* com inflexão especial, Joaquim Lima olhou de relance para Matilde,

Viu-a ruborizada, tendo fixos nêle com expressão da maior angustia, esses olhos de uma meiguice inefável que tantas vezes, anos antes, haviam tranqüilamente encontrado os seus.

— «Havia de ser engano» — reflectia entretanto a Purificação. — «Também em casa da D. Cristina se recolhem todos cedo... Pois que viu lá?»

Joaquim Lima não respondeu logo. Vacilava.

Depois, percorrendo-lhe os lábios leve sorriso irónico :

— «Pareceu-me vêr luz através dos vidros... Seria engano, talvez...»

— «Pois é o que foi» — confirmou a Purificação. E logo, mudando de tom:

— «Também, andar por aí a passear e não vir cá bater!... Não sei o que me parece isso...»

— «A'quela hora para que havia de vir incomodá-los!»

— «Pois se êle nem quiz bater lá em casa!» — disse o padre em tom de áspera censura. — «Não me apareceu senão já dia claro... Acho que andou a fazer versos à lua...»

Joaquim Lima sorriu vagamente.

— «Não fiz versos, coisa para que nunca tive geito... Mas dei efectivamente umas voltas admirando o luar que estava esplendido...»

— «Daqui a uns quinze anos, rapaz, já não fazes dessas» — ponderou o padre Lima com ares proféticos — «Ao chegar de uma jornada, há-de apreciar mais que tudo um bom par de lençoes de linho e um colchãosinho fôfo... Coisas que a idade traz...»

— «Pois já me sinto bem velho!» — foi a respôsta singela dada pelo jovem professor.

Na boca de um rapaz de vinte e quatro anos, tais palavras eram próprias a provocar o riso. Mas Joaquim Lima possuia o dom de governar. Quando ele falava sério, um não sei quê impedia o auditório de rir. E ninguém se riu. Foi o João do Outeiro quem, depois de breve pausa, reatou o diálogo.

— «Você, Joaquim... se lhe faz conta estar cá em casa... lá por ela ser pequena não se acobarde... Veja lá sempre...»

— «Obrigado, sr. João, muito obrigado... Francamente, em casa do tio ha mais espaço... Lá posso ter quarto e escritório sem incomodar.»

— «Lá por incómodo» — insistiu o João do Outeiro, — «nem falar nisso... Sempre cá se arranjava... no quarto das pequenas, que tem janela. . . Elas passavam para a alcova do Joanito, e o rapaz acomodava-se bem no nosso quarto... Lá a patrôa já está no ar para fazer os arranjos» — e indicava a mulher.

— «Pois êste é filho também» — explicou a Purificação em cujos olhos aljofravam lágrimas de ternura.

— «Sei bem o que lhes devo» — apressou-se a dizer, comovido, Joaquim Lima. — «Não sou ingrato... Mas já que me tratam com tanta franqueza, devo também ser franco... Sinceramente... prefiro estar no Salgueiro.» — Era assim conhecida a casa do padre, de um chorão que lhe ensombrava a porta de entrada. — «Além de querer acompanhar o tio, que vive muito só, também me faz conta ficar mais próximo da povoação...»

— «Veja lá, filho... Não dá canceira nenhuma...» — insistiu ainda a Purificação.

Mas o padre Limã cortou a discussão :

— «Então eu não tenho também os meus direitos?»

Nenhum dos da casa se atreveu mais a pôr bôca no assunto.

Os pequenos não se conformavam com a idéa de que Joaquim Lima deixasse de jantar naquele dia no Outeiro. Mas o jovem professor desculpou-se com os trabalhos da sua profissão, que lheurgia encetar, e saiu pouco depois acompanhado pelo padre.

No caminho falaram pouco. Já perto do Sálgueiro o padre Lima perguntou :

— «Entras ou segues?»

— «Entro... A jornada afinal prostrou-me... Preciso muito de descanso... Se dormir muito o tio não se assuste...»

Foi prevenida a Inácia de que o não chamasse para jantar, deixando-o dormir quanto quizesse.

Um quarto de hora depois reinava o maior silêncio na tranqüila casa do Sálgueiro.

No seu pequeno gabinete de trabalho, quasi tão modesto como cela de monge, o padre Lima com a cabeça grisalha apoiada à mão, que tão profusamente repartia benções e esmolas, lia muito concentrado a *Vie de Jésus* de Ernesto Renan.

Solícita, a Inácia cerrava com precaução a porta da cozinha, para que ao quarto do hóspede não chegasse o ruído dos picados naquele dia preparados com multiplicado zêlo. E dizia, conversando consigo : «Foi pedra que caiu num poço... Estava mesmo mortinho de sono!»

Espreitando pela fechadura vira Joaquim Lima estendido de bruços sôbre a cama, onde alvejava a melhor roupa existente nas arcas que tinha de sobressalente. O que não chegava ao ouvido endurecido na Inácia era um como cício de soluços abafados. Seria pranto real ou inquieto dormir de quem estranhou quarto, cama e o próprio ar?

## XV

Maravilhoso caleidoscópio, sucedem-se na vida os acontecimentos, transitórios, variados, imprevisos.

No dia de Santo António, quando se passavam os acontecimentos narrados no anterior capítulo, um facto ocupava quasi exclusivamente as atenções no Outeiro — a inopinada volta de Joaquim Lima.

Mas, ao cair da tarde, a pequena Maria apparecera rouca,

com ataques de tosse frequentes, respiração difícil, entrecortada.

Tratou logo a mãe de lhe preparar o remédio da sua fé, tisanas com que, em seu entender, se evitavam, a tempo, gravíssimos achaques.

De um massiço armário engravado na parede — bem provida farmácia donde se abasteciam não só os da casa mas muitos da vizinhança, saíram no mesmo instante os componentes do cosimento: passas de uva, figo, ameixa e peros, com a indispensável côdea de pão e dôse reforçada de assucar mascavado.

Ficou primorosa a geropiga. Mas qual não foi a anciedade da pobre mãe quando ao retirá-la do lume, foi surpreendida por exclamações lastimosas do marido: «Valha-me Deus!... Valha-me Nossa Senhora... Mas, o que foi isto, senhores?... Ainda há pouco a pobre criança tão boasinha e já agora assim!»

Clamava dêste modo o João do Outeiro andando à tôa, como louco, de um para outro lado na casa de fora.

A Maria estava quási sufocada. Tinha os olhos injectados e as faces congestionadas.

A Purificação entra pelo quarto das filhas, cambaleante, espavorida. Matilde, pálida como defunta, mas serena como irmã de caridade, amparava ao braço direito o busto franzino da irmã, empenhada em minorar-lhe o anseio da sufocação.

— «Minha rica mãe de Piedade!» — bradou a Purificação caindo de joelhos diante da imagem da Senhora das Dores, mãos cruzadas em desespero e olhos tresloucados: — «Por quem sois, tirai-me tudo... quero ser a mais pobre e miserável das mulheres... mas não me tireis a minha filha... a minha rica filha.»

A Matilde fez um gesto impèrioso.

— «Isso aflige quem está tão doente... Pelo amor de Deus!»

Efectivamente os olhos da pequenita haviam-se fitado na irmã com angustiosa expressão, como a suplicar-lhe que a retivesse ali, que a não deixasse morrer.

A mãe aproximou-se do leito debulhada em lágrimas: «Mas, meu Deus!... Como hei de eu socegar vendo esta criança aqui a morrer!... E sem haver já um médico!... O que era preciso era um médico...»

— «Não deve tardar» — replicou serenamente Matilde — «Há já um pedaço que mandei o Joanito chamá-lo.»

Olhou a Purificação para a filha como deslumbrada, e, caindo segunda vez de joelhos, dizia para si, com veneração: «Que rapariga, meu Deus! Que cabeça!» E fazia seguir estas palavras por uma fervorosa oração pronunciada entre dentes.

O João do Outeiro passeava agora desde o terrado, fora da casa, até à porta do quarto. Nem coragem tinha para se abeirar do leito.

O dr. José de Melo, médico do partido, saira recentemente da Universidade. Tinha, porém, dotes de talento e de prudente juízo que lhe compensavam muito a falta de longa prática. Examinou atentamente a enferma, constatando não haver febre intensa.

Quando, ao fazer a receita, apertado por perguntas do pais, o médico declarou que lhe parecia ser a doença um falso crupe, ou laringite estridulosa, espalhou-se pânico geral na família. Nas classes populares há um verdadeiro terror pelos nomes técnicos das doenças. Quanto mais desconhecido ou arrevesado é o termo, tanto maior gravidade se atribue à moléstia.

Mas o moço doutor apressou-se a tranqüilizar os ânimos alvoroçados, assegurando que se lhe não afigurava grave o ataque e que a convalescença seria provavelmente rápida. A Purificação, a ouvir tal, não se poudo conter. Beijou reconhecidamente a mão delgada do doutor, enquanto o João do Outeiro, no modo por que o olhava, parecia sentir desejos de lhe dar um dêstes abraços que derreiam.

O médico teve a inspiração de escapar a semelhante risco fazendo a tempo as suas despedidas. E sorria-se, vendo-se na rua, já livre daquelas rudes expansões, e dizendo consigo : «O que êles têm é uma filha bem galante !... O Sampaio é de bom gôsto.»

Foi realmente um falso crupe que durante quatro dias reteve na cama a pequena Maria dando os maiores cuidados a tôda a família do Outeiro.

Seguiram-se os dias da convalescença, passados com resguardo no quarto, donde Matilde apenas safa a hora das refeições.

Mas não se enganára o doutor José de Melo prognosticando rápida a convalescença. Quando se falou em festejar na noite de S. João o restabelecimento da pequenina enferma, a todos pareciam já os últimos acontecimentos um mau sonho de imaginárias torturas.

Assim, a chegada de Joaquim Lima — factio em circunstâncias normais culminante — achara-se naturalmente ocupando um plano secundário na cena onde se passavam a maior parte dos sucessos que vou contando à leitora.

Todos os dias viëra Joaquim Lima informar-se do estado da doentinha. Não vendo, porém, aceitos os oferecimentos que fizera dos seus serviços, cada vez mais abreviava essas visitas, afirmando que, em casos de doença, os que não trabalham são sempre de mais.

No período grave, D. Cristina viera também uma vez informar-se pessoalmente. Depois limitára-se a pedir notícias pela velha Maria Inês.

De si para consigo, a Purificação estava ressentida dêste procedimento, em sua estimação, desprimoroso e desamorável. Mas, crendo sempre Matilde muito ligada com a sua antiga professora, escondia o mais que podia dêste ressentimento, para a não molestar.

Ernesto aparecera também uns dias por outros. Como, porém, era recebido na casa de fora pelo João ou pela mulher, retirava-se protestando a si mesmo não voltar tão depressa, agastado com Matilde que, de certo ouvindo-lhe a voz, poderia aparecer um momento para vir falar-lhe.

Velando a doente, Matilde revia em espirito tôdas as cenas dos últimos tempos. De qualquer lado os pensamentos que lhe ocorriam eram tristes a não saber qual mais.

Sondar a natureza do sentimento que a prendia a Ernesto, não o procurava já. Tinha a respeito dêle uma única idéa fixa — convencê-lo a partir.

Mas não declarára êle positivamente que não partiria ?

A filha do João do Outeiro sentia agora por D. Cristina uma especie de repulsão que não podia nem procurar vencer.

Mesmo a presença de Ernesto lhe era molesta, e evitava-a tomando por pretexto a doença da irmã. Mas o mal-estar que a oprimia e que a principio quizera atribuir sómente a cuidados pela sua doenté, agravava-se dia a dia, quando já esta, sentada por dentro da janela que olhava para um dos talhões mais viçosos da horta, vestia e despia a sua boneca *Violeta*, com movimentos lânguidos de convalescente.

A atitude recíproca que ela e Joaquim Lima haviam tomado em face um do outro, não contribuia pouco para a disposição melancólica e mal humorada do seu espirito.

Como e por culpa de quem se perdera aquela grande confiança de algum tempo que tão grata fôra a ambos ? O que podera causar semelhante transformação no seu amigo ?

Fôra acaso ela que retraíndo-se o melindrara ? Ou tivêra a requintada cultura do espirito e a convivencia da fina sociedade, o poder de tornar-lhe a ele aborrecidos os rudes amigos dos seus primeiros anos ? Ou, ainda, — consideração mais pungitiva de tôdas — teria Joaquim Lima, como havia boa razão para supôr, descoberto a sua entrevista com Ernesto, e desprezá-la ía por isso ?

Como desejava poder revelar-lhe por completo esse pequeno episodio da sua vida ! aliviar-se do mistério que oprimia a sua alma singela, como o peso de um crime ! implorar o conselho e o apoio com que, de longe, contára, e que, de perto, se não atrevia a pedir !

A atitude do seu amigo, inalterável, fria, reservada, comunicava-lhe agora uma timidez que ainda não fôra vencida quando, na véspera de S. João, como celebração do restabelecimento da irmãsita, o Joanito obteve licença de ir em pessoa convidar D. Cristina e Ernesto para a festa que fôra transferida da noite de Santo António para então.

Fogos de artifício são um dos grandes prazeres das crianças. O João do Outeiro andava mais contente que os próprios filhos.

Era neste dia mais criança do que eles, encarregando-se, com infantil entusiasmo, de acender, êle mesmo, os balões que iluminavam à veneziana as pequenas áleas floridas da horta. Perto do tanque grande, escolhera-se logar apropriado para a fogueira e fogos de artifício.

Com entrada pela porta que abria para o campo — porta já nossa conhecida, por onde Ernesto se insinuára furtivamente — havia um recinto destinado a pessoas do povo, todos aqueles que trabalhavam nas fazendas do João do Outeiro ou estavam de algum modo para com a casa nas relações de subalternos.

Tomava assim carácter de festa popular a celebração das melhoras da pequena Maria que assistia ainda à diversão com o mimoso rostinho abatido, emoldurado por uma engraçada touca de cambraia.

Iluminada a horta ao fechar da noite, o João do Outeiro não pôde parar em casa. Acompanhado pelo Joanito, dirigiu-se pressuroso a casa das velhinhas Mesquitas, as mais afamadas doceiras do logar, que já tardavam em mandar-lhe as bandejas, encomendadas com a mais cautelosa antecipação.

Na casa de fóra a Purificação acabava ainda de adereçar a mesa da ceia, deixando á boa Inácia, sabedora creada do padre Lima que viera a socorrer a Custódia, participando da festa, o maior peso das responsabilidades culinárias.

Carregando de palitos o dorso amarelo gaio de um extravagante quadrúpede da primitiva louça das Caldas, a pequena Maria, cheia de gravidade que a circumstancia pedia, prestava o seu concurso nos trabalhos preparatórios do banquete!

Ouviram-se leves passôs e logo assomaram à porta Joaquim Lima e o padre.

— «Ora viva!... Viva quem teve o bom juizo de vir cedo-nho.» — Era cumprimento da hospedeira dona da casa, estendendo ambas as mãos para os recém-vindos.

Tiveram lugar, com a expansão a que dava ensejo o afável humor da Purificação, as usuais saudações.

Depois, era ela já tôda entregue ao desempenho de bem receber: — «Entrem e estejam muito à sua vontade... O

meu homem não tarda... Foi ali só às Mesquitas... e está aqui está de volta...»

— «Já estou a lamber os beiços : — disse o padre aludindo aos doces.

— «Vamos a vêr... O que se encomendou foi do melhor... Cá o meu João nestas coisas não olha à despesa... O que nós queremos é que os senhores estejam a seu agrado... Olhe, Joaquimzinho, vá até à horta... Vá ver o efeito que metem as luzes... Está bonito.. A Matilde por lá anda... à vêr se colhe uns mal-me-queres para os guardanapos... Que agora o mais que há são cravos... Vá... vá até lá... Faça como dantes. . Faça-se de casa...»

Joaquim Lima, depois de breve indecisão, tomou vagarosamente o caminho da horta. Realmente, que razão havia para não ir !

A Purificação quedára-se a olhal-o, sorridente, como mãe a rever-se nos filhos.

— «Bem bonito rapaz !» — dizia, como para si — «Mimosinho de cara !... Mas, senhor prior... acho-o assim a modo... pesado... triste... O Joaquimzinho sempre foi sério, mas dantes não era assim... Andará êle doente?... ou terá coisa que lhe dê cuidados?...»

O padre olhou para ela abstracto, mais como se estivesse reflectindo consigo do que pensando em lhe dar resposta. Foi só passados momentos e arrancando-se a essa meditação que êle retorquiu : «Nunca foi alegre... Sempre o conheci grave... mais ou menos concentrado... Depois, a instrução também torna as pessoas mais sisudas...»

— «Pois, lá isso, quero crêr que também...» — obtemperou a Purificação— «Mas, a mim, até já me lembrou que anda ali volta de namoro... lá pelo Porto...»

O padre meneiou a cabeça : «Namoro no Porto?... Qual !... Sendo assim, quem o tinha mandado vir para cá?»

A Purificação olhou em silencio, fixamente, para o padre Lima. Era indício de lhe ter o argumento calado fundo no espirito.

— «Tinha-me vindo isto à idéa» — dizia pouco depois em explicação do seu pensamento. — «Tristezas de rapazes, senhor prior... são quási sempre negócio de mulher...» O padre ficou silencioso. Depois, sem mudar sensivelmente de tom : «E o Ernesto, sr.<sup>a</sup> Purificação, tem por cá aparecido?...»

A Purificação pareceu sobresaltar-se com a pergunta. Mas tinha-lhe a voz o tom natural quando respondeu :

— «Ele por aí tem vindo uma vez ou outra...»

O padre pareceu meditar alguns segundos. Em seguida, com o sobrolho um tanto carregado : «Pois mau é !... mau é !»

A Purificação não lhe respondeu... Evasiva ou cautela, mandou a pequena Maria ao cima do terrado vêr se não era o pai que chamava.

— «Bem se sabe o que são terras pequenas» — continuava entretanto o padre Lima.— «Segundo me consta, já aí se bosqueja que o Ernesto casa com a Matildé... Ora, realmente... se o rapaz não declarou ainda as suas tenções .. isto é muito inconveniente... Vocemecês têm de pôr quanto antes esta questão a limpo...» E como descobrisse certa hesitação na interlocutora: «E' ou não claro que o Ernesto olha para a Matilde?»

A Purificação, apontando para o estreito tabique que as separava da cosinha, fez sinal ao padre para que falasse baixo. Depois, francamente, espontâneamente:

— «Isso lá, senhor prior, é claro como a água da fonte.»

— «Pois então é seguirem quanto antes o meu conselho... O Ernesto não é mau.. estou convencido... Mas é rapaz .. O êrro já vocemecês o fizeram admitindo-o com tanta franqueza... O resto era de esperar... E a Matilde dá-lhe atenção?»

— «Isso agora, senhor prior, é que pergunta bem, mas olhe que não lhe sei responder...»

O padre levantou os olhos surpreendido e taciturno:

— «Essa agora!... Qual é a mãe que não adivinha os sentimentos da sua própria filha!»

Não escapou à Purificação o tom de censura implicito nesta exclamação. Mas o padre roçava-lhe por uma corda melindrosa, havia muito prestes a estalar no primeiro dedo que se atrevesse a tocar-lhe.

— «Qual é?» — retorquiu ela com a voz exaltada, trémula por íntima comoção.— «Sou eu, senhor prior... digo-lhe que sou eu.»

E as lágrimas afluíam-lhe a quatro e quatro:

— «A minha Matilde não é como as demais raparigas... Tudo o que sente cose-o consigo... Cuida que me vem contar alguma coisa?... Isso conta ela!... Eu bem percebo que ela trás lá dentro uma pena... não sei quê que a rala... Mas o que é que hei de fazer?... Se lhe vou a tocar em tal, tôda se amofina... nega e põe-se cada vez peor... Digo-lhe, senhor prior, que é mesmo uma ralação... Não sei o que estou a adivinhar... Há muita soma de noites que não durmo um sono descansado... E então o meu homem! Ainda nunca o vi assim... E eu bem vejo de onde a coisa vem... Volta e meia, olho na filha... Aquela então, que é lá o seu ai Jesus!... E ela a fazer-se alegre, cuidando que nos engana...»

E enxugava os olhos lacrimosos.

O padre ouvia á com a maior atenção, sem a interromper.

Por fim, quando ela mesmo se atalhou :

— «Pois é indispensável que isto se esclareça... A reputação de uma mulher, e mulher do valor da Matilde, não é coisa que possa tratar-se levemente... E mais alguém devia já ter pensado nisto... Não me admira o Ernesto, que é, e ha de ser sempre, um cabeça de vento... Mas a mãe... a D. Cristina ! .. Já devia ter intervindo.»

Depois de breve reflexão, voltou o padre :

— «A esta, se vocês quiserem, eu me encarrego de falar.»  
A Purificação hesitou.

— «Para lhe dizer o quê, senhor prior ?»

— «Para lhe dizer que, se o filho gosta da Matilde, sinceramente e como ela merece, siga o caminho direito, ou então... que não torne aqui a pôr os pés.»

A Purificação parecia atemorizada e hesitante.

— «Deixe-me o senhor prior vêr primeiro o que diz o meu homem... Para irmos combinar uma coisa dessas sem lhe dizer nada...»

— Pois está de vêr que é preciso dizer-lho... Essa é boa !... Mas fale-lhe nisso quanto antes... Não são coisas com que se possa descansar... »

Passados alguns momentos de silêncio a Purificação perguntou :

— «E a sr.<sup>a</sup> D. Cristina, senhor prior ? O que dirá ela a isto ?»

O padre abanou a cabeça.

— «O que ela dirá é que eu não sei dizer-lhe... Sei que pertence à espécie humana e, como tal, não podia vir a êste mundo isenta de defeitos... O maior que lhe conheço é aquele orgulho do seu nascimento. A família desta senhora liga-se ainda, de facto, com um ramo muito nobre da antiga fidalguia portuguesa... Estas questões de sangue preocupam-na »

— «Mas é muito boa senhora» — reflectiu a Purificação, obedecendo a um movimento reconhecido do seu bem formado coração.

— «Ah ! E' digníssima !» — converteu o padre. — «Mas, nêstes casos, uma obcecação forte, abafa muitas vezes os impulsos da justiça e da rectidão.»

A Purificação olhava ainda para o padre, não tendo penetrado completamente o sentido das últimas palavras que êle proferira, quando o diálogo foi interrompido por gritos da pequena Maria.

Era a chegada do João do Outeiro e do Joanito.

Duas raparigas, engalanadas com os seus melhores lenços e aventais, traziam à cabeça, cobertos por alvas toalhas de renda, os taboleiros que em centenaes de casamentos e

baptizados tinham, no correr dos anos, espalhado as parcelas que haviam formado a grande reputação, consolidada, das manas Mesquitas.

## XVI

Quando Joaquim Lima chegára à porta do quintal, parou, procurando Matilde com a vista.

Estava sentada na borda do tanque grande, tendo no regaço algumas flôres recentemente colhidas.

Era o mesmo vestido claro que já lhe vimos. Atraz, no feixe dos cabelos, prendera um exquísito ramo formado de uma rosa e uma saudade.

Descobria-se francamente o sapato branco bem pespontado, gracioso sem ser microscópico.

Joaquim Lima, entre os umbrais da porta, não ousou ou não quiz avançar.

A Matilde pressentiu-o afinal. Vendo-o ali, como que vindo ao seu encontro, teve uma enorme sensação de alegria.

Pareceu-lhe que voltára de repente ao antigo tempo; que eram ambos crianças sem as graves preocupações de hoje.

Não seria êsse o momento tão desejado de efusiva expansão que se lhe oferecia?

Tinha pressa de se apoderar dêle, receiosa de que de novo lhe fugisse a coragem ou o ensejo.

De um jacto largou no chão as flôres de que fazia pequenos ramilhetes, e, impetuosamente, correu para o seu amigo, dando-lhe como dantes, um abraço.

Depressa, porém, se retraiu, magoada. Sentiu que não fôra correspondida. A claridade, incerta naquele logar, não podia denunciar a intensa vermelhidão que súbitamente tingira as faces de Joaquim Lima; mas essa perturbação traduzia-se numa frieza hirta que orvalhou de lágrimas os olhos de Matilde.

Arrependida do movimento irreflectido que tivera e querendo, a conselho do orgulho, desvanecer prontamente a impressão causada, disse, procurando mostrar-se natural e alegre:

— «Olha Quim, vem para êste lado... Não fazem bonito efeito as luzes?... Foi tudo arranjado pelo pai... Anda tão contente hoje, coitado!»

Quando chegaram ao tanque, Joaquim Lima ainda não soltara uma palavra.

Como alheio ao que o cercava, tinha-se sentado num banco de pedra. A Matilde conservava-se em pé defronte dêle.

Finalmente Joaquim Lima, talvez incomodado por aquele *vis-à-vis*, resolveu a falar.

— «Continua a arranjar as tuas flôres .. Eu não vim interromper-te.»

Matilde perdeu a paciência. Com exaltação :

— «E que me importam já as flôres ! Que me importa tudo isto, se já não sou para ti o que era dantes !... se não posso saber em que foi que mereci o teu desamor !»

E a voz tremia-lhe nervosa, cortada.

Joaquim Lima olhou para ela surpreendido.

— «Desamor !» — repetiu com manifesta frieza.

— «Sim... Desamor ou ... aversão... Pois eu não vejo !... Bem sei que talvez eu seja culpada... no modo por que também te tratei no primeiro dia... Mas... se tu soubesses... se soubesses como era de perturbação para mim o momento em que chegaste !»

Parou. Joaquim Lima compreendeu que devia dizer alguma coisa. Aparentemente com a maior serenidade :

— «E' uma apreensão infundada... O sentimento persiste... A maneira de ser amigo é que... não pode ser a mesma em tôdas as idades...»

— «Não sei porquê» — replicou vivamente Matilde. — «Pois exactamente agora é que eu precisava, mais do que nunca, de ter alguém a quem dizer o que sinto. E para isto, Quim — bem sabes — só tu...»

Joaquim Lima cõfiava o bigode escuro, parecendo muito mais disposto a ouvir do que a falar.

— «Se soubesses a falta que me tens feito nêstes últimos anos !» — continuou ela animando-se. — «Não ter ninguem !... ninguem a quem dissesse os meus pensamentos como fazia contigo !... Tem-me sido muito custoso, Quim... muito !... Quando tu vinhas... Havia aquela idéa de estar sempre à espera... Mas depois cheguei a ter momentos de um desânimo !... Se queres que te diga. Nem compreendia bem a causa de semelhante mal estar... Esta vida aqui no Outeiro... só obrigada ao assunto do comércio... aos arranjos da casa ! chegou a parecer-me tão detestável que nem podes imaginar.. E nunca te descrevia, para lá, estas minhas impressões, porque não queria afligir-te... Receiava até influir para mal no teu futuro... Procurava por todos os modos combater aquela tristeza... Lia... Estudava coisas novas para distrair-me .. Mas nada me satisfazia aquela anciedade enorme que me atormentava... Largando o livro, achava-me ainda mais só e mais infeliz... Cheguei muitas vezes a pensar que a vida era tão insuportável que mais va-

lia morrer... Lembro-me de sentir um dia isto vendo passar defronte da nossa casa o entêrro da filha do morgado da Urzela que todos lastimavam... Arrependi-me depois, vendo o pai a olhar muito sério para mim... como se estivesse a adivinhar-me o pensamento... egoista... Chorava muito de noite... só comigo... Foi então. . .»

Matilde hesitou.

Até ali Joaquim Lima ouvira, sem interrompê-la, essa voz que possuía tons de uma suavidade hipnotisante. Bem adivinhava aonde corria o caudal de palavras dulcíssimas.

— «Foi então...» — repetiu Joaquim Lima como maquinalmente.

— «Sim... Veiu de todo para cá o Ernesto Sampaio. E... porque não hei de eu dizer-to?... tudo parecia ter mudado no fim de algum tempo.»

Matilde parecia esperar de Joaquim Lima uma palavra de animação. Vendo porém que êle não fazia o menor gesto, nem, de nenhum modo, se mostrava disposto a falar, prosseguiu. Mas foi em tom hesitante que desenrolou as suas confidências.

— «Ele a princípio vinha aqui pouco... Depois .. como os pais gostavam dêle e o convidavam, foi amudando as visitas, até que chegou a vir todos os dias... E' instruído, bem educado... Imagina que diferença entre a convivência dêle e a das outras pessoas que aqui entram!»

O silêncio persistente de Joaquim produzia em Matilde um efeito acabrunhador. Diferente do conselheiro afável que lhe fôra outrora, semelhava agora austero juiz, impenetrável até pronunciar a rigorosa sentença.

A atitude do seu amigo acabou por impacientá-la.

Exaltada, sacudindo-lhe um braço :

— Quim, não me dizes nada?... Eu sei bem porque isso é.

Joaquim Lima levantou os olhos surpreso.

— E' porque, ao chegares, deparaste com alguma coisa... que te surpreendeu... e desprezas-me... condenando-me sem me ouvir.»

E como êle olhasse de fito para ela sem a contradizer :

— «Ai, vês?... vês, Quim?... E' isso mesmo... Pois, juro-te por tudo... pela vida do pai... pela nossa amizade... não tens razão.»

Comovida, Matilde tomára-lhe a mão que apertava como em apoio das suas palavras.

Com serenidade, Joaquim Lima esquivou-se à pressão dêses finos dedos que sentia tremer. Depois, implacavelmente :

— Não te importes com os meus juizos, que, de mais a mais... nunca poderão deixar de ser benévolos... Tem com-



pleta confiança em mim. Faze inteira a narração... do teu romance...

— «E' bem pequeno o meu romance...!» — retorquiu singelamente Matilde. — «Tu, Quim, viste de certo o Ernesto sair por aquela porta, disfarçado, na noite de Santo António?»

— «Vi» — respondeu friamente Joaquim Lima.

Matilde estremeceu. Passando as mãos levemente pelo rosto:

— «Que idéa podias ter feito de mim!... Mas, Quim... que felicidade poder dizer-to!... foi aquela a primeira... única vez que semelhante facto se deu...»

— «Única!» — exclamou Joaquim Lima com certo alvoroço que contradizia a flemma de que êle próprio parecia fazer gala.

— «Única, sim» — tornou Matilde, animando-se. — «E... repara nisto... foi só para dizer-lhe que partisse para Lisboa. . que me esquecesse... que era loucura ceder a esta inclinação...»

Joaquim Lima olhou para ela de fito. Depois com firmeza:

— «Ele sabe que é correspondido?»

Matilde vacilou.

— «A mãe é fidalga e orgulhosa... nunca levaria a bem que o filho fizesse um casamento... plebeu... E' forçoso que ambos esqueçamos isto... Ele, segundo as ambições da mãe, deve estabelecer-se em Lisboa, onde o espera um futuro inteiramente diverso desta vida daqui.»

— «E a ti não te custa isso muito?» — perguntou Joaquim Lima, cravando nela um olhar estranhamente inquisitivo.

Matilde, perturbada, demorou a resposta. Afinal, nervosamente:

— «A dignidade, Quim, vale por tudo...»

Mas Joaquim Lima notou-lhe não sei que alteração na voz e viu bem duas lágrimas que lhe escorriam pelas faces e que ela não enxugou, cuidando que melhor as disfarçava assim.

Seguiram-se alguns momentos de silêncio.

Foi Joaquim Lima o primeiro a falar.

— «De qualquer modo... foi grande imprudência abrires de noite aquela porta... E' preciso que tenhas uma grande confiança nêsse homem!... E, francamente, parece-me cêdo... Numa situação dessas um homem namorado... tendo mesmo tôda a consideração e respeito pela mulher... pode... ultrapassar um pouco as conveniências...»

Era visível quanto o assunto era embaraçoso para Joaquim Lima.

Ruborizada, Matilde atalhou-o vivamente:

— «Quim, não sejas injusto... O Ernesto era incapaz de ter para comigo a menor falta de respeito...»

Joaquim Lima tirára o chapéu e passava o lenço na testa, orvalhada de suor.

A Matilde olhava para êle com a expressão mais ingénua.

— «E anuiu ao pedido de afastamento?»

— «Ainda não.»

Deu-se em Joaquim Lima um movimento de lábios quasi imperceptível.

Depois, com distracção, anediando o bigode :

— «E crês sincera a afeição que êsse rapaz diz ter por ti?»

Matilde consultou-se um instante, avocando pensamentos que já muito a sós consigo, se lhe haviam revolvido na mente. Depois, como falando a si mesma, apertando as mãos uma contra a outra :

— «Não sei... Realmente não sei...»

— «Matilde... O' Matilde... Olha a sr.<sup>a</sup> D. Cristina, filha.»  
Era a voz da Purificação.

## XVII

Quando Matilde voltou apressadamente a casa para receber D. Cristina e o filho, revolteavam-lhe no espírito as idéas mais encontradas. Diante de um e outro se sentia mal, num constrangimento opressivo que lhe fazia desejar anciosamente o fim daquela noite.

Como em outro tempo, beijara-a e abraçara-a D. Cristina com mostras de particular affecto. Seriam remorsos que lhe andassem já aguilhoando a consciência ?

Para com o João do Outeiro e a Purificação mostrava-se excepcionalmente lhana, o que não passava desapercibido a Matilde. Era sobretudo atenciosa para Joaquim Lima, tratando-o ostensivamente com a maior consideração.

Seria tudo isso puro arrependimento de uma alma cujo fundo de diamantina nobreza houvesse de transparecer sempre após a reflexão dissipadora dos alucinados acessos? Assim o julgou pelo menos a ingenua bondade de Matilde, já meio disposta ao perdão.

A apresentação de Ernesto e Joaquim Lima produziu de parte a parte impressão diversa do que ambos esperavam. De um e outro lado houveram logo de ser feitas algumas concessões.

Ernesto Sampaio, realmente cativante no físico, possuía

além desta vantagem o raríssimo dote da graça natural, tão apreciada no convívio familiar.

Por seu turno, Joaquim Lima, à primeira vista, no primeiro gesto, inculcava, sem intenção, com a mais distinta naturalidade, os atributos de apuradíssimo quilate que sempre lhe haviam concedido direitos de superioridade entre pessoas de bitola não comum.

Coube todavia a Ernesto a maior surpresa. Despreocupadamente, crêra na insignificancia de Joaquim Lima. Ter de confessar a si próprio que se enganara de todo em todo foi uma dura provação, ao passo que—sem mesmo precisar bem porquê—sentia menos certa a sua vitória sôbre o coração de Matilde. Quando mais não fôsse, de fôrça essa outra intelligencia exercendo influxo no Outeiro viria enfraquecer o seu prestígio até então absoluto. Revoltado contra as circunstancias, querendo taxar de futeis e precipitadas as suas primeiras impressões exageradamente favoráveis, Ernesto concebeu a pretensão de colocar desde logo Joaquim de Lima em mau terreno. Procurou enredá lo em assuntos de que tivesse pouco conhecimento.

Falou-lhe atabalhoadamente da polîtica externa e interna, de literatura, de filosofia, de ciências abstractas. Premeditando os saltos mais funambulescos e entontecedores, Ernesto teve o desprazer de encontrar Joaquim Lima, em todo o campo, muito superior às suas próprias fôrças, sempre tranqüilo, sem prurido nem alarde de opiniões pre-estabelecdas, sorrindo de quando em quando com assomos de subtil ironia, como se estivesse a comprehender a táctica astuciosa que, através de vistosos fogos de palavras, revelava no seu interlocutor parco cabedal de instrução.

A's vezes, tendo-se embrenhado em catadupas de sofismas, Ernesto debatia-se algum tempo antes que lograsse chegar a porto de salvamento sem se comprometer muito. Mas nisso revelava grande talento argucioso, e Joaquim Lima, muito imparcial, não lhe regateava a devida homenagem no fôro íntimo da sua apreciação particular.

Queimados os fogos de artífscio com enorme regosijo dos pequenos e populares, foi servida a ceia, em que tomavam parte, além das pessoas da casa, os Sampaio, o padre e Joaquim Lima.

Foi durante a refeição que D. Cristina melhor pode occupar-se do que realmente a trouxera ao Outeiro naquela noite. Conversando com Joaquim Lima, sentado à sua esquerda, não perdia um só movimento dos personagens entre os quais estava concertando um plano de cujo resultado fazia agora depender a fortuna de Ernesto.

Ao lado de Matilde, êste occupava-se dela constantemente,

falando-lhe muito baixo como se procurasse não ser ouvido de mais ninguém.

Era notória a contrariedade da filha do João do Outeiro, evidentemente muito mais disposta a obsequiar os seus hóspedes que a prestar ouvido atento ao seu cavalheiro.

Observou D. Cristina, com satisfação, que também Joaquim de Lima, disfarçadamente, não perdia de vista os dois. E nenhuma observação lhe poderia agora agradar tanto. Sonhava uma rápida e impetuosa paixão de Joaquim Lima por Matilde, e via Ernesto, posto fora do campo, fugindo desesperançado para Lisboa.

Crendo naturalíssimo que Matilde correspondesse a Joaquim de Lima, logo que êle lhe oferecesse um affecto sem dúvida mais consistente do que o podia caber na índole volúvel do filho, D. Cristina não cançava de encarcer ao jovem professor os dotes morais e intellectuais da primogénita do Outeiro. Tão excelente filha viria a ser — afirmava — exemplar esposa. O difficil, nas condições em que estava, seria só encontrar marido capaz de apreciá-la como merecia.

Joaquim Lima limitava-se a raros monossílabos, deixando falar D. Cristina.

Ao mesmo tempo, o que diria Ernesto a Matilde, cujas faces se tingiam, a espaços, de um rubor mais intenso? Protestava-lhe eterno amor e pedia-lhe instantemente segunda entrevista na horta.

Perentoriamente, Matilde negava-lha, suplicando-lhe que não insistisse. Foi para ela enorme desafogo quando, finda e refinda a ceia, voltaram todos ao ar livre, onde já fôra reacendida a fogueira para a queima solene das alcachofras.

A Purificação entregava-se agora, azafamada, a fazer distribuir pelos populares os abundantes restos que juncavam a mesa, e ela mesmo enquanto a Custódia servia os grandes, enchia de doces as mãos que cada criança lhe estendia, abrindo-as o mais que podia como para torná-las maiores.

Tendo na fisionomia o seu mais humano sorriso, o padre Lima, afagando loirinhas cabeças e rostinhos jubilosos, dava o mais cabido concurso àquele bodo de beneficencia e de amor.

D. Cristina, querendo aproveitar completamente a occasião oferecida, continuava entretendo Joaquim Lima sem lhe dar lugar a que se afastasse, já mesmo quando o jovem professor teria preferido muito vêr findar êsse colóquio interminável. Longe de consentir que afrouxasse a conversação, D. Cristina renovara-lhe os elementos vitais, introduzindo um novo assunto de culminante interesse para ela. Sabia que o dr. Diogo Nogueira de Lima, correligionário político da situação em vigor, dispunha de vasta influencia não só no Porto como em

Lisboa. E ocorria-lhe que ao dilecto protegido do distinto magistrado, não repugnasse contribuir para afastar um rival temido, instigando o padrinho a interessar-se seriamente pela desejada colocação de Ernesto na capital do reino. Era, como se vê, um plano completo o que então se elaborava no seu espírito, plano em que era destinado a Joaquim Lima o papel de protagonista e cujos benesses, segundo cuidava, deviam principalmente reverter em favor de Ernesto.

Entretanto os pequenos, preferindo antepôr-se ao mero arbítrio da sorte, escolhiam de entre as alcachofras aquelas que segundo dados seguríssimos, tinham certa a florescência para logo que as bafejasse o ar rociado da manhã.

A Matilde, assenhoreando-se de tenras folhas de alface que haviam guarnecido adequadamente vários pratos, lembrou-se de levar aos seus queridos coelhinhos — alvo de particular atenção por serem nascidos de pouco — um amável quinhão daquela festa.

Demorava a coelheira para a esquerda da casa, abrigada por uma figueira que de dia ensombrava deliciosamente o lugar e agora o submergia em quási completa escuridão. Levava ali uma pequena latada por onde Matilde se encaminhou.

Vira a Ernesto, e, sem perda de tempo, tendo-se disfarçadamente aproximado, conviço de que ninguem o observava, insinuou-se também pela estreita e ramosa vereda.

— «Deus ilumine aquela cabeça!» — dizia entretanto alguém que de longe o não perdia um momento de vista.

Já perto da figueira, Matilde estremecera ouvindo passos leves e ligeiros atrás de si. Teve um pressentimento ansioso. Arremessando para dentro da coelheira a verdura que levava na mão quiz imediatamente voltar. Encontrou, porém, Ernesto a embargar-lhe o passo.

— «Deixe-me passar» — disse, num tom a um tempo autoritário e suplicante.

— «Vai passar... Mas há de primeiro dizer quando me concede a entrevista que tanto lhe tenho pedido... E' preciso que falemos em tôda a liberdade... Isto não pode continuar como até aqui... Reconheço que me é impossível abafar êste amor enorme que é já a lei suprema da minha existência.»

— «Por Deus!» — interrompeu Matilde. — «Não me demore aqui, que pôde isso tornar-se reparado... sobretudo a sua mãe... Para que é preciso que falemos em mais liberdade?... Eu só posso repetir-lhe o que já disse... Só posso pedir-lhe que parta para Lisboa e me esqueça...»

Ernesto bateu o pé com impaciência.

— «Esquecê-la!... Parece-me incrível que fale ainda assim depois do que lhe tenho dito!... Chego a convencer-me de

que há algum cálculo no seu procedimento... Essa frieza que me desnorteia, que me enlouquece, não será antes sistema!... Pois protesto-lhe que me vingarei hoje sendo brutal... Não tenho sido para si de uma delicadeza irrepreensível sem ter-lhe merecido nada? Esgotou tôda a minha paciência e abnegação... Ou a Matilde combina imediatamente uma entrevista comigo ou... eu não *consinto* que saia daqui sem me dar um beijo... Escolha...»

E avançou um passo.

Ao mesmo tempo Matilde dera alguns passos atrás encobrindo-se mais na sombra da figueira, envergonhada do que ouvira e que mal podia acreditar.

— «Então?» — perguntou Ernesto, vendo que ela guardava silêncio.

Esperou ainda. Depois, num tom de voz amargamente irónico:

— «E' realmente um dilema terrível!... Não se precipite... Saberei esperar sem impaciências de mau gôsto... Diga-me só quando tiver escolhido.»

E, despeitado, cruzou cínicamente a perna, apoiando-se no bico do pé direito.

— «Escolhi» — disse vivamente Matilde num tom de voz inculcador de tanta firmeza que fez estremecer Ernesto. — «Concedo a entrevista.»

— «Obrigado, Matilde, obrigado!» — exclamou Ernesto, lançando rapidamente de si tôda a arrogância postiça, e avançando comovido.

Mas Matilde afastara-se mais e, estendendo o braço para marcar entre ambos a maior distância possível, acrescentou nervosamente:

— «Aceito sem contrariedade a entrevista porque o desprezo, e aproveitarei mais essa ocasião para repetir-lho.»

Ernesto mordeu o bigode freneticamente.

— «Valha-me Deus... Fui brutal, reconheço... Mas Matilde... uma mulher de alma nobre como a sua perdôa tudo ao homem por quem se sente loucamente amada... Seja generosa, Matilde, e perdoe-me... Bem sabe como me alucinam as suas reservas... Não me queira mal... Sou um desgraçado, credor da sua compaixão quando mais não seja... Ofendi-a?... Juro-lhe que o meu remorso é já muito maior do que essa ofensa involuntária... Diga-me a que horas...»

— «Tarde e bem pelo escuro» — disse a pequena distância a voz austera do padre Lima, que se aproximara sem ser pressentido. — «E' a hora das infâmias. Aquela que os saltadores preferem para atacar o dinheiro dos ricos e a honra das mulheres.»

Ao mesmo tempo ouvia-se a voz do João do Outeiro:

— «Filha! O' Matilde!... Onde estás tu?»

O padre chegou-se a Ernesto, e severo, em voz imperativa apesar de muito baixa:

— «Suma-se.»

Depois, tomando a mão trémula de Matilde, que meteu no braço cavalheirosamente, disse-lhe com a mais doce inflexão:

— «Vem, filha, sossegar teu pai.»

Ao cimo da latada vinha já esbaforido o João.

O padre fingiu não dar tento do caso e disse com bonomia:

— «Fomos fazer uma visita aos nossos coelhinhos... Estão zangados com você, que lhes não acendeu luzes para aquele lado...»

O João do Outeiro deu um fundo suspiro, como de quem viu fim a um caminho fatigante ou sentiu desvanecer-se num sopro uma cruciante inquietação. Depois, distraidamente:

— «Ah!... aquilo para ali não tem graça.»

Não se prolongou muito o serão.

A' meia noite estava em socego o Outeiro e os de fora tinham voltado a suas casas.

Para Matilde parecera sem fim aquela noite de S. João. Quando a manhã raiou clara, fresca e serena, ainda ela, agitada e febril, não conseguira adormecer, e relia, anciosa, um bilhete que Ernesto lhe insinuara na mão à saída.

## XVIII

Matias Beltrão era o mais antigo farmacêutico do lugar.

Nos conventículos da maledicência ponderava-se alguma vez que o homem não tinha as habilitações da lei. Mas fechavam os olhos para tal caso não só as autoridades locais como todos aqueles que, por hábito inveterado ou por lhes faltar melhor, tomavam parte no cavaco, mais mordaz que espirituoso, com que se gastavam na botica as infinitas noites de dezembro e as manhãs dos dias santificados no correr do ano todo.

De mais, o Matias, noveiro e noveleiro de primeiro grau, fazia de tal sorte as honras da sua loja que o grupo dos cavaqueadores era acorde em o declarar insubstituível.

Enquanto o sombrio André, rapazola de dezoito anos, afilhado da casa, único e pachorrento praticante da farmácia, aviava sornamente os freguezes, o patrão sabia entretê-los com as historietas de capital actualidade.

Matias Beltrão era tipo de bastante vulgaridade; nem bom nem mau. Sem propensão para grandes perversidades, também o não atormentavam os apertados escrúpulos de consciências meticulosas. Professava uma adoração prevalecente a todo o outro sentimento — paixão do dinheiro como primeira fôrça social.

Chefe de família era de condescendência exemplar e igualíssima, uma vez que a sr.<sup>a</sup> D. Leocádia lhe promovesse bons jantares e Clarisse, a joven herdeira do casal, não deixasse todos os dias de martelar num péssimo piano, espécie do primitivo clavicórdio, a *Gran Duqueza de Gerolstein*, a *Oração de uma Virgem*, e a *Maria Cachucha*, mostrando às gentes da terra frequentadoras da botica que era menina de educação moderna.

Satisfeitas essas duas condições, nada faltava à felicidade e bom-humor chocarreiro de mestre Beltrão.

Vem de molde informar que Clarisse vôtava entranhada aversão ao tèleclado que, pela obstinação paterna, a distraía, muito mais do que lhe sofria a paciência, da sua occupação favorita — a interminável renda de *crochet* feita à janela.

Cêrca de três meses depois dos acontecimentos narrados no anterior capítulo, o concílio dominical na botica do Matias atingira pelas onze horas do dia o maior calor. Não que fôsse numerosa a concorrência; mas eram de primeira qualidade os assistentes.

— «Lá que o homem tem modos esquisitos, isso tem» — opinava a conspícua pessoa do regedor, sr. José dos Prazeres. — «Só aquilo de se não chegar para a gente... de não aparecer em parte nenhuma onde se conversa!...»

— «E' casmurro, é» — obtemperou o Matias. — «Pois não sei se fará bem...»

— «Faz mal... e muito mal» — acudiu o regedor, dando acentuação profética às últimas palavras.

De frêguezia, havia na loja três homens e duas mulheres do povo, esperando com paciência, ou sem ela, que o ronceiro e fleumático André despachasse devidamente a cada um.

A' porta, encostados às ombreiras, falavam de cavalos Ernesto Sampaio e o filho do Morgado das Cruzes.

Era tipo digno de particular atenção êste Francisquinho das Cruzes. Na aldeia, sobretudo o seu monóculo petulante, cabelo repartido ao meio, empastado sôbre a testa, traço affectadamente subordinado à moda inglêsa, tornavam-no inconfundível.

Cursara preparatórios em Lisboa sem abrir livros, até que o Morgado, farto já de reprovações e de consumir rios de dinheiro em tôda a espécie de aventuras, mandara recolher o incorrigível ao velho solar das Cruzes, onde aos trinta anos

êle vivia conformado na aparência, gosando as delícias da mais completa ociosidade, encarando com ternura a perspectiva de ainda vir a herdar um património sofrível.

— «Quer que lhe diga ?» — continuava o sr. José dos Prazeres em tom sibilino para o boticário. — «O homem no caminho que tomou, vai mal... Põe contra si a câmara e o povo... E, sabe no que vem a dar ?... Está aqui, está na rua.»

O Matias, assentindo, abanava repetidas vezes a cabeça.

— «Rapaz novo !» — continuou o outro, circunspecto. — «Reformas e mais reformas e toca a deitar abaixo tudo o que estava !... Não é assim... E' preciso caminhar com tino... Veja lá o Marquez de Pombal... que afinal não era nenhum asno... se não tinha aquele dito: *Devagar que tenho pressa* !... Este então acha que Roma e Pavia que tudo se fez num dia !... Em menos de três meses veja o dinheiro que tem levado à câmara... Ele abrir janelas !... êle mobilia nova !... êle aparelhos para a ginástica !... êle o diabo !... E a câmara não tem... Esse é que é o caso... Tomara ela poder com os encargos antigos !... E' boa !»

— «Vamos indo !» — contrariou o Matias. — «A nossa câmara ainda não é das mais desprovidas... E olhe que a escola... a dizermos a verdade... da maneira que estava... era uma lástima... Até o doutor chegou aí a dizer que as doenças, de lá é que vinham todas.»

— «Ora histórias !... Deixe-se lá disso... Os pais não aprenderam lá ? E nem por isso morreram... Modernices !... Modernices !... O homem vem do Porto com a cabeça cheia de teias de aranha e põe lá na sua que há de figurar de salvador desta terra... Armar à popularidade... olhe que não é outra coisa... Mas dá-lhe na cabeça, tão certo como dois e dois serem quatro.»

— «Tudo criancice !» — tornou o boticário encolhendo os ombros exageradamente.

— «Isto para aqui o que se queria era pessoa de mais idade... Menos reformas e mais conhecimentos.»

— «Ele saber, parece que sabe» — contraveiu autoritário o regedor. — «Até querem dizer que é por via disso que se põe lá nessas alturas... Mas uma coisa não briga com a outra... E, se o homem aparecesse de vez em quando e se fizesse conversado, olhe que sempre havia de ganhar mais simpatias e não lhe caíam os parentes em deshonra...»

— «Isto agora de parentes é modo de falar» — atalhou sardónico o boticário. — «O mundo é que anda às avessas... Quanto mais baixos são, mais altos se querem pôr. E' já manha velha.»

Ernesto, ao passo que fingia atender ao Francisquinho das

Cruzes estava todo concentrado no interior da loja. Nada podia interessá-lo como o diálogo que escutava.

Havia proximamente três meses que Joaquim Lima residia em Z., e outro tanto tempo que Ernesto falara a Matilde pela última vez. Fôra naquela festa de S. João em que o padre Lima o deixára atônito e confuso sem saber que partido devesse tomar. Em Ernesto, a indecisão era estado fugitivamente transitório. Quando naquela noite saíra do Outeiro já tinha formado o seu plano.

No tumulto da despedida conseguira, sem ser visto, passar a Matilde um bilhete em que dizia: «O amor cega-me, e enlouquece-me... Mas na humilhação que hoje sofri há muito maior expiação do que eu merecia... Apesar disso, não me sinto ainda rehabilitado aos seus olhos... Não tornarei a aproximar-me sem que a isso me tenha autorizado, mandando-me o seu perdão... Poderá mais a sua generosidade ou a minha desgraça?»

Dizia isto o bilhete e tinham agora decorrido três meses sem que Matilde lhe enviasse uma palavra sequer.

Ernesto cumprira o seu protesto, não voltando ao Outeiro, certo de que, se os sentimentos de Matilde fossem a seu respeito os que desejava, acabaria por se render, chamando-o. Facilitara-lhe a execução do plano o ter-se desenvolvido na povoação com prodigiosa intensidade uma epidemia de gripe que chegára a pôr em risco a vida de D. Cristina.

Nestas circunstâncias não pudera a princípio ser notada a ausência de Ernesto no Outeiro, onde, tendo alastrado a doença, havia também obstáculo natural à convivência, já aliás bastante frouxa, das duas famílias.

Mas no Outeiro a crise passara mais rápida e já não havia razão bastante que justificasse o silêncio de Matilde.

Para vê-la, Ernesto limitava-se a dar passeios a cavalo para o lado do Outeiro, passando sempre de largo, rara vez logrando o seu intento.

Admirava-o esta tenacidade de Matilde e, incendiado em íntima cólera, atribuía à influência de Joaquim Lima a demora do seu triunfo.

Já muitas vezes sentira ímpetos de quebrar o protesto, aproximando-se novamente de Matilde, mas vinha de outro lado a vaidade aconselha-lo a que esperasse ainda. Talvez pior tormento fôsse o que ela própria estaria sofrendo.

A imprudência fôra tôda sua, afastando-se quando mais carecia de estar perto, para conservar e desenvolver o já adquirido prestígio.

Com todas estas reflexões, impacientava-o cada vez mais a figura pálida, serena, imperturbável de Joaquim Lima a quem apenas casualmente encontrava. Por atenção à família do

Outeiro, fôra deixar-lhe cerimoniosamente um bilhete, pouco depois correspondido. E por aí tinham ficado as relações dos dois homens, que, a não se dar particular repulsão, teriam sem dúvida estimado ligar mais estreita convivência.

Haviam todas estas circunstâncias constituido Ernesto num tal estado de mau humor e irritabilidade que D. Cristina nem já sabia o que devesse pensar. Nada queria tanto como a saída imediata para Lisboa, fôsse qual fôsse a causa do desabrimiento de Ernesto. Este, cada vez mais retraído e concentrado demorava-se em casa o menos possível, preferindo a assembléa pouco ilustrada da botica do Matias ao olhar inquisitivo com que a mãe e a velha criada Inês se punham a olhar para êle, como a pedir-lhe confissão geral e minuciosa.

Confissão geral!

E poderia acaso fazê-la? Não era para êle próprio um enigma a sùmula das impressões que o tinham agitado nos últimos meses?

Que intenções eram as suas a respeito de Matilde? Não sabia.

Nos anos que passara em Coimbra isolado da família — anos da adolescência, em que o carácter, como cera mole, se vai afeiçoando pelas superficies que toca — o que vira quasi sempre em torno de si, o que ouvira de novos e velhos àcerca das mulheres, fizera-lhe muito cêdo apeiar do florido pedestal que instinctivamente criara, a imagem ideal da companheira do homem, tal como Deus a concebeu e como a alma ainda não pervertida sente que ela deve ser.

A crença, que perfilhara, de que as mulheres, sendo formosas, tinham sempre no seu poder consolarem-se das infelicidades do amor, haviam tornado um encontro perigoso para aquelas que o acaso lançasse no seu caminho.

E, não obstante, Matilde como que acordara na sua alma alguma cousa de primitiva ingenuidade. Junto dela sentia-se inteiramente outro. Daqui, uma grande luta que se batia no seu espirito, não lhe soffrendo o ânimo tratar como a mulher vulgar esta que o não era.

Afastar-se, porém, deixando inteiramente livre o caminho a Joaquim Lima, era o que por modo nenhum queria, nem sequer entendia dever fazer.

Entretanto, na aparência, a vida de Joaquim Lima absorvia-se exclusivamente no mais zeloso afan pelas responsabilidades do seu cargo.

Aceitando a nomeação que pedira, era-lhe impossível deixar de pôr em acção todos os meios de levantar a escola e o ensino do estado vergonhoso e improdutivo em que encontrara tudo.

Por circunstâncias muito estranhas à sua vontade, e diver-

sas de todos os seus planos, ia talvez em breve abandonar para sempre Z., e embrenhar-se no tumulto das mais largas e absorventes ambições sociais. Já que, porém, tinha ambicionado ocupar êsse lugar humilde, a sua passagem ali havia de ficar marcada indelêvelmente, ou veria projectar-se — parecia-lhe — uma sombra do pior efeito no caminho da sua vida pública.

A' câmara comunicara logo que não entraria em exercício sem casa apropriada, onde lhe não pezasse na consciência dar instrução às crianças a troco da saúde.

A' câmara nem agradou o alvitre nem o tom de decidida independência em que êle lhe foi apontado. Sob impulso do dr. Nogueira de Lima alguma cousa, porém, se passaria nos bastidores da política, porque não tardou muito que o jovem professor recebesse indicações para dirigir e vigiar êle mesmo as obras necessárias do prédio fronteiro à botica do Matias Beltrão, contiguo à escola do sexo feminino — residência de D. Cristina — e fazer o orçamento das alfaias adequadas.

Por ordem superior continuaria fechada a escola até que se considerasse convenientemente estabelecida.

Um officio da direcção camarária regularizava especialmente o ensino da ginástica, inserindo instruções que foram publicadas em edital.

No momento de rearmos o fio da nossa narrativa, estavam concluídas as obras, faltando apenas o complemento de algumas guarnições internas.

A matrícula, que se conservara aberta durante o interregno escolar, era numerosa, apesar dos zuns-zuns que, como tivemos ocasião de escutar, alastravam já contra o novel professor, de um a outro extremo da terra, a expensas da estupidéz dos seus habitantes.

Crer que o zêlo do professor tivesse estimulado o interesse dos pais, seria crêr numa coisa razoável e boa, mas que efectivamente se não dera ali.

Quanto menos civilizado é um povo, tanto menos tolerante para as leis que lhe cerceam a arbitrária autoridade sôbre os filhos.

E por isso parte da população de Z. se sentia revoltada, vendo Joaquim Lima indagar estrictamente daqueles muitos refractários que pelo mais fútil pretexto, se furtavam à obrigação de mandar instruir os filhos. Nesta benemérita campanha valia-lhe muito ser auxiliado pelo padre Lima, que dispunha, em largas e serenas práticas, dos meios mais suasórios perante aquelas rudes cabeças.

Assim muitos se haviam submetido; mas, à socapa, faziam-se comentários, trocavam-se protestos de revolta. Um, só queria o seu filho de mão na enxada que era por onde

mais certo lhe viria o pão. Outro clamava que não criara os seus rapazes para *arlequins de feira* — alusão grotesca ao exercício da ginástica. Tal mãe gritava que aquilo era tudo *intrujice*. Muitos, que o não poderiam sofrer seria saírem-lhes os filhos de casa sem defeito e voltarem com um olho de menos ou alguma perna partida.

Chegaria algum destes clamores ao ouvido de Joaquim Lima? E' mais do que provável que assim sucedesse.

Mas, se tãda essa opposição — que aliás considerava natural — contribuia para desgostá-lo fundamente, nem por isso alterava, numa vírgula, o plano definitivamente marcado.

## XIX

«O' sr. Matias» — exclamou para o boticário a mais desempenhada das duas freguezas presentes. — «Já por cá se há de saber ao certo quando é que abre a escola ali defronte.»

— «Está por dias, sr.<sup>a</sup> Antoninha» — replicou-lhe o Matias, com importância de quem garante o valor das suas informações — «Querem vêr se fazem isso no primeiro de outubro... E já não é sem tempo!»

A sr.<sup>a</sup> Antoninha, consorte de mestre Bugalho, o mais afamado marceneiro do lugar, era mulher por volta dos cincoenta anos, alta, ossuda, negra, de olhar duro e vivo, e um ar constante de desmazelo, que, com todo o resto, a tornava supinamente antipática.

Fácilmente se previa que a criatura não tinha papas na língua.

— «Não diga tal, sr. Matias!... Olha a pressa!... Tomaremos nós que semelhante praga nem cá viesse...»

— «Que diz você, mulher!» — exclamou o boticário, desta vez sinceramente.

— «E' mesmo assim» — insistiu a fregueza de mau modo, jubilosa por ter ocasião de falar perante auditório tão importante. — «Deixe-me cá, sr. Matias... Isto de escola, assim como a querem fazer, é mas é uma *grandecissima* pouca vergonha... Precisar cada um dos seus filhos em casa e ter por fôrça de os mandar para o mestre com o sacco dos livros às costas!... Sempre é uma, esta, como nunca se viu!... Se eu não fôsse mulher, eu lhe protesto que a coisa não passava assim... Mas se eu tenho um homem que é mesmo um paz de alma!... Aquilo está por tudo .. Só em casa então!... Deixa-me calar.»

O Matias estava morto por dar trela à mulher.

— «Mas escute cá, sr.<sup>a</sup> Antoninha... O seu rapaz não está já pronto de ler e escrever?»

— «Pronto e mais que pronto» — confirmava a esposa do marceneiro, carregando muito nas palavras para mais intimativa. — «Mas deixe-me cá, sr. Matias... Aquele meu *Piroeta* está cada vez pior... E' mau como a peste... Nem o diabo lhe tem já mão... Embirra que há de ir outra vez para a escola, mal que se ela abra, e é porque há de ir... E adeus officio, que lá da plaina e do martelo é de que menos quer saber... Isto então cá para mim!... Ando mesmo raldinha!»

O Matias Beltrão, vendo que Ernesto Sampaio e o Francisquinho das Cruzes estavam divertidos com a linguagem pitoresca da mulher de mestre Bugalho, soprava à fogueira, no caridoso propósito de mais a atear.

— «Mas que idade tem o seu filho, ainda que eu mal preguente?»

— «O meu *Piroeta* está a fazer treze» —olveu-lhe a mulher nuns tons maternais de cuja sinceridade o boticário tinha razão para duvidar.

— «Pois então segurem-no» — alvitrou com postiza severidade o boticário, piscando o olho ao regedor. — «Um garoto de treze anos ainda não tem vontade sua.»

A sr.<sup>a</sup> Antoninha respondeu prontamente à puxada.

Pondo as mãos nas ilhargas, que agitou, bamboleando-se num grotesco movimento de vai-vem, saltou:

— «Gosto de ouvir certas coisas!... Vá lá para o meu e verá se não é a vontade dêle que anda sempre para a frente... O pai então comigo é que prega!... Que torna... e que deixa! Forte inferno!... Já o tenho dito ao meu Bugalho mesmo assim. Aquilo, mais dia menos dia, ainda vem a ser o filho que lhe bate nêle... E, senão, veremos.»

A idéa, exótica, do *Piroeta*, esguio e franzino, delgado, nervoso, desancando mestre Bugalho, alentado homemzarrão no vigor dos anos, era para fazer rir, e fez.

Ernesto, sem dúvida na idéa de avivar o incêndio, soltou uma frase que produziu o efeito da tenaz revolvendo brazas.

— «Pois se o rapaz é assim, também lhe digo que, em se abrindo a escola, não lhe torna a pôr pé no officio.»

— «Ora aí está quem me entende... E' assim mesmo... Em me entrando com a maluqueira dos livros quer lá saber!... E ainda se fôsse só isso!... Mas é que, para irem todos os dias à escola, tem uma pessoa de os trazer noutro arranjo... E' a meia... é o sapato... é a camisa... Olhe, camisa já êle não quer passar sem a vestir lavada ao domingo e ao meio da semana... Ainda o que me vale é a Inácia, a

irmã lá do meu Bugalho, que sempre me ajuda... Mas é uma consumição... Se o tal mestre até parece que tem mandinga para as crianças!...

— «Então os pequenos gostam d'êlê?» — perguntou Ernesto interessado.

— «Se gostam!?,... Aquilo é mais que gostar!... As alicantinas que êle tem para os rapazes é que eu ainda estou para saber quais são... O que é certo é que o meu anda mesmo maluco de todo... E então presumido no fato que é uma coisa!... Pr'os modos, acha que não tenho mais que fazer que é cosê lo... Imaginações do mafarrico do mestre... ninguem me tira isto da cabeça!... Ora que êle ensine o que é da sua conta, ainda vá!... Agora, andar-se a meter na vida de cada um, sem ninguém o chamar, essa lá me parece desafôro!» — e a sr.<sup>a</sup> Antoninha fora de si, travejava com arremesso a ponta do chale.

O filho do morgado das Cruzes tinha todás as pechas dos insignificantes.

Porque detestava Joaquim Lima? Só porque o reconhecia contraste muito acentuado para a sua rara nulidade. Era o que o movia quando disse sarcásticamente: «Se o homem põe na sua cabeça que há de ser o régulo cá da terra e pôr o pé no pescoço a tôda a gente!»

— «Isso lá mais de vagar» — acudiu em ânciãs de raiva concentrada a sr.<sup>a</sup> Antoninha, tomando com gesto furioso de sôbre o balcão um vidro que o pacífico André havia muito ali puzera com o sacramental «Pronto.» A mulher de mestre Bugalho girara sôbre os calcanhares e, sem cumprimentar ninguem, saíu para fora, ouvindo-se-lhe ainda dizer na rua com voz roufenha: «Ora deixe estar, ou eu não seja Antoninha dos Remédios!»

De volta da missa entravam neste momento na botica D. Leocádia e a filha.

Clarisse gosava da reputação de bonita. Se a fama correspondia à realidade, não o posso eu dizer à leitora.

Se beleza, em absoluto, fôsse, como é em muitos casos, a expressão inteligente, ou meigã, ou boa, incontestavelmente Clarisse não era bela. Mas não será para muitos formosura, a correcção exagerada num rosto insignificativo, a que dão luz dois olhos azougados bombardeando incessantemente aqueles a quem pretendem conquistar? Para êsses poderia ser modêlo de beleza a filha do Matias Beltrão, possuindo ainda a vantagem de um pequenino corpo não isento de graça.

O principal atractivo da muito cortejada Clarisse era porventura um atrevido ar, astuciôsamente provocador, com que ela asseteava aqueles entre os quais se propuzera recrutar marido. Casar para escapar à tutela dos pais, aliás pouco

tensa, era o alvo apetecido a que miravam todos os seus manejos de requintada garridice.

Sem se comprometer muito, animava um cortejo de adoradores, à frente dos quais, no momento em que vamos encontrá-la, está o muito notável filho do morgado das Cruzes.

O Matias Beltrão não levava a mal que lhe requestassem a filha. Eram honras — entendia — de que êle próprio lograva um bom quinhão. De vez em quando, dava-se também o luxo de representar arteiramente o papel de pai ferozmente cioso. Mas passavam breve, como aguaceiro em manhã de primavera, êsses assomos de pretendida autoridade.

Com o Francisquinho das Cruzes então era, de uma complacência ultra-diplomática. Sob côr de mostrar ao filho do morgado um pequeno aviário que cultivava com extremo — o boticário era também naturalista nas horas vagas — subia com êle frequentemente da loja ao primeiro andar, residência da família, onde às vezes era retido amavelmente, durante uma boa parte da manhã, o presuntivo pretendente à mão de Clarisse, que, diga-se de passagem, ainda nem de leve aludira a qualquer compromisso matrimonial.

A' entrada das senhoras seguiram-se, naturalmente, os cumprimentos da praxe.

Ernesto disfarçou a custo o riso que lhe provocava o traço espalhafatoso da mãe e da filha. D. Leocádia, sobretudo, ambulante taboleta de ourives, era, para um observador da fôrça de Ernesto, exemplar de um grotesco delicioso. Contribuia para o geral efeito alacriante a rotundidade mais que farta da esposa do boticário, e a côr vermelha, apoplética, que uma camada bem espessa de pó de arroz não conseguia encobrir na justa medida requisitada pelas leis do bom tom.

Em adornos luzentes, D. Leocádia lembraria um anjo de procissão se pudesse haver paridade entre um rostinho ingénuo, suavemente risonho, e a expressão enfatuada, quizilenta, daquela fisionomia dura como granito, onde predominavam a estupidéz e a barba.

— «Ora vivam!» — saudava prazenteiro o boticário, trocando com D. Leocádia o aperto de mão dos esposos civilizados, e dando a beijar a Clarisse, com certo desvanecimento, os paternos dedos muito polpudos e suados. — «Digam-nos alguma coisa... Quem vem de fora tem obrigação de trazer notícias... Quem viram vocês lá pela igreja?...»

— «Ora!» — exclamou Clarisse muito dengue. — «A gente do costume... Sempre as mesmas caras para variar...»

D. Leocádia, mais minuciosa, começou a enumeração reeditada cada domingo:

— «Eu te digo quem estava... A D. Cristina...» — e, logo,

fazendo reparo em Ernesto. — «A sr.<sup>a</sup> D. Cristina... a gente do Outeiro...»

— «E o professor, esse não foi hoje?» — indagou com laivos de malícia o Matias Beltrão.

— «Olha quem faltava!» — retorquiu prontamente D. Leocádia, sorrindo de um dêstes sorrisos que atestam depressa a baixaza de um espírito.

— «Lá religioso até ali!» — tornou o boticário no mesmo tom sardónico.

— «Sonso, é o que has de dizer que êle é» — acudiu com vivacidade D. Leocádia. — «A gente às vezes melhor era calar-se... Mas parece que sempre está a fugir a bôca para a verdade...»

Clarisse falava baixo com o Francisquinho das Cruzes. Levantou subitamente a pontinha do nariz, afilado, voluntarioso, e repetiu agastada:

— «Sonso!»

— «Pois de certo» — continuou cada vez mais exaltada a implacável matrona. — «Talvez cuides que vai lá por âmôr da religião... Chó rôla!... Quem quizer que coma essas patranhas... Anda mas é a namoriscar a Matilde do Outeiro, que é... é outra sorsinha de alto lá com ela.»

A linguagem chula da mulher do boticário era irrecusável marca da inferioridade do seu nascimento. Antes de ser espôsa *recebida* do boticário, D. Leocádia administrara-lhe muito tempo a casa sob título de governante, dando largo pasto a maledicência popular. Os que a conheciam de igual, vendendo hortaliça no mercado, não poderam nunca perdoar-lhe a súbita elevação. Tem dêstes processos, comuns aliás, o caprichoso sentir da humanidade frágil.

Contraíu matrimónio o boticário tendo já Clarisse oito anos; e, ou que à criança ficasse alguma percepção e compreensão do facto irregular, ou que a antiga vendedeira de hortaliça não primasse em métodos educativos, o que é certo é que a dilecta filha do boticário sempre estivera longe de ter pela mãe aquela respeitosa deferência que é um dos principais encantos na vida da família.

— «A mamã sempre diz coisas!» — observou ela, irada, meneando a cabeça com um pequenino gesto de desprêso: — «Sempre há-de estar com invenções!»

Mas D. Leocádia não era pessoa que se desnortearse por tão pouco. Desde que Ernesto, que em tempo cortejara Clarisse, mostrara voltar as suas atenções para o Outeiro, a ciosa mãe não perdoou a Matilde o que, na sua desbragada e estulta linguagem, chamou — a grande pouca vergonha de roubar-lhe à filha um óptimo casamento. Por isso votara a mais decidida aversão à família do Outeiro, e não perdia

ocasião de desdenhar de Matilde. Diante de Ernesto era-lhe isso sobretudo agradável, e daí o maior calor que tomara agora no assunto.

— «Tu estás a lêr!» — disse para a filha em tom escarninho. — «Talvez se te meta em cabeça que aquele vai à igreja só para adorar o Santíssimo?»

— «O que eu julgo» — acudiu vivamente Clarisse, — «é que êle talvez não vá lá por outra causa senão para dar exemplo aos rapazes.»

— «Não querem lá vêr a asneira!» — foi a exclamação repentista de D. Leocádia, seguida de uma chocarrice qualquer, dita pelo Francisquinho das Cruzes.

Não se manifestara, porém, a aprovação a que ela principalmente mirara, olhando fixa para Ernesto.

O filho de D. Cristina, com a testa muito franzida, fitava em Clarisse um olhar admirado, como havia muito lhe não dispensara. Este teve a fôrça do mais confuso enigma para a compreensão de D. Leocádia.

O que se passava no ânimo de Ernesto estava sem dúvida além do que semelhante criatura podia atingir, impressão natural em pessoa inteligente que, a propósito e inesperadamente, viu partir de outra, que o não é, uma idéa justa e sensata.

Seguiu-se breve silêncio.

— «Seja lá o que fôr» — tornou D. Leocádia com embusteira isenção — «Gosto pouco de me embaraçar com as vidas alheias... Quem as arma que as desarme... Só às vezes... com certas santidades... lá custa que nos queiram deitar poeira nos olhos...»

O Francisquinho das Cruzes, sedento de escândalo, obtemperou logo:

— «Pois está visto... Lá que o Lima e a Matilde do Outeiro se entendem, isso é mais que sabido... Não diz nada novo a senhora D. Leocádia...»

— «Ora ainda bem que achei quem fale verdade sem estar com embustices, que não sei para o que servem» — tornou jubilosa e ufana a mulher do boticário. — «A gente até... se fôsse a dar ouvidos às más línguas... Deixa-me antes calar...»

Ernesto sentiu uma enorme onda de indignação subir-lhe à garganta, pronta a expandir-se em termos violentos. Vacilava porém, ainda, sobre se faria melhor serviço a Matilde defendendo a, ou saindo da loja imediatamente, como meio de mostrar a sua revolta contra a protéria encapotada da mulher do boticário.

Não pôde, porém, reprimir-se quando D. Leocádia acrescentou com voz meliflua:

— «Ele, a dizer a verdade, se nós formos a acreditar nas aparências...»

— «Perdão, minha senhora... Que aparências?»

No tom de voz de Ernesto havia uma exaltação que surpreendeu sinceramente D. Leocádia.

Contentíssima, porém, de que lhe fôsse oferecida ocasião de colaborar no descrédito de Matilde, apressou-se a responder sorrindo de modo equívoco:

— «Ora vamos!... A pequena é louquinha, isso é... E senão... porque deixou ela o sr. Ernesto?»

— «Porque me deixou?!»

A estupefacção de Ernesto era cada vez maior.

— «Sim» — continuou D. Leocádia derivando para a arte mesquinha de cativar pela lisonja. — «Pois o senhor não vale mil vezes mais que o tal mestre escola?»

— «Sr.<sup>a</sup> D. Leocádia» — atalhou Ernesto, nervoso — «nem eu nem a Matilde do Outeiro nunca demos um passo que autorizasse alguém a inventar...»

— «Ih Jesus!» — exclamou afectadamente D. Leocádia. — «Com o que êle vem!... Honra-o muito essa reserva.. ninguém o nega... Mas olhe que, cá por fora, todos já davam o seu casório por certo... Só quando apareceu aí esta fraca figura do professor é que tôda a gente começou a dizer que se tinha desmanchado... E logo entraram a falar... Bem sabe... a uma rapariga tudo fica mal... Em elas andando larga aqui, pega acolá!... O sr. Ernesto já tinha entrada no Outeiro como em sua casa... Sempre estas coisas dão que falar...»

Ernesto estava como se tivesse caído das núvens. Então os seus amores com Matilde — dúbia esperança apenas alimentada pela sua própria fantasia — eram assim conhecidos e comentados, em prejuizo da reputação dessa mulher que sempre respeitara entre todas?! A revolta e repugnância que lhe estava causando ouvir pronunciar desrespeitosamente naquele lugar um nome que continuava a considerar puro de tôda a mácula, produziram a severidade fulminante com que respondeu a D. Leocádia, fitando-a com expressão dura, que queria dizer: — Se pronuncia mais uma palavra infamante, ponho de parte todas as considerações devidas ao sexo a que pertence.

Acompanharam êsse olhar as seguintes palavras: «Felizmente, as pessoas inteligentes e de bons sentimentos, desprezam as torpezas inventadas pela ignóbil maledicência dos ociosos... Entrei sempre em casa do João do Outeiro como amigo; nunca como requestador ou noivo da filha... O mesmo acontece de certo ao Lima, que, de mais a mais, é quasi filho da casa...»

O Francisquinho das Cruzes, vendo que D. Leocádia se não atrevia a replicar, esgaravatou o escândalo como o cão vadio revolve por gôsto o esterquilínio por onde passa.

— «Isso lá, menino... hás de perdoar» — disse em voz aflautada. — «Lá sustentares tu que a pequena te não dava trela, isso de acôrdo... A gente confessa-se uma vez cada ano.. e é quando é... Agora também pões as mãos no fogo por um patusco que conheces há dois dias... lá me parece asneira.»

— «Recomendo-te que tomes conta na língua» — voltou-lhe Ernesto encolerizado. — «Não seria melhor entreteres-te com outro assunto?»

— «Sossega, menino» — retorquiu-lhe o outro muito cínico. — «Não te abespinhes... Olha que não faço senão repetir o que todos dizem... Que te afastaste do Outeiro e que a pequena desde então nem parece a mesma, é mais que notório... Que houve lá coisa estranha, isso houve. . E agora quem lá tem todo o cabimento é o tal fraca figura, como, com muito chiste, lhe chamou há pouco a sr.<sup>a</sup> D. Leocádia... Pois parece-me bem que o tal sujeitinho há de ter bom geito para levar velhacamente a água ao seu moinho...»

Patenteia as maiores contradições o animal humano, sobretudo quando a apurada civilização lhe requintou a sensibilidade nervosa!

Ernesto, satisfeito ainda há pouco de ouvir atacar e deprimir Joaquim Lima, sentia agora em alvoroço tôda a sua consciência contra êsse bando de insignificantes, empenhados em denegrir quem estava muito alto para de semelhantes criaturas poder ser apreciado. Entendeu que, homem inteligente, lhe corria o dever de fazer causa comum com êsse rival, embora detestado, contra a estupidez e vilania daqueles desprezíveis.

Com intencional arrogância e disposto a tudo, avançou pois para o filho do Morgado:

— «Chamar ao Lima fraca figura, ou qualquer coisa equivalente, pode ser só amargo despeito ou então completa incapacidade para conhecer os homens que valem.»

O Francisquinho das Cruzes arregalou os olhos surpreso. Depois, encolhendo os ombros, anediando com impertinência o bigode pegajoso:

— «Parece que te não desagradou de todo teres a quem passar a pequena... Pois menino, dou-te os parabens.»

Ernesto sentiu uma onda de sangue afluir-lhe ao rôsto.

— «Proibo-te terminantemente que fales da Matilde do Outeiro nesse tom» — e tremia-lhe de indignação a voz. — «E' uma indignidade, uma torpeza...»

O Francisco das Cruzes julgou que lhe ficava bem levar o

caso a rir: «Pois sim, filho, descança... A mim afinal que me importa?... Se a rapariga se entendia contigo e agora se entende com o outro, e nenhum lhe leva isso a mal, melhor para vós que tão bem vos entendeis todos... Eu é que não tenho nada com essa baldroca...»

Mas o filho do Morgado, quando pronunciou as últimas palavras já tinha no nariz um murro tão bem assente que o sangue que dele espirrou foi ainda manchar a camisa de Ernesto, em quem o Francisquinho das Cruzes, mais por instinto de conservação que por valente desfôrço, se engalfinhara.

A luta começada na botica terminou na rua, com intervenção do padre Lima que passando casualmente, obrigou o filho de D. Cristina a recolher a casa, enquanto o presuntivo herdeiro do Morgado reentrava na botica a receber curativo.

As senhoras, espavoridas, já tinham subido ao primeiro andar, onde Clarisse incriminava violentamente a mãe como provocadora daquela cêna, enquanto o grupo dos populares embasbacados à porta da loja com olhares escogitadores dispersava lentamente, levando cada um precioso cabedal para o cavaco dominical em família.

## XX

A lojinha do mestre Bugalho, a meio caminho do mercado e da fonte, era um dos mais estimados pontos de reunião para o elemento popular da terra.

Contribuíam para esta preferência a alegre bonómia do marceneiro e o espírito abelhudo e linguareiro da consorte.

A sr.<sup>a</sup> Antoninha dos Remédios era ruim, sem que de isso pudesse caber-lhe grande responsabilidade, porque o não era cõscia e propositadamente. Tinha a malícia e desconfiança dos analfabetos, aliadas à rancorosa revolta contra todos que o destino lhe colocara superiores.

O marido era em tudo outra tẽmpera de criatura. Corpulento como um Hércules, galhofeiro como um adolescente, estrugidor e berrão com a mulher, mas caíndo facilmente da tempestade ameaçadora na mais tranqũila bonança, descompondo o filho a cada passo, mas perdido por êle e rindo à socapa a cada nova partida do endemoninhado rapazete, o primeiro marceneiro do lugar prefazia no todo um original, porém simpático, tipo de popular.

Freguesia nunca lhe faltava. Havia sempre na loja obra de

mais para o mestre e três aprendizes, um dos quais e o mais geitoso era o Piroeta, quando o pai lograva prendê-lo ao banco do trabalho.

Eram oito horas da manhã. A sr.<sup>a</sup> Antoninha encostada à ombreira da porta, fazendo meia, tinha na engelhada fisionomia o sêlo dos grandes acontecimentos. E por mais de uma vez se havia já naquela manhã formado grupo em volta da exaltada criatura, que falava e gesticulava como quem tinha que dizer e sabia o valor do tempo.

Agora editava pela duodécima vez a mesma estafada história, tendo por interlocutores, ou talvez melhor por ouvintes, a sr.<sup>a</sup> Martinha, engomadeira do sítio, e o andador José Maria, que fazia o seu giro de tirar a esmola semanal para o Santíssimo.

— «Tudo uma pouca vergonha!» — lamentava com abundantes gestos de cabeça, a sr.<sup>a</sup> Martinha. — «Já não há boa fé... Olhe que ninguém tal havia de dizer daquela mosquinha morta do professor...»

— «São os piores, senhora! São os piores!» — prosseguia com animação a sr.<sup>a</sup> Antoninha. — «Já as vai fazendo boas, o tal sugueitinho!... Que afinal... é tudo sempre pela má cabeça das mulheres...»

— «Ora não há! não há!» — repetia a engomadeira, pasmada. — «Ainda a sr.<sup>a</sup> Antoninha me há de contar tudo isso por miudos... Agora vou com muita pressa... E eu que nem sabia de nada!... Uma pessoa... com a sua vida... parece que nem é dêste mundo.»

— «A coisa tem pouco que contar e o que eu sabia já lho disse... Pros modos, foi cá tudo com o filho do Morgado e mais o da professora... que êsse também é dos bons, graças a Deus... O que parece é que a Matilde do Outeiro desde que para cá veiu o professor não quiz mais saber do Ernesto... Pois se aquilo era já namoro que ela trazia quando andava às cabras... Era pequenota... mais nova que o meu Piroeta... Lembra-me como se fôsse agora... A mim nada me esquece... Muitas vezes os topei a conversarem ambos dois no campo... O da professora, pelo geito, andava-lhe na coca já meio desconfiado... Ontem o do Morgado que pelos modos também queria ter rasca na assadura... chega-se a êle e põe-lhe tudo em pratos limpos...»

— «Mas então» — atalhou a Martinha confusa — «quem se pegou foi o Ernesto com o professor?»

— «Não senhora,» — acudiu a sr.<sup>a</sup> Antoninha, impaciente. — «Vocemecê muito lhe custa a entender as coisas!... Lá porque diz o ditado — *Quem me avisa meu amigo é*, isso não tira... O do Morgado contou-lhe as verdades, e vai o Ernesto foi-lhe à cara... Que querem vocês?... O mundo

anda todo assim... e mais isto ainda não fica aqui... Ainda agora aí disseram que o Ernesto anda a vêr se bispa o professor e que lhe quebra as costelas onde quer que o tope...»

— «Não lhe há de ser difícil encontrá-lo» — disse com sorriso particular o andador, que até ali fôra mero ouvinte do diálogo. — «Lá vem êle.»

Efectivamente, Joaquim Lima, de caminho para a escola, passava nesse momento a pequena distância do grupo.

Grave, de calça escura, jaquetão alvadio perfeitamente abotoado, chapéu de feltro fino, o jóvem professor destacava, por distinção inata, de todos os habitantes da povoação.

Encarando no andador que tirara o barrete curvando-se com deferência, Joaquim Lima sem se dobrar, levantou completamente o chapéu tal qual fazia aos mais graduados da terra. E, tranqüilamente, seguiu sem de leve suspeitar que era assunto da conversação travada à porta do mestre Bugalho.

— «Bôa figura tem êle!» — observou a sr.<sup>a</sup> Martinha, desvanecida com o comprimento que também tomara para si — «E, lá a verdade deve dizer-se... E' de cortezia para todos, grandes e pequenos... Vejam lá se o do Morgado era capaz de levar os dedos ao chapéu... A mim, as mais das vezes, faz que me não vê... E mais engomo lá para casa... imaginem vocês!... Grandes fidalguinhas aquelas!... Já lhe esqueceu que a avó, por banda da mãe, era sardinheira, de pé descalço... Fortes malcriados!... Este ao menos não faz diferenças... Até nisto dá bom exemplo aos rapazes...»

— «Pois lá maneiras tem êle: isso tem» — obtemperou a sr.<sup>a</sup> Antoninha, em tom de quem fazia uma larga concessão contra as suas convicções arreigadas. — «Mas é também lábia; cuida que não? .. Aquilo sabe-a tôda... Se se lhe mete em cabeça desacreditar a rapariga, é porque o consegue... Eu cá falo franca... A Matilde não me é água nem sal, mas não posso levar à paciência certas coisas...»

— «A dizer a verdade» — reflectiu um pouco admirada a sr.<sup>a</sup> Martinha — também não sei bem porque é que vocemecê há-de estar com êsses escarcéos!... Se a pequena gostasse do professor, talvez com êste ainda casasse melhor...»

— «Qual casar, senhora! Qual casar!» — acudiu abespinhada a sr.<sup>a</sup> Antoninha. — «Aquilo é marau velho ou eu me engano muito.»

— «A sr.<sup>a</sup> Antoninha está a falar por falar» — ponderou o andador que sem ser capaz de quebrar lanças por ninguém, também não gostava de injustiças. — «Eu então digo-lhe que rapaz mais sério ainda o não vi...»

— «Cantigas, sr.<sup>a</sup> José Maria... Dêstes santinhos de mão furada é que eu tenho mais medo... Deixe, que o João do

Outeiro anda ali engãnado e o tal mestresinho inda lha há-de pregar na menina do ôlho... Deus queira que me eu engane...»

— «Os demónios o levem se tal fizer!» — exclamou a sr.<sup>a</sup> Martinha em tom que a declarava no sétimo céu da indignação. E ia continuar quando a atalhou um tregeito da sr.<sup>a</sup> Antoninha.

Vinha aproximando-se, de semblante carregado, a velha criada do padre Lima, e a mulher de mestre Bugalho tinha por uso recolher a língua na presença da irmã do marido, a quem desejava agradar, movida por interesse que as liberalidades da Inácia justificavam de sobra.

Era tão diversa a disposição das duas cunhadas que nenhuma espécie de cordialidade muito sincera podia existir entre elas. A Inácia era verdadeira tratando com fria reserva a mulher daquele único irmão, a quem dedicara sempre estremecido affecto. A sr.<sup>a</sup> Antoninha, desfazendo-se em amabilidades e rapapés para a dadivosa madrinha do Piroeta, tinha de lançar mão de tôda a astúcia de que era capaz para occultar a espécie de instintiva aversão que sentira sempre pela bôa mulher.

Foi assim que a recebeu agora com uma grande expansão : «Ora viva a minha comadre !... Há que janeiros que nos não aparecia cá !... Não sei que mal lhe fizemos...»

— «Não é isso, mana» — explicou a Inácia, afadigada. — «E' a lida da casa que me não dá tempo a nada... O Bugalho está cá?»

— «Foi ao polidor, mas não tarda... Hoje nem cá tem os aprendizes. Isto, à segunda feira, é mau dia... A comadre entre...»

— «Adeusinho, que levo muita pressa» — dizia entretanto a sr.<sup>a</sup> Martinha, compondo o lenço e resolvendo-se finalmente ir à sua vida.

O andador cumprimentou amigavelmente a Inácia e seguiu também seu caminho.

— «Não me posso demorar nada» — dizia a Inácia, entrando. — «Como o Piroeta não tem por lá aparecido, vim eu cá trazer estas camisas que lhe tenho feito aos serões... O ponto está mau, que a vista já pouco ajuda... Mas, em suma, para êle andar à semana servem bem...»

— «Ora, comadre ! Tomara eu cá muitas destas... O pior é vocemecê estar sempre com êstes incômodos e... a falar a verdade êle merecer-lho bem pouco...»

A Inácia olhou com despeito para a cunhada : «Vocemecê também sempre há de estar com isso... Pois que faz êle, coitadinho !»

— «Que faz êle !... Se a comadre me perguntasse o que

é que êle não faz, mais depressa lhe respondia... Anda aí um valdevinos que não sei onde isto há de ir parar...»

— «Está na idade, mana. Ferve-lhe o sangue... Ainda agora vai nos treze...»

— «Deixe lá! E' condição das pessoas... Então não vejo os mais com outro propósito!... Está ruim, mesmo ruim... E estrangalhar o fato! Nem falar nisso... Estafa tudo!... Está aqui está sem calças...»

— «Não se rale. Tenho lá umas para acabar, que lhe hei de mandar um dia dêstes... Ele que vá por lá uma tarde.»

— «Pois sim... Mas afinal a comadre é sempre quem tem as maçadas...»

— «Isso é lá cousa em que se fale!» — disse a Inácia com um largo gesto de enfado. — «Olhe mana, o Bugalho demora-se e eu vou-me embora.»

— «Espere, comadre, espere... Também sempre há de vir com essas pressas!... Olhe que o Bugalho depois todo se arrenega comigo que o não fui chamar... Vocemecê nem conta nada a gente!... E lá por casa vão todos de saúde?»

— «Felizmente não há novidade... O sr. Prior desde a doença nunca mais ficou bom... Mas aquilo há de ir indo com o tempo... E' que a tal doencinha chegou-lhe bem... E só o trabalho que êle depois teve de andar a visitar doentes e a levar esmolas!... Aquilo é uma alminha que, em chegando a morrer, já tem o seu lugar no céu...»

— «E o hóspede está contente?»

— «Quem?... o sr. Joaquimzinho?» — A Inácia mudára para certo tom de reserva quando acrescentou: «Contente, como?»

— «Contente com a escola.»

— «Bons contentamentos havia de êle ter com a escola-na lástima em que encontrou tudo!»

— «Pois sim... Mas venho eu a dizer... com a gente... com a terra...»

— «Sim, com isso acho que não está descontente... Mas, olhe, mana, aqui para nós... isto é uma terra de brutos, incapazes de darem o devido valor a uma pessoa daquelas...»

— «Jesus, comadre!» — exclamou a sr.<sup>a</sup> Antoninha com indignação. — «Vocemecê, nas cousas que diz, nem parece filha da terra...»

— «Pois se digo, acredite que é assim mesmo... Cá nasci e cá me criei, é verdade, mas por isso não deixo de conhecer... Olhe, até faz pena ver um senhor daqueles aqui medido sem luzimento nenhum... Lá o meu amo é que sabe bem o que êle vale... Estudos que tem!... livros que escreve!... Nem o padrinho descança sem o tirar daqui.»

A sr.<sup>a</sup> Antoninha azedava cada vez que a cunhada desfa-

zia nas qualidades dos seus conterrâneos. Estava impando, apesar dos esforços que fazia para ocultar a raiva concentrada. Não pode conter-se que não dissesse: «Então o mais certo é êle qualquer dia pôr-se na perna?»

— «E tolo será se o não fizer» — foi a resposta decidida da Inácia.

A sr.<sup>a</sup> Antoninha estava já quasi num acesso.

— «E vocemecê então acha isso muito bem feito?» — perguntou, pondo as mãos nas ilhargas.

— «Pois que dúvida? O que é que o prende?»

A sr.<sup>a</sup> Antoninha não pôde ter mão em si. Como se estivesse zelando a honra de pessoa muito próxima, disse, engasgada de cólera: «Então para que anda êle a namoriscar a Matilde do Outeiro?... Sempre é o que eu digo... Em a cousa chegando a um certo ponto que eu cá sei... dá às de Vila Diogo...»

A Inácia escancarou os olhos: «Que diz vocemecê, senhora!... Santo nome de Jesus!... E então assim se dizem estas cousas de porta aberta para quem as quizer ouvir!... E' um louvar a Deus!...»

A sr.<sup>a</sup> Antoninha safu fora de tôda a reserva: «Olhe lá não dê novidade!... Cuida vocemecê então que estas coisas não correm logo?... Quem é que aí não sabe que o Ernesto, se não casa com a Matilde, é por via do professor que se lhe atravessou no caminho?... E olhe que já não sei muito bem como é que agora hão de tapar as bocas ao mundo...»

— «Bocas infernais, que o Senhor castigue arrancando-lhe a língua!» — praguejou fula a Inácia. — «O sr. Joaquimzinho capaz de...! E a Matilde, também, coitadinha!... Almas danadas, que não fazem senão derramar peçonha no mundo!... Sabe o que lhe digo, mana?... trate do amanhã da sua casa e não dê ouvidos a bisbilhotices... E adeus... que o Bugalho não vem e faz-se-me tarde...»

A sr.<sup>a</sup> Antoninha já tinha caído em si. Por isso se apressou a dizer com maneiras abeatadas: «Eu cá... a comadre bem o há de ver... pouco se me dá do que dizem... Tomara a gente encarrear a sua vida... São coisas que andam aí de bôca em bôca... E sempre faz pena... isso faz...»

A Inácia fitou com severidade a cunhada. Depois, encaminhando-se para a porta com um movimento de ombros significativo de grande indignação: «Oh senhores! Esta gente é capaz de negar a fé de Cristo!»

Havia pedaço que aumentara na rua um sussurro que era já agora enorme vozearia. A todas as portas e janelas apareciam cabeças indagando a causa de tamanho motim.

Era tumultuosa e pouco edificante a cena. Cêrca de vinte rapazes de entre oito e quinze anos, na maior parte descál-

ços e mal vestidos, rodeavam com gestos ameaçadores, acompanhados de gargalhadas e estrídulos gritos, uma figura grotesca, simbolizando naquela conjuntura a mais dolorosa anciedade.

Era o *Maleitas*, pobre microcéfalo estropiado a quem a caridade pública ia ao acaso sustentando a existência miserável e inútil. Aflitivo espectáculo o de como a irreflectida hilariedade das crianças se desperta e se pasce tanta vez nas mais miserandas deformidades! Exemplo dessa grande miséria, estava ali o pobre *Maleitas*, vítima insonte da garotada da terra!

— «Ora repare-me vocemecê naquilo!» — exclamou para a cunhada a sr.<sup>a</sup> Antoninha com fingida aflição, intimamente satisfeita com aquele derivativo que naturalmente ocorria à conversa. — «Forte malandragem!... E olhe que o de cá não deixa de ser dos da súcia... Há de até ser êle o capitão da tropa.»

A Inácia, cujos olhos se haviam fixado anciosamente no grupo, procurou em vão o Piroeta. — «Nada... não está... — dizia ela, aliviada de enorme angústia.

— «Há de estar... há de» — insistia, convicta, a sr.<sup>a</sup> Antoninha. — «Olha quem lá faltava! A minha vista é que já não alcança...»

Atingiam então o delírio os gritos do rapazão. Debatendo-se freneticamente entre a chusma dos adversários, o *Maleitas* acabara por perder o equilibrio, rolando no chão com um uivo de fera algemada.

O círculo, porém, que oprimia o desgraçado, alargou-se num momento como por encanto. Cessara o riso, extinguindo-se ao mesmo tempo a vozeria..

Dividida em magotes, a garotada parecia desejava de dispersar, sem que todavia se atrevesse a dar o passo decisivo.

Olhando ao lado oposto da rua, a Inácia compreendeu subitamente a transformação que a princípio lhe parecera inexplicável.

A passo rápido, Joaquim Lima dirigia-se para o grupo formado pelo rapazão. Lado a lado com êle, caminhava um rapazote delgado, de faces chupadas, extraordinária vivacidade no olhar. Não inculcava mais de quatorze anos. Nesta fisionomia, sem traços de beleza, havia uma tal expressão de firmeza e inteligência que o olhar era atraído para ali não sei se mais preso por curiosidade ou por simpatia. Era o Piroeta.

Passou pela mãe e pela tia sem dar por elas, e, perfilando-se, grave, no meio da rua, deixou passar adiante Joaquim Lima.

Com a maior serenidade, o jovem professor dirigiu-se ao

*Maleitas* e, oferecendo-lhe a mão, ajudou-o a levantar-se conduzindo-o a um degrau próximo onde o mísero se sentou. Depois, voltando-se para o bando envergonhado, disse, tristemente, com mansidão: «Não há acção mais vergonhosa que esta de escarnecer da miséria... Nenhum de vocês, rapazes, pensou no que sofreria se estivesse no lugar dêste desgraçado? — Todos baixaram mais a cabeça. — «Foi falta de pensamento, não foi maldade; bem sei... Pois de ora avante sejam mais reflectidos para poderem divertir-se sem agravarem a desgraça de ninguém... Aquilo que ali está causa dó, não causa riso.»

Atirando ao *Maleitas* uma moeda de dois tostões, Joaquim Lima retomou o caminho por onde viera.

Passando pelo Piroeta, tocou-lhe amigavelmente no ombro: «Obrigado, meu rapaz... Se houver novidade, lá estou...»

Depois, cortejando as duas mulheres que o cumprimentavam à porta de mestre Bugalho, encaminhou-se serenamente para a escola.

A garotada, sem mesmo ousar dirigir a menor recriminação ao Piroeta, que os olhava de longe com ar triunfante, dispersou com lentidão.

O Piroeta correu para a madrinha a beijar-lhe a mão. Não estavam enxutos os olhos da Inácia. Como o pequeno olhasse para ela, admirado, a boa mulher teve de explicar-se: «Isto de gente velha, filho, tem as lágrimas atrás das orelhas... Mas, também, logo passa... Dá cá outro beijo...» — E disfarçava, fingindo limpar o suor com a ponta do lenço.

## XXI

A *Urca* era uma pequena propriedade do João do Outeiro constante de terra de sementeira, horta e alguma azeitona, não falando na excelente fonte de água férrea, venerada com devoção pelos doentes do logar e suas redondezas. O João queria deveras àquilo.

Ficava-lhe a poucos passos de casa, circunstância que principalmente favorecia o florescimento do feracissimo solo, atribuido em grande parte pelo povo à santidade das suas águas medicinais.

Era onde de preferência o João do Outeiro entretinha as manhãs, superintendendo a todos os serviços rurais, dando êle mesmo à sua gente animado exémplo de energia no trabalho.

No dia seguinte, porém, àquele em que ocorrera na botica do Matias a cena de pugilato já conhecida da leitora, o João do Outeiro dera, a qualquer pretexto, feriado aos seus trabalhadores.

Estava deshabitualmente silenciosa a *Urca*. Desde manhã que o dono viera fazer-lhe a sua visita habitual; mas, em vez da alegria que do seu laborioso afan dimanava para todos os objectos circunjacentes, hoje a mesma presença do velho lavrador era o traço mais carregado do quadro extranhamente melancólico.

Desde a nascente até à porta de madeira, entreaberta, e daí outra vez até à fonte onde a água deslisava transparente sobre o leito de seixos polidos e fortemente amarelados, o João do Outeiro caminhara já muitas dezenas de vezes, preocupado, absorto, quasi inconsciente. Voltado para a porta, toda a sua atenção parecia concentrada nessa nesga do caminho onde o sol punha scintilações arenosas; dando-lhe as costas, deixava de vêr, e era o ouvido que então seguia, ávido, o mesmo objecto que pouco antes lhe prendia o olhar.

De vez em quando o bom homem levantava o chapéu e passava a mão pela testa com arremesso, como se dali quizesse banir uma sensação molesta.

Emfim estacou. Ouvira passos conhecidos. Encaminhou-se rapidamente para a porta, defronte da qual, no mesmo momento, passava Joaquim Lima.

Comprimentaram-se os dois amigavelmente. Depois, com vivacidade, trocou-se ainda à porta o seguinte diálogo:

— «Ia até lá a casa?»

— «Ia até lá saber como estavam... Com pouca demora, porque tenho imenso que fazer hoje.»

— «Se lhe não fizesse muito transtorno, desejava dar-lhe aqui duas palavras... Tenho estado à sua espera... Logo me pareceu que não deixava de vir por cá... hoje...»

— «Estou às suas ordens.»

Apenas Joaquim Lima entrou, o João do Outeiro fechou por dentro a porta e, fazendo-lhe sinal de que o seguisse, dirigiu-se para um telheiro de arrecadação de ferramentas que havia ao fundo da propriedade.

Seguindo o velho, Joaquim Lima ia preparando-se o melhor que podia para aquela entrevista à queima-roupa, cujo sentido, de repente, lhe não era fácil calcular.

Pelo padre Lima tivera notícia da cena mais que desagradável, ocorrida na botica do Matias. Tinha agora por sem dúvida que o procedimento insólito do velho hortelão se relacionava com aquele facto, cujo rumor teria naturalmente chegado ao Outeiro. Mas até onde iriam as informações ali recebidas? E como teriam elas affectado o coração dessa fa-

filha que era quasi a sua? Era o que não podia adivinhar; e, daqui, a grande perturbação íntima com que recebeu as primeiras palavras do velho camponês.

O João do Outeiro indicou a Joaquim Lima um banco que este não tomou, vendo que o velho se conservava de pé.

Depois, sem mais preparação, assentou no jóvem professor a seguinte pergunta :

— «Olhe, Joaquim, você é novo, mas isso não tira para que saiba avaliar certas coisas... Crear a gente uma filha até aos vinte anos, bonita e alegre... e perfeita... e vê-la depois... desgraçada... é o seu bocado duro, não lhe parece?»

Joaquim Lima sentiu-se corar. Ignorante ainda do verdadeiro fim daquela entrevista, teve um momento de irresolução. Mas logo, com enfase, recobrando a serenidade :

— «Deve ser horrível!»

— «E é.»

Com esta simples palavra pronunciada em voz exaltada e trememente, o João do Outeiro rompeu em soluços.

Joaquim Lima estava longe de esperar aquella explosão de um homem a quem se habituara a considerar um pouco endurecido contra a sensibilidade extrema. Por isso, mais o comoveu.

Abeirando-se do velho, fê-lo sentar com filial solicitude, dizendo ao mesmo tempo com firmeza :

— «Compreendo o seu estado, que, decerto, tem uma causa bastante forte... Mas... tenho a certeza de que as suas apreensões... quaisquer que sejam... são exageradas...»

Num movimento arrebatado, o velho enxugou os olhos.

— «Você, Joaquim... esqueça-se disto... Todos temos momentos de fraqueza. E, quando chega ao vivo... uma pessoa por mais que queira não póde... Anda a gente a curtir as coisas cá dentro... a curtir... Mas lá vem uma ocasião... Graças à Deus não sou mulher... Tenho forças para tudo... O que eu quero é que você me ajude com os seus conselhos... e... talvez ainda tudo venha a dar em felicidade.»

— «Bem sabe que póde sempre contar comigo» — foi a resposta resumida mas expressiva.

O João do Outeiro teve então uma larga expansão, completa, como a não tivera talvez em tôda a sua vida.

Nem nessa vida, singela como planta silvestre, figurava notavelmente o patético, nem o simples camponês, inteligente e fino na sua rudeza, encontrara nunca em quem tributasse a confiança, que lhe merecera o talento e superioridade moral dessa quasi criança a quem os seus cabelos brancos se não dedignavam agora de pedir conselho.

Sem sequer dar por isso, levou muito tempo a contar-lhe

como adorava aquela filha, justificando essa adoração no longo estendal que fazia dos merecimentos dela. O velho falava sincero e sem exageros. Não era por ser sua filha, mas rapariga assim, boa de alma, e esperta, e trabalhadeira, e sossegada, nunca a vira nem sabia que existisse. Uma jóia, em tôda a extensão da palavra. Todo o socego da sua velhice estava em casa-la bem. Era o mesmo que deixar tôda a família amparada, que aquela tinha bem tino para governar os outros todos.

Quando a percebera inclinada para o Ernesto apertara-se-lhe o coração. O rapaz tinha sido estroina e emfim... sempre era lá de outra classe.

Depois, com o conhecê-lo melhor, tinha acalmado a inquietação. Tinha vindo no conhecimento de que êle era bom moço no fundo e bebia ares e ventos pela pequena. Parecia mesmo uma cegueira aquilo.

Muitas vezes êle e a mulher tinham em particular discutido o caso. Ambos tinham suas dúvidas, mas o que haviam de fazer? Oporem-se? Não; que a Matilde não era mulher para ser contrariada. Isso sempre êle dissera à companheira. Aquela não era para namoricos, mas, em chegando a gostar, haveria de ser de vez. E lá via agora a prova, na cara dela.

Desde que o Ernesto dera em afastar-se sem dizer uma nem duas, a Matilde começára a emmagrecer, a definhar que era uma coisa... Nem já parecia a mesma rapariga... E, a respeito de queixar-se, nem palavra. Aquilo tinha lá um orgulho que ninguém era capaz de lhe arrancar a menor confissão... A mãe já o tentára, mas qual! Fazia-se desentendida e mudava de conversa. Quantas vezes, êle, João do Outeiro, a vira levantar-se da costura com os olhos marejados e ir tomar parte nos folguedos dos irmãos, como o mais seguro disfarce!

Estavam as coisas assim, e não estavam bem. Mas o pior era que se começava a ralhar. A cena da botica, que êle ainda não sabia bem o que fôra, mas em que andava envolvido o nome da filha, viera provar-lhe, no meio de uma preocupação todos os dias crescente, que devia tomar uma resolução, e sem demora.

De mais a mais o Ernesto rondava-lhe agora a casa de longe, a pé ou a cavallo. Eram coisas exquisitas, que não entendia e que lhe davam volta ao juízo...

Entre camponeses as coisas passavam-se de outro modo... Na cidade poderiam estar em moda certos manejos, mas para êle em negócio de mulher tudo quanto não fôsse — pão pão, queijo queijo, não lhe servia. Nunca tinha feito uma pouca vergonha e também não queria que lha fizessem... Era indispensável perguntar quanto antes ao tal sujeitinho o que

queriam dizer aquelas partidas de nigromante... Era necessário pôr-lhe a questão a claro... Gostaria êle mesmo de o fazer, mas... reconhecia que lhe faltava tudo... Não sabia falar... não tinha sabedoria para dizer as coisas como elas deviam ser ditas... Tinha-se lembrado de que êle Joaquim Lima...

— «Eu!»

Havia neste simples monossílabo com que Joaquim Lima interrompeu a longa exposição do velho, uma tal força de opposição, que o João do Outeiro olhou para êle estupefacto. Depois, vendo que o moço professor voltava a completo silencio, passou francamente a explicar a sua idéa.

A ofensa que magoasse a gente do Outeiro não podia deixar de o magoar a êle também. Não era também filho da casa? não participava da honra da família? não tinha sobre Matilde os direitos de irmão mais velho?... Depois, a educação que recebera colocava-o em circunstâncias de poder com vantagem sustentar com Ernesto qualquer discussão. Contribuir para a felicidade daquela que estimava como irmã devia ser-lhe agradável... Compreendia que também para êle teria espinhos o procurar Ernesto em semelhante caso, quando melhor seria para todos que as coisas se tivessem passado regularmente, partindo do filho de D. Cristina tôda a iniciativa, mas contava merecer-lhe esse sacrificio e em nenhuma outra circunstância êle Joaquim Lima teria tão bom ensejo de testemunhar-lhe a sua dedicação... Era pai e estava convencido de que a doença da Matilde não era outra coisa senão paixão... Não podia... vêr a filha assim a pender-lhe para a cova... sem lhe ter mão de algum modo...»

Joaquim Lima interrompeu-o emfim, tomando-lhe a mão que apertou com força. No seu espirito dera-se uma violentíssima luta de que só uma razão muito forte podia sair tão rapidamente.

— «Não se aflija máis»—disse comovido.—«Aceito a comissão de que me encarrega... Asseguro-lhe que procurarei desempenhá-la o melhor que em mim couber.»

Marejaram-se de reconhecido pranto os olhos do João do Outeiro.

— «Nunca eu me enganei a seu respeito... Nem você avalia o serviço que me faz!... Tira-me das costas um fardo que nem imagina!... Nem preciso dar-lhe instruções... tenho confiança na sua cabeça... Só uma coisa lhe digo... Se o homem se fizer fino, nada de lamúrias... Não vá êle cuidar que lhe peço de joelhos para me levar a filha à igreja... Ainda aí não chegámos, louvado Deus!... Antes ela me morra para aí de desgosto do que eu a veja mal casada. E isto de casamentos... só por muita vontade dos dois... Mas, se não

quer, então que não ande a rondar-me a porta com ares de lobo manhoso à volta do redil... Que fique bem entendido isto; que se fôr bandalho, o João do Outeiro, assim mesmo velho, ainda tem fôrça para lhe partir uma enxada na cabeça...» — e luzia de estranho fulgor o olhar do camponês.

— «Fique descançado.»

Esta promessa valia muito, ao que parece, para o João do Outeiro. Pacificado, seguia agora Joaquim Lima, cabisbaixo, mas tranqüilo, até à porta da saída.

— «Então não vai lá?» — perguntou êle vendo que Joaquim Lima dava as costas ao Outeiro.

— «E' tarde» — disse êste, consultando o relójo.

— «Vá lá sempre... A minha velha hoje está ralada... Vê a filha assim e sem se descoser com uma palavra!... A rir-se até, para vêr se nos mete o dedo na bôca... Olhe que também custa! Pobres mãis! Um homem sempre vem para a rua e espairose... Vá... vá por lá um instante, que até é obra de caridade... Eu hoje também hei de ir jantar cedo... não tenho cá ninguém a trabalhar... Quer você jantar com-nosco?»

— «Nada... Sempre lá vou um instante, mas não janto... Tenho lá o mestre de obras na escola e preciso de falar com êle.»

Cortejou e deu alguns passos.

— «Olhe lá, ó Joaquim Lima» — chamou o João do Outeiro.

— «Talvez você... Talvez a Matilde se abraisse alguma coisa consigo...»

— «Comigo!»

— «Pois!... Olhe que se o não fizer consigo também o não faz a mais ninguém.»

— «Isso foi tempo, sr. João!»

No sorriso que acompanhou esta frase havia uma intensa amargura de que provávelmente o João do Outeiro não deu tento.

— «Sim... Ela está também o seu bocado exquisita com você» — disse o velho. — «Já fiz reparo... Mas estou que é ainda a pessoa que ela ouve melhor... Enfim... confesse-a lá o melhor que puder.»

— «Isso é que eu não lhe prometo» — e rapidamente, como se estivesse desejoso de terminar o diálogo, Joaquim Lima tomou o caminho do Outeiro.

De longe, sem mesmo saber porque, olhou para trás. A' porta da *Urca*, o João do Outeiro seguia-o com a vista.

— «Pobre homem!» — exclamou consigo Joaquim Lima.

Nobilíssimas almas, que, prêsas de um desespero cruciante ainda têm fôrça de sensibilidade para se compadecerem de alheios infortúnios!

## XXII

Entretanto no Outeiro a manhã deslisava aparentemente serena.

Enquanto a Custódia ensaboava no tanque, rindo com a conversa da pequena Maria, que, de a imitar, tomara já à sua conta tôda a lavagem das bonecas, a Purificação amanhava, aqui e além, a horta, sua ocupação favorita. Adivinhava-se-lhe, porém, uma persistente inquietação, porque, suspirando, lançava de quando em quando um olhar solícito para a casa. Estava lá a filha, objecto dos seus cuidados.

Matilde, a quem o enfraquecimento físico fazia já estimar mais o repouso, e porventura a claridade menos intensa, preferia agora passar as manhãs na espaçosa quadra que era a um tempo sala e refeitório da família. Ali lhe decorriam longas horas. Lia, costurava, ou leccionava os irmãos.

Que tinha penas, e não leves, parecia dizerem-no as roxas olheiras que lhe maceravam o rosto, muito perdido da antiga frescura.

Havia porém a magreza suavizado ainda mais aquela fisionomia, empalidecida, mas não prejudicada na expressão, só mais senhoril agora do que nunca o fôra, como o busto mais gracil e franzino.

Muitas vezes, mergulhada em íntimo pesar, Matilde abandonava inconscientemente o trabalho que tinha entre mãos, e nesse estado semi-dormente que poderia dizer-se *entre a insónia o sonho e o sono*, passava tempo infinito sem dar acôrdo de si. Ao despertar do letargo que nem sabia quanto durara, era-lhe então extremamente agradável encontrar-se só, ter a certeza de que ninguém a surpreendera naquela crise de quasi alucinação. Foi assim que ela criou entranhado amor à solidão. Tôda a companhia lhe era molesta, inclusivamente a do pai. Na presença dele, era um como remorso que a aguilhoava; remorso de lhe amargar egoistamente os anos da velhice.

Mas o que podia ela contra as circunstâncias que se lhe antolhavam desesperadoras?

«O silencio de uma idéa fixa é terrível» — escreveu algures um grande pensador.

E nessa frase está compendiado o martírio que era presentemente a vida da Matilde do Outeiro.

Havia perto de quatro meses que Joaquim Lima voltára a Z., tomando posse do seu lugar. Tinha pròximamente o mesmo tempo a idéa absorvente que dia a dia fôra lançando raizes no espírito de Matilde até possuí-la completamente, absolutamente.

Essa idéa que lhe congestionava o cérebro, que lhe punha no sangue agitações dolorosas, que lhe apertava o coração como entre os dois ramos de uma tenaz incandescente, que a torturava durante o dia e nas horas melancólicas da noite, que a ralava de uma anciedade nunca antes sentida, resumia-se nisto: perdera para sempre, desastrada e irreparavelmente, como se perde a vida ou como se perde a luz dos olhos — o grande affecto do seu amigo de infância.

Porque incorrera em tão severa pena? Não o podia saber ao certo. Mas era verdade que o arrefecimento de Joaquim Lima se acentuara de grau em grau, até ficar numa cortezia reservada, quasi cerimoniosa.

Nunca mais Matilde pudéra ou quizera falar-lhe de Ernesto. Desejando muito perscrutar a causa de tão extraordinária mudança no seu amigo, chegara a attribuí-la a essa confissão que fizera, num movimento de comovido regresso à antiga confiança existente entre ambos. Aos olhos de Joaquim Lima não teria parecido frivolidade condenável o seu procedimento para com o filho de D. Cristina? E essa impressão, a primeira que dela recebera ao voltar, não promoveria o desprezo que elle agora parecia votar a tudo que lhe dizia respeito?

Ou proviria antes essa falta de estima do contraste que por força existia entre ella e esse outro espirito enriquecido por uma cultura intellectual de excepção?

Era a hipótese que mais avolumava à sua razão, umas vezes na forma de dôr pungentíssima, outras, na de uma revolta que a fazia córar e tremer de despeito.

Efectivamente, Joaquim Lima devia supô-la ainda muito mais ignorante do que ella era. Em anos consecutivos de fervoroso apêgo aos livros, aprendera muito, era verdade. Mas, como mostrar-lho se raras palavras trocavam entre si os dois?

Joaquim Lima apparecia no Outeiro, ordinariamente à noite, quando a Purificação seroava junto do candieiro, e a Matilde dava lição aos irmãos. Então, um pouco distante da mesa, entretinha por meia hora o João do Outeiro, falando-lhe quasi sempre de assuntos de lavoura em que era entendido como em tudo. A' Matilde não prestava a menor attenção, limitando-se quasi aos cumprimentos de entrada e saída.

Era muito orgulhosa a filha do João do Outeiro para que deixasse perceber a quem quer que fôsse o despeito que lhe causava ser tratada assim. Diante de Joaquim Lima, sobretudo, esforçava-se por aparentar a maior despreocupaçãõ de espirito, entremeiando as lições dos pequenos com gracejos que não eram senão um contrafeito esforço da vaidade, de que o coração lhe sangrava depois com recrudescida amargura.

Matilde era dôtada de temperamento enérgico.

Custava-lhe deixar-se assim aniquilar. Muitas vezes procurara adoptar para si a resolução de reagir contra esta exaltada quimera. Pois porque Joaquim Lima perdera durante a última longa ausência, todos os vestígios daquela ligação estremosa que fizera a felicidade da infância de ambos, havia ela de mergulhar-se numa agonia desfibrante, absoluta, morrendo para tudo, até para a piedade filial, que era o seu primeiro dever?

Preguntava a si mesma, em alvoroço, que espécie de obcecção era esta? Se não seria mero capricho levado ao último extremo, o que se apoderara dela tão completamente que — tinha de confessá-lo a si mesma — para mais nada vivia, chegando os episódios ocorridos com D. Cristina e Ernesto a figurar no seu espírito, como simples sonho remoto, cuja imagem dia a dia mais se ia esvaecendo.

Foi a tão intensos pensamentos que veio arrancá-la naquela manhã a visita da velha Inácia. Era particularmente estimada por toda a família do Outeiro a antiga serviçal do padre Lima.

Também, tinha ela razões para bem corresponder àquele affecto: assistira, por assim dizer, ao nascimento de todas aquelas crianças.

A Matilde levantou-se com sincera alegria a recebê-la, de braços abertos.

— «Ora viva à sr.<sup>a</sup> Inácia... Ditosos olhos que a vêem nesta casa!... Sempre se tem feito uma ingrata!... Nem já quer saber de nós!...»

— «Não é isso, filha... Valha-te Deus... E' a lida da casa... Uma pessoa, sòzinha, para chegar a tudo...»

— «Pois sim... Mas repare há quanto tempo cá não vem... Desde a noite de S. João!...»

— «E' isso, é... Pois, ainda assim, não cuidava que fôsse tanto!... E' o trabalho, filha... E aquela volta da epidemia! Deus Nosso Senhor a afaste para bem longe... Depois também agora, com o sr. Joaquimsinho lá em casa... bem vê... sempre tudo há de andar noutra ordem... Que êle, coitadinho! não dá pena a ninguém, nem se mostra exigente de coisíssima nenhuma... Mas gosta... isso lá, gosta das cousas de certa maneira, que eu bem percebo... Aquilo não era de gente de baixa estôfa, não... Conhece-se-lhe pela cara, pelas falas, pelas maneiras, pelos gostos... por tudo... Mas, dize cá, menina, a tua gente como vai?»

— «Todos sem novidade... O pai creio que está para a *Urca* com os trabalhadores...»

— «Pois olha, agora passei por lá, estava a porta fechada e não ouvi nada dentro...»

— «Sim?... Admiro que faltasse a gente do trabalho!... Cuidava que o pai também tinha ido para lá...»

— «Ainda estive para bater, mas depois fazia-se tarde, e tenho que ir pôr o jantar ao lume... Nem sei ainda o que êle vai ser...»

— «Então andou hoje muito preguiçosa a sr.<sup>a</sup> Inácia...»

— «Preguiçosa!... Olha, logo de manhã, fui vêr a minha gente e levei uma roupita ao Piroeta... vim para casa... dei o almoço... e não fiz mais que pôr o lenço e o chale para dar cá uma saltada... Apre! já tinha saudade de os vêr... Vocês também, se eu cá não vier, nunca põem pé no *Salgueiro*!... Pois o sr. Prior bem gosta de os lá vêr!... E a mãe saiu?»

— «Está para a horta com a Custódia.»

— «E o Joanito?»

— «Esse foi ao alfaiate provar um fato.»

— «E a Maria?... A traquinas também por aqui me não aparece...»

— «Julgo que está com a mãe...»

— «Oh, menina!» — exclamou de repente a Inácia com ares assombrados. — «Levanta-me essa cortina e deixa-me cá vêr bem essa cara... Bem mo diziam!... Santo nome de Deus! Senhora do Carmo!... Pois uma mudança assim!... Estás aqui estás um cangalho... por êste andar!... E isso tendo escapado à molestia!... Que faria se a tivesses tido!...»

— «Pshiu!» — fez a Matilde, olhando anciosa para a porta interior da casa.

— «Qual pshiu! nem meio pshiu!... Há de a gente vêr uma pessoa a cair... a cair... e sem lhe fazer nada!... Essa não está má!... Tu estás doente, filha. Seja lá porque fôr, estás doente; e o verdadeiro era chamarem o médico... Nestas coisas de saude, antes ao cedo que ao tarde...»

— «Estou agora doente, sr.<sup>a</sup> Inácia!... Pelo amor de Deus não diga essas coisas cá em casa... Eu não me sinto doente... Estou mais fraca, isso sim... Só a tratar os doentes cá!... E depois quem pode engordar no verão, com êste calor que tem feito?»

— «Pois sim, mete-me cá o dedo na bôca.»

A Matilde sentiu-se còrar até à raiz do cabelo.

Para dissimular, perguntou com fingida animação:

— «Então que novidades há por lá, sr.<sup>a</sup> Inácia?... Diga alguma coisa de novo... Aqui no Outeiro não se sabe de nada... A's vezes parece que nem é casa de gente viva...»

— «E do *Salgueiro*, então é que tu queres que saiam as novidades!... Aquilo, filha, é uma paz e um socego que só visto!»

— «Deixe lá!... Com a vinda do Quim sempre hão de ter tido mais animação...»

— «Animação!... O que tu dizes, menina! Olha aquele!

está mesmo bom para animações! Até chega a ser de mais! Nem parece rapaz dêste tempo... Um silêncio! uma tristeza!... Aquilo em casa raras vezes abre a bôca... Mete-se no quarto e ninguém mais o vê... A mim até já me lembrou que fôsse volta de mulher que êle deixasse lá pelo Pôrto...»

A Matilde estremeceu.

— «Agora mulher, senhora Inácia!» —

— «Mulher, sim... Isso mesmo é que há de ser... Tristezas naquela idade são paixão... Que dúvida!... Bem pode ser que namorasse por lá alguma filha de ricos que lha não dessem por lhe não sentirem fortuna... Ainda há gente que não olha senão ao dinheiro... Malditos... Pois aquele há de ser um marido como uma jóia... E até lhe convinha a êle casar-se, filha... Aquela vida assim por fôrça que faz tristeza... As pessoas querem-se todas com outras da mesma idade...»

As palavras de Inácia estavam produzindo em Matilde uma turbacão tão estranha que ela própria não sabia o que cuidasse de si. Qual podia ser o motivo súbito dessas palpitações desordenadas que lhe davam quasi uma sensação de vertigem?

A Inácia, ignorante das comoções que estava suscitando, continuou plácidamente:

— «Ele, por aí, há já muito quem lhe deite o olho... Mas ponho dúvida que o apanhem... A do boticário, segundo dizem, bem se lhe mete à cara!

— «A Clarisse!» — exclamou alvoroçada a Matilde. — E logo, com um forte despeito — «Que disparate!... Mas que disparate!»

— «Sim!... Mas sempre te digo, filha... A Clarisse ainda é do melhor que aí há... Bonita de cara é ela!»

— «Bonita!» — atalhou Matilde com crescente exaltação. — «Credo, senhora Inácia!... Achar a Clarisse bonita!... Uma delambida, carregada de pó de arroz, sempre vestida como uma arara!... Que horror!... O Quim nem há de poder sofrê-la, digo-lho eu...»

— «Eu também, filha, nunca vi nada por onde parecesse... Mas, bem vêes... êle, querendo mudar de estado, alguma há de ir buscar. E demais, as mulheres teem artes!... Aquela, em certo respeito, é mesmo o que nós sabemos... E depois — o ditado o diz — *água mole em pedra dura tanto dá até que fura*... Ele também não há de agora em tudo sêr excepção aos mais...»

A Matilde sentia uma impacência que crescia a cada palavra da velha.

Querendo vencer-se, poz de parte a costura, dizendo com simulada naturalidade: «Vou chamar a mãe... Com a conversa até me esquecia.»

Mas a Inácia não a deixou levantar.

Como se fôsse seu propósito continuar o diálogo a sós com ela, fez à queima-roupa a seguinte pergunta :

— «E' verdade. E por cá já sabem do caso de ontem na botica?»

A Matilde não sabia de nada e assim o declarou.

Contou-lhe então a Inácia o que ouvira pela manhã à cunhada e lhe fôra depois, em parte, confirmado pelo padre Lima.

Eram extremos o sobressalto e comoção de Matilde. Deixou falar a mulher, sem interrupção, enquanto teve que dizer. Depois, tendo enfim recuperado o uso da voz: «Mas isso pode lá ser!... Como é que por minha causa!... Aí há por fôrça engano, sr.<sup>a</sup> Inácia... digo-lhe que há engano...»

— «Qual engano! São umas línguas danadas que estão sempre a deitar peçonha. E' o que é... E olha que sempre inventaram boa asneira!... Fortes cabeças!... O Ernesto não casa contigo porque percebeu que o sr. Joaquimzinho te anda a namorar, e vai então o do morgado, que não tem nada no caso, engalfinha-se no rapaz! Olha que sempre está uma história mais mal aldrabada! O pior é que se não fala por aí noutra coisa... E isto de mulheres, filha, melhor é sempre que se não fale nelas, nem para bem nem para mal...»

— «Jesus!... Que vergonha!... E que desgosto para o pai se isto lhe chega aos ouvidos!...»

— «Estou que a esta hora já o sabe...»

— «Não me diga isso.»

— «E que saiba!... As coisas tem que se falar para se pôrem na ordem... Quem tem a culpa de tudo, afinal, é o tal sr. Ernesto...»

— «Culpa, sr.<sup>a</sup> Inácia!» — atalhou Matilde, cada vez mais perturbada.

— «Culpa, sim... Se não queria casar contigo, quem o mandou frequentar a casa daquela maneira?... A reputação de uma rapariga tem que se lhe diga... Eu até admiro — aqui para nós — a cegueira de teus pais...»

— «Valha-me Deus, sr.<sup>a</sup> Inácia... Então já um homem não pode frequentar uma casa onde haja uma rapariga, sem depois se falar dela! Isso é monstruoso!... Ele nunca deu a menor razão a que se dissesse...»

— «Isso lá, menina, não era pelos belos olhos dos teus pais que êle cá vinha todos os dias, como se fôsse de casa... A gente sempre tem de dar uma satisfação ao mundo...»

— «Mas então era preciso que não entrasse cá homem nenhum!... Sabe o que eu estou vendo, sr.<sup>a</sup> Inácia? E' que a falta de civilização desta terra... Que estupidês!... Então, também o Quim!...»

— «Já se lembraram de o meter na alhada.»

— «Pois nem êsse, quási meu irmão!»

— «Isso, filha, é tão teu irmão como eu... E sempre estas linguas malditas ralham quando acham por onde... Tomara-te eu já casada... Que afinal, estou a ver que êste Ernesto não ata nem desata...»

— «Não ata nem desata o quê, sr.<sup>a</sup> Inácia?» — exclamou com mal contido despeito Matilde.

— «Ora o quê!... Esta volta do casamento... Até por tua causa, menina, para tu sossegares...»

— «Eu sossegar!» — havia tanta intimativa nesta exclamação que a velha olhou surpresa para Matilde.

— «Vocemecê engana-se muito, sr.<sup>a</sup> Inácia» — voltou ela, já mais tranqüila: «Eu não pretendo casar... e muito menos com o Ernesto Sampaio.»

A velha sentiu-se levar até ao cúmulo da admiração.

— «Pois, sério, sério, tu não gostavas dêle?»

— «Como de uma pessoa amável, das relações da minha família. Nada mais.»

Havia no tom de voz de Matilde uma sinceridade tal, que a velha Inácia não pôde duvidar um instante de que os lábios houvessem pronunciado sentimentos que vinham direitos do coração.

— «Oh menina!... mas então... Olha que eu estou mesmo pateta de todo... Então essa tua doença...»

— «Pelo amor de Deus, sr.<sup>a</sup> Inácia!... Se é minha amiga não me fale em semelhante coisa... E êle? o que pensará êle de tudo isto?»

— «O Ernesto?»

— «Não» — replicou Matilde com impaciência. — «O Quim».

— «Ah! êsse não sei... Provavelmente há de rir-se... Se te parece!»

— «Rir-se!» — exclamou Matilde indignada. — «O Quim há de rir-se de ver o meu nome envolvido com o seu de um modo tão deplorável!... Vocemecê tem coisas, sr.<sup>a</sup> Inácia!... Agora rir-se!...»

— «Ele, o disparate que é! .. O que vale é que o sr. Joaquinzinho tem mais em que cuidar sem ser nestas asneiras... Só agora a abertura da escola no dia 1 lhe dá água pela barba...»

A Matilde não podia já ouvir a Inácia. Sem bem saber porquê, estava desejando vê-la pela porta fora.

Não podendo reprimir um movimento brusco, disse que ia chamar a mãe e dirigiu-se, correndo, para o quintal.

## XXIII

Inácia ficára tão intrigada com as maneiras e dizeres da Matilde, que de si para consigo tomou como melhor não tornar a falar no ocorrido na botica.

Entreteve-se ainda meia hora com a Purificação, conversando da já quasi extinta epidemia de gripe, e de outros assuntos vulgares. Depois, pensando sempre no que viria a ser o jantar dos patrões, despediu-se e lá foi correndo, com desusada ligeireza, até ao Salgueiro.

A Purificação, impressionada por vivas reflexões que a criada do padre Lima acabava de fazer sôbre o estado de saúde de Matilde, instava ainda com a filha para que sem delonga se consultasse o médico, quando de manso bateram à porta. Foi abrir.

Era Joaquim Lima.

Matilde, que levantára os olhos do trabalho, experimentou tal alvoroço, que julgou não poder ocultá-lo. Conseguiu-o, porém.

— «Ora, bem aparecido !» — saudou a Purificação. — «Caso raro vires por cá de dia !»

— «A' noite não podia vir e quiz saber como estavam.»

Entre Joaquim Lima e Matilde trocou-se apenas o leve aperto de mão e o vulgar *Como estás?* sem significação, porque nem atendem à resposta os que, muitas vezes com bem figurado interêsse, formulam a pergunta.

— «Viste já hoje o pai ?» — indagou Matilde após momentos de silêncio em que parecia que um forte constrangimento se apoderara daquelas três criaturas hoje porventura obedecendo a orientações divergentes, há poucos anos ainda ligadas pela mais franca e estreita intimidade.

— «Estava na *Urca*... Demorei-me lá um pedaço a falar com êle...»

A Purificação olhou inquieta para Joaquim Lima, enquanto a Matilde murmurava entre dentes: «Bem o dizia eu à Inácia !»

Joaquim Lima percebeu a pergunta implícita no olhar da Purificação. Teve contudo por bem fazer-se desentendido.

Com êste propósito começou a falar da escola e do ensino. Revoltava-o a brutalidade daquela gente. Sentia já ímpetos diante da attitude hostil com que se lhe apresentavam as famílias dos rapazes, de abandonar a tarefa apenas iniciada, e deixá-los à vontade repastarem-se na sua estupidez e ignorância.

Joaquim Lima chegou a ser violento. Falou do assunto com desusada veemência, não porque estivesse convencido de encontrar forte eco em quem o escutava, mas só porque, sentindo-se impaciente e irritado, fora do que lhe era usual, precisava de descarregar contra alguém ou alguma coisa, esse excesso de bilis que a breves intervalos lhe afluía à garganta com uma aflitiva sensação de estrangulamento.

A Matilde que a princípio resolvera não desdizer do sistema adoptado, conservando-se neutral na conversa, teve um movimento irresistível: sentiu um desejo enorme de contraditar Joaquim Lima. Pois havia de ser êle a falar sempre sò-sinho, logo que o assunto se elevava um pouco, como professor na cátedra, ou como missionário da luz em país selvático, ao bando analfabeto que o cerca, como a um semi-deus?

Còrando um pouco, impugnou-lhe ousadamente o que dizia. Abandonar agora a tarefa, quando tinha em sua mão fazer sentir a tantos rudes e boçais o que valia o benefício da escola bem organizada, seria procedimento mil vezes mais condenável do que a selvajeria inconsciente dêsses homens, que nem tinham imputação porque, no meio limitado em que sempre haviam vivido, predominava quasi em absoluto a vida animal. Poder arrancá-los a esse estado de profundo rebaixamento moral, e não o tentar ao menos, valia quasi tanto como consentir na escravatura, só para evitar os incómodos e os perigos resultantes de tòda a opposição tenaz inquebrantável.

Porque não respondia Joaquim Lima a esta lógica filantrópica e impressionista, apresentada com o vivo colorido da mais firme convicção? Faltar-lhe-iam argumentos?

A Purificação, com as mãos cruzadas sòbre o ventre, a cabeça proeminente, olhar absorto, escutava a filha, no mesmo embevecimento, espécie de magnético enlevo, com que camponesas sinceramente devotas escutam ao padre, que têm por de grande sabedoria, o sermão que não entendem, mas que lhes sôa bem por falar de Deus e da Virgem.

Joaquim Lima, surpreendido, mais do que convencido, prestava crescente atenção às palavras de Matilde. Começára com um pequeno sorriso levemente irónico. Em breve êle desaparecera, porém. O que ouvia não eram simples frases vivas e correctas, mostrando-lhe que a sua amiga de infância tinha espírito e estudara com pouco vulgar cuidado a gramática da sua língua. O que ressaltava sobretudo era o pensamento justo, o sentir fino, a boa compreensão delicada do assunto.

Electrizado, Joaquim Lima deixou de parte a modesta escola aldeã. Solicitado por Matilde, entrou afoitamente nesse maravilhoso labirinto que é a grande questão do ensino.

Aí mais devia crescer a cada momento a sua surpêsa. Ma-

tilde conhecia muito do melhor que em portuguez e francês se escrevera sobre educação. Em cada objecto particular mostrava ter pensado maduramente, formado opinião sua, que justificava sempre com boas razões. No seu espirito bastante cultivado pela convivência dos livros, havia originalmente aquella subtilidade de compreensão e sensibilidade com que as mulheres abordam certos assuntos parece, que de natureza femininos.

Joaquim Lima estava sinceramente maravilhado. Por sua parte, Matilde sentia um prazer tão vivo como havia muito não experimentava.

Aquella conversação em que vibrara fortemente o espirito de ambos, dera de improviso a um e a outro a mais grata reminiscência do tempo já distante.

Foi dolorosíssimo para Joaquim Lima arrancar-se à fascinação dessa miragem e deixar-se cair na tenebrosa realidade, mais detestada agora do que antes o fôra nunca.

Acudiu-lhe então a súbitas, furiôsamente, o desejo de ser desagradável com Matilde; de a molestar muito, fôsse como fôsse. Era um aneio quasi feroz.

Por isso o olhar que fitava agora na filha do João do Outeiro ia por tal fórma embebido em concentrada ira que a fez estremecer.

Mas o tom da voz era ainda, se possível, mais contundente que o olhar.

Armando-se do mais desdenhoso sorriso, disse com acerada zombaria :

— «Bravo! Hurrá pelas mulheres sábias!... Vejo que nem só nos grandes centros se encontram doutoras!»

O imprevisto do ataque devia magoar duplamente. Reagindo, porém, Matilde procurou mostrar que tomara à boa parte o gracejo. Rindo, num sentido a um tempo irónico e amargo :

— «Nunca tive outra aspiração senão a de inculcar-me doutora.»

Decididamente Joaquim Lima percebia que lhe era impossível demorar-se mais no Outeiro sem desmentir por completo a sua gabada placidez.

Apoderara-se dele uma irritação inexplicável, fútil porque não tinha causa determinada, mas forte, visto que a não podia domar. Levantou-se para sair.

Matilde sentiu que o coração lhe palpitava desordenado. Nunca a saída de Joaquim Lima lhe causara uma anciedade tal... Pareceu-lhe que ia seguir-se uma separação decisiva, eterna...

Quiz detê-lo...

Mas havia de pedir-lhe para se demorar?!

Poude apenas murmurar um monossílabo—«Já!»—enquanto a Purificação em boa sinceridade pronunciava a frase vulgar: — «Ainda é muito cedo.»

— «Não posso demorar-me» — disse resolutamente Joaquim Lima.

E acrescentou, estendendo a mão à Purificação:

— «Tenho o mestre de obras na escola à minha espera, e ainda quero entrar na botica do Matias que me escreveu ontem de tarde a pedir que lhe desse lições de francês à filha...»

— «Está bom!» exclamou a Purificação. — «Temo-la travada!»

— «Como?» — perguntou Joaquim Lima sem perceber a intenção.

Mas a Purificação não pode responder-lhe. Oihando para a filha, não fez mais do que correr a ampará-la. Esta levava a mão ao rosto e com a voz entrecortada:

— «Jesus!... Que aflicção!... Nem sei o que sinto... Não se assuste, mãe... Isto não há-de ser...»

E perdeu os sentidos.

Joaquim Lima, que correra a buscar um copo de água, voltara rapidamente, e fazia os maiores esforços para acordar Matilde, enquanto a mãe pouco mais podia do que lastimar-se.

— «Eu bem me canço de o dizer... Esta pequena não anda boa... não anda... Amanhã, dê por onde der, há de vir o médico... O meu João então com que lhe dá é com o nervoso!... Deixa vê... Deixa estar... Com êste descanso é que muitas vezes se caminha para a outra vida... Não sei o que êste homem traz metido na cabeça nem o que espera... Jesus me valha!... Que aquele Ernesto também!... Nosso Senhor lhe perdôe!... Afinal não será outra coisa a doença de Matilde, não... Talvez isto agora fôsse por ouvir falar na pequena do Matias que em tempo foi namorada dêle... eu sei lá...»

Joaquim Lima fez à Purificação um gesto imperativo para que se calasse, ao mesmo tempo que Matilde dava um fundo suspiro.

— «Onde estou eu?» — disse, passando a mão pelos olhos.

— «O que foi que aconteceu?» — Depois, recordando-se, ao dar com os olhos em Joaquim Lima: «Ah!»

Veiu cedo a faculdade da reacção. — «Estou melhor» — dizia agora para a mãe, a querer socegá-la. — «Sinto-me rialmente agora muito melhor». E firmando os cotovelos à mesa, deixou pender a cabeça para as mãos como se precisasse muito apoiá-la.

— «Vou fazer-lhe um chásinho de laranja!» — exclamou depois de curto silêncio a Purificação, como quem tivera uma

idea de alta valia. — «Olhe, Joaquimzinho, tenha paciência, fique-se com ela aqui um instante, que eu não me demoro nada.»

E saiu, correndo, para a cozinha.

Joaquim Lima, não podendo opôr-se a êste movimento da Purificação, ficára extático junto de Matilde, muito perturbado, sem cuidar em dirigir-lhe a palavra.

Foi ela quem cortou o silêncio molesto a ambos. Mas o rosto persistia escondido entre as mãos, que um imperceptível tremor agitava.

— «Vai, Quim» — disse ela. — «Disseste ter pressa... Não te demores mais por minha causa... Talvez tenhas já que dar-lhe a primeira lição...»

— «A primeira lição!» — exclamou êle surpreendido. — «Qual lição?»

— «A da Clarisse... Pois não disseste que o pai...»

— «O que eu disse foi que o Matias me tinha falado, mas nem ainda lhe respondi. Hei de logo ir dizer-lhe que não tenho tempo para lições particulares...»

Eram pronunciadas como maquinalmente estas palavras enquanto Joaquim Lima fazia o seguinte raciocinio: Matilde, supunha que Ernesto fazia de novo a côrte à filha do boticário e queria talvez incumbi-lo do cargo de espia em casa do Matias Beltrão.

Entretanto Matilde sentia-se prêsa de comoção violenta.

Chegou a receiar perder novamente os sentidos.

A presença de Joaquim Lima, depois de saber que êle recusava leccionar a filha do boticário, causava-lhe uma turbação ainda maior. Queria e não queria terminar aquela cena. Sabia que Joaquim Lima estava em pé junto dela, sentia-lhe a respiração forte, adivinhava-lhe o olhar vago, súrpreso, diante de factos que não podiam ter explicação para êle.

Momento a momento, Matilde sentia apoderar-se dela uma agitação que já a custo reprimia, impressão a um tempo deliciosa e pungente. Teve medo. Começaria assim a loucura?

De repente foi-lhe impossível resistir ao vulcão que lhe subiu à cabeça. Como louca, levantou a fronte e anelante, sem poder falar, apoderou-se da mão de Joaquim Lima, trémula entre as suas, e, freneticamente, cobriu-a de calorosos beijos.

— «Que faz! que faz!» — exclamou na maior turbação Joaquim Lima, retirando instintivamente o tratamento de tu que dava a Matilde. Mas era fraca a resistência, nem se atrevendo a recolher a mão, que ora banhavam abundantemente as lágrimas de Matilde.

Envergonhada da expansão que não soubera conter, sen-

tia-se agora mais do que nunca abatida, podendo apenas dizer por entre soluços: «Quim, Quim, não me desprezes... Tem ao menos compaixão da tua amiga.»

Esta frase, apenas pronunciada quando a Purificação voltou com a beberagem anti-espasmódica que fôra preparar, teve sobre Joaquim Lima o efeito de um raio que o houvesse fulminado. Na falsa interpretação que lhe atribuiu ia o fermento de renovadas agonias.

Quando naquela manhã entrara no Outeiro levava o desespero no coração. Saía moralmente aniquilado. Mas a sua nobre alma cedo triunfaria. Podia ser mártir, não porém vil. Sacrificar-se completamente à felicidade daquelas a quem devia tudo não era resolução ante a qual pudesse vacilar muito tempo.

## XXIV

Aproximadamente, à mesma hora, tinha lugar em casa de D. Cristina uma discussão que não pode deixar de interessar a leitora.

Vamos conduzi-la à mais que modesta sala dos Sampaivos, onde a mãe de Ernesto e o padre Lima se encerraram uma boa parte da manhã, como para confissão geral ou conferência da maior gravidade.

E de certo o era aquela, porque até a solícita Inês, ouvindo desusadamente exaltada a voz de D. Cristina, viera por mais de uma vez, desmentindo hábitos de respeitosa e inalterável discrição, escutar à porta da sala.

Mas a velha, de ouvido um pouco endurecido já, pouco aproveitara da insólita transgressão.

Tudo o que logrou saber foi que se tratava de Ernesto e de Matilde. As palavras que, pronunciadas com maior vivacidade, lhe chegaram ao ouvido, *especulação vil, leviandade, desgraça irreparável*, não derramavam claríssima luz no seu espírito.

Nós, mais privilegiadas que a velha criada, vamos entrar na pequena sala precisamente no momento em que mais cerrado vai o diálogo entre o padre e D. Cristina, sentados um defronte do outro, nas duas cadeiras de braços, antigas, que ladeiam o sofá de estofos vermelho, poído dos anos.

Para que ao bondoso pároco não possa ser imputada culpa de desleixo ou frouxidão de zêlo, deverão lembrar-se os acontecimentos dos últimos meses.

Foi já dito que uma espantosa epidemia de gripe, ainda mal extinta, afligira crûamente a povoação. Adoecera gravemente a mãe de Ernesto e o próprio padre Lima fôra ainda fraco e convalescente que lidara dias inteiros, de um a outro extremo do povoado, levando a uns e a outros a esmola material ou espiritual, igualmente abençoada.

Não esquecerá ao padre o intento concebido de falar a D. Cristina na aliança de Ernesto com Matilde. A seus olhos era êsse factio inadiável desde a cena que presenciara na noite de S. João no Outeiro. Protraída a resolução pela força das circunstâncias, tomara agora novo alento com o ocorrido na botica do Matias Beltrão.

O padre Lima tinha sôbre o caso juizo assente e irrevogável. Postas as coisas em semelhantes termos, Ernesto devia umá reparação a Matilde que, tinha por sem dúvida, lha acceitaria do melhor grado.

Dificuldade séria, obstáculo talvez invencível, só residiria a seu ver, em D. Cristina. Conhecia-lhe a índole altaneira, fundo imperecível de vaidades atávicas, movida pelas quais preferira esconder-se durante anos numa ignorada aldeia, a viver pobrememente na capital onde a sua família, em tempos tão distantes, figurara com distinção.

O padre conhecia bem as ambições que, desde sempre, esta mulher forte — porque o era, sem contradita — alimentara dia a dia pelo futuro de Ernesto, e que não eram só paroxismos de amor maternal senão também desejo ardente de voltar ela mesma ao meio social em que fôra habituada desde o berço.

Por isso o padre Lima, antevendo porfiada luta, bateu naquele dia à porta da casa onde habitavam os Sampaivos, com o coração agitado por comoções a que a sua vida de paz e santidade rara vez dera lugar.

Trocados os primeiros cumprimentos de mera cortezia, o padre procurava ensejo de bem entrar no assunto, quando D. Cristina, a quem desejava molestar o menos possível porque a vinha encontrar ainda notavelmente abatida pela moléstia, como que saíu de improviso ao encontro dos seus desejos.

Era para ela hoje de maior regosijo do que nunca a visita do padre — dizia. Estava havia muito anciosa por pedir-lhe conselho. Vinha achá-la muito esmorecida de fôrças. E não fôra o sofrimento físico, tanto como a anciedade moral, o que a levava àquele extremo. Era indizível o que sofrera caladamente nos últimos tempos. O filho que criara com todos os desvelos, com enorme sacrificio, que era o único objectivo da sua existência, que julgava poder lograr como compensadora felicidade da sua velhice, êsse filho, êsse ídolo, estava

completamente perdido para ela, era para ela pouco menos que um estranho.

E os olhos da mãe angustiada marejavam-se de lágrimas a flux.

O padre, bastante surpreso, receiava interpor qualquer palavra indiscreta que por mal cabida compromettesse o bom êxito do seu plano. Tacteadando cautamente o terreno que tinha de pisar, limitou-se a dizer :

— «Bem sabe v. ex.<sup>a</sup>, sr.<sup>a</sup> D. Cristina, os antigos laços de amizade que sempre me uniram à sua família... Muito feliz me julgarei se tiver em minha mão aliviar de algum modo os seus pezares.»

D. Cristina fez com a cabeça um gesto de aquiescência. Depois, comovida, começou a narração das suas grandes aflições.

Nos últimos meses virá gradualmente operar-se em Ernesto a mais lastimável transformação. De delicado e extremamente atencioso que sempre fôra, tornara-se colérico, frenético, até não raro grosseiro.

Durante as refeições, único tempo que se demorava em casa, lia as gazetas, respondendo com distracção ou pouco agrado às palavras que ela já tímidamente lhe dirigia. Observações, se lhas fazia, eram recebidas com gestos e palavras que sóbremodo a afligiam. E assim lhe ia correndo a êle a parte mais bela da mocidade, desinteressado de todo o plano por um futuro illustre, malbaratando os dias na caça, em passeios a cavallo, no jôgo que se fazia escandalosamente na botica do Matias... sabe Deus por onde enfim, porque até lhe constava que nem já frequentava o Outeiro. Ver Ernesto despenhar-se nessa voragem medonha, que parecia ávida de tragá-lo, era para ela tormento incomparavelmente maior do que tudo o mais que antes sofrera.

Via a necessidade urgente de uma resolução. Pensara já em sair precipitadamente para Lisboa, impondo a Ernesto a sua vontade sem dar-lhe tempo a reagir. Mas viera uma consideração tolher-lhe êsse passo. Em Lisboa, onde campeia o vício em maior escala, não acharia Ernesto, na desgraçada orientação de espirito em que agora parecia estar, mais fácil e rápido declive para a perdição de que pretendia arrancá-lo? Rialmente, tivera já momentos de verdadeiro desespero, não sabendo que partido tomar. Ali não era só amor de mãe — sustentava exaltada — era dever de consciência junto dêsse inexperiente rapaz, tão cedo orfanado da solicitude e protecção paternas.

Por isso bem dizia de mil modos a visita do padre Lima, ilustrado, prudente, amigo, numa ocasião em que a sua razão bastante fraca se debatia numa luta que de todo lhe era superior.

Aqui D. Cristina deteve-se como exausta, fixando no padre um olhar dependente e ansioso.

O padre Lima esfregava as mãos em obstinado silêncio com os olhos fitos no florão de lã verde do tapete que tinha aos pés.

Já esta atitude começava a ser notada por D. Cristina quando emfim o padre, erguendo lentamente a cabeça e com voz pausada: «Sr.<sup>a</sup> D. Cristina, sabe o que lhe digo?... que o casamento é o único remédio eficaz que me ocorre para todos êsses males.»

D. Cristina deu um salto na cadeira. A notícia de um vulcão que houvesse rebentado no cume da Serra da Estrela não a teria surpreendido mais.

— «O casamento, padre Lima!» — Havia tão sincero espanto nessa exclamação que o padre mediu bem o grosso das dificuldades com que ia defrontar-se. Não tergiversou, porém. Antes repetiu com dobrada intimativa: «O casamento, sim, minha senhora.»

D. Cristina estava habituada a tomar quasi como decretos de oráculo as opiniões do venerável sacerdote. Aqui, porém, era impossível submeter-se.

— «O casamento!» — repetiu, como falando para si. Depois, dirigindo-se ao padre. — «Tive sempre o maior terror aos casamentos prematuros, padre Lima... Casar antes de ter alguma experiência da vida é grave...»

— «Tem já vinte e oito anos, o sr. Ernesto... se me não engano» — repetiu com gravidade o padre.

— «Tem... Mas é como se tivesse desoitto... Umã cabeça estouvada... Uma perfeita criança... Inteiramente fora das coisas sérias da vida...»

— «Quero crer que uma aliança bem acertada seria o mais eficaz meio de o chamar a elas... Criar família é criar ambições...»

— «Então, padre Lima, e uma mãe não é família?... Eu que tanto me tenho sacrificado por êste filho, não lhe mereço hoje, que estou caminhando rapidamente para a cova, agasalho e carinho!...»

— «São casos diferentes, minha senhora... Seu filho, por muito que lhe queira — nem tal coisa pode pôr-se em dúvida — começa agora a viver e tem necessidade de outros affectos... Se os não tiver em casa junto de V. Ex.<sup>a</sup>, há de procurá-los fora, e nessa investigação hão de rodeá-lo um sem número de perigos... Há desvantagem no casar cedo, — diz V. Ex.<sup>a</sup>?... E os inconvenientes e riscos do celibato?... São incomparavelmente maiores, sr.<sup>a</sup> D. Cristina.»

— «Mas, padre Lima... E' possível que tenha, como sempre, razão... Note, porém, uma cousa... O meu Ernesto

não tem ainda carreira de vida que lhe permita sustentar família...»

— «A carreira dele está feita... O que lhe falta é ser colocado... E para isso... bem o sabe V. Ex.<sup>a</sup>... basta uma simples mudança de ministério... que talvez se não faça esperar muito...»

— «E... outra cousa» — atalhou D. Cristina seguindo mais os seus próprios raciocínios que as reflexões do padre — «Casar é bom de dizer !... mas as cousas têm de ser preparadas... Se eu pensasse agora em promover a Ernesto um partido vantajoso, como o conseguiria de repente?... Mais uma razão a aconselhar-me a saída imediata para Lisboa.. »

Nas últimas palavras havia uma inflexão interrogativa a que o padre não atendeu logo, parecendo um pouco abstracto. Depois com a voz muito branda: «Não atinjo bem minha senhora, o que V. Ex.<sup>a</sup> chama um partido vantajoso...»

D. Cristina perturbou-se. Com um leve tom de despeito: «O que eu chamo um partido vantajoso !? Uma ligação que não venha aumentar as dificuldades da nossa vida, com que tenho sofrido assás» — A resposta dada numa exaltação crescente era evasiva; mas o padre Lima entendeu-a à letra.

— «Nesses casos é difícil a escolha» — ponderou, muito grave — «porque à vantajosa situação financeira há de a noiva também aliar o cabedal das virtudes... que esse é que é indispensável sempre...»

Seguiram-se momentos de silêncio.

Depois o padre Lima deu um fundo suspiro, tirou do bolso uma caixa de prata dourada e sorveu longamente uma pitada que parecia interminável. Em seguida puxou o lenço de ramagens, abriu-o com o cuidado de verificar de que lado estava a bainha, e empregou dois bons minutos a assoar-se e a coçar o labio superior.

De súbito, com ares de quem dizia a coisa mais simples e natural:

— «Custa-me a acreditar que o sr. Ernesto venha a casar fora desta terra.»

D. Cristina julgou ter ouvido mal.

— «Como ?» — perguntou na mais sincera boa fé.

O padre foi acometido de um violento ataque de tosse, mas repetiu em tom sensivelmente reforçado:

— «Digo eu que me custa a acreditar que o sr. Ernesto venha a casar fora desta terra» — e escarrava com estrépito.

D. Cristina mal podia ainda acreditar o que ouvia.

— «Casar aqui!» — exclamou com visível agitação — «E com quem ? faz favor de me dizer ?»

O padre Lima não vacilou um segundo.

— «Com quem?! Ainda v. ex.<sup>a</sup> o pergunta!... Com a Matilde do Outeiro.»

Qualquer pessoa que não fosse o padre Lima teria desde logo presenciado uma cena por demais desagradável. Mas diante do venerando prior D. Cristina era dominada pelo respeito, donde logrou tirar fôrça para dominar-se.

— «Rialmente, padre Lima! que estranha lembrança!»

— «Perdão, minha senhora... Estranho seria que o sr. Ernesto, sem tenção de casar, cortejasse uma rapariga honesta, frequentando-lhe notòriamente a casa, onde era recebido como amigo...»

Nos lábios de D. Cristina brincava agora o mais sardónico sorriso.

— «Amizade interesseira e calculista... Por quem é, padre Lima, não me fale nessa gente em cuja singeleza também eu acreditei, mas de quem hoje creio piamente que não havia para connosco senão uma especulação vil, que poderia ter-nos conduzido a todos a uma desgraça irreparável.» — Aqui a voz de D. Cristina ultrapassava já os limites da moderação conveniente. — «Da parte do meu filho houve alguma leviandade... Não o nego... Mas maior censura cabe sem dúvida a quem, por torpe ambição, especulava com a inexperiência dêste rapaz, sem pejo nem remorso de cortar-lhe a carreira e desgraçar-lhe o futuro...»

D. Cristina ia ainda continuar. Fulminou a, porém, um olhar do padre, olhar severo, firme, sentenciador.

— «Sr.<sup>a</sup> D. Cristina» — disse, mansamente, com um ligeiro tremor de voz, o velho prior, acentuando muito cada palavra. — «V. Ex.<sup>a</sup> está ofendendo a Deus.»

Esta simples frase, no tom com que foi dita, era bastante para inspirar a D. Cristina uma súbita reconsideração. Mas o padre tinha ainda que dizer-lhe e após breve pausa: «Prognostico-lhe que há de ser v. ex.<sup>a</sup>, e talvez em bem pouco tempo, quem deseje, e porventura solicite esta aliança...»

— «Que me está dizendo, padre Lima!»

— «Coisa muito natural, que eu tenho se dará em breve... V. Ex.<sup>a</sup> não tem procurado sondar a verdadeira causa da deplorável transformação de seu filho?... Não lhe ocorreu ainda que ela seja uma conseqüência da luta travada entre o respeito filial, e o amor da mulher escolhida que tem a advogar-lhe a causa mil circunstâncias ponderáveis que interessam a honra e decôro do filho de v. ex.<sup>a</sup>?»

— «Pois aí está a especulação, padre Lima... Não vê que exactamente aí é que o quiseram levar?»

— «Por Deus, minha senhora!» — atalhou o padre, voltando a cabeça por instintiva repulsão — «Peço-lhe encarecidamente que desista de semelhantes raciocínios... E' uma

injúria degradante feita a pessoas que, se não são nobres pelo sangue, o são dessa outra aristocracia mais alevantada ainda, que contém em si a pequena pleiade dos ingenuamente bons, dos ingenuamente sãos... Respeitemo-los, que é honra para todos... Quando eu vaticino que há-de ser V. Ex.<sup>a</sup> mesma a desejar esta união, é porque receio muito — sem consultar a minha pessoal simpatia por ninguém — que ela venha a ser o meio único de trazer novamente à casa, à família, o sr. Ernesto Sampaio... E que outra ligação mais auspiciosa poderia êle realizar?... O João do Outeiro, se não é milionário, porque a honestidade é mau adubo para a germinação de milhões, tem hoje uma fortunasinha que não é para desprezar... Da Matilde o que hei de dizer?... V. Ex.<sup>a</sup> não a conhece como eu?... Se aquela se lhe não apresenta como um ideal, no meio das outras mulheres que V. Ex.<sup>a</sup> tem conhecido, então é que há nos seus olhos uma obcecação tão sistemática que até eu devo desistir de vencê-la... Mulher instruída — porque o é, e como lá na Lisboa fidalga V. Ex.<sup>a</sup> raro encontrará... — mulher meiga!... mulher simples e modesta!... Mas para que hei-de insistir no que V. Ex.<sup>a</sup> conhece tão bem como eu!... Matilde é uma natureza privilegiada, minha senhora... Introduzida no convívio de fina sociedade, tenho por da maior certeza que rapidamente, sem esforço, se tornará senhora completa... E V. Ex.<sup>a</sup>, no fundo do seu coração, sei bem que não póde deixar de ter um grande sentimento afectivo por esta boa rapariga, cujo único defeito a seus olhos será o de ter-se deixado ingenuamente captivar pelos atractivos rrialmente poderosos de seu filho... Talvez êle a não mereça ainda; mas nesse caso — permita que lhe fale com tôda a franqueza, sr.<sup>a</sup> D. Cristina — cabe a V. Ex.<sup>a</sup> a missão de o aconselhar, e indicar-lhe o caminho da felicidade que é agora também o do dever... E quando um dia V. Ex.<sup>a</sup> vir seu filho, conduzido pela mão de Matilde, voltar aos seus braços, respeitoso, amarável, cheio de gratidão e de ternura; quero guardar a esperança de que há-de mais de uma vez lembrar-se agradavelmente desta nossa entrevista, em que eu posso involuntariamente ter magoado a V. Ex.<sup>a</sup>, mas em que tenho a consciência — e o padre batia no peito comovido — «de ter-lhe falado como amigo verdadeiro.»

D. Cristina levantara-se e com olhos lacrimantes de comoção tomara a mão do padre.

— Sei, padre Lima... Sei o que vale o seu coração e a lucidez do seu espirito... Agora mesmo queria provar-lhe a influencia das suas palavras... Mas... não posso ainda... Bem deve compreender... Deixe-me primeiro sondar a disposição de Ernesto... Aquela cabeça tem sempre sido um çata-yento... Até no futuro interesse da família do Outeiro,

e mais particularmente no de Matilde... E' indispensável que eu ausculte com tôda a precisão e cuidado aquele coração bastante volúvel...»

Prolongou-se ainda o diálogo, porém já sem fortes discussões, usando o padre Lima do pequeno estratagema de tecer às qualidades de Ernesto o maior elogio que pode.

Quando voltou ao Salgueiro ia contentíssimo. Tinha ganho o seu dia — pensava.

Tôda a conferência que tivera com D. Cristina devia, segundo a combinação de ambos, constituir matéria de rigoroso segrêdo. O padre cumpriu, não tendo a menor indiscrição, nem sequer para Joaquim Lima.

## XXV

No dia seguinte, por volta das três horas da tarde, soava uma argolada sêca e desusada à porta da casa de D. Cristina.

Acudiu a abri-la a Rosita, azougada e galante rapariga, que tendo à sua conta as voltas da casa, era mais que o braço direito da trôpega Inês.

A Rosita havia já notado muito — por dentro dos vidros, e aavez das cortinas de cambraia — o porte gentil do moço professor. Ao dar agora inesperadamente de cara com Joaquim Lima, còrou, fazendo descer as mangas que trazia arregaçadas e lembrando-se contrariada, de que não era irrepreensível a alvura do avental que trazia.

— «O sr. Ernesto Sampaio está?» — perguntou Joaquim Lima quasi sem pôr os olhos na Rosita.

— «O senhor saíu, mas há de vir jantar... Se V. S.<sup>a</sup> quer esperar?...»

— «A que horas é o jantar?»

— «Das três e meia para as quatro.»

Joaquim Lima consultou o relógio.

— «Pois bem; espero.»

— «Tenha a bondade de subir... Vou abrir a porta da sala...»

Momentos depois Joaquim Lima era introduzido na pequena sala dos Sampaio.

A Rosita abriu as janelas, olhou de roda certificando-se de que tudo estava em ordem e ia saír, quando Joaquim Lima perguntou:

— «A sr.<sup>a</sup> D. Cristina está em casa?»

— «A senhora ainda está para a classe... Mas, se V. S.<sup>a</sup> quer, eu vou chamá-la.»

— «Não, não» — atalhou vivamente Joaquim Lima. — «De modo nenhum... Quem eu procuro é o sr. Ernesto Sampaio... Era apenas desejo de me informar da saúde da sr.<sup>a</sup> D. Cristina... Disseram-me que tinha estado muito incomodada...»

— «Ah! ela agora está melhorsinha; muito agradecida.»

Depois, a Rosita, vendo que Joaquim Lima não parecia disposto a dizer mais nada, fez a sua mesura, acompanhada de um adocicado: — «Com sua licença», e retirou-se discretamente.

Ficando só, Joaquim Lima teve de confessar a si mesmo que estimava êste momento de espera. Não que não tivesse meditado muito sôbre o que havia de dizer; mas a comissão era de si, e por diversas razões, tão melindrosa, que lhe aprazia poder ainda sôbre ela concentrar livremente o espírito, procurando retemperar-se no maior sangue frio.

Era um sacrifício quasi sobrehumano êste a que ia sujeitar-se; mas sacrifício destinado a resgatar uma grande dívida contraída com aqueles que, em momento do mais triste abandono, lhe haviam estendido os braços paternalmente; dívida maior ainda para com aquela que não só inspirara e movera êsses braços caridosos, como que dizendo-lhes «Amparai o que é desgraçado», mas fôra para êle a flôr ideal cujo perfume suavissimo lhe dera a verdadeira revelação da vida.

Fôsse qual fôsse a íntima luta hoje travada, havia de porfiar e vencer. Dependia talvez agora sômente do seu tacto e energia a felicidade de tôda a família do Outeiro.

O simulacro de ternura que Matilde tivera com êle na véspera — tácito pedido de que a auxiliasse a vencer obstáculos que se opunham ao seu enlace com Ernesto — tivera o efeito súbito de perturbar-lhe momentâneamente a razão, não pôrém o de dissuadi-lo de anteriores resoluções; antes se sentia desde então mais obrigado a prosegui-las.

Por si, tinha marcado definitivamente o futuro: programa austero que concebera e pautara durante as longuíssimas horas da passada noite, não dormida. Contratado o casamento de Matilde, aberta a escola, refundida, afeiçoada a moldes modernos, sairia de Z. para sempre ou por muitos anos, embrenhando-se no labirinto de novas ambições até que, transfigurado pelos cabelos brancos, sentisse bem gasta, morta de todo, a grande quimera da sua vida...

Prevenido pela Rosita apenas entrou em casa, Ernesto, pôsto que surpreendido e ligeiramente inquieto com a inesperada visita, não se fez esperar.

Havia tanta cortezia como frieza no modo por que se cum-

primentaram os dois homens, cujas relações directas se haviam limitado a uma cerimoniosa troca de bilhetes por ocasião da chegada de Joaquim Lima a Z.

Fica assim até certo ponto justificado o laconismo com que Ernesto, indicando uma cadeira e tomando outra, encetou a entrevista, dizendo friamente: «A's suas ordens».

Joaquim Lima começou sem titubear: «Traz-me aqui assunto da maior importância... E' o para nós ambos... Para v. ex.<sup>a</sup>, porque interessa a sua dignidade... Para mim, porque envolve a honra de pessoas que me são caríssimas...»

Ernesto enchesseu muito o sobrolho. Vendo que Joaquim Lima se atalhava, limitou-se a dizer secamente: «Queira continuar.»

Joaquim Lima não aguardava o convite. Procurava apenas a melhor forma de atacar o assunto.

— «Acredito que o sr. Sampaio deplora, como eu, o facto que me determinou a vir aqui, facto em que, segundo o que me consta, ambos os nossos nomes foram envolvidos... muito desagradavelmente... Deve já calcular ao que me refiro...»

— «Posso enganar-me... Queira v. ex.<sup>a</sup> dizer...»

— «Refiro-me a uma ocorrência por todos os motivos lastimável, que há dois dias teve lugar defronte desta casa, na botica do Matias...»

— «Exactamente... Calculava que era isso...»

— «Não sei bem o que motivo a disputa» — continuou Joaquim Lima — «Todavia...»

— «O motivo» — atalhou Ernesto, nervosamente, com um tregeito de desprêso — «foram calúnias inventadas pela estupidéz do Chico das Cruzes .. Castiguei-o pela única maneira por que se podem castigar insolências de tal jaez... Felizmente uma firma daquelas tem tão fraca imputação, que das suas protérvias nenhuma consequência há para recear.»

— «Perdão... Não posso concordar. Consequências há sempre de tudo o que chega ao domínio público... Segundo me consta, o facto tem até sido largamente comentado, muito pouco em favor de uma mulher tanto mais digna de consideração quanto o seu passado, que pouco dista ainda da infância, é da mais pura transparência... Fala-se até num casamento malogrado...»

— «Vejo que V. Ex.<sup>a</sup> está bem informado...» — atalhou Ernesto com um sorriso aceradamente irónico. Depois, de repente, mudando para tom de maior gravidade: — «Sr. Joaquim Lima, ponhamos de parte tibiezas impróprias de nós ambos... Queira dizer-me claramente o fim da sua visita.»

— «Muito bem... Numa questão do mais vivo interesse para mim, oferecem-se ao meu espírito certas dúvidas... A

respeito delas é o sr. Sampaio a única pessoa que pode esclarecer-me... Venho pedir-lhe êsse esclarecimento.»

— «Tenha a bondade de explicar-se.»

— «Sei que o sr. Sampaio tem cortejado a mulher de quem estamos falando.»

— «Perfeitamente.»

— «Sei mais que foi correspondido...»

— «Sabe?... Como sabe isso?»

Era visível o alvoroço de Ernesto. Joaquim Lima teve um momento de indecisão.

Depois, querendo talvez penitenciar-se de algum mau impulso, com acento da maior convicção: «Tenho para mim que o retraimento de v. ex.<sup>a</sup> é causa principal, talvez única, do estado de morbidez, deverei mesmo dizer definhamento, em que se encontra hoje a Matilde... Bem vê que lhe falo com tôda a franqueza.»

Ernesto guardou silêncio. A imaginação levara-o já para longe daquela sala. Nem tinha talvez consciência de estar na presença de Joaquim Lima. Aos olhos da sua fantasia avultava apenas o busto gentil e suave de Matilde, fraca, empalidada, doente de saúde e amor por êle. Figurava-se já ajoelhado diante dela, pedindo-lhe perdão, oferecendo-lhe tôda a sua vida, apaixonado, crivado de remorsos...

Joaquim Lima com os olhos pregados em Ernesto procurava decifrar o motivo daquela espécie de alucinação. Finalmente, impaciado, fez um movimento. Como que despertou o filho de D. Cristina e, passando a mão pelos olhos: «Perdão! Que cabeça a minha! Tenho às vezes umas distrações!... Dizia o sr. Joaquim Lima... Sim... desejava pedir-me uma explicação...»

Havia tanta sinceridade no tom com que Ernesto se expressava agora, que Joaquim Lima teve de banir a idéa de que o seu interlocutor tivesse querido um momento desconsiderá-lo.

Tornou pois, naturalmente: «A ulterior conduta do sr. Sampaio para com a família do Outeiro leva-me a não compreender as suas intenções a respeito de Matilde... Era sobre elas que muito estimaria ser esclarecido. E' êste o objecto que me trouxe aqui.»

Ernesto não estava de certo preparado para esta espécie de interpelação à queima-roupa. Da ruga vertical que se lhe avincou ao meio da frente, poderia deduzir-se que ela lhe não estava sendo inteiramente agradável.

Joaquim Lima esperava a resposta numa comoção difficilmente reprimida.

Ernesto torceu e retorceu o bigode. Depois, esboçando um sorriso entre irónico e contrafeito;

— «Eu... realmente... tinha o maior desejo de não molestar o sr. Joaquim Lima... Mas... francamente... não posso deixar de lhe fazer uma pergunta... V. Ex.<sup>a</sup> nesta consulta é delegado de alguém?

Joaquim Lima còrou levemente: — «Não senhor.»

— «Como devo então tomar o seu papel medianoiro?... Como devo explicar?...»

— «Como lhe aprouver» — acudiu com vivacidade Joaquim Lima, carregando muito os sobrolhos. — «Trata-se de um assunto capital para uns velhos que foram quasi meus pais, e para uma mulher que considero como irmã... Sinto-me com todos os direitos de me intrometer nele... E decerto compreenderá isto o sr. Sampaio, a quem tenho por um homem de bem...»

— «Nesse ponto suponho que se não engana» — voltou-lhe Ernesto, sorrindo contrafeito.

— «Estou convencido disso... Não pode pois v. ex.<sup>a</sup> estranhar que eu venha lealmente perguntar-lhe, em vista das circunstâncias a que aludimos, se é sua idéia fazer da Matilde sua esposa.» — Aqui a voz de Joaquim Lima atraía a impressões desmentidas pela serenidade aparente.

Ernesto consultou-se durante alguns momentos. Depois, sacudindo a cabeça de modo particular, como de quem tomasse uma resolução súbita, disse, esfregando as mãos de modo que indicava não estar inteiramente a sangue frio:

— «Sr. Joaquim Lima, deve compreender que eu pudesse pôr em dúvida a genuinidade do seu direito a vir de improviso fazer-me semelhante pergunta... Mas não quero entrar muito por essa apreciação... V. Ex.<sup>a</sup> merece-me muita consideração pessoal... Estimo até falar-lhe com o coração nas mãos... Francamente... o casamento é uma lotaria que sempre me atemorizou... No princípio de uma carreira, situação em que eu estou, não pode negar-se que seja rematada imprudência assumir as responsabilidades gravíssimas de chefe de família... Depois, no caso muito particular de que tratamos, como havia eu já de ter pensado muito em me deixar prender na rede apertada do matrimónio, quando nem sequer tenho verdadeira consciência da natureza do sentimento que logrei inspirar!... Isto é pura verdade, sr. Joaquim Lima... Ou timidez excessiva de mulher, ou falta de sensibilidade, nunca pude arrancar-lhe uma confissão clara e categórica... Bem vê que até por êste lado o caso é ainda mesmo para mim, bastante nebuloso...»

— «Convenho» — atalhou Joaquim Lima. — «Mas, então, permita o sr. Sampaio que eu julgue mais condenável ainda o seu procedimento ambíguo para com a família do Outeiro...»

— «Perdão... Quem diz a v. ex.<sup>a</sup> que o meu recente retraimento — julgo ser a isso que se refere — não seja consequência de um plano destinado a provocar quaisquer explicações?... Porque não teria eu adoptado esse meio para combater o que não é talvez senão mal entendido orgulho dessa mulher, que — porque não hei de confessá-lo? — exerce sobre mim um prestígio a que não sei ser superior?»

Joaquim Lima confiava nervosamente o bigode.

— «E' caprichoso o temperamento das mulheres» — continuou Ernesto depois de breve pausa. — «Aquela talvez precise um pouco de estimulante da dúvida para se render à evidência dos seus próprios sentimentos.»

— «Compreendo» — exclamou Joaquim Lima com certa animação desusada. — «V. Ex.<sup>a</sup> tem feito o seu jogo... Permite que lhe diga que reprovo em absoluto tais manejos... E tanto mais quanto mais inexperiente e ingénua fôr a mulher... Num temperamento por natureza delicado e susceptível, esses processos podem até conduzir ao completo e irreparável desequilíbrio da saúde... Nunca entendi esses affectos egoistas que experimentam tanto maior gôso quanto maior é o sofrimento que causam.»

— «Estou maravilhado!» — atalhou Ernesto entre grave e irónico. — «Vejo que o sr. Joaquim Lima é muito mais sentimentalista do que eu o suponha.»

— «Não sei o que sou» — prosseguiu um pouco desabridamente Joaquim Lima. — «Revolto-me contra todos os abusos... A debilidade nativa das mulheres devia só por si bastar para pô-las a salvo das nossas argúcias... Demais, elas vivem quasi exclusivamente do sentimento como nós vivemos da intelligência... Tanta mais obrigação nos corre de lhes pouparmos sofrimentos escusados... E é esta noção que falta as mais das vezes àquella parte da humanidade, chamada por autonomasia *forte*... V. ex.<sup>a</sup> faz tranquilamente o seu jogo, como acha que lhe convém, sem remordimento de consciência, sem sobressaltos... E, no entretanto, introduziu no viver de uma família, outrora feliz, elementos...»

— «Perdão» — acudiu Ernesto visivelmente agitado. — «Quem diz a v. ex.<sup>a</sup> que eu sigo o meu plano sem sobressaltos?... Tenho-os tido... crescendo ainda certas contrariedades de família...»

Aqui, Ernesto interrompeu-se, olhando para Joaquim Lima com uma espécie de desconfiança. Súbito, porém, como tendo tomado uma resolução definitiva:

— «Sr. Joaquim Lima, vou dar-lhe a maior prova de confiança, falando-lhe com a máxima lealdade... Quero demonstrar-lhe que não sou tão leviano como a princípio poderia parecer-lhe... Vai vêr que não só v. ex.<sup>a</sup> tem pensado

na necessidade de dar a este assunto uma solução conveniente... Parte das questões de família a que acabo de referir-me e que — devo dizê-lo — me tem embaraçado bastante foram já resolvidas numa entrevista que tive esta manhã com minha mãe... Para tomar uma deliberação definitiva falta-me apenas uma coisa: conhecimento seguro dos sentimentos de Matilde... Na investigação que vou fazer, já minha mãe prometeu auxiliar-me. Hoje mesmo convidará a Matilde para vir a nossa casa, a qualquer pretexto, e espero antes da noite ter resolvido a minha norma de conduta... Aqui tem o sr. Joaquim Lima, com a maior lealdade, o verdadeiro estado da questão... Escusado é dizer que peço para ela, por enquanto o maior segredo, e, se o não guardei para o sr. Joaquim Lima, é porque, — repito — tenho por v. ex.<sup>a</sup> a maior consideração pessoal...»

Joaquim Lima levantara-se. Sem a menor expansão, ao contrário da expectativa de Ernesto, estendia-lhe a mão, dizendo friamente:

— «Obrigado... Pode contar com a minha discrição.»

— «Então retira-se já?» — perguntou Ernesto um pouco surpreso.

— «Tenho-lhe tomado demasiado tempo.»

— «Estou inteiramente desocupado, como sabe... Não tenho a menor pressa...»

— «Outro tanto não posso eu dizer... E, de resto... estamos perfeitamente entendidos.»

Ernesto, tendo feito um gesto de assentimento, acompanhou Joaquim Lima até à porta. Fechando-a e voltando só à sala, dizia consigo, intrigado:

— «E' extraordinário este homem!...»

O que não diria se tivesse seguido Joaquim Lima, e o visse sair da povoação com o passo um pouco incerto como noctâmbulo, a vaguear pelo campo, talvez inconsciente, durante mais de duas horas?

Era ali que êle primeiro conhecêra Matilde, fazendo meia à sombra de um carvalho, enquanto as cabras, folgasãs e graciosas, saltitavam em torno dela.

Aquele cenário fotografava-lhe nítidamente no espírito as cênas do passado. Fôra ali que aprendera a crer em Deus e a rezar. Aquele matagal era-lhe um templo.

Fôra ali que recebera a primeira revelação da poesia, coada pelos lábios de Matilde.

E até esses versos lhe acudiam fielmente à memória como se na véspera os estivesse ouvindo.

No passado uma saudade,  
 No presente uma amargura,  
 E no futuro uma esperança  
 De imaginária ventura.

Eis no que consiste a vida  
 Imposta por Deus ao homem  
 Nisto se consomem dias,  
 Nisto anos se consomem.

Bemdito sejas, meu Deus  
 Que nos dás na vida inteira  
 A filha dos céus, a esperança  
 Por suave companheira.

Possuía os versos; faltava-lhe, porém, a voz suavíssima da cantora para entoá-los.

Grande causa teriam essas duas lágrimas que Joaquim Lima sacudiu com impaciência quando a memória lhe recitou a última quadra!

E' que precisamente essa *filha dos céus* de que falava o poeta, acabava de voltar-lhe as costas, irremediavelmente para sempre. O mundo era-lhe agora uma roça aspérrima, onde teria de lidar a vida como escravo miserável, até cair exausto de fadiga sobre a terra sêca e dura.

A mais angustiada sensação de abandono apoderara-se naquele momento da alma de Joaquim Lima. Cobrindo o rosto com as mãos, conservou-se muito tempo em recolhida imobilidade. Depois, abanando a cabeça de um modo muito particular, tomou apressadamente o caminho de casa.

Passou-lhe então no espírito, esfumada, com a impressão de uma vaga saudade pungitiva, a imagem das duas primeiras criaturas que conhecera—o tio Vicente e a sr.<sup>a</sup> Antónia.

## XXVI

Erãam pouco mais de cinco horas desta mesma tarde, quando Matilde, acompanhada pelo pai, chegou à porta de D. Cristina.

Nenhuma surpresa pareceu causar esta visita à velha Inês, que se apressou a introduzir o pai e a filha.

Como que os esperavam já na sala D. Cristina e Ernesto. Um bilhete de D. Cristina, escrito naquela manhã, em se-

guida a um longo colóquio que tivera com o filho, aprazara a entrevista.

O bilhete era escrito nêstes termos :

«Minha querida Matilde.

«Desejava consultá-la, de viva voz, sôbre um assunto que nos interessa particularmente.

«Como não posso hoje sair, agradecia-lhe muito que viesse até cá esta tarde.

«Estimaria imenso que seu pai a acompanhasse, porque também tenho que dizer-lhe.

Sua dedicadíssima,  
«Cristina.»

Com grande anciedade sentira Matilde correr as horas da-quele dia.

O que podia querer-lhe D. Cristina ? Realmente não o adinvhava e a sua imaginação perdia-se em conjecturas, nenhuma das quais era tendente a tranquilizar-lhe o espírito. Um vago pressentimento de que ia ser inopinadamente resolvida a questão capital da sua existência, dava-lhe uma excitação íntima que mal podia dominar.

Certos olhares de intelligência trocados entre os pais, contribuiam mais do que tudo para intrigá-la, não sabendo como explicar a attitude dêles, a um tempo alvoroçada e pranteira.

Quando pai e filha entraram na pequena sala de D. Cristina, a comoção de ambos era igualmente intensa, ainda que mui diversa na essência.

A dona da casa tinha agudeza bastante para adivinhar isto. Na afabilidade extrema com que se levantou a receber os recém-chegados, ia expressa a intenção de, primeiro que tudo, os pôr inteiramente à vontade.

Ernesto, por sua parte, tomou o chapéu do João do Outeiro, com quem logo entabolou animado diálogo ácêrca de melhoramentos que o velho por último introduzira na *Urca*.

Matilde era entretanto interrogada por D. Cristina ácêrca do seu estado de saúde, e do adiantamento intelectual dos irmãos.

Tinham levado nisto quási meia hora e já Matilde cujo espírito serenara pouco a pouco, entrava desafogadamente, com a finura que lhe era tão natural, na conversação que se havia enfim generalizado, quando D. Cristina, levantando-se :

— «Sr. João do Outeiro, quer ter a bondade de passar ali ao escritório do Ernesto ?»

— «Ora essa, minha senhora !... Eu vou para onde v. ex.<sup>a</sup> me mandar.»

Matilde erguera-se imitando o pai. Antes, porém, que tivesse dado um passo, D. Cristina, tomando-lhe meigamente a mão e fazendo-a sentar de novo, disse :

— «A menina fique... O que tenho que dizer a seu pai é confidencial...»

E sorria-se.

Matilde entendeu então que ia ficar só.

Fôra Ernesto o primeiro a encaminhar-se para a porta, o que a tranquilizava. Nêste movimento apenas houvera, porém, uma intenção delicada. Anciosa, Matilde viu sair D. Cristina, seguida logo pelo João do Outeiro. Enganara-se, supondo que Ernesto os acompanharia. Tendo fechado cautelosamente a porta, o filho de D. Cristina ficara dentro da sala.

Em extremo comovida, Matilde tomou à pressa um album que começou a folhear, sem o vêr, porque a vista se lhe turvara como a razão.

Ernesto avançara para ela impetuôsamente, e tomando-lhe a mão num movimento apaixonado :

— «Matilde ! Minha adorada Matilde ! Que mudança !... Como a encontro abatida e transtornada depois da nossa separação... Por Deus, diga-me nêste momento uma cousa... Diga-me que é por meu respeito que está assim... Diga-me isto, como eu lhe juro que a amo hoje mais do que nunca...»

Matilde soltando com esforço a mão das de Ernesto, passou-a duas vezes pela testa. Depois, fixando nêle os penetrantes olhos banhados em melancolia, disse com a voz muito comovida :

— «Sente-se, sr. Ernesto... Sente-se e ouça-me sem exaltação... Quero que seja meu amigo e que faça o que mais uma vez vou pedir-lhe...»

Ernesto teve um arrebatado gesto de impaciência. Foi porém logo abrandado por Matilde que, carregando-lhe no braço, insistindo para que se sentasse, dizia com a inflexão mais meiga de que era capaz a sua voz privilegiada :

— «Então, sr. Ernesto... Faça-me a vontade.»

Ernesto, dominado, deixou-se cair sôbre a cadeira. Cobrindo o rosto com as mãos, ficou assim muito tempo, silencioso e imóvel. Matilde por seu turno sentia embargada a voz. O olhar com que agora contemplava Ernesto parecia embebido em piedade e simpatia.

Correram assim alguns minutos despercebidos para ambos. Foi enfim Matilde quem opressamente quebrou o silêncio.

— «Sr. Ernesto, então !... Aproveitemos o pouco tempo que provávelmente teremos para estar sós... Deixe-me renovar agora com maior instância o pedido que já uma vez

lhe fiz, e a que não atendeu... Para que quer por fôrça ser criança?... Para que há de enganar-se com impressões passageiras?... Não será melhor *para todos* que encare agora a vida a sério?... Sáia quanto antes desta terra que lhe não promete nenhum futuro... Pense primeiro que tudo nas ambições tão justas de sua mãe, a quem tanto deve... que...»

Ernesto ergueu a cabeça, e, com exaltação :

— «Por quem é, Matilde, não me fale agora em deveres para com minha mãe... Não os contraí eu ainda mais sagrados para consigo?... Agora quero só tratar da Matilde, da sua felicidade, do seu futuro... »

— «Obrigada» — atalhou Matilde, cuja comoção era extrema. — «Acredito que é meu amigo... Quero mesmo a sua amizade e agradeço-lha... Mas Deus nos livre de que, por êsse sentimento cego e generoso, deixasse de seguir o caminho brilhante que lhe está destinado... Era absurdo... bem vê...»

Ernesto interrompeu-a bruscamente.

— «Caminho brilhante onde me falte a luz do seu olhar!... Como desconhece a intensidade dêste amor que se obstina a chamar friamente amizade!... Realmente, deve ser bem duro o seu coração ou bem fortes os seus preconceitos!... Mas, afinal, a Matilde sofre... sofre... que, a contemplar-lhe a fisionomia, não é possível ter dúvidas a êste respeito... Que desgraçado sou eu então, que me não julgou ainda digno de receber a confissão do sentimento que a domina?... Não pode ser tudo pudor, que o pudor levado a êsse extremo constituiria uma verdadeira monstruosidade moral.»

E num ímpeto, desvairado, ajoelhando aos pés de Matilde:

— «Matilde, meu amor, minha vida... não queira ter-me mais tempo nesta incerteza horrível... Abandone por um pouco essa frieza falsa ou rial... premeditada ou sincera... Ponha de parte escrúpulos pueris e tenha dó de mim... Recieia desagradar a minha mãe? é isso?... Mas minha mãe é a pessoa que mais deseja vêr-me feliz... e eu nunca... nunca o poderei ser sem o seu amor...»

— «Cale-se... pelo amor de Deus, cale-se!» — suplicou Matilde, pondo-se de pé.

Ernesto imitou-a neste movimento, e erguendo mais a voz:

— «Não... não quero... não posso calar-me mais tempo... Que coração é o seu para assim me torturar sem piedade!»

Havia tão sincera mágoa nesta exclamação, que Matilde olhou para Ernesto surpreendida.

Mas, quási ao mesmo tempo, a atenção foi-lhe desviada para outro ponto.

Abrira-se de súbito a porta do escritório. D. Cristina avançava rapidamente para Matilde e abraçando-a comovida :

— «Minha filha, tenho escutado as suas nobres palavras... Admiro muito a tenacidade do seu carácter... Julgava conhecê-la, mas só agora a aprecio como merece... E é tal esse apreço que... veja... sou eu agora que lho peço... faça a felicidade do meu Ernesto... faça...»

E a comoção fazia-a balbuciar.

O João do Outeiro, à socapa, enxugava as lágrimas que lhe borbulhavam nos olhos a quatro e quatro.

Matilde, que correspondera enternecida ao abraço de D. Cristina, olhava agora alternadamente para ela e para o pai, querendo falar e sem saber o que dissesse.

D. Cristina julgando interpretar bem aquela atitude, tornou a abraçá-la com efusão e voltando-se para o João do Outeiro:

— «Estes escrúpulos, compreendo-os bem; nascem de uma grande injustiça em tempo feita por mim e de que hoje me arrependo amargamente... Mas a Matilde é bastante generosa para perdoar-me a ofensa...»

— «Oh! minha senhora!» — exclamou Matilde, com os olhos rasos, avançando para ela, em extrema comoção.

— «Bem... bem» — acudiu D. Cristina, desejosa de passar rapidamente sobre o incidente que estava causando a Ernesto e ao João do Outeiro a maior surpresa — «Esqueçamos um mau repente de paixão, de que espero penitenciar-me largamente pelo tempo adiante... Vamos, Matilde... mostre que deseja também ser minha filha, e estenda ao menos a mão ao seu noivo que a está olhando com uma anciedade que realmente me impressiona...»

Mas Matilde não deu um passo. Estorcendo as mãos uma contra a outra, parecia presa do maior desespero.

O João do Outeiro achava natural aquela hesitação. Quiz animar a filha e sorrindo com bondade:

— «Então, Matilde, não ouviste a sr.<sup>a</sup> D. Cristina?»

Matilde já não era senhora de si. Há momentos em que o sofrimento ultrapassa a medida da energia humana.

Soluçando, lançou os braços ao pescoço do pai e deixando pender a cabeça no ombro dele: «Meu pai... Eles cuidam ainda que seria a nossa felicidade... mas é uma ilusão, é... Eu não posso... não devo enganá-lo... Seria mesmo um grande crime... E eu... eu conheço que lhe não tenho amor...»

Corria parelhas a surpresa de todos os circunstantes. Foi Ernesto o primeiro a recobrar a voz. Lívido, aproximou-se de Matilde e num tom de pungente ironia: — «Tem então hoje uma decidida repugnância em ser minha mulher!»

— «Não posso» — foi a resposta dada por Matilde, arquejante.

— «E sabem porque não póde?» — exclamou Ernesto, cego

por uma onda de ciúme que o engolfava naquele momento. — «Não pode, porque obedece a sugestões de alguém que armou o mais infame laço à minha credulidade, enganando-me covardemente, só para conduzir-me ao que julgou uma atros humilhação...»

— «Jesus!... Que está dizendo?» — bradou Matilde no auge da aflicção.

— «Digo que lhe não merecia isto» — tornou Ernesto, fitando-a com rancor. Depois, voltando-se para o camponês atônito e aturdido: «Sr. João do Outeiro, faço-lhe justiça: acredito que é estranho a todo o manejo deslial de que acabo de ser vítima... Mas recomendo-lhe cautela... muita cautela, com aqueles que daqui em diante lhe frequentarem a casa... Pela minha parte, juro que hei de vingar-me.» — E saiu da sala seguido por D. Cristina, affitíssima pelo estado de exaltação em que o via.

O João do Outeiro, em pé diante da filha, pela rigidez da atitude, poderia fazer lembrar a aparição efémera de um emparedado.

— «Tinha de ser» — murmurou a Matilde, como para si. Depois, tomando serenamente a mão do pai... «Vamos, meu pai... E' melhor não nos demormos aqui.» — E levava-o após si, de passo tardo e vacilante.

— «Mas então» — balbuciou êle já no patio. — «Olha que eu estou meio tonto... Então tu não gostavas dele!»

— «Não me fale mais nisso, meu pai» — suplicou Matilde. — «Sinto-me muito infeliz. Queria que não agravassem a minha infelicidade fazendo-me perguntas a que nem saberia responder... E agora faça-me uma promessa... Há uma coisa que hoje desejo mais que tudo e que está em sua mão... Jurá-me que há-de fazer-ma?»

— «Olha, filha, eu a bem dizer... Mas o que é então...?»

— «Jure primeiro.»

— «Pois o que poderá ser!... Juro, juro.»

— «Bem. E' isto: não há de dizer a ninguém... a ninguém tome sentido... uma única palavra do que hoje se passou aqui...»

— «Mas» — atalhou o velho João do Outeiro, indeciso.

Matilde poz lhe a mão na bôca, afagando o. «Jurou, tem de cumprir» — e sorria evangêlicamente com os olhos ainda orvalhados.

— «Nem a tua mãe!»

Matilde hesitou um momento: — «Pois bem; só a essa.»

Quando os dois entraram em casa cabisbaixos, era noite fechada. A Matilde encerrou-se no seu quarto. O João do Outeiro e a mulher conversaram em voz baixa até alta noite.

## XXVII

O dr. Diogo Nogueira de Lima chegando a Z. a 30 de setembro com o propósito de assistir à cerimónia de abertura da escola primária para rapazes, que devia ter lugar no dia seguinte, estava no seu melhor direito supondo que iria passar, entre o irmão e o afilhado, a mais regalada e desoprimida semana que em sua vida tivera. Quão frequente não é porém o malogro de semelhantes projectos !

O *Salgueiro*, pacífica habitação nas abas da igreja, de cujo mutismo sobressaía a miude a gargalhada franca do padre Lima e o monótono cantar com que a velha Inácia aligeirava o peso dos trabalhos domésticos, está hoje imerso na opressão do silêncio mais agourento.

Na tarde do próprio dia 30, o dr. Nogueira de Lima e o velho morgado das Cruzes por um lado, dois proprietários da localidade por outro, concertavam entre si as bases de um duelo que se tornára inevitável entre Joaquim Lima e Ernesto e devia realizar-se na madrugada de 2 de outubro.

Fôra para Joaquim Lima da mais completa surpresa receber, na véspera à noite, o seguinte bilhete de Ernesto :

«Não há maior infâmia que o seu procedimento para comigo. Não pode haver mais baixas intenções que as que tinha iludindo-me. Para me poupar ao nôjo de lhe escarrar na cara a primeira vez que nos encontrarmos, proponho desde já uma reparação pelas armas» Assinado — Ernesto Sampaio.

Realmente, nada mais próprio para lançar Joaquim Lima num labirinto de conjecturas qual mais disparatada.

Na esperança de desenredar a terrível meada correu ao Outeiro. Mas, ali, a aparência de completa tranqüilidade acabou de o desnortear. O João do Outeiro saíra da terra, para uma feira das vizinhanças. A Purificação entregava-se, laboriosa como sempre, ao arranjo da casa. A Matilde, cantarelhando a meia voz, dava o último remate a um gracioso vestido branco da pequena Maria, que espreitava com interêsse o andamento da obra, receiosa de a não ter pronta no dia seguinte para a grande festa da abertura da escola.

Joaquim Lima sentia-se verdadeiramente perplexo. Depois de breve demora, falando de coisas triviais, saiu do Outeiro, mais intrigado do que entrara, contrariado em extremo por saber que o João do Outeiro de quem talvez poderia obter algum esclarecimento, só voltaria no dia seguinte.

Dirigindo-se à escola onde o chamavam responsabilidades do seu cargo, viu Ernesto entrar para casa.

Não podendo soffrear o desejo de promover uma explicação clara que immediatamente o collocasse em bom terreno, bateu nervosamente à porta de D. Cristina. Sentiu abrir uma janela e percebeu que de cima alguém viera reconhecer quem batiu. Momentos depois a Rosita abria uma nesga da porta, como usam fazer as criadas quando lhes cabe bloquear contra um intruso a entrada da casa, e dizia com modos contrangidos: «Quem procura?»

— «O sr. Ernesto Sampaio.»

— «O sr. não está.»

Joaquim Lima mordeu o bigode.

— «Mas quando voltará?»

A Rosita hesitou. Depois, baixando os olhos, e já fechando de vagar a porta: «Não sei dizer a Vossa Senhoria.»

Joaquim Lima partiu dali desesperado. Encerrando-se em casa, leu e releu mil vezes o bilhete de Ernesto, procurando dar-lhe interpretação lógica e plausível.

A hipótese preferida, por não poder realmente encontrar outra, era que, tendo Matilde descoberto, através da sua frieza e indiferença, o verdadeiro sentimento que essa mascara ocultava, tivesse entendido como dever de lealdade para com o seu noivo fazer-lhe a revelação, ignorando a que extremos o ciume leva quasi sempre os homens. Ernesto, interpretando mal a intervenção de Joaquim Lima que se lhe inculcara quasi irmão de Matilde, ter-lhe-ia porventura attribuido propósitos menos leais e honestos, e, receoso pela sua tranquillidade futura como chefe de familia, teria pensado em intimidar ou anular desde logo o rival detestado que antevia já aparecendo arteiramente, com mostras de fingido affecto, nos horisontes da sua felicidade. Nesse caso era evidente que Ernesto não admitiria explicações.

Nem já muito as desejava o próprio Joaquim Lima. Explicações como?... e para quê?

Para mentir? Ou, não mentindo, para confessar que a posse dessa mulher fôra toda a aspiração da sua vida? que por ela e para ela quizera elevar-se, não lhe ocorrendo nunca que viesse um obstáculo irreparável insinuar-se entre eles, e secar abruptamente a fonte de todas as suas esperanças? Havia de dizer o que nunca explicitamente dissera a si próprio? que, por lhe faltar o ânimo para estar mais tempo separado de Matilde, era que tinha desistido da formatura de Coimbra? Havia de revelar que a idéa só desse casamento que ia agora realizar-se, — e que não presenciaria porque antes lhe voltaria costas, — o enlouquecia, comunicando-lhe soffrimentos que mal podia suportar? Havia de tentar descrevê-lo, profanando-o, esse sentimento que vira crescer consigo dia a dia, ano por ano, e que se habituara a considerar como o motivo

único da sua existencia?! Diria que tinha sido feliz não tendo ninguém, porque só a doce amiga da sua desvalida infância era tudo para êle?!...

Ainda se o dissesse a ela e depois morresse! Mas a Ernesto!

Não seria Deus que, após o martírio infligido inconscientemente por essa mulher, cuja só culpa era não o ter amado, trazia agora naquela intempestiva proposta de duelo uma promessa de repouso que aliás lhe não seria fácil encontrar tão cedo?

Achara sempre supinamente ridícula a comédia do moderno duelo. A sério, tinha o duelo como a mais brutal e absurda imposição estabelecida despoticamente por preconceitos sociais.

Mas, no seu caso, excluía tôda a idéa de farça, porque não havia de bater-se, aceitando as circunstâncias tais quais se lhe ofereciam?

Joaquim Lima condenava em absoluto no seu conceito o suicídio, sintoma do maior abatimento a que podia chegar a alma humana.

«O homem não é de si!... Eis-te ó verdade!  
Em quanto houver um som, a Deus se louva;  
em quanto houver um braço que se mova,  
esse braço pertence à humanidade.»

O grande pensamento altruista contido na bela quadra de Tomás Ribeiro, tinha nele o mais devoto e convicto defensor.

E, contudo, êste desejo quási feroz de bater-se agora, em duelo de morte, não ia de encontro à formosa teoria, lema da luta superior, no meio dos mais duros transes da vida? Estranha contradição da alma humana!

Discutindo a tésse, Joaquim Lima levantar-se-ia neste momento ainda, vibrante de exprobração contra a tibieza dos suicidas. E, na verdade, a aceitação dêste duelo, que outra coisa era senão um sofisma com que Joaquim Lima ia enganar os que o rodeavam, sendo quiçá êle próprio o primeiro enganado?

Havia um ponto em que Joaquim Lima assentara firmemente, olhando essa proposta de duelo, não como absurdo desvairamento de Ernesto, inspirador de desdens, mas como solução vantajosa que a Providência lhe enviava. Este ponto era o seguinte: não mataria, nem sequer feriria de leve o adversário.

Nesta resolução era coerente com os mais primorosos sentimentos da sua alma cheia de generosidades.

Matar o noivo da sua amiga! Torná-la viuva antes de ser

esposa !... Seria pagar bem mal o que lhe devia ! Conquistar o ódio dela à custa de semelhante infâmia, era também preparar para si a vida mais angustiosa, obumbrada de remorsos.

Seria êle então áspide venenosa que teria entrado no Outeiro para desgraça dessa família outrora tranquila e feliz. Não desceria tão baixo.

Tomada resolução terminante sôbre o lance em extremo melindroso, Joaquim Lima declarou ao padrinho, que lhe era mistér corrigir severamente a inqualificável ousadia de Ernesto, e por isso, embora lhe fôsse manifesto que êle laborava num engano, movido talvez por intriga oculta, não desejava dar nem receber explicações. Pedia-lhe pois que tratasse o assunto com a maior arrogância, não dando lugar a uma conciliação intempestiva cujo resultado seria obrigá-lo a cõr rar constantemente na presença do homem que tão fundo o tinha ofendido.

Semelhante atitude de Joaquim Lima, tão oposta à sua usual serenidade e sensatez, não surpreendeu menos o dr. Nogueira de Lima, do que o assombrara a carta de Ernesto, que se obstinava a atribuir a um estupendo caso de embriaguês. Mas nada valeram as suas razões. E quando, com o velho Morgado das Cruzes, se dirigia a casa de Ernesto para contratar as bases do duelo, ia moralmente esmagado pela promessa que fizera de empregar todos os meios para que o combate se realizasse.

Não lhe foi difficil o desempenho da sombria tarefa. A resolução de Ernesto fôra igualmente negar-se em absoluto a dar ou receber explicações.

Quando o dr. Nogueira de Lima voltou ao *Salgueiro*, o padre esperava-o no adro, onde havia muito passeava nervosamente, sorvendo, sem mesmo dar por isso, longas e repetidas pitadas.

O olhar ancioso do padre Lima era a interrogação mais eloquente.

— «Batem-se» — foi só o que pode articular o doutor. E, entrando apressado em casa, caiu sôbre uma cadeira soluçando.

O padre continuou na sala o nervoso passeio começado na rua. Agitando em desespero o lenço vermelho, dizia com a voz cortada :

— «Mas que rapaz êste, senhores !... que rapaz !... Nem ao menos consentir que eu vá falar à D. Cristina !»

Entretanto Joaquim Lima com a serena aparência dos dias comuns, assistia na escola aos últimos preparativos para a grande festa da abertura das aulas.

## XXVIII

O edificio da escola, sem dispôr de muito desafogadas dimensões, fôra contudo excelentemente aproveitado.

Ficava com duas salas espaçosas, pequena biblioteca com guarda-roupa anexo e gabinete do professor que servia também de secretaria.

Das duas salas, a maior era destinada às classes; a segunda, adereçada com os aparelhos e alfaias competentes, fôra aplicada aos exercícos de ginástica. Nesta, via-se hoje uma comprida mesa onde fôra estendida uma sã e apetitosa colação oferecida às crianças.

Na sala da aula realizava-se a modesta mas comovente cerimónia com que Joaquim Lima tinha julgado a propósito solenizar o advento do novo período encetado na instrução dos filhos da terra.

O recinto tinha a forma de vasto quadrilongo. Guarneciam-lhe as paredes coloridos mapas de geografia e história natural, e variados modêlos de caligrafia e de desenho. Tôda a sala, como o átrio, estava afestoadada de viçosa hera.

Ao fundo, em estrado quasi raso, a mesa do professor, em frente do qual se viam agora três cadeiras.

De um e outro lado, até dois terços da casa, voltando as costas às paredes laterais, haviam sido dispostas várias filas de cadeiras.

Finda a matrícula, fôra distribuido à família de cada aluno um bilhete de admissão à cerimónia da abertura.

Esta deferência congraçara bastante os ânimos indispostos. Mas o espírito rotineiro e a desconfiança boçal não deixavam de manter aceso contra Joaquim Lima um fermento de antagonismo que da parte de alguns chegava mesmo àquela malevolência que é quasi aversão.

Nestas mesquinhas, a senhora Antoninha dos Remédios era das mais acesas.

Ao chegar-lhe a casa o bilhete de convite, a mulher fizera explosão.

— Não era a filha de seu pai que lá poria o pé... Isso ia ela!... Para lérias e intrujices é que não estava... Já não era pouco ter de *anisar* o Pirueta, maluco como andava com a fatiota para o dia... Uma coisa que só os pecados dela!... O maior desejo que tinha era encher a cara de botetadas ao rapaz...

A' medida, porém, que vira aproximar-se a hora solene, a senhora Antoninha fôra pouco a pouco modificando as suas idéias.

— Nada. Era preciso mostrar que não era somenos das outras... E sempre ficava melhor ouvindo com os seus próprios ouvidos... Que até, se ouvisse coisa que lhe não quadrasse, era bem capaz de lhe dar réplica... Que lá deixar-se comer por tola, isso *nicles*...

Compreende-se, em vista destas ultteriores resoluções, que fôsse a senhora Antoninha dos Remédios uma das primeiras pessoas a chegarem ao edificio da escola no dia 1 de Outubro.

O andador, encarregado de aceitar os bilhetes, estacionava à porta.

A mulher de mestre Bugalho saúdou-o ruidosamente em expansões de alegria. Agradava-lhe estar entre gente conhecida.

— «Ora viva o sr. Bento!... Já não há quem o veja, homem!»

— «Deixe-me cá, senhora Antoninha... Tem ido lá pela igreja um raio de limpezas!»

A resposta tinha fraco sabor religioso, mas nem a senhora Antoninha era competente para lho notar, nem o homem, em boa sinceridade, tinha nunca intenções praguentas. Se muitas vezes, na mesma frase, metia em ligação híbrida, Deus e o diabo, era mais hábito que outra coisa.

O que nele predominava era a disposição pachorrenta; a mesma com que desempenhava de vagar as obrigações a seu cargo, e com que também saúdava agora o marido da senhora Antoninha: «Viva lá, mestre!»

Mestre Bugalho caminhava com gravidade, poucos passos atrás da consorte, muito compenetrado da importância da sua jaqueta nova e do mister de apagar junto aos ímpetos insofridos da senhora Antoninha.

Ele, que em casa era assomado como quem o é, em público sabia, primeiro que tudo, zelar a boa reputação do casal. Por isso estava sempre a postos de conter na mulher as efusões do mau génio, constantemente a flux.

Começava a chegar gente. Tagarelar à porta não era agora a melhor maneira de empregar o tempo. Assim o entendeu decerto a senhora Antoninha, dizendo agastada para o marido:

— «Jesus, homem; mexe-te daí por uma vez!»

E ia a enfiar pela segunda porta. Sucedeu, porém, encontrar no mesmo movimento afanoso a senhora Mónica do Espírito Santo, mui considerada governante da conspícua pessoa do regedor, sr. André dos Prazeres.

A senhora Mónica era matrona por volta dos cincoenta anos, orçando pelas dimensões e musculatura de mestre Bugalho. O choque das duas massas foi estupendo, não lhe faltando o usual acompanhamento de risos dos circunstantes.

— «Credo! Santo Nome de Deus!... Já é!» — exclamara logo à primeira a senhora Mónica, compondo a mantilha que, momentaneamente presa à medalha que pendia do cordão da senhora Antoninha, fôra solicitada para a frente, ameaçando desagregar escandalosamente a marrafa postiça, parte mais artística do vistoso penteado.

Mestre Bugalho, no louvável propósito de deitar água na fervura ao caso, que via bastante fosfórico, adoptou o alvitre de rir a bandeiras despregadas.

— «Anjo Bento!» — exclamava simultaneamente a mulher, examinando com solícita ternura os pingentes da medalha. — «Andou pra me levar couro e cabelo!... Há gente!... Parece que nunca viram nada!»

— «O que eu lhe havia de dizer» — volveu abespinhada a senhora Mónica — «diz-mo ela a mim!»

— «Pois já se deixa vêr! Eu estava adiante quando voce-mecê chegou.»

— «Aqui não há adiante nem atrás... Cuidei que não queria passar!... Quem a mandou estar de palestra?»

— «E' alguma coisa da sua conta?... Então já viram?»

A senhora Mónica tinha certas pretensões à reputação de pessoa bem educada. Preferindo não ter que dar ouvidos nem resposta aos impropérios da mulher do marceneiro, resumiu êsse desejo nas seguintes palavras pronunciadas já em tom relativamente sereno:

— «Minha riquinha, sabe o que lhe digo? Quem muito fala pouco acerta.»

E, magestosamente, passou à sala, enquanto a senhora Antoninha, fula de raiva, dava um passo para lhe impedir a passagem.

— «Desaforo! Pouca vergonha!» — berrava, vendo que a outra saíra vitoriosa da refrega. — «Quem na vê, parece mesmo que trás o rei na barriga... Lá por ser *governanta* do regedor... Olha as honras!... deixa-me calar-me.»

E calou-se efectivamente. Mais, porém, por deferência a um forte beliscão com que a mimoseara o marido, que por qualquer outra razão.

A senhora Antoninha escolheu para si as cadeiras encostadas à parede. Dali dominava a cena, podendo ver tudo à sua vontade. Estava como queria.

Na idéia de que a cunhada não faltaria à cerimónia, tratou de compor no semblante aquele ar abeatado com que em outros tempos tanto conseguira iludir a crédula Inácia.

Enchera-se, porém, a sala, e a velha serviçal do padre Lima não fizera a sua aparição. A senhora Antoninha respirara já livremente. Entre o marido e a loquaz engomadeira, senhora Martinha, que matriculara na escola um sobrinho,

não lhe faltava com quem falar, e era isto o que fazia quasi sem descanço.

Na primeira fila de cadeiras, poucos passos adiante dela, estava toda a familia do Outeiro; o João, com a sua boa fisionomia, simples e chã; a Purificação, sempre com um ar de riso benévolo, o olhar fito ora no marido, ora nos filhos, a indagar se os via contentes; a pequena Maria, mimosíssima com o seu vestido branco; o Joanito, um dos oitenta matriculados, alegre, num à vontade feliz de quem toma parte numa festa de casa; Matilde, a filha dilecta do João do Outeiro, elegantíssima pela distincção de um vestido todo preto, muito simples, que lhe desenhava suavemente o talhe delicado e esbelto. As olheiras mais marcadas que de ordinário, o sorriso melancólico com que atendia ao pai, que, no ingenuo intuito de a distrair, lhe fazia incessantemente perguntas, tudo contribuia para dar àquella fisionomia, atraente sempre, um tom de gravidade quasi religiosa.

Joaquim Lima, que os encontrara perto da escola, notara de relance este facto.

A um dos lados da sala haviam tomado lugar os alunos; ao outro as respectivas familias. Ao fundo sentia-se já o zum zum impaciente dos curiosos de pé, que acabavam de encher completamente a sala.

— «Não sei o que me parece tanta demora!» — reflectiu a senhora Antoninha remexendo-se na cadeira com atritos de irracional que se coça. — «E' fazer pouco de cada um!»

A Matilde, do lugar em que estava, ouvia todas as palavras da senhora Antoninha. Não pôde deixar de sorrir, no que o pai, sem saber porque, e apenas suggestionado por ella, a acompanhou.

Começava a ouvir-se ao fundo da sala um insistente arrastar de pés.

— «Aquilo é de propósito, por mais que me digam!» — ponderou mestre Bugalho em tom de pessoa cordata que não approva manifestações subversivas.

— «Fazem elles muito bem!» — retrucou-lhe a consorte arrengada — «Também uma coisa assim ainda a não vi!... E olha que o do Morgado está lá atrás... Até estou em dizer que não vem cá por bom... Bem se importa elle da escola!... Aquele, onde está, não deixa de ser para a pregar.»

Mestre Bugalho estava já receioso da lingua da mulher. Foi assim que disse para disfarçar, olhando ao relógio no alto da parede, à direita:

— «Temos já meio dia e um quarto!... Só se esperam alguém... Mas não sei quem seja.»

— «Só se forem as lambisgóias das boticárias» — alvitrou a senhora Antoninha. — «A pequena, dizem af que bebe ares

e ventos pelo professor... Aquilo também é mais a soma de namoros que tem tido!... Quem se leva da fortuna é o Morgado, que acho que tem uma asca ao mestre!...»

Mestre Bugalho outra vez em braza.

— «Talvez a demora seja por via do ajudante.» — disse como poderia dizer outra qualquer coisa, só na idéia de fazer calar a mulher.

— «O ajudante, êsse sim!... Quando nós entrámos estava êle a pôr o papel e o tinteiro em cima da mesa... Que isto pelos modos ainda há de haver escrevinhanças... Mais uma *plantaforma* para deitar poeira nos olhos à gente... Assim Deus me perdôe os meus pecados como eu já estou arrependida de cá ter vindo.»

A Matilde, enfasiada por tantos dislates que ouvia, já duas vezes voltara a cabeça. Era evidente que, sob o seu olhar severo, corria menos solta a língua da senhora Antoninha.

Mas a mulher não podia conter-se muito tempo. A necessidade de arejar o orgão falante podia com ela mais que tudo.

— «O que virá cá fazer o do Morgado é que ma mim dá que fazer» — dizia ela de testa muito franzida. — «De mais a mais escondido lá para traz com a matula!... Olha que aquilo leva água no bico!... Tão certo como eu ser Antoninha dos Remédios.»

— «De mais a mais sem cá estarem as da botica!» — obtemperou a senhora Martinha.

— «Isso lá, estou que ainda não deixam de vir... Até pode bem ser estarmos aqui todos à espera delas... Pois as fidalgas!... Voltas que o mundo dá!... Estou ainda a ver a Leocádia de pé descalço com a giga à cabeça... Ainda depois de eu casar é que o Matias a puxou para casa e entrou de a ter com mais alguma estimaçõesinha... Até aí toda a idéia do Matias era casar comigo. Mas, ao tempo, já eu andava com o sentido cá no meu senhor» — e batia rija palmada na côxa nédia de mestre Bugalho, que se pôz a tossir, capaz de improvisar uma bronquite — «Isto a gente... E' para onde puxa... Agora a rapariga, que é pássaro bisnau, quer vêr mas é se pilha o professor.»

Mestre Bugalho cambiava olhares cada vez mais inquietos entre a mulher e a família do Outeiro. Mas Matilde deixara de olhar para trás parecendo distraída, e a senhora Antoninha tinha por sistema não olhar nunca para o marido quando em público sentia ancias de dar bom exercício à língua.

O que não diria a mulher do marceneiro se pudesse ouvir, como via, o filho do morgado das Cruzes? A astuta criatura farejara a verdade.

Entre uns seis ou sete que compunham o bando da rapaziada mais notável da terra, o Francisquinho das Cruzes dava

naquele momento as últimas instruções para completo êxito de uma pequenina trama destinada a proporcionar um grande vexame a Joaquim Lima.

Pretendia o Francisquinho das Cruzes que à entrada do jôvem professor na sala se fizesse logo ouvir um cicio e arrastar de pés indicativo de desagrado. E que, em seguida ao que êle dissesse, porque naturalmente teria de falar, estoirasse furiosa pateada e côro de assobios.

E sorria-se já, alisando a marrafa empastada, antegosando o espectáculo de ver lívido e perturbado êsse a quem attribuia a depressão de valimento que nos últimos tempos sentia ter junto de Clarisse.

Aos auxiliares daquela infâmia, recompensa dos bons serviços prestados, seria oferecida naquela noite uma ceia das melhores que sabia cozinhar o *Manuel das iscas*, para serviço da afamada tasca que lhe andava estreitamente ligada às honrarias do nome.

Entre portas o próprio Francisquinho, tirando o lenço do bôlso, daria o sinal por onde se julgaria apto a manobrar o bando dos sequazes. Convinha-lhe aquela situação para mais facilmente poder eclipsar-se quando o julgasse oportuno.

— «Olha, Bugalho, ainda agora reparo» — dizia a sr.<sup>a</sup> Antoninha abanando-se desenganadamente com um leque de papel pintado a côres vistosas — «Para que serão as três cadeiras ao pé da banca?... Olha que para nos pregar lãmpas bem bastava o professor!»

Mestre Bugalho aproveitou um momento em que a atenção geral fôra atraída para a porta a um dos lados da mesa que dizia para o gabinete do professor, para dar na sr.<sup>a</sup> Antoninha um beliscão que havia muito lhe fazia cócegas nas pontas dos dedos.

Abrira-se a porta, para dar passagem a um homem de mais de meia idade, grisalho, de aparência muito grave que, tendo cumprimentado friamente os assistentes, fôra tomar uma cadeira na primeira fila, marcada com o dístico — *reservada*.

— Quem é? — preguntara a sr.<sup>a</sup> Martinha em quanto a mulher de mestre Bugalho, dorida, passava disfarçadamente a mão pelo grosso do braço direito.

— «E' o irmão do padre Lima... o protector do rapaz» — explicava o mestre — «Aquilo, pelo que lá diz a minha irmã, quere-lhe mais que a filho.»

Abrira-se de novo a mesma porta. O Francisquinho fixara os olhos na sua gente, preparando-se para dar o sinal ajustado.

Como de unânime impulso, todos os homens se haviam levantado, imitando o dr. Diogo Nogueira de Lima, apenas o reverendo prior, seguido de Joaquim Lima, e do ajudante por êste requisitado à câmara, tinha entrado na sala.

A figura austera do padre Lima, que tôda a povoação conhecia de o vêr, mais ainda do que na igreja, nos míseros túgúrios, ao lado da doença e da miséria, minorando uma e inspirando resignação para a outra, acabava de produzir aquele efeito comocionante, irresistível.

Até o Francisquinho das Cruzes deixara de puxar o lenço, prêso de inesperadas sensações.

Fôra-lhe impossível receber com uma assuada, o homem que vira ministrando consolações junto ao leito de sua mãe moribunda.

Os três homens tinham cumprimentado agradavelmente a assembléia.

Depois, Joaquim Lima teve uma pequena luta para obrigar o padre a tomar a cadeira presidencial que lhe era destinada. Emfim o bom velho cedeu constrangido.

— «Queiram sentar-se, meus senhores» — disse em seguida polidamente Joaquim Lima, dirigindo-se à sala. E principiou logo a fazer a chamada dos alunos. Nenhum faltara; e o professor tinha para cada um, que lhe respondia com o costumeado *Presente*, um sorriso animador e afável. Quando, com um meneio de cabeça particularmente amigável, leu *Carlos Maria Bugalho*, a voz que acudiu revelava muita decisão e firmeza. Joaquim Lima abriu mais o sorriso enquanto numa cadeira, para que ninguém olhava, mestre Bugalho enxugava à sucapa duas lágrimas, de que nem êle próprio poderia explicar a causa.

*João d'Almeida* foi também uma chamada notável. O Joaquito, desatendendo as praxes, punha-se em bicos de pés para, sobressaindo aos maiores, expedir com uma voz um tanto esganiçada o seu *Cá estou* muito puxado de dentro.

Terminara justamente a chamada quando ao fundo da sala se manifestou inesperado reboliço.

Um fru-fru de sedas denunciou logo a chegada de senhoras.

Efectivamente eram a mulher e a filha do boticário, que, depois de terem incomodado tôda a gente, abrindo custoso caminho por entre a massa cerrada dos circunstantes, lograram chegar à coxia central, onde, como fácil se prevê, não havia cadeiras.

As duas senhoras que, pela ostentação do vestuário, e pela maneira intempestiva por que tinham feito a sua aparição, estavam agora sendo alvo de todos os olhares, investigavam a um e outro lado com impertinência em busca de pessoas suficientemente amáveis para lhes cederem os seus lugares.

Joaquim Lima, vendo a má situação das duas senhoras e achando que o incidente se apresentava insolúvel, encaminhou-se para elas, depois de ter trocado breves palavras com o ajudante.

Este entrou imediatamente no gabinete contíguo, voltando pouco depois com duas cadeiras que colocou pouco abaixo do estrado, do lado de Joaquim Lima.

E tudo pareceu recair na anterior serenidade.

Havia, porém, na sala dois corações de mulher agitados por violenta comoção.

Clarisse impava de orgulho!

No lugar de honra que o acaso dádivo lhe prodigalizara, sentia-se como que entronizada. Poder um dia apresentar-se em público esposa dêsse moço talentoso que se distanciava de todos, seria a suprema satisfação da sua enorme vaidade. Assim poderia ombrear com Matilde, se esta viesse a desposar Ernesto.

Matilde, da sua parte, sentia-se dominada por extrema comoção.

Sobressaltara-se vendo entrar Clarisse; mas êsse sobressalto tornara-se dôr agudíssima quando vira essa mulher garrida e petulante tomar lugar ao lado de Joaquim Lima.

Era tão insuportável o sofrimento que a torturava, que a não ser o receio de dar nas vistas e de oferecer-se a comentários indiscretos, ter-se ia pouco depois levantado para sair, pedindo ao pai que a acompanhasse, a pretexto de achar-se indisposta. Resignou-se a ficar para evitar o escândalo.

Com a maior surpresa ouviu o pai dizer-lhe ao ouvido:

— «Se estás incomodada, saímos.»

Matilde olhou para êle com espanto. Depois, ocorrendo-lhe que estaria pálida e daí proviria a inquietação do velho, disse, passando a mão nas faces talvez a procurar dar-lhes côr: «Não meu pai... Tive uma espécie de vertigem... mas passou... Foi naturalmente do calor... Agora estou bem.»

Mas o João do Outeiro, embasbacado, nunca mais tirou os olhos da filha. Desvendar-se ia porventura ali algum tenebroso mistério perante a sua alma atribulada?

De que perspicácia não será capaz um amor de pai como era o dele?

## XXIX

A um gesto do jôvem professor, o padre Lima, pondo-se de pé, tomara a palavra, dirigindo-se aos circunstantes.

— «Meus bons amigos. Celebrais neste momento um facto que interessa mui particularmente ao futuro dos vossos filhos.

Era impossível que eu me não achasse entre vós. O que vos

alegra a vós é também alegria minha. E nestes vossos júbilos de hoje tomo parte tanto mais do coração quanto vejo envolvida neles a minha própria conveniência. Tudo o que contribuir para melhorar a alma dos vossos filhos torna mais fácil esta minha tarefa em que aqui lido há tantos anos.

A escola e a igreja, bem entendidas, são irmãs nas causas e nos fins: procuram-se, auxiliam-se, robustecem-se. Ambas se inspiram no amor de Deus e no amor do próximo; ambas demandam a luz, ou do espírito ou da consciência. Uma e outra têm por objecto o aperfeiçoamento das criaturas, a obliteração completa dos seus vícios, e miram, como prémio e galardão à felicidade serena, ao tranqüilo contentamento dos que estão em graça de Deus e na razão das coisas.

Ser ignorante é faltar à religião além de muitas outras faltas. Se a essência de Deus é em si a idéia mais alevantada, a mais sublime, como há de bem reconhecê-lo, amá-lo, servi-lo, o espírito amesquinhado onde tudo é ignorância e escuridão?

A escola, dando luz ao entendimento, ensina a amar e a venerar o Criador do mundo. Não saber é não poder. Compreendendo, ama-se a grande obra; honra-se de alma e coração o autor dela.

Furtar os filhos ao dever e ao benefício da escola é gravíssima culpa, não só para com a sociedade e para com Deus, mas ainda, e mais, para com êles.

A natureza concedeu-lhes inteligência não para que lha atrofieis num lidar incessante e exclusivo do corpo.

Querer que os vossos filhos respirem livremente o ar da montanha, preparando-se para o trabalho duro, tão preciso, até para que êles sejam virtuosos, é justo, mesmo indispensável. Mas estimai igualmente que um professor ilustrado, cõscio da sua nobre missão, os entretenha em torno a si algumas horas de cada dia, fortificando-lhes e dirigindo-lhes o pensamento.

Alguns de entre vós não podeis, sem sacrifício, prescindir das poucas moedas de cobre que no fim da semana representam o trabalho dos vossos filhos nos misteres mais ou menos violentos em que os ides ocupando?

Pois fazei êsse sacrifício.»

Aqui a voz do padre Lima tomara uma energia que lhe era pouco usada.

— «Aconselho-vos no vosso próprio interesse imediato. Tomai cautela! não estale muito cedo o fio se o retesardes demasiado.

O corpo da criança, ainda incompleto, só prospera e medra com o exercício moderado. Largar durante uma parte do dia a enxada ou o martelo para tomar o lapis, o compasso ou

o livro, será da maior vantagem para a saúde dos vossos filhos.

E, depois, porque haveis de considerar-vos compensados do vosso carinho e cuidados paternais, só quando a criança vos entrega humildemente a fêria, fruto do áspero labor, tanta vez exagerado para as suas fôrças infantis? Porque não se-reis também sensíveis à doce alegria de ouvirdes o vosso filho, pelos compridos serões do inverno, fazendo leituras morais e divertidas que aproximam pelos laços do espírito todos os membros da família, dando lugar à mais grata e proveitosa convivência?

Com essa leitura o vosso filho sentir-se há feliz... muito mais feliz que se lhe dêsseis uma andaina nova ou a mais gostosa consoada. E sabeis porquê? E' porque dessa leitura, em que há uma irradiação de luz do autor para êle, e dêle para a família que o cerca, brota uma como revelação sublime. Desprendido do materialismo duro da vida animal, o juvenil leitor sente com alvoroço que alguma coisa, de essência mais nobre, vibra em todo o seu ser. Esta vibração é a alma humana. E achar a alma, meus amigos, não será achar a Deus? Aí tendes o segredo dessa alegria que, sentida por um membro da família, se estenderá, se comunicará em breve a tôda ela.

Educai bem os vossos filhos e tendes a certeza de os encaminhardes para a virtude.

«Cada escola que se abre é uma prisão que se fecha.» — Disse isto um grande espírito que era também grande coração. Procurai, quanto em vós caiba, tornar bem numerosa a população desta casa. Não demandais só a ventura de vossos filhos e, reflexamente, a vossa; fazeis mais — servis a humanidade. — Cumpris agradavelmente o mais belo e mais doce preceito da doutrina cristã.»

Houve muito na sala quem não comprehendesse palavras destacadas da alocação do padre Lima. O que todos, porém, penetraram foi o sentido amorável dêsse pequeno discurso, dito lentamente, a um tempo enfático e sereno, com o acento da convicção, e o expressivo gesto da comoção affectuosa, da solicitude sincera.

Numa assembléia mais culta o padre Lima teria sido por ventura estrondosamente aplaudido. Sobressairiam talvez até na aprovação ostensiva aqueles que menos tivessem entrado, pelo coração, no sentido comocionante das palavras do honrado sacerdote. Aqueles homens, porém, eram em grande parte analfabetos, acanhados pela consciência da sua condição inferior. Festejarem ruidosamente o seu pároco como faziam nos arraiais, ouvindo descantes populares, era coisa que nem podia passar-lhes pela cabeça. A imobilidade reverente

era de certo naquele auditório muito mais significativa prova. O padre conhecia-os por dentro e por fora.

Por isso, quando se sentou, estava intimamente satisfeito.

Bem sabia que êsses mesmos a quem acabava de impressionar mais fundamentalmente, saídos dali, cairiam depressa no obscurantismo da sua ignorância. Mas o padre Lima tinha para si que a propaganda do bem se faz a pequenos passos, persistentemente, e que ao bom missionário compete afevorar-se tanto mais quanto maior fôr o obstáculo, a reacção a vencer.

Entre as mulheres, algumas havia cuja comoção chegara às lágrimas. E' bem de adivinhar que nestas se contava a Purificação.

Na susceptibilidade nervosa em que se achava, Matilde também difficilmente conservava os olhos enxutos. Dominara-se, porém, com tôda a energia de que era dotada. Bem sentia que êsse pranto importuno, a grande custo reprimido, não tinha por causa próxima o discurso do padre Lima, que apenas lhe fôra estímulo e pretexto.

Dobrava-lhe agora o aneio de esconder a comoção um sorriso desdenhosamente sardónico que pairava nos lábios de Clarisse, vermelhos como cerejas à fôrça de serem mordidos.

Quando Joaquim Lima se ergueu para falar cessou de repente um murmúrio que se ouvia ao longo da sala.

A claridade da última janela batendo-lhe cheio, punha em maior evidência a extraordinária palidez dessa fisionomia acentuadamente melancólica.

Ocorreu então a Matilde a lembrança daquele tempo em que, andando o jôvem estudante a viajar no estrangeiro com o padrinho que julgara adequada essa diversão a fortificar-lhe a compleição delicada, ela passara noites inquietas sempre perseguida pela velha apreensão de poder êle ser filho de quem lhe houvesse transmitido, na pior das heranças, o germen de alguma doença fatal.

E agora!... Admirada das suas próprias impressões, como que se comprazia de vê-lo triste, abatido, sem vislumbre de animação na fisionomia marmórea, enigmática.

Efectivamente Joaquim Lima, não só não tomava conhecimento dos olhares insistentes da filha do boticário, mas parecia até haver de todo esquecido que tinha pessoas conhecidas na sala, para se abandonar por completo a íntimo e absorvente pensar.

A's últimas palavras do padre como que despertara. Havia na sua expressão e em tôda a sua attitude uma grave serenidade insinuante quando, erguendo-se, tomou, a seu turno, a palavra.

«Minhas senhoras e meus senhores.

Não vou fazer um longo discurso, que nem desejo tomar-lhes muito tempo nem o estado da minha saúde o permitiria hoje.

Quero apenas, em poucas palavras, explicar-lhes o plano que tenho seguido na reorganização desta escola.

Em muitas povoações dentro e fora de Portugal, tenho notado haver de parte dos pais uma decidida repugnância em mandarem os seus filhos às escolas oficiais. E, a par desta observação, suscitou-se ao meu espírito uma outra. Esses pais têm muitas vezes razão.

Grande número de escolas — nacionais e estrangeiras — acham-se em péssimas condições; e é fácil compreender que não poderão nesse estado corresponder ao alto e humanitário pensamento que determinou a sua criação. Assim, eu votaria pela sua supressão porque, se o remédio mal preparado pode ser prejudicial e até mortífero para o doente, a escola defeituosamente organizada pode ser deploravelmente nociva à sociedade.

Mas, senhores, porque o funcionamento de algumas escolas desafia a mais severa censura, havemos de cair no erro de guardar os nossos filhos em casa, ignorantes, negando-lhes sistematicamente aquilo a que elles têm o mais incontestável direito? E' claro que não.

Estou convencido de que todos que me escutam comprehendem qual é a primeira obrigação de dois individuos que se ligaram para constituir família: cabe às mãis o amamentarem seus filhos, como aos pais o grangearem-lhes a subsistência enquanto, por si sós, não puderem manter-se. Se, porém, a grande missão terminasse aqui, não iríamos nada além dos irracionais, antes lhes ficaríamos atrás, visto ser infelizmente comum as mulheres declinarem de si a primeira alimentação dos filhos, mesmo quando nada lhes aconselha que essa infracção das leis da natureza seja proveitosa nem à mãe nem ao recém-nascido.

Vai muito mais longe — repito — a primeira obrigação para com os filhos.

Em cada criança que nasce, a natureza entrega aos pais a matéria prima de que mãos dexas poderão tirar uma obra perfeita. Como a bola de argila, revolteando entre os dedos do oleiro, mal pode dar idéia do gracioso cântaro em que a arte conseguirá transformá-la, assim nesta obra, delicada entre todas, tudo está por fazer... corpo, coração, entendimento...

E não acreditem, meus senhores, que o sistema de educação que não atender a tudo isso ao mesmo tempo, possa nunca dar resultados compensadores.

A única educação produtiva é a que simultâneamente mira a fortificar a saúde, o sentimento, e a razão. E é tanto mais natural êste triplo objecto, quanto se tem reconhecido que cada uma daquelas aquisições favorece e estimula as outras. No estado de saúde bem equilibrada, é facil ser bom e generoso para todos; reciprocamente, a prática do bem trás consigo a serenidade e satisfação da consciência que é também saúde.

Só pode sentir bem quem numa cultura progressiva do espirito adquiriu a exacta noção dos seus direitos e deveres. Por sua vez, a intelligência nunca tão bem funciona como num corpo são.

Não terá pois, meus senhores, cumprido, como lhe compete, a sua missão educativa, o pai que não tiver incansavelmente procurado dar expansão e robustez ao organismo fisico, moral e intelectual dos seus filhos.

E' isto o que geralmente se entende e se pratica?

Não é: com profundíssima mágua o afirmo.

Portugal é, na lista dos países ditos civilizados, um dos que, na questão educativa, tão vital na existência das nações, mais tristemente tem desatendido a lei natural.

Nem de leve aludirei aqui às variadíssimas causas que devem ter colaborado para êste resultado deveras deplorável. Seria longo, e também inoportuno fazê-lo agora.

O meu único ponto de vista, meus senhores, ocupando a sua atenção durante alguns minutos é inspirar-lhes confiança nesta escola, expondo-lhes o plano a que têm obedecido todos os meus esforços para bem a reformar.

Como se promove a saúde e a robustez do corpo? Com o aceio que, moralmente, faz também parte da dignidade de cada individuo; com a boa alimentação; com exercícios moderados, alternados com o descanso reparador; com tudo o que constitue a boa hygiene, emfim. Nada, porém, mais salutar que o exercicio metódico e gradual, aliando ao útil o agradável, chegando quasi a mudar o temperamento original, transformando uma criança raquítica e triste, num peito bem arcabouçado, capaz de conter em si tôdas as boas energias fisicas e morais. E' isto que se chama a *gymnastica* e que eu tenho tratado de implantar nesta escola de um modo que inspire a mais completa confiança.

Porque, assim como a boa arma, manejada pelo dono inexperto, pode matá-lo em lugar de o salvar, a gymnastica praticada sem prudência e sem critério, já tem produzido perniciosos efeitos para que quasi sempre conspirou o gosto imprudente das crianças e a condescendência inepta dos seus directores.

Ao inverso, feita com método e segundo leis da maior pre-

cisão, a gymnástica não deve meter medo a ninguém. Nos seus exercícios, que miram a promover o fácil jôgo das articulações, o vigor e rigeza dos músculos, e ainda outros benefícios, sabe-se rigorosamente até onde convém ir. Procura-se somente — e muitas vezes se obtém numa proporção maravilhosa, — o desenvolvimento equilibrado e simultâneo de tôdas as fôrças do corpo.

Nas diferentes oficinas temos um frisante exemplo de como o órgão que mais se exercita é o que predomina sobre todos os outros em robustez. A gymnástica procura artificialmente efeitos semelhantes, obtendo amplíssimos resultados. E dá também às crianças agilidade, gentileza e alegria. Garanto-lhes, meus senhores, que na idade infantil — e ainda algumas vezes depois dela — a gymnástica é uma excelente espécie de medicina.

O pequeno gymnásio que montei nesta escola será pois a mais viva alegria dela. A minha convicção íntima é que muitas destas crianças, pelo simples facto de entrarem agora ali, poderão evitar para mais tarde a entrada no hospital.

Podem, meus senhores, estar perfeitamente tranqüillos.

Nenhum excesso prejudicial será consentido aqui. O sr. Santos, meu ajudante, que tenho o gosto de lhes apresentar e a quem confiei a direcção de todos os exercícios de gymnástica, merece a minha confiança, porque além de especial competência tem a perfeita compreensão da delicadeza dêste assunto. Há tudo a esperar do seu zêlo e da boa medida do seu método.

Pelo que respeita à cultura do espírito, os poderes públicos devem ministrar a cada individuo a instrução correspondente à classe social a que êle pertence.

Na educação popular, ramo importantíssimo da frondosa árvore do ensino, surge, como primeiro esgalho, a instrução primária.

Compreende-se na instrução primária o conjunto de idéias sumárias que todo o individuo deve adquirir nos primeiros anos da vida, qualquer que seja o seu sexo ou a sua categoria na sociedade. Tal é o objecto literário desta escola.

Quem não precisa de saber ler? de saber entender? de saber falar? de saber escrever? de saber contar? de saber ter idéia da extensão do seu país? de conhecer o território que deve defender-se e guardar-se da cubiça alheia? de possuir uma justa noção dos deveres e direitos que todos temos para com a sociedade?

Não possuir tais conhecimentos é não fruir o seu quinhão da nobreza humana; não pode entrar como parcela positiva na estatística da população efectiva do país.

Do que acabo de dizer, meus senhores, comprehendem de certo o que desejo que a escola faça dos seus filhos; torná-los

unidades voliosas para o serviço da nação. Não há mais racional patriotismo.

Desprezando a moda e o fútil exemplo, não me empenharei muito em os mandar a exame. Irão só aqueles que para essa prova tenham mostrado excepcional competência. De outro modo, os exames têm valor nulo ou negativo. E' preciso, primeiro que tudo, atender à disposição natural de cada aluno. Se eu, obcecado pela idéia da prova pública, martirizar o aluno menos dado a estudos literários, ensinando-lhe por atacado gramática que elle não assimila, história que o não interessa, moral em definições que ele não entende, quando êsse rapaz tiver a mais decidida vocação para a lavoura ou para a oficina, terei feito o pior serviço ao meu país, que muito precisa de quem lhe lavre a terra e lhe enriqueça a indústria, e mau serviço também à criança a quem, inspirando-lhe fátuas ambições, terei levianamente afastado do mistér das suas predilecções, único que poderá desempenhar bem.

Não quero dizer com isto — seria absurdo — que deva alguém ficar analfabeto. Ao contrário; pelos modernos processos de ensino, todos são susceptíveis de aprender, melhor ou pior, a ler, a escrever, a contar. Deve chegar a todos o grande beneficio da escola.

Pela minha parte, tinha mesmo pensado em abrir um curso nocturno para adultos. . . »

— «Apoiado!» — Era um brado espontâneo de mestre Bugalho.

— «Quizera» — continuou Joaquim Lima, animando-se um pouco — «que em breve todos os homens desta terra pudessem fazer as suas contas e entreter as suas correspondências sem que al entrasse mão estranha. . . »

Desta vez os *apoiados* foram gerais, espontâneos.

«Finalmente, educar o coração é formar o ser moral, aproveitar e desenvolver em cada indivíduo as tendências boas do seu temperamento, e promover e estimular pelo conselho e pelo exemplo a assimilação das virtudes que lhe faltarem em germen.

O *bem*, como tôdas as belas e complexas idéias, tem a sua teoria.

Há um sistema de leis, opostas ao egoismo absurdo para que todos mais ou menos propendemos, que devem desde cedo impôr-se à ciência da criança.

O mestre nunca terá desempenhado cabalmente a sua grande função, se não se preocupar com o pôr constantemente em relevo o sentido dessas leis.

E não deverá o seu método limitar-se a simples palestras morais. O mestre — não o esqueçamos nunca — é o modêlo

oferecido de continuo aos olhares curiosos e perspicazes das camadas inexperientes.

Não é bastante preleccionar que o homem deve ser generoso, tolerante com as alheias fraquezas e severíssimo com as próprias, diligente, consagrado à família, prudente, cortês, bem equilibrado em suma.

E' preciso que o professor pratique a sua doutrina; que tôda a sua vida, pública e íntima, seja um minucioso tratado de moral que as crianças vão por si mesmas soletrando e compreendendo, presas de inconsciente fascinação.

E o que digo relativo ao mestre tem uma justíssima applicação à vida dos pais, que são os mestres por excelência.

E, neste capítulo, meus senhores, releve[m] que lhes comunique francamente tudo o que neste momento me acode ao espirito.

O prestígio do professor é muitas vezes deprimido, senão de todo aniquilado, por lastimável imprevidência das famílias.

Discutir na presença das crianças a pessoa do professor, criticá-lo, escarnecê-lo talvez, é tirar-lhe tôda a autoridade que lhe é indispensável para bom desempenho da sua difficilissima tarefa.

Todos sabemos que há professores públicos inaptos para compreenderem o elevado, transcendentíssimo sentido das suas múltiplas responsabilidades. Mas, em tal caso, levante-se e revolte-se dignamente a povoação, negando acolhimento e estima ao embusteiro que os não merece. Mas evite-se a todo o transe que a criança, sempre e sobretudo na escola, presenceie o espectáculo ignóbil da indignidade tolerada.

Quando há pouco lhes dizia, meus senhores, que o meu principal empenho fôra inspirar-lhes confiança nesta escola, é porque dessa é que há-de derivar a completa confiança dos alunos, circunstância indispensável para a proficuidade do trabalho do mestre.

O mestre há de ser como um ídolo, venerado e inatacável. E' daqui que procede tôda a disciplina. E, francamente, eu não sei de espectáculo mais repugnante que o da escola sem disciplina.

Meus senhores e minhas senhoras: ensinem seus filhos a entrarem na escola com devoção.

A pessoa do mestre é sagrada.

Creiam que isso é pelo menos tão agradável a Deus como animá-los nos mesmos sentimentos quando se encaminham para a igreja.

E, por agora, só me resta pedir-lhes desculpa de lhes haver tomado tanto tempo.»

Houve ainda um momento de recolhida imobilidade no auditório. Era uma espécie de fascinação hipnótica.

De repente, uma voz pouco cheia, mas veemente, e clara, bradou: «Viva o nosso professor!»

Era o Pirueta.

Imitaram-no os companheiros como que electrizados. Um vi — vá longo e estrepitoso ecoou por tôda a sala.

E o ousado plano do Francisquinho das Cruzes? Malgrado por completo.

Debalde o filho do morgado puxára o lenço, recorrendo mesmo ao expediente de se assoar com um estrondo em que já havia uma pontinha de escândalo. A nada se mostrou sensível o bando que êle contava ter ao seu dispôr. Se foi catequese exercida pela pessoa do orador, ou propósito formado de o ludibriarem a êle, eis o que o Francisquinho das Cruzes nem teve grande desejo de averiguar. O que é certo é que, momentos depois de Joaquim Lima se ter remetido ao silêncio, êle saía da escola fufo de raiva, torcendo e destorcendo nervosamente o cordão do monóculo.

Matilde olhara comovida para o Pirueta.

De tôdas as pessoas presentes, sem dúvida, fôra ela uma das que melhor penetrara o sentido das palavras de Joaquim Lima. Parecia-lhe ainda estar ouvindo a música daquela voz, adequado instrumento para interpretação dessa alma, cujo elevado quilate ela percebia agora melhor do que nunca.

Noutro tempo teria imediatamente corrido para o seu irmão adoptivo, abraçando-o até, sem lhe importar com o olhar ávido e inquiridor de tantos indiferentes. Mas agora, não eram ela e Joaquim Lima quási dois indiferentes também?

O jôvem professor, torcendo distraidamente o bigode com a mão direita que tinha descalçada, dirigiu-se plácidamente para o dr. Nogueira de Lima, que vinha ao seu encontro.

Descrevendo alguns passos acelerados, Clarisse tomou-lhe o caminho com petulância. Muito mais tempo do que pediria a simples cortezia entre pessoas que mal se conheciam, conservou apertada na sua a mão de Joaquim Lima, agitando-a afectadamente, acompanhando as felicitações mais calorosas com o tilintar aborrecido das pulseiras.

Matilde declarando que o calor a estava affigindo em excesso pediu ao pai que a acompanhasse a casa, conseguindo a muito custo que a mãe ficasse com os dois pequenos para os não privar de assistirem ao alegre banquete que lhes ia ser oferecido.

No caminho de casa pai e filha não trocaram palavra.

O João do Outeiro em confusões de cabeça andava de mal para pior. Cada dia que ia correndo lhe trazia alguma surpresa maior. O que os seus olhos de pai julgavam ter descoberto naquela tarde parecia-lhe mil vezes mais extraordinário

que a soma de quantos acontecimentos o traziam, desde muito, aturdido.

Para o que entretanto se passava no espírito de Matilde não há descrição. Pode alguém explicar mil voltas do torvelinho caprichoso? ou a cega e desorientada carreira de animal fogoso que vai, sem vontade própria, precipitar-se na morte?

Joaquim Lima, querendo evitar a companhia do tio e do padrinho que naquele dia lhe era molesta, passou na escola o resto da tarde. E que longa tarde foi essa para a sua impaciência!

Durante o jantar falou com desusada animação, quasi alegria, de quantos assuntos indiferentes lhe ocorreram.

A' noite recolheu-se cedo ao quarto. Não, porém, que o assaltasse o sono.

Eram quatro horas da madrugada e ainda escrevia, à secretária, com a mão esquerda a apertar-lhe a testa.

A luz da manhã veio encontrá-lo na mesma posição.

A insónia mais completa, negara um só momento de repouso àquele espírito extenuado.

### XXX

No dia 3 de Novembro eram já trindades, o dr. Diogo Nogueira de Lima, tendo obstinadamente regeitado qualquer alimento desde a manhã, passeiava agitadíssimo, de um para outro lado, nos aposentos que ocupava em casa do irmão. Uma taça de caldo que a Inácia arteiramente deixara sobre a cómoda no quarto de vestir, conservava-se intacta, arrefecida, sem que talvez mesmo o doutor a tivesse visto.

O velho magistrado atravessava uma destas crises em que a alma humana atinge a maior concentração. Para êle o mundo inteiro era agora êsse leito de dôr onde agonisava, em sofrimentos crudelíssimos, essa criatura a quem dera o amor de pai, resumo de tôdas as suas ambições, síntese de tôdas as suas alegrias na velhice.

Nas longas horas daquele dia interminável, rigorosamente impedido pela ciência de se aproximar do quarto do doente, o angustiado velho revira com pungente minuciosidade, a história pouco florida da sua laboriosa existência; vida em cujo início se lhe destacava ainda uma sincera e intensa paixão mal correspondida, vida que, a par do trabalho duro da profissão, lhe não oferecera depois senão a ebriedade sempre

passageira de meros entusiasmos fugitivos que mais lhe patentearam a triste vacuidade do seu destino.

Fôra nesse estado de desinteresse e desesperança que encontrara Joaquim Lima e resolvera adoptá-lo como filho. O que fôra para êle essa criança privilegiada, mimo que lhe enviara a Providência, composto de tantos dons de eleição, preciosa recompensa que fizera esquecer tôdas as máguas do passado isolamento, melhor poderão compreendê-lo aqueles que, tendo presenciado, numa angústia silenciosa e impotente, o naufrágio de tôdas as consoladoras esperanças, viram inesperadamente boiando junto dêles o *salvado* que trás em si fonte de mil renovadas quimeras.

Mas era hedionda a realidade agora! Esse moço de tão nobre distinção, êsse espírito, rico da mais fina cultura, alma requintada, criatura complexa que viera encher-lhe o presente e reacender-lhe o interesse no futuro, êsse filho, êsse ídolo, ia morrer.

Era já fim do crepúsculo. O dr. Nogueira de Lima, ouvindo ranger a porta do quarto, voltou-se alvoroçado.

A Inácia trazia-lhe um candieiro que poz sôbre a mesa.

— «Nosso Senhor nos dê muito boas noites!» — disse, notando enternecida o aspecto desvairado do doutor. Estavam inflamados por lágrimas que desde a véspera corriam quási incessantes os olhos da velha serviçal.

— «Então?» — perguntou o doutor, que primeiro fixara um olhar inquisitivo na fisionomia contrastada da Inácia. — «Não acaba hoje essa maldita operação?»

— «Lá estão ainda o médico e a Matildinha... Nem sei há já quantas horas aquilo dura... E não se pode lá chegar, que não querem a mais leve bulha.»

— «E a Purificação?»

— «Essa perdeu o ânimo de todo... Está na saleta, cá fora. Aquilo não faz mais que é chorar e rezar.»

— «E meu mano?»

— «Foi chamado há pouco para levar a unção a um pobresinho... E lá ia com aquele aspecto mais resignado!... Nunca vi nada assim... Aquele é mesmo santinho!»

— «E a êle... tem-no ouvido?»

— «De vez em quando a môdo que sinto... Sim, cuido que oiço gemer... E daí talvez me engane... Sempre isto foi uma desgraça! Pobre sr. Joaquimzinho! Para o que o meu rico menino estava guardado!...»

Estas exclamações iam direitas ao coração de Nogueira de Lima. Sentando-se com arremesso, apertou nervosamente a cabeça entre as mãos.

Semelhante expansão no irmão de seu amo, que vira sempre grave e sereno, impressionou profundamente a velha Inácia.

cia. Aflita, não poude deixar de intervir, apesar do respeito que lhe inspirava o velho magistrado.

— «Valha-nos Nossa Senhora!... Sr. doutor, então!... V. Ex.<sup>a</sup> perdõe a minha confiança... mas, é preciso cobrar ânimo... Há de ser o que Deus tiver determinado... Valha-me Jesus Cristo! Olhá que nem tocou no caldo!... Estou mesmo sem saber o que hei de fazer... Talvez V. Ex.<sup>a</sup> tomasse melhor outra coisa...»

— «Não, Inácia; não se aflija... Escute; eu não fico doente por deixar de comer algumas horas...»

— «Mas é que V. Ex.<sup>a</sup> ainda hoje não tomou coisíssima nenhuma e já é noite...»

— «Pois sim; talvez logo... Agora não pode ser... Agora deixemos passar isto... O que eu quero é esta decisão que nunca chega... Já não sei o que cuide de tanta demora...»

— «Aquilo há de estar a acabar» — afirmou a Inácia sem outro fundamento para asserção gratuita que fazia, além da sua boa vontade.

— «Pois sim... Então, vá, Inácia... vá para lá... E o sr. dr. José de Melo que venha ter comigo logo que termine a operação... seja qual fôr o resultado, Inácia... seja qual fôr...»

A Inácia compreendeu que o irmão de seu amo preferia estar só: «Esteja V. Ex.<sup>a</sup> descansado» — foi o que lhe disse. E saiu do quarto.

Nogueira de Lima viu ainda correr uma longa hora de cruciante anciedade, apenas suavizada pela muita confiança que tinha no médico.

José de Melo era ainda muito moço e formado de poucos anos. Na escola do Pôrto, de que fôra aluno, ganhara porém sempre os primeiros prémios e era já então particularmente considerado pela agudeza e perspicácia dos seus diagnósticos. O pai, juiz da Relação, fôra amigo íntimo de Nogueira de Lima, que seguira com interesse todos os triunfos do laureado estudante.

Tinha pois boa razão para julgar óptimamente entregue o seu afilhado. Lembrou-se até de que a tese do jôvem médico versava sôbre assunto estreitamente ligado com o caso actual *Aplicações importantes da moderna terapêutica anti-séptica*.

Emfim, soaram no corredor passos apressados e abriu-se com ímpeto a porta do quarto, aparecendo no limiar um rapaz baixo e delgado, de bigode escuro e olhos extremamente vivos, que já conhecemos do Outeiro na noite em que a pequena Maria appareceu atacada de laringite estridulosa.

José de Melo trazia na mão um pequeno corpo, a bala que acabava de extrair do ferido.

Nogueira de Lima correu para êle : «Salvo ? Está salvo ?»

José de Melo hesitou em responder. Depois, vendo a enorme aflicção que estava causando o seu silêncio : «Por agora, pode julgar-se livre de perigo imediato... Não sobrevivendo qualquer complicação, espero salvá-lo.»

Nogueira de Lima tinha sofrido muito nos últimos dias para que, diante desta declaração que lhe restituia as fôrças de viver, pudesse reprimir uma expansão quási infantil.

Estreitando José de Melo contra o peito, disse balbuciando : «Salve-mo ; salve-mo... Olhe que tudo o que eu tenho de felicidade está hoje na sua mão...»

José de Melo, quando se soltou do amplexo do velho magistrado, levou-o brandamente a sentar-se.

Depois, sentando-se também, porque a operação que acabava de fazer o deixara fatigadíssimo, disse, passando o lenço na testa : «Infelizmente, sr. doutor, o caso é gravíssimo... Nada se pode garantir por enquanto... Todavia, podemos ter alguma esperança e... eu tenho-a...»

O velho apertou-lhe a mão comovido.

— «E' a bala que extrafu ?»

— «E' a bala... Era de bom calibre !»

O dr. Nogueira de Lima examinou minuciosamente, acompanhando de uma expressão de rosto rancorosa o pequeno corpo que José de Melo lhe passara.

— «Está deformada» — disse o médico — «pelo choque contra o osso. Essas asperezas correspondem a outras tantas dilacerações das partes moles que atravessou. Houve fractura duma costela. Ainda lhe extraí algumas lascas de osso. O projectil fez caminho por cima do sangradouro, indo entrar no torax perto do sovaco.

— «Como fez então para a tirar daí ?» — perguntou Nogueira de Lima com uma careta confrangida.

— «Foi necessário abrir uma ferida nas costas, por onde, com bastante trabalho, safu emfim a bala.»

Nogueira de Lima fez uma visagem de repugnância.

— «E' muito o que lhe devemos, José de Melo» — disse êle, enèrgicamente. — «Se não fôssem os seus cuidados extremos... sabe Deus !»

— «As maiores honras competem à enfermeira» — emendou o médico — «que essa tem-se mostrado verdadeiramente uma heróina... Ainda não vi reünidas tão eminentes qualidades de enfermeira.»

— «Pois sim. Ela tem feito imenso... disso não duvido eu... E' um anjo de carinho e dedicação... Mas, sem o seu socorro imediato, José de Melo, talvez que o Joaquim já a esta hora... estivesse morto...»

— «Efectivamente pude prestar logo ao ferido importantes

socorros nas precauções que tomei... Estava a pequena distância quando os dois atiraram ao mesmo tempo... Vendo o Joaquim largar a pistola e levar ambas as mãos ao peito, corri para êle. Quando cheguei tinha êle dado alguns passos vacilantes. Percebi que queria falar, mas apenas pronunciou uma sílaba mal distinta; aparecia-lhe na testa suor frio e viscoso. Momentos depois desmaiava-me nos braços.»

— «Foi a salvação dêle... foi tê-lo tão perto.»

— «Perdão... Várias circuntâncias conspiraram em nosso favor... Foi-nos de grande socorro a passagem casual daqueles caçadores... Não era fácil arranjar depressa uma maca tão confortável como a que nos proporcionou aquela grande manta lobeira, muito dobrada sôbre as espingardas... Foi um verdadeiro favor da Providência... Ainda assim, logo que o vi expectorando espuma ensangüentada, receei muito que tivéssemos de o conduzir morto... Em todo o caso o ferimento inculcava-se gravíssimo »

— «Que torturas as dêsse regresso !» — exclamou Nogueira de Lima confrangido, agitando negativamente a mão direita aberta. — «Pela minha parte, quando o vi desmaiado por todo o caminho e ainda depois muito tempo na cama, creia que perdi tôda a esperança.»

— «A síncope prolongada era, até certo ponto, propícia» — contestou o jôvem médico — «como garantia de solução por se ter suspendido a hemorragia interna.»

— «Não podia supôr isso... Quando vi cortar à tesoura o fato do meu pobre Joaquim para o despirem, não me parecia senão que o estavam amortalhando... Que angustiados momentos se têm na vida !... Quando com o seu dedo lhe fez a primeira sondagem da ferida e que o Joaquim abriu os olhos... não posso, José de Melo... não lhe posso dizer o que senti...»

— «E' naturalíssimo... Todo o meu empenho era extrair a bala ontem mesmo... Reconheci, muito contrariado, que tinha de abandonar o ferido ao mais completo silêncio e obscuridade... A febre que se declarou pelo declinar da tarde e aumentou sempre de intensidade até à madrugada, com forte delírio, fez-me retardar qualquer nova tentativa de sondagem...»

— «Eu acredito que ao seu tacto e prudência é que devemos tudo» — atalhou com ênfase Nogueira de Lima — «Tanta delicadeza... tantos cuidados... só num amigo... Eu tinha lido com muito interêsse a sua tese... Mal sabia então que iria vê-la exemplificada de um modo tão doloroso para mim !... Foi talvez a nossa fortuna que o fez dedicar-se com tanta especialidade ao assunto...»

— «Perdão» — acudiu José de Melo, com um sorriso mo-

desto, nada affectado e que lhe ficava bem. — «Não há especialidade nenhuma nisto... Escolhi aquele tema para a minha tese simplesmente por julgá-lo importante... Aqui, não tenho feito mais do que faria qualquer outro nò meu lugar... Todos nós, neste caso, usamos as mesmas precauções, rodeando os doentes de uma atmosfera artificial, bem oxigenada, e cheia de vapores que, sem serem incómodos, sejam antisépticos poderosos... Com os respectivos instrumentos de análise é fácil governar a temperatura, o estado higrométrico e a pureza do ar, factos que devem ser objecto de minucioso cuidado... numa operação tão delicada. Todos aprendemos o mesmo, e o praticamos quando as circunstâncias assim reclamam.»

— «Não se me tira da cabeça que à sua boa vontade e solícitude devemos quasi tudo... senão tudo» — insistiu Nogueira de Lima, acompanhando as palavras de um olhar enternecido.

— «Se falamos em solícitude, então dê-se a maior honra à enfermeira, que lhe cabe» — objectou José de Melo.

— «Têm-se ajudado mutuamente» — teimou, convencido, o velho juiz.

Abriu-se de novo a porta do quarto, aparecendo no limiar a Inácia.

— «Senhor doutor, a Matildinha manda pedir-lhe para ter a bondade de lá chegar ao quarto... Vai dar o leite ao doente... mas... como v. ex.<sup>a</sup> disse que êle havia naturalmente de desmaiar quando lhe levantassem a cabeça... ela está com o seu mêdo...»

— «Vou já...» — acudiu José de Melo levantando-se.

— «E eu, José de Melo?... Eu é que não hei-de lá ir? — Nogueira de Lima fazia a pergunta no tom da mais humilde súplica.

— «Não senhor» — cortou perentòriamente o médico. — «Tenha santa paciência. Não vamos com uma imprudência deitar tudo a perder... Sossêgo é o que principalmente êle precisa agora... e também v. ex.<sup>a</sup>... Não tem remédio senão conformar-se... Até já, senhor doutor.»

Nogueira de Lima abaixou a cabeça e não replicou.

A Inácia deixou passar o médico, e ficou interdita, a poucos passos da porta, como não se atrevendo a avançar.

O dr. Nogueira de Lima ergueu a cabeça e, encontrando o olhar solícito da velha serviçal, exclamou, cruzando e agitando as mãos: «Temo-lo vivo, Inácia; temo-lo vivo».

— «E' verdade, meu rico senhor, é verdade!» — bradou, comovida, a irmã de mestre Bugalho. — «Sempre há um Deus de misericórdia que escuta as súplicas dos bons... Agora o que é preciso é todos fazermos por ter saúde... Deus nos

livre de mais doenças... Bem basta o que já tem havido...» — e parou, hesitante. Decididamente, havia alguma coisa que lhe estava no pensamento e se não animava a dizer.

Vendo que Nogueira de Lima emmudecera com a cabeça apoiada à mão, deu alguns passos indecisos para a porta.

O doutor julgou que a criada ia a retirar-se. — «Olhe, Inácia... Talvez agora... Não tenho vontade... isso não... Mas talvez não fôsse mau experimentar se tomava uma gota de caldo...»

A Inácia não esperou por mais nada. Agil quanto lho permitiam as pernas um tanto trôpegas do reumatismo, saiu ao corredor onde sôbre uma mesa a esperava fumegante taça de caldo que era tôda a sua preocupação desde que a deixara ali, entrando no quarto com as mãos vasias.

## XXXI

Obedientes às prescrições rigorosas do assistente, não ousaremos entrar no quarto do ferido antes de volvidos oito dias sôbre o fatal duelo que tão seriamente poz em risco a vida de Joaquim Lima.

São 5 horas da madrugada. A claridade dúbia e alvacenta que precede o romper do sol cõa-se pela ampla vidraça e vem confundir-se com os últimos raios da lampada de vidro azulado que pende do tecto, alimentada por azeite puríssimo, criado no pequeno olivedo atinente à igreja, de que o padre Lima tem o usufruto.

O cortinado da cama está colhido a um lado, deixando entrever o corpo delgado que nela repousa com imobilidade quási cadavérica. Ao rosto, de palidez marmórea, apoiado a três quartos sôbre as almofadas, apenas dá realce o bigode escuro, um pouco emaranhado.

No extremo oposto do aposento, perto da janela, há também para onde os nossos olhares devam dirigir-se com interesse.

Reclinada numa otomana, em frente da mesa onde parece ter estado folheando um número da *Revue des deux mondes*, Matilde cedera enfim ao cansaço daqueles affitivos oito dias, decorridos sem um momento de repouso. A cabeça descaíra-lhe para trás, até encontrar as costas da cadeira que ficaram a servir-lhe de almofada. Os braços, sem vigor, pendiam aos dois lados, deixando livre o busto, que se agitava suavemente no isocronismo de um sono profundo.

De espaço a espaço uma rajada de nordeste dava um arranco aos caixilhos da janela, e o chefe dos galináceos da abadia saudava, no seu canto mais entusiasta, o advento da aurora.

Nos intervalos destas duas notas estridentes, apenas cortava o silêncio a respiração calma da enfermeira. O enfermo, êsse parecia que nem respirava.

Soaram passos cautelosos na ante-câmara que servia de escritório a Joaquim Lima.

Envolta num chale que a preservava do frio agudo da madrugada, a Inácia apareceu entre portas com uma chávena de leite na mão.

Olhou primeiro para o lado da mesa, e, tendo-se convencido de que Matilde dormia, dirigiu-se em bicos de pés para o leito.

Pela imobilidade do doente julgou que êle dormia também. Só muito perto verificou que tinha os olhos abertos.

— «Pshiu!» — fez êle, pondo o dedo sôbre os lábios. — «Não a acorde.»

A Inácia olhou para a Matilde e, certificando-se de que ela estava bem mergulhada no sono :

— «Aquilo agora não acorda assim... Anda moidinha como uma salada... Deixá-la dormir, coitadinha... Bem o precisa!... E o sr. Joaquimzinho como tem estado?... Não dormiu mais?»

— «Dormi... mas só aos bocados... Ainda tenho muitas dôres...»

— «Sempre isto foi um diacho de arranjo!» — exclamou a Inácia um pouco mais alto do que era conveniente. — «Bom, mas agora não esteja a falar, que bem sabe o que diz o médico... Vamos a tomar o leite... Eu amparo-lhe a cabeça...»

— «Olhe, Inácia... se eu... se eu soubesse que ela ia acordar daqui a pouco... nem o tomava ainda... Ele também parece estar tão quente!...»

— «Está agora quente!... Está mas é bem bom para se pôr à bôca e ir duma vez.»

— «Eu o que receio é que ela se zangue depois...»

— «Se zangue!... porquê?... Por ter adormecido?... Bem se sabe que uma pessoa, sem dormir, não resiste muito tempo... Eu até já nem descanso com o medo de a ver cair doente... Então, vai ou não vai o leite?... Está a passar a hora e transtorna-se tudo...»

— «Pois sim, Inácia... dê cá.»

A Inácia ergueu com o maior geito que pôde a cabeça do enfermo, o que o não impediu de fazer uma careta muito dolorida.

Depois, bebido o leite : «Olhe Inácia, se me puxasse mais para cima esta segunda almofada ?...»

— «Qual ? a de linho novo ?»

— «Não sei se é de linho» — disse, ligeiramente enfadado, Joaquim Lima, a quem a articulação de tôdas as palavras era ainda molesta. — «A de baixo... essa maior.»

— «Bem, bem... já percebo... Esta ?» — e puxou um palmo acima a almofada aludida.

— Não, Inácia... Assim não... que fico com as costas em falso... e é pior. Olhe... sabe?... Veja se ma põe outra vez como estava... Logo se arranja melhor.»

Se, nesta altura, queria dizer *Matilde*.

— «Veja lá... E' assim ?» — tornava a Inácia tendo feito, ao acaso, qualquer nova modificação no arranjo das almofadas.

— «Sim... Agora não está muito mau... Olhe, Inácia... é melhor não mexer mais... Assim parece que não estou de todo mal...»

— «Bem... Então, veja se descansa e se ainda passa pelo sono .. Talvez o leite o faça dormir.»

— «Vou experimentar... Mas, olhe, Inácia, chegue-se cá... Quero perguntar-lhe uma coisa. . .»

— «Valha-me Deus, sr. Joaquimzinho !... O que lhe vale é a enfermeira não o ouvir... Arranje-se para logo tornar a ter febre... ande... Não sabe que o médico não quer que fale ?...»

— «Pois sim, Inácia... eu só quero perguntar-lhe uma coisa... O que é feito do sr. Ernesto Sampaio ?»

— «Ora, valha-me Deus !... No que ha de estar a trabalhar essa cabeça !... Deixe-o lá !... Ficou bom... São como um pêro... sem uma arranhadura sequer... Logo no mesmo dia foi para Lisboa com a mãe...»

— «Foi ?... E a Matilde... não terá tido noticias dêle ?»

— «A Matildinha ? Nem quer que lhe falem mais em semelhante mafarrico de homem... Ainda ontem, a conversar com o seu padrinho, lhe ouvi, pouco mais ou menos, estas palavras : — «Que nunca tinha confiado muito no filho da professora, mas que agora... que agora que o detestava com tôdas as veras da sua alma...»

— «Ouviu-lhe isso ?»

— «O sr. Joaquimzinho admira-se ?... Pois eu o que digo é que andavamos aqui todos enganados... A mim me jurou ela... dias antes desta diabrura do duelo... que não pensava em se casar e muito menos com o Ernesto Sampaio... E olhe que se a Matildinha o disse é porque era assim. Aquilo é bôca sagrada. Eu cá fiquei abismada... Isto, o coração das mulheres, as mais das vezes ninguém o entende... E agora,

escusa de me entrar com perguntas que lhe não digo nem mais isto» — e indicava uma polegada. — «Pois eu sei que lhe estou a fazer mal!... Vamos... veja mas é se trata de dormir...»

— «Pois sim... Mas escute, Inácia... já agora, faça-me uma coisa... Corra um pouco mais êsse cortinado para os pés da cama...»

— «Assim?... Mas olhe que, daqui a pouco, vem o sol e dá-lhe em cheio nos olhos...»

— «Não tem dúvida... Tenho até desejos de ver o sol... Hoje sinto-me realmente melhor...»

— «Pois sim... Então aí tem... Vê o sol e, ao mesmo tempo, vê também a enfermeira...»

E a velha que dissera talvez sem malícia a frase que teve como efeito encrespar-se um tanto a testa de Joaquim Lima, saiu ligeira do quarto, deixando o doente entregue ao inocente prazer de ver nascer o sol.

O dormir de Matilde era agora agitado, denunciando que ela estava prestes a acordar.

Joaquim Lima não tinha sono nem procurou conciliá-lo. Mudar para quê, se se sentia bem como havia anos não lograra?

Uma sensação suavíssima tinha-se apoderado do seu cérebro enfraquecido. Com os olhos meio cerrados, entre consciente e magnetizado, via o vulto gentil de Matilde, não só naquele momento de delicioso abandono, mas nas variadíssimas modalidades em que a sentira junto de si naqueles dias que compendiavam, em extranho composto, os maiores sofrimentos e os maiores êxtases da sua vida.

Sentira muitas vezes a existência por um fio e — o que ninguém pudera supor — êsse risco proviera não só do seu estado físico, mas ainda mais das violentas comoções que experimentara em momentos em que o seu organismo perturbado reclamava o maior sossêgo. Conhecera-o Joaquim Lima e, invocando a mais tenaz vontade, conseguira em muitos transes vencer-se. Mas como deixar de sentir-se agitado, quando acordara do primeiro desmaio, que êle crêra ser a morte, com a sua mão entre as mãos de Matilde em cuja fisionomia estava pintada, a côres vivas, a angústia mais dilacerante? Como acalmar-se depois, se era ela mesma que lhe pensava as feridas, que lhe estendia o braço a ampará-lo quando já podia erguer um pouco o tronco? que lhe preparava e trazia os alimentos e os remédios? que adejava em tôrno dêle dia e noite, vivendo só para êle, com o ouvido sempre àlerta e o olhar incessantemente prêso àquele leito? olhar vigilante, meigo, acariciador, dir-se-ia a um tempo maternal e apaixonado!...

Joaquim Lima não entendia bem o presente. Mas que lhe importava entendê-lo? A cabeça, muito debilitada, até se recusava ainda a profundas reflexões. O coração, êsse ia vivendo dia a dia dos eflúvios daquela atmosfera inebriante de que o cercava Matilde, inconsciente do perigo a que o expunha.

As indiscretas revelações da Inácia acabavam de trazer um novo fermento de agitação ao espírito febril de Joaquim Lima.

De súbito, Matilde passou a mão na testa com uma espécie de gemido. Sobressaltou-se o doente como se o ela acordar fôsse acontecimento estranho e imprevisito.

Mas Matilde não despertara. O sono continuava, agitado porém, agora, e ansioso. Tremiam-lhe os lábios como querendo articular palavras.

Com um esforço penoso, Joaquim Lima ergueu meio corpo apoiando-se ao braço esquerdo. Como fascinado, seguia todos os movimentos de Matilde.

A filha do João do Outeiro estremecia agora numa espécie de convulsão muito repetida, como debaixo da influência de um pesadêlo afitivo.

De repente, após um grito abafado, com a voz estrangulada: «Não... não me levem daqui...»

O coração de Joaquim Lima palpitava desordenado. Suor abundante inundava-lhe a fronte e as mãos.

Crescia entretanto a agitação de Matilde. «Quim... meu amor... segura-me... olha que nos querem separar... minha vida...»

Ao ruído das suas próprias palavras acordou finalmente Matilde, quando Joaquim Lima, extenuado do esforço que fizera contra tôdas as prescrições do médico, caíra já desalentado, sôbre as almofadas.

Passando as mãos pelos olhos, Matilde recuperou cêdo a consciência da realidade.

Receosa de ter dormido demais, olhou com ansiedade para o relógio. Erguendo-se como por efeito de rija mola, aproximou-se do leito em bicos de pés.

Joaquim Lima tinha o rosto coberto com ambas as mãos. Um pequeno tremor que se percebia através, deu não sei que idéa a Matilde que, aproximando-se mais, lhe tomou arrebatadamente uma das mãos.

— «Quim, isto que quer dizer?» — exclamou quasi num grito. — «Que lágrimas são estas? quem te fez chorar?» — e ajoelhava ansiosa junto do leito.

— «Cala-te» — disse êle baixinho. — «Não faça tanta buíha... Isto não é chorar... Nervoso dos doentes quando começam a ter saúde, não sabes?... Parece-me às vezes que

não hei de voltar a ser forte... para te pagar tudo isto...»

— «Pagar?» — exclamou ela còrando muito. — «Que idéia!»

— «Achas que sou muito... muito pobre?»

A Matilde olhou para êle surpreendida. Depois, sacudindo a cabeça: «Acho que estás falando de mais e que isto não pode ser.»

— «Tens razão; preciso de mordaza...» — e Joaquim Lima, num movimento brusco, tomando-lhe a trança que ela trazia agora caída, colou-a aos lábios.

Ou porque neste movimento Matilde descobrisse um vislumbre de galanteria que a perturbou, ou realmente porque a preocupação de enfermeira fôsse agora dominante, ergueu-se abruptamente para compor, a jeito do doente, sem sequer o consultar, as almofadas que a Inácia, nas melhores intenções dêste mundo, dispozera da maneira mais incômoda possível.

### XXXII

O quarto de um doente, estendido desfalecidamente no leito, com o olhar abatido, as faces cavadas pelo sofrimento, é das cenas mais tristes que se oferecem à nossa compaixão. Não assim a câmara do convalescente. Além era a dúvida cruciante que se arrastava; aqui é a esperança viçosa que se enflora; ali um como apresto para a morte; aqui tudo combinações e projectos, animados sintomas de vida.

E, todavia, não podemos dizer que fôsse inteiramente esta a impressão recebida ao entrarmos nos aposentos de Joaquim Lima, cêrca de mê e meio depois do fatal duelo, que o lançara, moribundo, ao leito.

Vamos encontrá-lo còmodamente recostado numa cadeira de braços, precisamente aquela em que, há pouco mais de trinta dias, vimos Matilde adormecida. Sôbre a mesa estão vários livros e periódicos com que o convalescente tem já licença de entreter-se.

Sentada a curta distância, numa cadeira baixa, Matilde faz a *crochet*, em torçal preto, um *bonnet* que Joaquim Lima — talvez só para promover o pequeno tregeito gracioso que ela dá a tôdas as feições quando se zanga deveras — declara terminantemente que nunca usará em dias da sua vida. E, não obstante, como aranha teimosa, ela não deixa de ir pacientemente urdindo a sua teia.

Donde provirá o ar de melancolia desusada que paira e se estende hoje sôbre tôda a gente no Salgueiro? Porquê a falta

daquela animação, entretida constantemente nos quartos de Joaquim Lima por Matilde e pelos pequenos?

Não influe decerto, com importante percentagem, a ausência do dr. Nogueira de Lima, sentida há mais de três semanas, agora já com o desconto e abatimento que o tempo promove em tais casos.

A causa real, definida e claríssima para todos, é bem outra. Não tarda que a conheçamos. Vamos saber porque é que a Inácia hoje não canta à lareira, e porque é que o padre Lima passeia nervoso no quintal, sacudindo muito o vermelho lenço manchado pelo rapé.

E' cêrca de meio dia.

Joaquim Lima percorre distraidamente com a vista um jornal que não lê. Matilde, com paciência de aracnídeo, parece tôda mergulhada na tarefa em que lhe vemos ocupadas as mãos e a vista. E não falam.

O João do Outeiro, em pé junto da janela, com a cabeça em posição hirta, parece absorto a cogitar de que matéria ou porque modelo terá sido feito o sino grande que dá as *Ave-Marias*, tão minuciosa é a atenção com que o observa.

Soou da igreja o primeiro quarto depois do meio dia.

Matilde levantou-se:

— «Bem, faltá só um quarto... Vou preparar o lanche...

V. Ex.<sup>a</sup> ha de já estar com debilidade...»

— «Debilidade talvez... Apetite nenhum» — disse Joaquim Lima fazendo uma careta. «Olha, Matilde... talvez agora fôsse melhor só o caldo... Não tragas mais nada...»

A enfermeira mostrou cara franzida de quem não leva a bem imposições, e, pondo cômicamente o dedo nos lábios a comandar silêncio, saiu do quarto sem dar outra resposta.

Como se não voltou, não pôde notar o olhar de Joaquim Lima, seguindo-a embevecido até à porta.

O João do Outeiro distraira-se momentâneamente com o ruido dos passos da filha. Voltou porém logo a olhar para fora, tamborilando com as pontas dos dedos nos vidros da janela.

— «Então, sr. João... decididamente, amanhã?»

Esta pergunta de Joaquim Lima trouxe vagarosamente o velho a abeirar-se da mesa, defronte dêle.

— «Amanhã... Pois então!... Emquanto você precisou, era uma coisa... Agora já pouca falta lhe faz a enfermeira e menos ainda a mãe... E eu, a falar-lhe franco, também lá me não arranjo muito bem só com a Custódia... Afinal com a minha velha, é sempre com quem estou melhor... E, depois, elas não haviam de cá ficar tôda a vida... Anda lá a casa sabe Deus como... Há de custar... bem sei... Agora já custa a todos... Mas é uma cousa que tem de ser...

Mesmo cá para casa sempre é incómodo... Deixe lá que sempre é... Mais umas poucas de pessoas de família!»

— «Pelo amor de Deus, sr. João... não fale nisso... O tio, se o ouvisse, até se ofenderia... tenho a certeza... O que é, é lá o desarranjo da sua casa... E também a Matilde, coitada, precisa descançar desta grande fadiga que tem tido comigo...»

— «Tá, tá, tá!» — atalhou o João do Outeiro estendendo francamente a mão, — «Isso lá, escusa você de ter remorsos na consciência... Olhe que ela, se se tem cansado, é porque muito bem o tem querido... Não estava a mãe para a ajudar? E olhe que a minha velha, sem desfazer na filha, também é das que sabem tratar um doente... Mas o melhor é que, com isto, a Matilde parece que até tem remoçado... Até me dá vontade de dizer que a doença de você, homem foi a saúde para ela...»

— «Essa agora!» — exclamou Joaquim Lima mais arteiro que incrédulo.

— «E' o que lhe digo» — sustentou na melhor simplicidade o João. — «Pois não a vê!... Come e dorme... está alegre... e até — isto e cá do sr. prior mais da Inácia — até parece que está mais bonita a rapariga...»

— «Isso lá é verdade» — obtemperou Joaquim Lima como quem já tinha pessoal reconhecimento do facto.

— «Sabe o que eu digo?» — ponderou o João do Outeiro pondo-se de pé e esfregando as mãos. — «Isto de mulheres... o diabo é que as entende... Eu, cá por mim já lhe digo... tenho duas filhas... sou casado há mais de vinte anos... e cada vez sei menos o que elas querem... A's filhas, Deus dê juízo a uma e a outra... é o que lhe peço».

A entrada de Matilde, com a bandeja do lanche, pôz fim ao diálogo.

— «Hi! que de coisas tu me trazes!» — exclamou Joaquim Lima enfasiado.

— «Chiton!» — comandou a Matilde com autoridade. — «Faz favor de se calar e comer o que eu lhe der?... Está hoje insuportável!»

Joaquim Lima abaixou a cabeça, resignado, enquanto Matilde misturava na taça do caldo duas colheres de extracto de carne, cuidadosamente preparado pela Purificação.

— «Duas!» — exclamou Joaquim Lima, acompanhando a palavra de uma visagem pouco lisongeira.

— «Duas, sim senhor... E é calar o bico... Ou bem que queres enrijar, ou bem que não queres...»

— «Isso lá quero... Oh!, se quero!»

— «Então, acaba de pôr o guardanapo... Credo! que vago-roso que estás hoje!... Isso por fôrça é já grande fraqueza!»

O João do Outeiro — a haver ali, de parte, quem tivesse olhos para êle — dir-se-ia embebido naquela cena de família, tão singela e ao mesmo tempo tão grata aos três que nela tomavam parte.

— «Bem!» — disse o João, quando o caldo estava já todo tomado. — «Até logo... Fiquem-se por cá que eu vou à vida.»

— «Até logo, sr. João.»

— «Adeus, meu pai.»

— «Bom,» — continuou a Matilde dirigindo-se a Joaquim Lima. — «Agora êste pedacinho de bife.»

— «Isso é que me vai custar deveras.»

— «Embora! Come sempre... Senão não tens tão depressa fôrças para aturar os rapazes.»

— «Ah! sim!» — disse Joaquim Lima rindo — «Isso é agora o que me dá mais cuidados... Dá cá.»

— «Eu parto... Queres que te meta na bôca?»

— «Não.»

E comeu com docilidade de criança.

— «Agora o vinho... Olha que hoje é Madeira, muito bom... Do que mandou o padrinho.»

E passou-lhe o copo.

— «Não; o vinho não vai agora» — contraveiu Joaquim Lima, sorrindo. — «E' para no fim de tudo fazer uma saúde.»

A Matilde, sem saber muito porquê, sorriu também.

— «Vai esta perinha doce?... Não?... Então êste pire-sinho de leite creme... Isso é que eu te não dispenso de comer... Fui eu que o fiz...»

— «Tu!... Então tu, minha doutora, também entendes de cozinha?»

— «Mau!... Não quero que me chame doutora nem a brincar... Qual é a mulher que não entende de cozinha?...»

— «De que é que vocês não entendem!»

E Joaquim Lima comeu todo o leite creme que no fim declarou ótimo.

Depois, limpando com muito vagar o bigode:

— «Oh! Matilde... eu francamente, vou sentir demais a tua falta... Não sei como hei de viver só daqui em diante...»

A Matilde quiz falar, mas não lhe ocorreram termos, nem sequer tinha idéias.

— «Isto de ficar só depois de experimentar melhor deve ser horrível!... Até já me lembrou uma coisa» — continuou Joaquim Lima entre grave e risonho. — «Não adivinhas?»

— «Eu não» — respondeu a Matilde levemente perturbada.

— «Casar-me.»

A Matilde estremeceu.

— «E, com tôda esta conversa, não bebes o vinho!» — exclamou ela para disfarçar a comoção.

— «Deixa-o estar... E' para beber logo... à saúde da minha noiva.»

Joaquim Lima tinha tomado a mão de Matilde e, aproximando da sua uma cadeira que lhe estava ao alcance, disse, abaixando a voz :

— «Senta-te aqui, Matilde... Vamos falar muito a sério... Porque estás a tremer dêste modo?... Tens alguma idéia do que vou dizer-te?...»

E pondo-lhe a mão na testa, obrigava-a a olhar de frente para êle.

— «Não sei» — foi a resposta opressa, levemente frenética.

Matilde estava agora sentada ao lado de Joaquim Lima, como estivera mil vezes antes; nova só era a comoção extrema que a dominava, e que em balde tentava vencer.

— «Ouve, Matilde» — disse Joaquim Lima gravemente. — Amanhã vamos separar-nos e eu... não tenho ânimo de o fazer... sem que te confesse o estado da minha alma... Há pouco mais de mês e meio cheguei a detestar a vida... Sentia-me só... Julguei ter perdido durante a minha longa ausência, aquele terníssimo affecto com que tu e os teus me acalentaram na minha triste adolescência... Este successo... esta doença... veio restituir-me, muito aumentada, a fortuna que eu julgara perdida sem regresso... Tens sido tão boa para mim... tens manifestado pelo teu irmão adoptivo uma tal consagração, que, à medida que a saúde tem voltado, tenho sentido renascer em mim o gôsto e a ambição de viver... Fui muito desgraçado; hoje sinto-me... quasi feliz... E continuarei a sê-lo, se não puder dedicar tudo o que me resta de vida a pagar-te com uma adoração constante o imenso que te devo?... Talvez que a tua bondade exagerada me tenha inconscientemente lançado no penoso caminho das esperanças falazes... Preciso da tua decisão antes de nos separarmos... Dize... não será para ti um enorme... enorme sacrificio, seres a companheira da minha vida?»

Matilde cerrara as pálpebras e, com uma das mãos, apertava os lábios para reprimir soluços que já lhe faziam arquejar o colo Travando apaixonadamente de um dos braços de Joaquim Lima :

— «Oh! Quim, Quim!... E fazes-me essa pergunta? a mim!... Não vês que eu não posso... que não devo aceitar a tua generosidade?»

Joaquim Lima olhou para ela demoradamente. Depois, com aquele bocadinho de crueldade tão usado em casos de coração, desculpável até certo ponto nos que já se sentem muito amados, disse, com mal ençoberta malícia :

— «Porquê?... Qual êsse invencível obstáculo que se opõe a que tu aceites isso que chamas... a minha generosidade?»

Enxugando lágrimas que lhe regavam as faces, Matilde levantou orgulhosamente a cabeça. Com o olhar incendiado, a voz exaltada, mas firme, era a Matilde que Joaquim Lima nunca vira e que lhe causou agora surpresa semelhante à que experimentara D. Cristina, no dia em que a filha do João do Outeiro, sacudindo a aparente timidez, repelira briosamente a ofensa feita à sua família.

— «Pois tu não vês, Quim... que não podes... que me não tens amor?... E o casamento sem amor partilhado, Quim... é talvez suportável para o homem... mas para uma mulher... Oh! nunca... Seria uma atrocidade... um inferno... Tu próprio havias de chegar a detestar-me por ter consentido em semelhante sacrifício teu...»

— «Não continues» — atalhou, comovido, Joaquim Lima. — «Provas da tua nobreza, tenho tantas! Para que quero mais?» — e mudando de tom: — «Olha, Matilde... faze-me uma coisa... Dá-me da segunda gaveta da minha secretaria um papel que está por cima.»

— «Para quê?» — indagou ela desconfiada.

— «Faze o que te digo... Depois verás.»

Sem mais contestação, Matilde obedeceu; mas, foi com um intenso e íntimo tremor que deitou a mão a um papel onde se lia distintamente:

*Cartas para serem entregues depois da minha morte.*

Joaquim Lima removeu em silêncio o fúnebre invólucro e, apresentando a Matilde duas cartas fechadas, disse, aproximando ainda mais de si a cadeira de onde ela se levantara:

— «Senta-te, e depois abre e lê.»

Uma era-lhe endereçada a ela; a outra ao dr. Diogo Nogueira de Lima. Foi àquela que Matilde primeiro lançou avidamente a mão. Leu baixo, que nem a comoção lhe permitia articular qualquer palavra:

— «Matilde. — Se eu morrer neste duelo que vai ter lugar quando romper o dia, a ninguém poderás lançar responsabilidade da minha morte. Fui eu que provoquei o combate, vítima de uma misantropia mórbida que me tornou incompatível com a vida. Sê bem feliz e guarda êste papel como último protesto de gratidão e consagração do teu

*Quim.»*

Lágrimas abundantes turvavam a vista de Matilde, tornando-lhe quasi impossível a leitura. Não obstante, leu seguidamente a carta dirigida ao dr. Nogueira de Lima.

Mas decerto a impressão recebida era diferente agora, por que o papel tremia-lhe na mão, as faces, ao princípio afogueadas, tornaram-se amarelas como cera, e todo o busto

dessa mulher forte no espírito, mas doce e vibrátil como sensitiva, parecia enfim prestes a abandonar-se à imobilidade de um delíquio.

O papel dizia :

« Meu generoso, meu adorado protector :

« Perdão. Mil perdões para a minha infâmia. Morreria ainda mais crivado de remorsos se, à hora da morte, lhe não fuisse verdade.

« Aceitando êste duelo, que não provoquei, mas que recebo como dádiva da Providência, com tenção formada de não fazer pontaria contra o meu adversário, mascaro um suicídio.

« Se não dou à sociedade o nocivo exemplo da minha fraqueza, nem por isso deixo de ser duas vezes ignominiosamente fraco: fraco, por não ter sabido dominar as minhas paixões, e mais fraco ainda por pagar só com ingratidão tôdas as suas bondades, todo o seu paternal amor.

« Meu generoso amigo: no momento de nos apartarmos tão dolorosamente, uma só consideração me acalenta: é que na sua grande alma ha de haver ainda perdão e piedade para mim... Fui muito desgraçado. Lutei e fui vencido.

« Não se vive sem esperanças e eu perdi-as tôdas. Quando, adolescente, saí desta pobre terra para o acompanhar, já se tinha gravado no meu cérebro uma doce imagem de mulher, que foi depois a inspiração de todos os meus passos. A essa idolatria subordinei eu tôdas as circunstâncias da minha vida; e, quando em opposição aos desejos do seu paternal interêsse, insisti em seguir uma carreira por extremo modesta, foi só por ter percebido que o meu destino era uma tranqüila existência passada com *ela* que era também humilde. Não podia fugir-lhe.

« Do mais luminoso da minha quimera caí abruptamente na realidade mais tenebrosa... O que me ficava? Arrastar uma existência aborrecida, enlutada pela perda de tôdas as fagueiras miragens, dedicando-me exclusivamente a velar pela velhice do meu dedicado pai adoptivo? Era decerto o que teria tido a coragem de fazer, se o cumprimento dêste dever me não obrigasse ao maior dos sacrificios: o de viver sabendo profanada por outro a mulher que fôra o meu ídolo, tôda a minha religião, e tôda a minha razão de ser.

« Meu generoso amigo, meu pai, meu guia venerando, ainda outra vez: perdão!

« Ultimo favor, imploro-lhe que a ninguém revele uma só palavra do que aqui escrevo. Isto é sagrado como uma confissão geral.

« Morrendo, não tenho mais pensamento para ninguém. Cheio de filial ternura, de entusiasmo pelas suas virtudes, de

vergonha e de remorso pela minha fraqueza, de comovido-reconhecimento, de piedoso amor, são as suas mãos que eu quizera beijar uma vez, mil vezes, até perder de todo o alento.

*Joaquim.»*

Não era desmaio, mas exaltada comoção, o que lançou Matilde de joelhos junto da cadeira de Joaquim Lima, chorando copiosamente sobre o ombro d'ele lágrimas que eu não sei descrever. Quando pouco depois a pequena Maria, seguindo ruidosamente, com a turbulência dos dez anos, o seu amigo *Pé-leve*, com quem andava de retouça, entrou no quarto, encontrou a irmã ainda na mesma posição.

Ambos pararam indecisos, o cão e a criança, como se a um e outro fôsse evidente que alguma coisa grande se estava passando. Mas ambos se recobriram depressa: o animal logo que Joaquim Lima, fazendo estalar os dedos, disse com acentuação bem conhecida: «Eh, amigo velho!... Aqui, *Pé-leve*», — a pequena Maria, quando a irmã, com voz ainda mal firme, a encarregou de ir chamar a mãe.

### XXXIII

Se eu tentasse agora descrever o que foi, dia por dia, a vida da família do Outeiro nos seis meses que decorreram ainda até ao casamento de Matilde com Joaquim Lima, tenho para mim que não faria bem. Nada ganharia o livro com essa descrição insípida, sem colorido real. Melhor do que a pena fatigada, poderá recompor a verdade a imaginação de cada uma das minhas leitoras.

Direi apenas que a cerimónia nupcial se realizou sem aparato ostentoso que mal se coadunaria com a singeleza do cenário e das pessoas. As longas caudas do vestuário feminino nas grandes cerimónias foram completamente banidas. Em nada, porém, esta circunstância prejudicou a distinta gentileza da noiva, cuja corôa de laranjeira natural a envolvia numa atmosfera perfumada; nem a dignidade da madrinha, a boa Purificação, grave com o seu vestido preto de rija sêda. O noivo e o padrinho, o dr. Diogo Nogueira de Lima, trajavam sem vislumbre de constrangimento a casaca que lhes era familiar.

Matilde não teve nem enxoval portentoso, nem uma série de preciosas dádivas que os periódicos, com o nome exótico,

de *corbeille*, estatelassem aos olhos indiscretos do público curioso. Mas nem por isso havia no seu rosto, insinuante ainda mais do que formoso, expressão de menos completa felicidade.

A quadra, chamada, por uma melancólica profecia, *lua de mel*, também não foi ostentadamente consagrada no Bom Jesus, em Sintra ou no Bussaco. O primeiro mês, e muitos ainda após êste, passaram-nos os noivos no Salgueiro, esperando e dirigindo a construção de uma linda vivenda que Joaquim Lima fazia levantar na situação mais elevada daqueles contornos. O padrinho dotara-o com metade da sua fortuna, fazendo-lhe saber que por sua morte ficaria senhor do restante. Joaquim Lima, já o sabemos, não era o homem a quem agradam e atraem as grandes lutas dos centros civilizados. Ter uma casa confortável e sadia onde levar a vida mais simples, em contacto íntimo com a natureza, estudando pacificamente, sem turbulências nem represálias, a melhor maneira de extrair da terra os grandes tesouros que ela contém, era, juntamente com o salutar e útil derivativo de escrever alguns livros de valia, e de ler outros, o mais querido ideal das suas ambições.

Construída com singelo gosto a casa, que a Purificação dizia ser por dentro um paraíso, e plantadas as terras adjacentes, o povo não tardou em baptizar a propriedade, chamando-lhe poéticamente *O casal das rosas*, de uma vasta álea de roseiras que conduzia à entrada principal do edificio. Boa substituição à vulgaridade insulsa de chamar-se *Vila Matilde*, como, nas mãos de outros donos e por êstes tempos que se vão atropelando, teria fatalmente de caber-lhe em sorte.

Decorreram já agora quatro anos desde que a filha do João do Outeiro habita a bela vivenda, na fruição da mais ridente felicidade cujo fogo sagrado ela se não cansa de atear, iluminando aquele tépido ambiente com mil reflexos de feminilidade mais adorável.

Parte do inverno é passado em Lisboa ou no Porto, mas nunca os dois esposos se sentem penetrados de serena ventura como quando na sua bela e espaçosa habitação, a igual distância do Salgueiro e da Urca. E agora, que a pequenina Maria Antónia, um querubim que está em vésperas de completar três anos, e que disfruta por enquanto todo o saboroso mimo dos filhos únicos, começa a manifestar grande aprêço pelas compridas e sombrias ruas da quinta, é muito para supôr que o dr. Nogueira de Lima tenha de passar algum inverno sem dar hospedagem aos *seus filhos*, como amôavelmente lhes chama. Em paga, as saúdaes da *netinha*, que tem por êle especial predilecção, hão de levar o velho juiz a estender muito as férias de verão, que passa habitualmente

em Z., e quem sabe se não virão a contribuir para uma aposentação prematura. Não podendo acumular as funções de avô com as de juiz da Relação, não é caso para muita estranheza que o doutor venha cêdo a optar pelas primeiras.

No Outeiro vive-se hoje mais serenamente do que nunca. O João do Outeiro desde que também é avô, amaciou de todo aquelas rudezas da mocidade que tantas lágrimas custaram à santa Purificação. Esta continuou a ter o seu maior enlêvo na filha Maria, suave criaturinha de 16 anos que tem tido a irmã por modelo e mestra em tudo. E' um mimoso rostinho ideal, com a exquisita transparência de uma figura de *biscuit* de Sèvres.

O Joanito está a completar 19 anos. E' bondoso e alegre como o são em regra os inteligentes e sadios. Cursa a Academia Politécnica com destino à engenharia militar. Serve-lhe de tutor no Porto o dr. Nogueira de Lima, para quem êle é como um segundo filho.

A Custódia, sempre jovial e prestadia, é ainda hoje quem tem no Outeiro a responsabilidade de todos os serviços violentos. Roeu-lhe a corda o Manuel Mendes, para ir casar com uma filha única, possuidora de algumas leiras de terra e duvidosa reputação. Mas a Custódia não pareceu sofrer muito com o perjúrio do noivo, e contentou-se, por única desforra, com o vê-lo despedido da mercearia onde tinha bons interesses, pelo austero João do Outeiro, que declarou não querer ao seu serviço biltres que apreciassem em mais o dinheiro que a honra das mulheres.

D. Cristina vive com o filho em Lisboa, onde Ernesto, filiado no partido político em que o pai teve larga influência, desfruta já um lugar pingue que o poupa às canseiras e contras da advocacia. Sôbre disposição moral da mãe e do filho, pouco posso com segurança dizer à leitora. Ernesto, como quasi todos os celibatários urbanos, demora-se em casa o menos possível, recolhendo, tarde, do teatro ou do centro. Os que com êle convivem mais pròximamente dizem-no alegre. E que vagar pode ter para tristes cogitações quem como Ernesto se lançou no turbilhão incessante do viver mais agitado?

A vida de D. Cristina é que é porventura cada vez mais melancólica, sobretudo desde que perdeu a velha Inês, companheira dos seus fugitivos dias de felicidade. Ouvindo acaso encarecer a vantagem de ter filhos para aligeirar as mágoas e isolamento da velhice, D. Cristina tem frequentemente a seguinte reflexão muito significativa: «Os filhos depois de criados e educados... pouco se lembram de nós!»

O padre Lima, a-pesar da sua avançada idade, ainda desempenha vâlidamente todo o ritual a seu cargo, com um

vigor para causar invejas aos derengados moços da moderna geração. Pode ser que não pouco contribua para êste efeito a boa hygiene e salutar cozinha da nossa metódica Inácia, que na arte de temperar um bom caldo à portuguesa satisfaria o próprio sr. Ramalho Ortigão.

O velho morgado das Cruzes vai teimando em viver, como o antipático Francisquinho vai teimando em não fazer nada, até que aprasa à Providência dadivosa entregar-lhe enfim o apetecido património que projecta desbaratar, sem perda de tempo, em Lisboa. Entretanto, vai fazendo a Clarisse uma côrte que passou já ao estado crónico, e que ela aceita, à falta de melhor, sempre na idéia de vir a ser um dia a castelã do velho solar das Cruzes.

O Matias Beltrão e a sua nédia espôsa, a sr.<sup>a</sup> D. Leocádia, não são pessoas a quem seis anos corridos tragam nenhuma mudança muito sensível. Se a leitora, do que eu lhe contei dêstes personagens, formou juízo definitivo àcerca deles, pode guardá-lo ainda. Tão bem lhes assenta como há seis anos.

A botica do Matias continua a ser o mais temível foco de maledicência daquelas redondezas. Tudo se mantém como é já nosso conhecido. Até o praticante André no monótono, automático desempenho de seu humilde mistér, é sempre a mesma pachorrenha criatura para quem o toque de um sino a rebate corresponde ao chiar preguiçoso de um carro, ou a quem aflitivos gritos de socorro comovem tanto como o palrar das cigarras à beira do caminho banhado de lua.

Em casa de mestre Bugalho campêa sempre o mesmo desmazêlo que faz o desespero da velha Inácia. Tôda a alegria do rude marceneiro é falar da boa cabeça do seu rapaz, ainda que o assunto lhe humedeça os olhos. Na escola de alunos marinheiros, sob a protecção de Joaquim Lima, o Pirueta segue a carreira que era a sua grande paixão desde criança.

O dr. José de Melo é a pessoa, estranha à família, que com mais assiduidade frequenta a casa de Joaquim Lima. Matilde, que entende dever-lhe em grande parte a vida do marido, tem pelo moço doutor a mais espontânea afeição. Na terra há já muito quem diga que está ali o noivo da irmã de Matilde. E não será maravilha que venha a effectuar-se êste enlace, talvez naturalmente indicado.

Miguel dos Santos, o ajudante requisitado por Joaquim Lima nas suas funções de professor municipal e com quem travámos conhecimento na cerimónia da abertura da escola, que a leitora de certo não esqueceu, é hoje o professor efectivo da cadeira.

Sob a influência mais ou menos directa de Joaquim Lima, a escola de Z. é um modêlo, raríssimo entre nós, a todos os respeitos digno de ser imitado.

## EPÍLOGO

No dia exactamente em que Joaquim Lima festejava o sexto aniversário do seu casamento, foi procurado no *Casal das Rosas* por um desconhecido com tôdas as aparências do genuino brasileiro.

Recebeu-o o dono da casa com a urbanidade que lhe era habitual, certo porém de que estava em frente de uma pessoa que via pela primeira vez. Não se enganava. O comendador Moreira não visitara nunca Joaquim Lima, como o não procurava agora por conta própria. Era apenas o encarregado de uma mensagem de confiança.

Trocadas as atenções e cumprimentos da praxe, o comendador, mostrando saber o valor do tempo, entrou francamente na matéria.

Acabara de chegar do Rio de Janeiro, de onde era natural e onde residia. Realizara uma viagem de recreio, tocando nas mais gabadas cidades da Europa.

Morrera-lhe em casa, dezoito meses antes, uma pobre velha, que tomara como serviçal, mais por compaixão do que com a mira no trabalho que ela pudesse desempenhar.

Morrendo, a pobre mulher levava-o a fazer-lhe uma solene promessa. Sabia que o comendador tencionava visitar Portugal. Suplicava-lhe que procurasse em Z. um rapaz chamado Quim ou Joaquim, que devia encontrar-se em casa do lavrador conhecido por João do Outeiro, e lhe revelasse a história do seu nascimento que êle ignorava.

A pobre mulher, que outra não era senão a sr.<sup>a</sup> Antónia, que a leitora terá talvez já esquecido, não pudera sossegar no mesquinho leito mortuário sem que o comendador lhe fizesse formal promessa de aceitar o encargo cometido.

Joaquim Lima não era filho bastardo. Poupara-o a Providência a essa insanável mácula.

A miséria e absoluta falta de escrúpulos do Tio Vicente contribuíra muito para o completo êxito da trama infamí-

sima que subtraíra a Joaquim Lima uma importante fortuna e um nome ilustre.

A mãe de Joaquim Lima, dando-lhe a luz quando ainda so-fria a dôr cruciantíssima de uma viuvez precoce, falecera horas depois do nascimento da criança que confiara, entre lágrimas de desespero, aos dois irmãos, os fidalgos do Vilar das Antas, como eram conhecidos.

Fidalgos eram porém só segundo a tradição que o povo nunca deixa perder; não segundo os sentimentos nobiliárquicos que documentam a mais alevantada hierarquia.

Essa irmã única á quem os pais, quiçá desgostosos dos desmandos e extravagâncias dos dois filhos mais velhos, haviam legado a terça dos bens totais do casal, era, havia muito, alvo das invejas e concentrado ódio dos irmãos. No momento de ser mãe, possuía esta senhora uma considerável fortuna que o falecido espôso, bom administrador, contribuíra eficazmente para solidificar. A cobiça dos dois irmãos produziu o plano torpíssimo que entre si concertaram.

Sob color de que a viuvez inesperada, seguida por uma febre impossível de ser dominada, vinha pôr em risco o bom êxito da gravidez e o progressivo desenvolvimento da criança, cuja vida a mãe queria agora salvar a todo o custo, fácil devia ter sido aos traidores convencê-la a uma mudança de ar que diziam aconselhada pela medicina. Transferira-se a bôa senhora para uma sua propriedade rural em sítio retirado e salubre.

Na sua nova residência achou o tio Vicente por criado e a sr.<sup>a</sup> Antónia por particular e enfermeira.

Quando depois se espalhou ter falecido sôbre o parto a bondosa fidalga que por todos era bemquista, sem que fosse possível salvar a criança que pouco lhe sobrevivera, houve por aqueles contornos uma sincera repercussão de dôr geral, se bem que a todos se figurou naturalíssimo semelhante desenlace, depois da anciedade que oprimira a desditosa senhora durante a gravidez.

A verdade era, porém, diferente das aparências. Fôra real e natural a morte da mãe: mas a criança fôra entregue ao Tio Vicente, cuja consciência se aquietara facilmente mediante condições debatidas e adoptadas entre êle e os seus nobres amos.

Quando a sr.<sup>a</sup> Antónia se oferecera ao serviço do comendador Moreira, no Rio de Janeiro, era já viúva. O Tio Vicente morrera num calabouço, onde entrara meses antes a cumprir sentença que lhe fôra imposta por obstinada reincidência em crimes de furto.

Como os dois míseros se transportaram das remotas ilhas Sandwich para a capital do império brasileiro, é uma vasta

lenda de misérias que pouco interessa a leitora e que o comendador Moreira apenas esboçou de relance.

O pensamento do Tio Vicente, demandando a todo o transe o Rio de Janeiro, fôra descobrir o paradeiro dos tios de Joaquim Lima, que, talvez para maior segurança, tinham abandonado a pátria para se estabelecerem no Brasil.

Julgara o tio Vicente extorquir-lhes novos benefícios por meios cominatórios. Lá, soube que ambos haviam já morrido, sem tempo para gastarem até ao último ceitel o património roubado.

Em Portugal o comendador Moreira, movido de interesse e curiosidade, tirara informações, vindo a saber que o remanescente da fortuna dos fidalgos de Vilar das Antas estava nas mãos de parentes afastados que se tinham apresentado como legais herdeiros. Não sabia a quanto montavam êsses bens, nem quais os meios de que Joaquim Lima poderia lançar mão para comprovar o seu nascimento; mas, fôsse para o que fôsse nesse sentido, oferecia desde já a sua coadjuvação e testemunho.

Sem ocultar uma viva comoção, Joaquim Lima agradeceu os bons officios do comendador Moreira, assegurando-lhe porém desde logo categoricamente que todas as suas investigações se resumiriam em descobrir o local onde repousavam as cinzas de sua mãe.

O comendador Moreira passou o resto daquele dia no *Casal das Rosas*, associando-se cordialmente à festa de família que — dizia êle — receava ter vindo perturbar.

Mas a expansiva alegria de todos aqueles rostos devia bastar a convencê-lo de que fôra bemvindo, e de que, voltando à sua querida pátria, deixava corações amigos nas terras de Portugal.

F I M







**Romances a**

**4\$50**

**Os mais baratos que até hoje se têm publicado**

**As mais notáveis obras dos melhores  
autores nacionais e estrangeiros**

---

**RIDER HAGGARD**

(romancista inglês, autor da  
apreciada obra «AS MINAS  
DE SALOMÃO» que Eça  
de Queiroz traduziu)

**BEATRIZ**

comovente romance de amor, cheio de  
movimento, de imprevisto e de emoção.

---

**AFRÂNIO PEIXOTO**

(escritor e académico brasileiro)

**FRUTA DO MATO**

impressionante romance cuja acção  
decorre em puro ambiente brasileiro.

---

**RAMON PEREZ DE AYALA**

(escritor, diplomata e académico espanhol)

**JOÃO TIGRE**

romance em que se revela um  
profundo estudo psicológico

---

**Capa de MARTINHO DA FONSECA**

20